

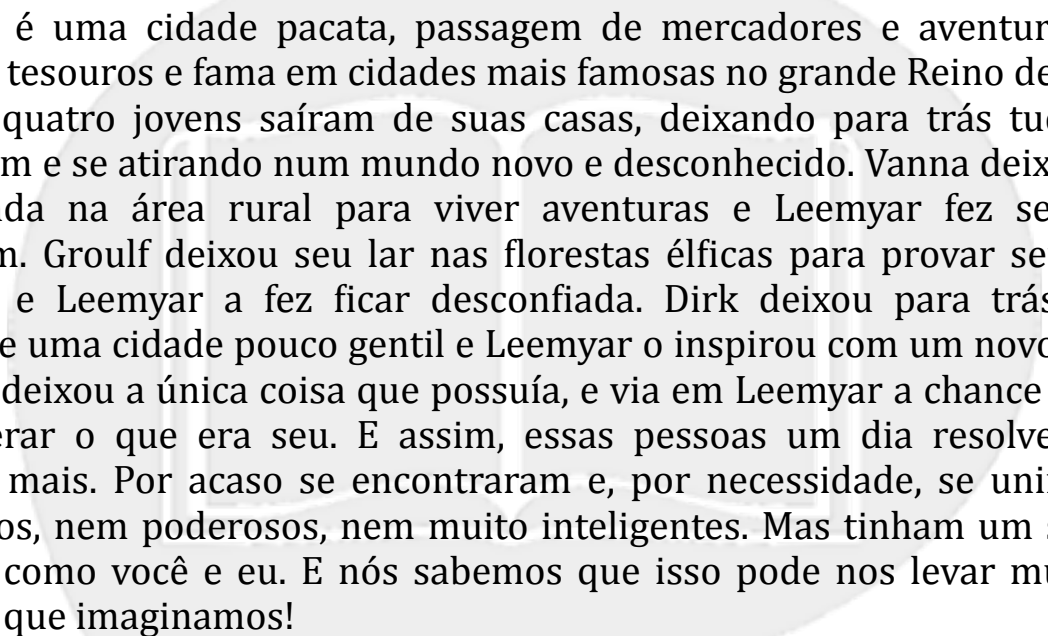


CRÔNICAS DE LEEMYAR

O Necromante

EDDIE VAN FEU





Leemyar é uma cidade pacata, passagem de mercadores e aventureiros em busca de tesouros e fama em cidades mais famosas no grande Reino de Celtária. Um dia, quatro jovens saíram de suas casas, deixando para trás tudo o que conheciam e se atirando num mundo novo e desconhecido. Vanna deixou a vida na fazenda na área rural para viver aventuras e Leemyar fez seus olhos brilharem. Groulf deixou seu lar nas florestas élficas para provar seu valor e coragem e Leemyar a fez ficar desconfiada. Dirk deixou para trás um pai violento e uma cidade pouco gentil e Leemyar o inspirou com um novo começo. Romano deixou a única coisa que possuía, e via em Leemyar a chance de voltar e recuperar o que era seu. E assim, essas pessoas um dia resolveram que queriam mais. Por acaso se encontraram e, por necessidade, se uniram. Não eram ricos, nem poderosos, nem muito inteligentes. Mas tinham um sonho no coração, como você e eu. E nós sabemos que isso pode nos levar muito mais longe do que imaginamos!

Capítulo 1

Antes do fogo

Muito antes de queimar em chamas com zumbis correndo por suas ruas numa noite sem Lua (longa história, nem pergunte), Leemyar até que era um lugar tranquilo para se viver. De população pacata, a cidade tinha seus mercados, criação de gado, ovelhas e cabras, plantações diversas e, basicamente, conseguia subsistir, graças à chegada, 30 anos antes, de um religioso de terras distantes. Chamado de Patriarca Christopher de Adamay, era um sacerdote de alma nobre que fora enviado pelo novo rei de Celtária para levar progresso à atrasada vila de Leemyar. Foi assim que um punhado de casas em torno de uma igreja se transformou, ao longo dos anos, em uma cidade com aquedutos e hospital, além de tavernas, feiras e até um teatro.

Sob a supervisão do Patriarca Adamay, a cidade viveu seus tempos de progresso e tranquilidade. Costumava receber muitos visitantes, a maioria de passagem para a capital ou qualquer outro lugar com mais movimento, pois Leemyar ainda era uma típica cidadezinha do interior, apesar de sua extensão. Além do centro, a cidade se estendia para áreas mais pobres na periferia, com casas e propriedades agrícolas no interior. Alguns visitantes, no entanto, chegavam com a intenção de passar e acabavam ficando.

Foi assim com Vanna Domaindragon e Groulf. Elas gostariam que eu lhe contasse que eram grandes heroínas que foram recebidas com festa na cidade quando chegaram, pois sua fama as precedia. Infelizmente, nada poderia estar mais longe da verdade. Leemyar foi totalmente indiferente com essas duas, assim como foi com todos os outros que chegaram depois. Mas se Leemyar soubesse que, ao passarem por seus portões, essas duas estariam dando o primeiro passo para uma série de eventos que mudaria tudo e que seus dias de tranquilidade e paz estavam chegando ao fim, ela teria prestado mais atenção. Talvez, as tivesse impedido. Talvez não.

Mas, nesse momento, ninguém sabia disso. Tudo era um mar de possibilidades para a cidade e para qualquer um que caminhasse em suas ruas. Vanna tinha os olhos brilhando. Leemyar era a maior cidade que já

vira. Groulf tentava não se mostrar impressionada, mas a verdade é que estava. O motivo era simples. Vanna tinha vindo de uma fazenda cheia de irmãos e vacas, e Groulf tinha vindo de uma floresta cheia de elfos e árvores. Tudo o que fosse diferente disso fazia seus olhos brilharem. As duas haviam se encontrado no caminho e, percebendo-se na mesma situação, decidiram seguir juntas, apesar de ser a situação a única coisa em comum entre as duas.

Groulf era uma elfa orgulhosa que olhava para os humanos com um certo desdém. De fato, Vanna era a primeira humana que Groulf conhecia mais de perto. Antes dela, tudo o que sabia eram as histórias dos mais velhos em sua floresta, sobre como os humanos são superficiais e fúteis, como ignoram a ligação com a magia e a natureza e como podem ser criaturas destrutivas. Até o momento, Groulf podia concordar que Vanna era superficial e fútil, mas não a achava tão ruim quanto os anciões faziam parecer. Tudo o que Groulf ouvira a fazia esperar sempre o pior de outras raças.

Já Vanna não tinha preconceitos contra elfos, centauros, bruxos, druidas, magos, sacerdotes e entidades em geral. Tudo era novidade e ela não sabia nada. Essa ignorância era uma bênção na pessoa certa, pois, para ela, todo mundo merecia uma primeira chance. Por isso, sempre esperava o melhor de todo mundo.

Como elfa, Groulf já trazia de casa sua espada e um livro de magias, dados por sua família antes de partir. Vanna, no entanto, só tinha sua armadura, se é que podemos chamá-la assim. Era uma espécie de maiô com um saiote e uma capa vermelha. As botas, feitas especialmente para ela, eram placas de metal prateado. Ela mesma, com a ajuda de seu pai, fizera sua roupa de restos de uma antiga armadura encontrada em sua fazenda. Mas faltava-lhe uma arma. Por isso, assim que chegaram em Leemyar, foram à feira e Vanna comprou uma velha espada usada. Ficou tão feliz que não tirava os olhos dela. Groulf continuava reclamando da roupa da amiga que deixava partes do corpo demais de fora, em sua opinião, e, assim, nenhuma das duas viu uma placa que avisava ser desaconselhável portar armas no interior da Taberna Incandescente.

Entraram. Todo mundo parou e olhou para as duas forasteiras que portavam espadas, exceto um sujeito quase invisível sob um manto cor de ameixa, oculto numa mesa ao canto, aparentemente concentrado em suas próprias anotações. Isso, em Leemyar, é um convite para a confusão. Todo tipo de quizumbreiro de plantão está na taberna. São os perdidos, bêbados, marginais, ladrões, mercenários e gente de caminhos tortos que ali pousam

para tomar uma cerveja quente ou comer um javali gelado. Todos procuram dinheiro.

Ao perceber que os homens começavam a cercá-las, Groulf imediatamente se virou para a amiga e disparou:

– Eu falei que essa sua roupa ainda ia nos trazer problemas!

Nesse momento, o homem atrás do balcão, feio, gordo e mais sujo do que o pano que trazia nas mãos e que deveria – teoricamente – limpar o balcão, avisou.

– Não podem entrar com armas aqui!

Vanna olhou em volta e viu que todo mundo estava armado. Até um vira-latas pretinho tinha uma adaga presa nos dentes.

– Mas tá todo mundo armado aqui! – reclamou ela.

– É – respondeu o homem. – Mas vocês não podem!

Vanna estava disposta a prosseguir na discussão. Infelizmente, só ela estava disposta a isso. Em dois segundos, foram chutadas para fora. Não foi um momento glorioso, ou heróico, ou memorável. Mesmo assim, foi um momento importante na nossa história, pois assim que elas foram jogadas para fora, esbarraram em dois rapazes que estavam pensando em entrar. Eles as ampararam, impedindo que elas caíssem.

– Vocês estão bem? – perguntou o loiro.

Vanna levou alguns segundos para responder. Era o rapaz mais bonito que já vira. Considerando que viera de uma região onde ter todos os dentes era considerado um ato de Deus e tomar banho era opcional, podemos compreender a surpresa da moça. Ele tinha olhos azuis da cor do céu e um rosto de traços perfeitos, com cabelos finos e claros cuja franja caía um pouco sobre os olhos. Quando caiu, Vanna sem querer segurou seu braço, que se mostrou torneado e firme, embora ele não parecesse um sujeito muito forte.

– É... Estamos... Obrigada...

– Muito obrigada, senhores! Mas já podem nos soltar que estamos muito bem!

Groulf se livrou das mãos deles, parecendo ofendida. Só então Vanna viu o moreno, um rapaz alto de cabelos escuros, rosto de linhas harmoniosas e uma espada na bainha. Ele era alto, forte e os olhos tinham cílios tão cheios que os faziam parecer um desenho. O que o loiro tinha de doce, o moreno tinha de selvagem. Algo nele fez Vanna sentir algo esquisito, incômodo, irritante. Mesmo assim, achou justo avisar sobre a lei que proíbe armas na taberna.

– Olha, se eu fosse vocês, não entrava aí com armas não...

O moreno riu, iluminando o belo rosto, e disse que elas não se preocupassem. Eles entraram, deixando as duas sozinhas na calçada.

– Groulf! Você viu aqueles dois?!

– O que é que tem eles?

– Você tem olhos??! Eles são lindos! Nossa! Se todo mundo aqui for assim, vou adorar essa cidade!

Groulf franziu os olhos e colocou o dedo na cara da outra.

– Pois trate de se comportar, mocinha! Não quero andar com quem tem má fama! Já basta você usar essa roupa por aí!

– Má fama?! Mas eu só os achei bonitos!

– Pois é assim que começa! Daqui a pouco, com esse seu jeito e essas pernas de fora, os homens vão estar caindo em cima de você!

Como se fosse uma profecia, os dois rapazes foram jogados porta afora e caíram em cima delas. Groulf saltou rapidamente, saindo do caminho, mas Vanna nem viu o que a atingiu.

– Ai, meu Deus! – o jovem loiro se apavorou ao ver que caíra por cima da jovem. – Eu machuquei você? Você está bem?

Vanna tentou falar, mas não deu. O ar tinha ido embora, não por ele ser lindo, mas porque dois homens caíram sobre ela e seus pulmões tinham sido momentaneamente esmagados. Eles a ajudaram a se levantar, enquanto pediam perdão e Groulf reclamava sobre a falta de jeito deles.

E foi assim que o destino uniu quatro pessoas de pontos diferentes do Reino de Celtária numa cidade que ninguém conhecia. Depois de um encontrão e um tombo, acharam de bom tom se apresentarem. E assim, as duas moças conheceram Dirk de Landry e Romano Zmedian.

A necessidade une as pessoas. Nesse caso, nossos quatro amigos precisavam desesperadamente de dinheiro. Vindos de famílias de poucos recursos, quase todo o dinheiro que tinham estava no fim. Por isso, se uniram numa primeira aventura. Alguém havia oferecido uma recompensa por um mago chamado Noicent Von Barh e diziam que ele ainda estava nas ruínas de seu castelo, nos arredores da cidade. Naquele tempo, nenhum deles se incomodou em perguntar quem tinha oferecido a recompensa, ou o que o tal mago tinha feito. Pegaram o papel colado na parede e decidiram ir.

– Um momento! – disse Romano, o moreno. – Precisamos de um plano.

– Um plano? – perguntou Vanna, um tanto surpresa. – Pra que um

plano? É só ir lá, pegar o cara e receber a recompensa!

– Não é tão simples, mocinha! E se algo der errado? Precisamos estar preparados para o pior! Por exemplo, como vamos chegar nesse castelo?

Vanna não gostava muito de ser chamada de “mocinha”, e também não gostava de planejar nada, atividade que ela achava muito tediosa. Mas antes que começasse a discutir com o moreno, Dirk interrompeu, percebendo que já estavam se esquentando.

– Quanto a chegar, não é problema! Eu consegui esse mapa na entrada da cidade, será moleza!

O loiro mostrou o mapa da cidade e seus arredores e a elfa olhou atentamente enquanto os outros voltavam ao planejamento no meio da rua.

– Podemos ir hoje? – perguntou Vanna.

– Se formos hoje, chegaremos lá muito tarde – retrucou Romano.

– E daí? Você tem hora pra voltar pra casa?

– Nós nem temos casa pra voltar... – respondeu Dirk, encolhendo-se a seguir com o olhar de reprovação do amigo.

Groulf interrompeu, apontando para o mapa.

– Ô, Vanna! Vem cá, quantos mapas de tesouro sérios têm um selinho de turismo no canto?

– Não conhecemos essa cidade direito! – continuou Romano. – Não sei se é muito sábio perambularmos por aí de noite, quando todo tipo de criatura noturna, incluindo ladrões, psicóticos, vampiros e lobisomens, está à solta!

Groulf puxou a amiga de lado, falando baixo, mas não baixo o bastante para não ser ouvida pelos dois rapazes.

– Vanna! Vamos embora! Duro com duro não dá bom muro! Já chega você de pobre na minha vida!

Romano respirou profundamente, começando a perder a paciência com aquelas duas.

– Vamos amanhã de manhã! Ao amanhecer, nos encontrem aqui com seus cavalos!

– Cavalos? – disse Groulf, ignorando os sinais de Vanna para não falar nada. – Mas nós não temos cavalos!

– Vocês não têm cavalos? – surpreendeu-se Romano. – Dirk, elas não tem nem cavalos! Precisamos pelo menos de um meio de fuga caso algo dê errado!

– Poxa, cara, essas suas ondas negativas vão acabar afogando a gente! – reclamou Vanna.

Dirk, o jovem de manto e feições suaves, pareceu constrangido em dispensar as moças, mas Romano tinha razão.

– Meninas, ele tem razão. Sem cavalos, vocês não podem vir conosco. É muito perigoso.

Ele esperava que a morena cabeluda fizesse um escândalo, mas quem gritou e agitou os braços como uma franga estressada foi a loirinha.

– Como assim não podemos??? Só porque não temos cavalos?! Pois saibam que nós podemos arrumar cavalos quando bem entendermos! Tá pensando que nós somos o quê? Duas mortas de fome que não tem nem cavalos?! Pois nos encontrem na entrada da cidade amanhã quando o galo cantar! Nós estaremos aqui! E nossos cavalos também!!!!

E saiu, praguejando e reclamando, andando pela rua com a amiga de cabelos negros e uma capa que não balançava porque não tinha vento, deixando os dois rapazes intrigados parados no mesmo lugar.

– Achei que ela não quisesse ir... – comentou Dirk.

– E eu achei que elas eram duas mortas de fome que não tinham nem cavalos...

Assim que Groulf recuperou o tom claro do rosto e a vermelhidão que a rejeição lhe causava havia finalmente cedido, começou a bolar um plano com a amiga, enquanto caminhavam pelas ruas de Leemyar.

– Muito bem, Vanna! Precisamos de cavalos! Como faremos isso?

– Podemos comprar uns!

– Com que dinheiro, Vanna? Nós estamos duras, esqueceu?

– Filhotes costumam ser mais baratos...

– Precisamos de cavalos pra amanhã!

– Humm... Então potros estão fora de questão... Uma pena, são tão fofos!

Ficaram em silêncio pensando alguns segundos, até que Vanna deu um grito.

– Podemos procurar um tesouro!

– Precisamos de cavalos pra procurar tesouros, Vanna!

– Ah... Já sei! Vamos roubar jóias de algum comerciante! Aí vendemos e compramos cavalos!

– Roubar? É muito perigoso! E se nos pegarem?

– Aí nós fugimos com nossos cavalos!

– Mas nós não temos cavalos, sua mula!!! Cala a boca, Vanna! Você é burra! Não fala mais nada! Agora me deixe pensar...

Groulf parou de andar para se concentrar melhor.

– Mas se pudéssemos roubar alguma coisa mais fácil... Um mercado... Ou um banco! Ninguém gosta de bancos! De repente, ganhamos a simpatia do povo e...

– Por que não roubamos logo os cavalos?

Groulf ficou congelada por alguns instantes na mesma posição. Então começou a andar de novo.

– Vamos, Vanna! Vamos embora! Temos que achar uns cavalos pra roubar...

Na manhã seguinte, os rapazes já estavam na entrada da cidade quando as duas moças apareceram. Groulf montava um ágil cavalo branco enquanto Vanna montava um cavalo negro forte e parrudo.

– Esses cavalos são seus? – perguntou Romano, que tinha sérias restrições em quebrar a lei.

– Agora são! – responderam as duas em uníssono.

Enquanto caminhavam, Romano lhes disse o quanto era errado roubar, mas elas o tranquilizaram, prometendo pagar por eles assim que recebessem a recompensa.

– Estão contando com o ovo dentro da galinha! – disse Romano.

– E o que é que tem isso? – perguntou Vanna.

– Ah, deixa pra lá!

Tanto a elfa quanto a guerreira trajavam exatamente as mesmas roupas com as quais as conheceram. Dirk olhava de soslaio de vez em quando, atraído pelas pernas grossas da guerreira, se perguntando que raio de armadura era aquela. Suas ombreiras de metal reluziam a luz do sol e somente então ele percebeu que eram dragões. Já Groulf era mais sóbria e trajava uma roupa de couro com símbolos élficos em dourado que marcavam bem seu corpo e certamente lhe davam a liberdade de movimento para exercitar a agilidade pela qual os elfos eram conhecidos. Os rapazes já tinham visto elfos antes, mas nunca haviam trabalhado com um. Não pararam para pensar sobre isso.

As roupas deles também não passaram despercebidas por elas. Vanna estava ligeiramente impressionada com a armadura de Romano, feita em placas de ferro cor de chumbo fosco que lhe cobria quase o corpo inteiro. Já Dirk vestia uma cota de malha de metal trançado, mas ela cobria apenas seu peito e braços. E talvez as partes baixas. O que não dava pra saber, pois ele usava uma bata azulada com um largo cinto de couro na

cintura. Vanna achou que eles deviam ser profissionais.

Groulf era bem mais observadora que Vanna, que parecia muitas vezes viver em seu próprio mundo. Ela percebeu que os rapazes também não deviam ter muito dinheiro e certamente não eram de famílias nobres. Suas roupas eram comuns e pareciam velhas. A armadura de Romano não tinha sido feita para ele, pois tinha ajustes que Groulf podia ver claramente. A roupa de Dirk estava envelhecida, mas totalmente inteira, sem remendos, o que indicava que ela estivera em algum lugar por muito tempo, mas dificilmente fora usada. Groulf também olhou para os sapatos deles. Estavam puídos e gastos. Groulf balançou a cabeça negativamente. Tinha certeza. Eram pobres.

Em cerca de uma hora chegaram às ruínas indicadas pelo mapa. Amarraram os cavalos em árvores próximas e se aproximaram da entrada. A ideia de uma entrada discreta foi para o espaço quando Vanna meteu o pé na porta, abrindo-a com grande estardalhaço.

– Ficou maluca? – reclamou Romano. – Agora qualquer coisa aí dentro sabe que estamos aqui!

– Ninguém me disse que era segredo!

Os dois começaram a discutir e Groulf e Dirk entraram.

– Vai ser um dia looongo... – murmurou o loiro.

– Você é um sacerdote, ou algo assim? – perguntou Groulf, que notou que o jovem trazia um símbolo em um medalhão na altura do peito.

– Algo assim. Veja, um corredor com armaduras velhas...

– Cuidado! Elas vão nos atacar! – avisou Groulf, puxando a espada.

– Não ligue pra ela! – disse Vanna, passando por eles. – Groulf é paranóica!

– Não sou paranóica!

– É sim! Não sei que diabos de criação te deram lá no meio do mato que te fizeram achar que qualquer coisa vai pular em cima de nós para nos matar!

E nesse exato instante, uma coisa pulou em cima deles.

Capítulo 2

As ruínas assombradas

Dois homens vestidos em farrapos e com aparência horrível saltaram em cima de Vanna, que gritou e imediatamente puxou a espada, batendo com ela na cabeça do primeiro. Romano puxou a espada e correu atrás do segundo. Groulf saiu correndo e gritando desvairadamente enquanto outros seres molambentos apareciam.

– Socorro! As armaduras estão atacando! Vampiros! Lacraias assassinas! Fugam!!! Vamos todos morreeer!

– Groulf, pare de gritar e dê cobertura! – gritou Dirk, enquanto se defendia de ataques de um dos homens esfarrapados e de rosto com aparência derretida que manejava uma espada contra ele.

Movida pelo pânico, Groulf obedeceu, enquanto Dirk se concentrava e murmurava palavras que cresciam e ecoavam pelo grande salão em ruínas.

– Ele está rezando! Vamos fugir! – gritou um dos mortos-vivos.

E todos os homens em farrapos fugiram para dentro do castelo.

– Ei! Voltem aqui seus covardes! – gritou Vanna, sentindo-se frustrada em ter sua luta interrompida.

– Nossa, Dirk! Isso foi legal! Me ensina! – disse Groulf.

O loiro olhou para ela com o lábio repuxado e aquele olhar que a gente dá quando um amigo nosso nos faz passar vexame.

– As armaduras estão atacando, Groulf?...

A elfa ficou sem graça.

– É que elas pararam!...

– O que será que eram aqueles seres? Pareciam humanos, mas tinham uma aparência horrível!

Vanna não escondia a inexperiência, para desconforto de Groulf, que preferiria que os rapazes ao menos pensassem que elas fossem um pouco mais duronas.

– Mortos-vivos, embora estes me pareçam meio estranhos... – respondeu Dirk, seguindo com uma tocha para iluminar o caminho.

O lugar estava em silêncio e apenas os passos deles eram ouvidos.

Uma escada em espiral surgiu. Era muito estreita e só dava pra passar um de cada vez.

– Está silencioso demais... – disse Dirk. – Fiquem juntos!

Imediatamente, Vanna o abraçou por trás.

– Não tão junto, Vanna...

A guerreira o soltou, imaginando que pelo menos tinha valido a tentativa, e subiram um a um a escada de degraus irregulares. Era muito comum em Celtária que castelos tivessem alguns artifícios para evitar invasões. Aquela escada, por exemplo, era estreita justamente para evitar que muitos homens subissem de uma vez. Naturalmente, pelo mesmo motivo, apenas um homem por vez poderia defender o castelo, mas com uma vantagem que o invasor não teria: espaço para atacar com uma espada. O invasor que subia, sendo destro como a maioria, sempre teria o problema de esbarrar na parede próxima com sua espada, enquanto quem estivesse descendo, o defensor, teria espaço para atacar. Os degraus irregulares também eram um truque antigo dos celtarianos, pois sem um governo centralizado era comum que suas terras fossem invadidas por estrangeiros ou, pior, vizinhos implicantes. Os degraus irregulares provocariam quedas durante uma invasão, enquanto os soldados do castelo já estariam habituados à sua estrutura incerta. Nossos amigos não tinham invadido muitos castelos ou ruínas antes desse e ainda não sabiam disso.

Um corredor largo se seguiu depois da escada, escuro e sombrio como era de se esperar. Continuaram andando, enquanto Dirk desconfiou do fato de não haver nenhuma teia de aranha em um lugar que deveria estar abandonado.

– Olha! Uma porta!!!

Vanna saiu correndo e meteu o pé na porta fechada antes que Romano pudesse dizer qualquer coisa. Ele achou que poderia haver uma armadilha, setas envenenadas, um alçapão para o poço mais fundo do mundo. Infelizmente, não havia nada disso e Vanna e Groulf entraram correndo.

– Tem alguma coisa errada... – comentou Dirk.

– Jura? – riu Romano. – Quer que eu faça uma lista?

– Não, é sério! Esse lugar deveria ter mais sinais de abandono, como teias de aranha... E aqueles mortos-vivos que eu espantei... Não deveria ter espantado!

– Como assim?

– Eu não tinha terminado a oração de banimento! E um deles falou! Eles não costumam falar!

Sem saber o que dizer, Romano apenas fez um gesto de ombros de quem não tinha ideia do que isso significava e entrou na sala onde as duas já estavam. Dirk o seguiu, olhando para os lados, a pulga atrás da orelha o incomodando. Algo, definitivamente, não estava certo.

– Parabéns, Vanna! Você achou uma sala vazia!

Sim, era uma sala vazia. Mas não era uma sala comum. Dirk foi o último a entrar e, no entanto, o primeiro que viu a estranha forma sair da parede, formando um tronco humanóide com textura de pedras, nariz fino e um sorriso cordial.

– Cruz Credo! – exclamou o jovem, chamando a atenção dos outros.

– IIIRgh! – gritou Groulf, dando um passo para trás.

– Bom dia, senhores! – disse a estranha forma humanóide saída de uma parede de pedras. – Vejo que estão confusos! Por isso, eu fico feliz em me apresentar: sou Pedro Luiz, a Parede, e fico feliz em lhes dizer que, para sua sorte, vocês estão na Sala das Perguntas! Aqui vocês são livres para fazerem qualquer pergunta que desejarem sobre este castelo!

Imediatamente se instalou um burburinho animado com as vozes de Vanna e Groulf se sobressaindo, para desespero de Romano.

– Sala de perguntas?

– Você ouviu isso?

– Calem-se!

Não podiam acreditar terem dado tanta sorte! Poderiam facilmente descobrir os segredos daquele lugar em questão de segundos! Um amontoado de perguntas choveu em cima de Pedro Luiz, a Parede.

– Onde ficam os itens mágicos? – perguntou Dirk.

– Onde está o mago Noicent Von Barh? – perguntou Romano.

– Que máximo! – exclamou Groulf. – Onde fica a sala do tesouro?

– Que materialismo, Groulf! – repreendeu Vanna. – Onde ficam as jóias?

E então eles esperaram ansiosos pelas respostas, enquanto Pedro Luiz, a Parede, continuava olhando para eles com seu sorriso cortês.

– E então? – disse a Parede. – Sentem-se melhor?

– Mas você não respondeu nada! – exclamou Groulf.

– Oh, não, tolinhos! Eu não sou a Sala das Respostas! Sou a Sala das Perguntas, lembram?

E voltando para dentro da parede, Pedro Luiz foi desaparecendo, enquanto ainda reclamava.

– Aventureiros! Você lhes estende a mão e eles querem o braço inteiro! Francamente!... Não dá pra ajudar pobre, viu?

Pelo inusitado da situação, não podemos culpá-los por ficarem ainda vários segundos olhando para a parede. Literalmente. Quando puderam voltar à realidade, viraram-se e saíram, preferindo não falar mais sobre o assunto.

Caminharam por corredores escuros por horas. A única coisa que acharam foi uma moeda, que à luz do dia descobririam mais tarde ser uma simples chapinha de metal sem valor. O humor começava a se esvaír, quando finalmente acharam uma coisa.

– Outra porta! – reclamou Romano. – Que emoção! E trancada, pra dar mais trabalho!

– Eu quebro! – prontificou-se animada Vanna. – Pode deixar, é só sair da frente!

– Não, espere! – Romano pareceu se animar. – Isso pode ser uma coisa boa! Por que trancariam uma porta se não fosse pra guardar alguma coisa valiosa?

– Pra algo ruim não sair! – respondeu Dirk, de braços cruzados e cada vez mais chateado com aquele lugar sem futuro.

E, dessa vez, Romano fez as honras e abriu a porta com grosseria e violência. E assim que a porta se abriu num estrondo, puderam ver um ser encapuzado em posição de descanso, com as duas mãos apoiadas sobre uma espada. Atrás dele, os mortos-vivos que os enfrentaram na entrada do castelo assumiam posição defensiva. E em volta deles, centenas de moedas douradas refletiam a luz das tochas acesas em volta.

– É... – disse Groulf. – Parece que ambos estavam certos!

Dirk imediatamente começou a fazer uma oração.

– Olha lá! Ele tá rezando de novo! – disse o mesmo morto-vivo que falara lá atrás.

– Olha lá! – apontou Dirk. – O morto-vivo tá falando de novo! Não era pra ele falar! E nisso, um outro morto-vivo virou para o primeiro e reclamou.

– Pô, cara! Você é muito burro! Morto-vivo não fala!

– Então chega de conversa! – disse o homem encapuzado, fazendo um gesto enquanto recitava um encanto.

Imediatamente, Dirk se calou. Levou a mão a garganta, sem conseguir emitir nenhum som.

– Devolvam a voz do meu amigo! – gritou Romano, partindo pra cima do encapuzado.

O encapuzado partiu pra cima de Romano. Os mortos-vivos atacaram Vanna e Dirk, que teve que se defender com sua maça. As espadas

se cruzaram e soltaram faíscas, enquanto Groulf foi jogada por cima das moedas. Romano dera dois golpes fortes no encapuzado, mas este se mantinha firme. O guerreiro não queria dar tempo para que seu oponente fizesse qualquer feitiço. Por isso, continuava atacando. Em sua fome de atacar, porém, acabou sendo derrubado. O encapuzado estava sobre ele com espada contra espada numa medição de força. Foi quando Groulf percebeu algo pegajoso e mole nas moedas onde caíra.

– Moedas de celtalate??!!!

Romano percebeu que o encapuzado hesitara. Dirk percebeu que os mortos-vivos pararam momentaneamente de atacar, parecendo confusos. Vanna não percebeu nada e continuou batendo. Groulf se levantou com as mãos cheias de moedas de celtalate, uma especiaria que apenas Celtária produzia, baseada em leite saboroso das vacas celtarianas e exóticos frutos trazidos por mercadores de terras distantes e quentes além-mar. Groulf tomou a iniciativa.

– Muito bem! O que está havendo? Isso não é um tesouro e vocês não são mortos-vivos!

O encapuzado se afastou de Romano e mostrou o rosto. Era um homem de cabelos curtos e algumas marcas no rosto que revelava batalhas passadas. Ou era maquiagem, já não sabiam mais. Ele fez um gesto com a mão direita na direção de Dirk e este tossiu, sentindo que já podia falar novamente.

– Não, não somos mortos-vivos... – disse o encapuzado.

– Somos mortos-de-fome! – gritou um lá de trás.

– Estou confusa e desorientada – disse Vanna, experimentando uma das moedas de chocolate. – Alguém pode explicar isso?

– Somos As Espadas Flamejantes do Circo do Sol! – disse o encapuzado com orgulho.

Talvez ele esperasse alguma reação, aplausos, fogos, mas houve apenas silêncio e uma explicação maior se mostrou necessária.

– Somos um grupo de teatro. Estamos aqui de passagem para levar nossa arte ao mundo! Infelizmente, nossa arte nem sempre é devidamente reconhecida e como precisamos comer, aceitamos trabalhos menores, mas remunerados, como este.

– Como é? – Romano piscou várias vezes. – Que trabalho?!

– O Patriarca nos contratou para assombrar essas ruínas, mantendo assim a fama de Leemyar como a cidade que têm...

– Ruínas assombradas? – continuou Vanna.

– Tesouros! – continuou o homem. – Isso faz o turismo da cidade

andar!

– Eu não acredito! – Romano jogou as mãos para cima. – Perdemos nossa manhã inteira numa peça de terceira categoria para ganhar o quê? Moedinhas de celtalate!

– Nós nunca fomos descobertos antes e gostaríamos de continuar assim – tornou o homem. – Então, se não for pedir muito, gostaríamos que não falassem sobre isso com ninguém!

Dirk, Romano e Groulf deram de ombros e se viraram para sair, desapontados com o dia perdido.

– Será que tem vaga nessa trupe de vocês? – perguntou Vanna.

– Não, mas soubemos que a cidade vizinha tem um cemitério precisando de uns zumbis.

O céu estava azul e o sol estava alto, mostrando que ainda tinham boas horas pela frente. Estavam com seus cavalos no meio daquele silêncio constrangedor quando um dos falsos mortos-vivos apareceu num canto mais escondido das ruínas.

– Ei! Psiu! Vocês querem mesmo ir a um castelo com perigos de verdade? – disse ele.

– Na verdade, nós preferiríamos ir almoçar... – respondeu Groulf. – Por quê? Tem algum outro castelo perigoso por aqui?

– Na verdade, tem! Dizem que foi a casa de um mago poderoso. Mas deu alguma coisa errada e agora o lugar está abandonado. Dizem que coisas estranhas acontecem e que o tal mago ainda anda por lá.

O papo chamou a atenção dos quatro aventureiros que logo perguntaram se o artista sabia onde ficava tal castelo. Ao pedir algumas moedas pela informação, o artista se mostrou mais vivo do que morto. Conversaram entre si e acharam justo pagar por isso. E foi assim que conseguiram um segundo mapa, traçado à mão, meio amassado e sem selinho de turismo (mas com algumas manchas de sopa de cebolas).

Tropéis de cavalo foram ouvidos e o artista guardou as moedas imediatamente em seus farrapos. Um novo grupo chegava em busca de aventura e estava na hora de trabalhar. Cinco jovens passaram por eles com ar ansioso e espadas de baixa qualidade em punho.

– Vocês já entraram aí? – perguntou o rapaz de grandes olhos amendoados.

– Não, é muito perigoso – respondeu Romano. – É melhor vocês terem cuidado!

E subiram em seus cavalos, partindo na direção da floresta, enquanto Yuri, Ian e Kenzo seguiam na frente, Hipólitus seguia mais atrás e Gokume, o mais jovem deles, falava alguma coisa sobre como seria bom se encontrassem, além de um tesouro, algumas armas mágicas.

A floresta se adensava, as copas das árvores se curvando sobre eles, fazendo o dia ficar tão escuro quanto a noite, mas estavam ansiosos demais com a nova perspectiva para perceber o clima sinistro e soturno daquele caminho.

– Aposto que o mago está lá! – dizia Romano, imaginando-se um herói ao levar o criminoso capturado direto para os braços da Lei.

– E se ele não estiver, aposto que ele deve ter deixado algumas coisas preciosas para trás! – sonhava Groulf.

– De repente, ele até deixou algum artefato mágico por lá! – sugeriu Dirk.

– Aposto que deve ter armadilhas de verdade! – disse Vanna, empolgada.

Os companheiros a olharam em silêncio, mas ela continuou com os olhos brilhantes imaginando como aquela tarde poderia ser emocionante.

O castelo não ficava perto. Levaram cerca de três horas para chegar nele e tiveram dificuldades, pois não havia um caminho traçado por uso e precisavam confiar em indicações do mapa um tanto genéricas. Ele indicava um córrego, uma árvore chamada de Árvore do Enforcado, uma pedra chamada de Pedra da Bruxa, dentre outras coisas. Cada uma dessas indicações parecia ótima para quem já conhecia o caminho, mas para eles foi preciso um esforço. Precisaram descer dos cavalos várias vezes e olhar árvores e pedras em vários ângulos, até enxergar uma peculiaridade que justificasse o nome dado no mapa. A Pedra da Bruxa, por exemplo, em um determinado ângulo, se transformava num perfil de uma velha nariguda cujos cabelos eram ervas e trepadeiras.

Conseguiram se perder uma ou duas vezes, mas encontraram finalmente o castelo. Ou o que sobrou dele. Musgo e hera o envolviam e árvores de folhagem escura pareciam se retorcer sobre suas paredes e em volta de suas torres como garras protetoras. Uma das torres tinha caído e seus restos jaziam em escombros à esquerda. O céu acima do castelo parecia cinzento, embora soubessem que o céu estava perfeitamente azul uma hora antes. As janelas em arco pareciam órbitas vazias e escuras de um homem morto e apenas o gralhar de um corvo era ouvido ao longe. Era

uma construção gigantesca e o único motivo de não a verem de longe era por ela estar enterrada numa floresta densa.

– Nossa!... Que lugar horrível! – murmurou Vanna.

– Talvez com uma pintura melhorasse... – disse Dirk.

A moça o olhou com um sorriso surpreso.

– Eu gosto da forma que você sempre tenta ver o lado bom de tudo, Dirk! É muito inspirador!...

– Obrigado! – ele retribuiu o sorriso. – Eu fico feliz em inspirar o seu dia!

– Tá, vamos deixar o namoro pra depois e resolver isso primeiro, OK? – disse Groulf descendo do seu cavalo e não se importando em cortar o clima.

Eles caminharam até a entrada e dessa vez ninguém deixou que Vanna metesse o pé na porta. Dessa vez, seriam cuidadosos. Não era mais um truque para incentivar o turismo. Aquilo era pra valer.

A pesada porta de madeira rangeu como se estivesse doente há anos e a luz fria banhou o piso de mármore da entrada. Um vento gelado soprou as folhas secas que dançaram e rodopiaram como pequenas mariposas acastanhadas. Pilares se erguiam até sumir de vista e uma escadaria ampla ia para os andares superiores, enquanto a escuridão cobria as entradas mais afastadas. Nas paredes, quadros enormes mostravam a destruição poética em várias formas. Uma floresta em chamas coloria o céu no primeiro. No segundo, ondas gigantes destruíam um navio. No terceiro, ventos erguiam telhados e pessoas numa cidade em pânico. No quarto, um castelo ruía, rachado ao meio por um terremoto.

– Esse cara era meio fatalista, não? – comentou Vanna.

– Aposto que sofreu *bullying* na escola! – respondeu Groulf.

– Tenham cuidado... – sussurrou Dirk, de prontidão. – Magos podem ser muito... traiçoeiros...

Caminharam com cuidado pelos corredores e tentaram não tocar em nada, evitando disparar qualquer tipo de armadilha. O lugar estava deserto. Não havia nenhum sinal de que alguém tivesse passado por ali recentemente. As marcas de alguma batalha selvagem eram suas únicas companhias, além das imagens do que pode ter acontecido que flutuavam ao redor dos móveis destruídos.

Acharam uma porta ainda trancada, o que, segundo a teoria de Romano, era um bom sinal e, segundo a teoria de Dirk, era um mau sinal. Sem muita sutileza, o guerreiro arrombou a porta jogando-se com o ombro contra ela. Na terceira tentativa, conseguiram entrar. Para sua surpresa, a

única coisa dentro da sala era um enorme espelho. Mas não era um espelho qualquer! Era um Senhor Espelho!

Sua moldura era entalhada em bronze em forma de diversos rostos alongados e de orelhas pontudas. Poderiam ser elfos, mas seus olhos e sobrancelhas os diferenciavam. Talvez fossem outra coisa qualquer, como fadas ou silfos.

– Nossa! Que espelho perfeito! – exclamou Groulf. – Até a Vanna é magra nele!

De fato, o espelho não possuía um mínimo defeito. Refletia tudo claramente, sem sombras, sem receios, sem meias verdades ou meias mentiras.

– Não é estranho esse espelho estar limpo, brilhante e inteiro quando todo o resto por aqui está destruído, empoeirado e cheio de teias? – perguntou Dirk.

– Vai ver não encontraram essa sala! – explicou Romano.

– Qual é, Romano? NÓS encontramos essa sala! Qualquer idiota encontraria!

Foi quando uma voz pesada ecoou pela sala.

– *Tesouros ou aventura?*

Algumas pessoas possuem o dom para agir rápido, embora nem sempre na direção certa. Quando todos abriram as bocas para responder “tesouros”, Vanna já tinha gritado “AVENTURA!” a plenos pulmões.

A porta se fechou de súbito, trancando-os com o espelho. Todos olharam para a jovem guerreira.

– Achei que era um jogo... Ganhamos? – perguntou ela.

– Bom, gente, vejam pelo lado bom... – disse Groulf. – Só ficamos presos com um espelho! Já ouvi histórias bem piores! O que de ruim pode acontecer com um simples espelho?

Nesse momento, Groulf notou que seu reflexo estava sorrindo. Aproximou-se, com uma careta de surpresa. Imediatamente, levou um soco no olho de seu próprio reflexo. Todos os reflexos saíram do espelho e encararam seus oponentes. Eram idênticos, mas seus olhos eram negros e vazios, como as janelas daquele castelo vistas de fora, como se a escuridão de dentro dele reinasse ali imperiosa e eterna.

– Sabe? Muita gente passa anos fazendo terapia para chegar nesse ponto de encontro consigo mesmo! – disse Dirk, filosófico, para os companheiros.

– São nossos reflexos – deduziu Romano. – Talvez não façam nada se não fizermos nada também.

– Podemos tentar isso! – concordou Groulf.

E todos ficaram parados olhando para si mesmos por três minutos, quando então Vanna perdeu a paciência e socou seu próprio reflexo. Todos os reflexos reagiram e começaram a atacar, fazendo com que eles se defendessem imediatamente.

– Confesse, mocinha! – gritou Romano, ao lado dela, usando a espada para não ser atingido pelo seu duplo. – Você está sendo paga para nos destruir!

– Ela estava me encarando! – respondeu a morena, tentando acertar a si mesma.

Durante aqueles primeiros momentos, aquela sala ficou muito confusa. O problema de brigar consigo mesmo é que você já sabe o que você vai fazer. Os duplos sabiam perfeitamente os movimentos de seus oponentes e sempre reagiam de forma rápida e eficaz. Vanna conseguiu empurrar seu duplo e ficou de costas com Dirk.

– Sabe por que eles são tão ágeis? – perguntou a morena.

– Por quê? – perguntou Dirk, esperando uma solução milagrosa.

– Porque eles têm um ótimo REFLEXO! HAHHAHA!

E Vanna saiu rindo para atacar o próprio reflexo que já se levantava. Cada um deles começou a apanhar de seus duplos. Nenhum deles conseguia bater no próprio reflexo. Foi quando Romano teve uma ideia.

– Esperem! Não conseguimos atacar porque eles já nos conhecem! E se atacarmos o reflexo do outro?

– Excelente ideia! – disse Vanna, que imediatamente virou-se e deu uma espadada no reflexo de Romano.

Um grito foi ouvido e dois Romanos foram ao chão.

– Não ataquem! Não ataquem! – gritou Dirk. – O que acontece a eles, reflete-se em nós!

Na verdade, não era bem isso. Se o dono do reflexo causasse o ferimento, apenas seu duplo sofreria. Além de não saberem disso, ainda tinham consciência da dificuldade que já tinham experimentado em acertar seres que pareciam antecipar seus movimentos, e Groulf começou a correr de si mesma pela sala, já que não queria mais apanhar e não podia bater.

– O que fazemos agora? O que fazemos? – gritou ela, usando toda a sua agilidade para saltar e fugir do seu reflexo igualmente ágil e veloz.

– Vamos quebrar o espelho! – gritou Vanna.

Dirk tinha a melhor arma para isso e pediu cobertura de Romano, que já se levantava, e de Vanna, para chegar até o espelho do outro lado da sala. Ergueu a maçã e mandou-a com tudo em cima do cristal. Mesmo com

toda sua força, apenas um pequeno pedaço do espelho rachou. Os duplos gritaram de dor e se curvaram enquanto seus corpos rachavam. Dirk ergueu a maça para uma nova tentativa quando sentiu uma dor aguda se espalhar pelo corpo. Caiu de joelhos no mesmo momento em que seus amigos também se curvaram de dor, sentindo sua pele se partir.

– E agora? – disse ofegante a elfa.

Os duplos se ergueram e estavam muito, muito zangados. Partiram na direção deles.

– Podemos tentar sair! – disse Romano!

– E se virarmos o espelho? – Dirk teve uma epifania.

Eles correram para tentar alcançar o espelho, mas os reflexos sabiam o que pretendiam e faziam tudo para impedi-los. Foi quando Vanna teve uma ideia e jogou a própria capa sobre o espelho. Como a capa era menor, ela só pôde cobrir a parte de cima. O efeito foi perturbador, mas muito eficiente. Os duplos raivosos foram reduzidos a pernas correndo atarantadas pela sala. Sem armas para atacar, elas começaram a chutar seus oponentes, embora não soubessem exatamente onde eles estavam. Groulf aproveitou para dar uma rasteira nas pernas de Vanna. A verdadeira Vanna caiu sentada no chão.

– Ai! GROULF!

– Desculpe, eu não resisti!

Os dois rapazes então conseguiram virar o espelho com cuidado para a parede e todas as pernas finalmente desapareceram. Logo depois, a porta por onde tinham entrado abriu-se novamente. Vanna deu um salto e puxou sua capa de volta.

– Sabe aquela história de que o caminho para a verdade começa com um encontro consigo mesmo? – perguntou Dirk.

– Não – respondeu Romano.

– Bom, parece que nosso encontro com nossos “eus” pode nos levar a algum outro lugar!

E apontou para uma porta antes oculta atrás do espelho e que agora se mostrava uma opção inesperada. Eles se entreolharam. Aquilo estava ficando interessante.

Capítulo 3

Sócios vêm, sócios vão...

A porta era de madeira e tinha uma tranca pesada. Era evidente que poucos poderiam passar por ela, considerando o trabalho que o espelho mágico dera. Sua tranca era dourada e tinha intrincados desenhos, além de vários buracos para chaves diferentes. Era feita de metal resistente e por mais que tentassem forçar, não conseguiam passar por aquela porta. Poderiam tentar quebrá-la, mas suspeitaram que isso não seria possível. Não era como quebrar um cadeado. A tranca fazia parte da porta. Se fossem muito brutos, acabariam trancando-a para sempre, ao invés de abri-la. Não era um trabalho para violência, mas para alguém de talento e mãos ágeis. Groulf tentou inutilmente com um pedacinho de arame, mas ela não tinha a menor ideia do que estava fazendo.

Cerca de uma hora depois, desistiram. Seria preciso alguém que pudesse realmente abrir aquela tranca. Assim, recolocaram o espelho de face para a parede, ocultando a porta, e planejaram voltar depois. Prosseguiram, caminhando por outros lugares da grande construção, na esperança de encontrar mais alguma pista do tal mago Noicent. Andaram com cuidado, temerosos com possíveis armadilhas, mas não tiravam a porta por trás do espelho da cabeça.

– Aposto que é por ali que Noicent vai para sua sala do tesouro! – disse Groulf.

– Talvez... Voltaremos amanhã pra descobrir – disse Dirk, erguendo a tocha que carregava pelo corredor escuro.

Ficaram em silêncio por mais alguns minutos, até que uma voz diferente foi ouvida.

– *Bem-vindos à Sala das Respostas.*

– Ah, qual é?! – respondeu Groulf, com pouca paciência. – Acha que cairíamos nessa de novo?

– *Sim, acho. Vocês têm direito a mais duas perguntas.*

Eles pararam espantados.

– É sério? Podemos perguntar qualquer coisa? – disse Vanna.

Tentaram tapar sua boca, mas era tarde demais.

– *Sim, qualquer coisa. Resta uma pergunta.*

– Calem a boca! – disse Romano. – Ninguém fala nada! Vamos fazer nossa última pergunta direito!

Ele se concentrou e pensou na pergunta que poderia ajudá-los a achar o mago.

– Muito bem... – começou o rapaz. – Onde podemos encontrar...

– Por que será que essa sala não tem uma cara que nem a outra? – murmurou Groulf para si mesma, sem perceber que pensara um pouco alto demais.

– *Eu sou tímido. Adeus.*

O silêncio imperou durante a volta para casa. Estava evidente que aquela parceria não tinha sido muito feliz. Infelizmente, havia apenas uma pensão na cidade barata o bastante para as condições deles. E foi assim que foram todos parar no segundo andar da Taberna Incandescente. Os quartos eram pequenos, as camas eram duras e até as baratas saíam reclamando do serviço. Mas era o que podiam pagar e depois de um dia que começara cedo e parecera incrivelmente longo, era um lugar maravilhoso. Romano e Dirk ainda podiam ouvir Vanna e Groulf rindo e falando no quarto ao lado quando o sono os atingiu como uma pedra.

No dia seguinte, quando acordaram, os dois rapazes conversaram rapidamente sobre o que fariam com a porta misteriosa, o cadeado indestrutível e as duas loucas que os acompanharam. Romano ainda sentia umas pontadas no quadril, onde Vanna acertara seu duplo com a lateral da espada. Então, chegaram à conclusão de que estariam melhores sozinhos do que com elas. Combinaram desfazer essa parceria infeliz no café da manhã.

As duas moças desceram logo depois e não paravam de falar sobre a grande aventura que tinha sido o dia anterior e como estavam empolgadas em voltar lá. Estavam tão empolgadas que os rapazes se perguntaram se eles estiveram realmente no mesmo lugar. Vanna mencionou que certamente encontrariam coisas de valor na sala trancada.

– Shhh! – Romano chamou sua atenção. Ali, na Taberna Incandescente, todos tinham ouvidos aguçados quando se tratava de assuntos de dinheiro.

– Olha, meninas... – começou Dirk, constrangido em ter que dar a notícia. – Nós pensamos melhor e decidimos que ontem não foi muito bom... Então, acho que cada um pode seguir o seu caminho.

Houve um silêncio constrangedor. Groulf continuou com a boca cheia de pão e, quando falou, farelos voaram nas caras deles.

– Vocês estão nos dispensando?

– Er... Não é bem assim... – continuou Dirk, que não queria magoar as meninas.

– Ah, bom! – Vanna voltou a comer seu pão seco com leite.

– Estamos, sim! – gritou Romano. – Vocês são um tropeço! Um desastre natural! Uma cilada do destino! Um convite à desgraça! Um atraso de vida! Um trauma constante! Um equívoco paulatino com hora marcada! Vocês são um acordo com o diabo! Vão embora! Vão pra casa!

Elas continuaram olhando para ele, até que Vanna se virou para Groulf.

– Isso quer dizer que eles não nos querem com eles?

– Não tenho certeza!... – respondeu Groulf, nitidamente confusa.

– Olhem, moças! – Romano se inclinou para elas. – Não é nada pessoal, mas nós não estamos aqui para brincar. Sigam seus caminhos e seguiremos os nossos. E se os Deuses permitirem, não nos encontraremos de novo!

E saiu da mesa, deixando o amigo loiro com a cara no chão.

– Seu amigo é um grosso, sabia? – disse Groulf.

– Sabia... Eu peço desculpas por isso.

O loiro se levantou também, mas se inclinou para elas levemente para dizer umas últimas palavras.

– Mas ao contrário do meu amigo, eu não teria objeções se nossos caminhos se cruzassem de novo. Vocês são legais, meninas. Só não é o momento certo.

Vanna sentiu o pão embolar na boca e um nó se formar na garganta. Groulf sentiu um calor subir e avermelhar suas orelhas.

– Puxa!... – disse Vanna. – Me sinto péssima!... Isso foi pior do que ser chutada por um namorado irritante.

– Eles são uns... Uns ridículos! – Groulf estava magoada, mas preferia extravasar com sua fúria habitual. – Uns idiotas, cretinos, metidos a besta! Quem eles pensam que são?! Se não fosse por nós, nem teriam chegado tão longe!

Vanna levantou a cabeça. Bebeu o resto do leite para empurrar o pão garganta abaixo junto com aquele sapo e levantou-se, puxando a amiga com ela.

Na rua, encontraram os dois rapazes perto de suas montarias. A morena se aproximou marchando e, dessa vez, tinha vento. Sua capa

balançou ruidosamente e os cabelos serpentearam no ar como chicotes. O habitual sorriso que sempre lhe dava um ar infantil tinha sumido e agora ela parecia parte da ventania. E, como toda ventania, estava ali para tirar algumas coisas do lugar. Quando ela chegou bem perto deles, começou a falar.

– Nós não somos boas! Nem muito inteligentes! Nem ricas. Não temos talentos especiais, nem super poderes! Não conhecemos essa droga de cidade e não temos senso de direção!

Groulf ficou confusa e se aproximou um pouco da amiga.

– Tem certeza de que era isso que queria dizer?

– Cala a boca, Groulf! – gritou Vanna. – Estou dizendo isso porque entendo que não nos queiram por perto! Mas quero lembrá-los que vocês também não estão em situação muito melhor! E se não estivéssemos juntos, provavelmente não teríamos chegado naquela porta! Não teríamos nem chegado naquele castelo e estaríamos contando moedinhas de celtalate até agora! Gostem vocês ou não, nós também temos direito ao que estiver atrás daquela porta, seja lá o que for!

Romano deu um leve sorriso, um tanto surpreso pela atitude da moça. Então se apoiou no cavalo castanho e perguntou.

– Pois me diga, Vanna, quando exatamente você ou sua amiga elfa fez alguma diferença na nossa aventura de ontem?

Vanna não parecia saber a resposta. Muita coisa tinha acontecido no dia anterior. Ela não se lembrava da metade.

– Ela jogou a capa em cima do espelho! – disse Groulf.

– Isso mesmo! – completou Vanna. – Sem isso, nós teríamos sido mortos por nós mesmos, num suicídio coletivo muito estranho!

Os rapazes se entreolharam.

– Poderíamos levar só sua capa? – perguntou Romano, rindo. – Acho que daria menos trabalho.

– Não. A capa acompanha a guerreira e a elfa – respondeu Vanna, cruzando os braços.

– Tudo bem, então! – disse Romano. – Ficaremos juntos até descobrirmos o que tem por trás daquela porta. A partir daí, seguiremos nossos caminhos. O que me diz?

– Eu topo!

Vanna e Romano apertaram as mãos, firmando o acordo. Dirk não segurou as risadas, imaginando o que um novo dia com aquelas duas lhes reservava.

Apesar da enorme vontade de Vanna e Groulf de voltarem ao castelo, Romano as convenceu de que de nada adiantaria sem alguém que pudesse abrir o cadeado. Assim, se separaram para procurar pela cidade alguém com essas habilidades. Vanna ainda estava empolgada com o lugar. Leemyar, como já lhe disse, não era grande coisa. Mas para ela parecia um lugar muito interessante onde cada pessoa era a promessa de uma nova amizade.

Foi atraída por um burburinho na rua. Um pequeno aglomerado de homens parecia muito interessado em um jovem atrás de uma pequena bancada de madeira. Vanna se aproximou curiosa.

– Vamos lá, vamos lá, vamos lá, cavalheiros! É hora de conferir as apostas! Onde está a pedrinha?

O jovem tinha um rosto inocente, o que dava alguma credibilidade ao jogo de azar que ele presidia. Com mãos ágeis, ele misturou metades de cocos sobre a madeira da mesa improvisada. Quando parou, houve um minuto de suspense. Então, o homem gordo que estava diante dele, no meio dos outros, apontou hesitante o coco do meio. E lá estava a pedrinha! O homem gordo sorriu feliz e levou todo o dinheiro que estava sobre a mesa.

A cena se repetiu por quatro vezes. Vanna ficou olhando com atenção. Na segunda vez, teve certeza de que havia algo errado com aquele jogo.

– Muito bem, amigos! Chega por hoje! A banca quebrou!

Os homens saíram um pouco decepcionados, mas felizes com os bolsos cheios, deixando para trás o rapaz insatisfeito. Vanna não foi embora.

– Desculpe, donzela! – disse o rapaz com um sorriso gentil. – O jogo acabou por hoje.

– Você não está com muita sorte hoje, né? – perguntou ela.

– Pois é... Ontem também não funcionou... – lamentou ele, coçando a cabeça e olhando para os cocos, como se eles estivesse com defeito. – Quem sabe se eu colocasse apenas uma pedrinha ficasse mais fácil?

E ele levantou as metades dos cocos, revelando que havia uma pedrinha embaixo de cada uma.

– Amigo, assim você vai à falência! – disse a moça, rindo.

E então ela lhe explicou que ele estava fazendo algo errado. Feliz em descobrir a falha de seu negócio, o jovem quis saber quem era a dama que o ajudava.

– Sou Vanna! – disse ela, apertando sua mão e sorrindo. – Vanna

Domaindragon. Sou uma guerreira!

– E eu sou Peter Paul, seu criado, às suas ordens, bela dama! – Ele fez uma elaborada reverência com o chapéu que tinha algumas penas castanhas. – Se houver algo que eu possa fazer para ajudá-la, é só pedir.

– Na verdade, tem sim... Estamos procurando alguém que entenda de cadeados...

Peter pensou um pouco.

– Eu conheço um, mas ele foi para a cadeia no mês passado. E, se ainda está lá, é porque não deve entender tanto assim de cadeados... Olha, esse não é o tipo de profissional que você encontra facilmente. Na verdade, é mais fácil ele te encontrar!

E então ele lhe deu a dica de um ladino que costumava atacar visitantes e turistas na feira. Diziam que ele era o melhor em abrir todo tipo de tranca, cadeado e fechadura. Foi quando Dirk chegou, perguntando se Vanna tinha conseguido alguma coisa. Ela sorriu, pensando num plano que envolvia uma isca, e o convidou para um passeio na feira.

Despediram-se do jovem Peter e seguiram na direção da feira.

– Fiz um amigo! – disse Vanna animada, sem lhe contar sua ideia nem avisá-lo de que ele poderia ser a isca.

– Que bom! – Dirk sorriu, imaginando quanto tempo levaria para ela criar uns três inimigos para compensar o amigo que fizera. – Mas, me diga, por que viemos para cá?

O rapaz observava o movimento de pessoas comprando frutas e roupas, enquanto mercadores gritavam seus melhores preços e produtos. Nem perceberam quando um homem de capuz violeta profundo passou por eles, quase esbarrando em Vanna.

A moça sentiu algo por uma fração de segundos. Sentiu um perfume familiar e lembranças desconexas de coisas que ela não vivera pulsarem em sua mente. O coração acelerou e borboletas farfalharam em seu estômago.

– Hum... Estou com fome... – deduziu ela.

– Quer uma maçã? – ofereceu Dirk, apontando para uma barraca de frutas bem vermelhas.

Vanna aceitou. Dirk mandou-a escolher duas frutas da barraca e pagou com algumas moedas. Ela agradeceu, derretendo-se com o ato gentil. Depois da primeira mordida, resolveu puxar conversa.

– Como vocês dois vieram parar em Leemyar?

– Romano veio em busca de dinheiro. Não tinha muita oportunidade lá na nossa terra.

– Cidade pequena?

– Maior que Leemyar. Mas com muitos pobres. E lá os pobres não têm muita chance de se aproximar dos ricos. A maior tendência lá é continuar pobre.

– E vocês eram pobres?

– Romano era. Ele fugiu do orfanato aos doze e trabalhou com o ferreiro até os 18 quando...

– Quando o quê? – a morena percebeu que Dirk se flagrou falando demais.

– Não é assunto meu e a boa educação manda que não falemos de assuntos que não nos pertencem... – explicou o rapaz com um sorriso tímido.

– Tudo bem – disse Vanna. – Então, fale de você.

– Eu? Minha família tinha uma propriedade e meu pai servia ao senhor da região. Quando minha mãe e minha irmã ficaram doentes, tentamos tudo para ajudá-las, mas o tipo de remédio de que precisavam era muito caro. Quando consegui ajuda, já era muito tarde.

Nossa mente é algo fantástico. Em apenas algumas frases, Dirk de Landry viajou para o lugar de onde fugira. Dirk não era bom em mentir, mas sabia como ocultar as partes que lhe doíam. Suas palavras escondiam uma história mais complicada e o fato dele não desejar que outros conhecessem ou soubessem o verdadeiro cenário que foi sua terra natal para ele. Assim, ele preferiu não dizer que seu pai era um homem abusivo e violento que pouco se importava com a própria família. Ocultou também que as doenças de sua mãe e irmã mais nova estavam intimamente ligadas às péssimas condições que o pai lhes dava, apesar de lhe sobrar dinheiro para gastar nos bordéis e salões de jogo da cidade.

Mas uma coisa era verdade. As mortes da mãe e da irmã eram o motivo dele estar em Leemyar agora. Dirk cuidou da mãe e da irmã e fez tudo o que podia para salvá-las, inclusive realizar trabalhos que seu pai considerava indignos, como ajudar o padeiro e o peixeiro, para levantar o dinheiro dos remédios e tratamento. Seu pai era um Cavaleiro do Conde August de Gaille, senhor daquelas terras e pouco dado à interação com o povo. Foram anos difíceis. Primeiro a menina morreu. Tinha apenas nove anos e Dirk tinha 13. Menos de seis meses depois, foi a vez de sua mãe.

Viver sozinho com seu pai era algo parecido com um pesadelo, mas de certa forma, ele já estava acostumado. Tentava sair de seu caminho e não irritá-lo. Acaso despertasse a sua ira, o que podia acontecer até por um pesadelo que o pai tivesse, aguentava a surra e tentava ficar fora de casa por algumas horas. Mas foi quando comunicou sua decisão que a coisa ficou

insustentável.

Dirk conheceu um sacerdote de Gwydion, deus da ilusão, da magia, das mudanças, do céu e das curas. Dirk viu as curas que ele fez e sentiu que esse era seu caminho. Quando comunicou ao pai que iria para um templo, a casa caiu e direto em sua cabeça. O pai acreditava unicamente no valor da espada e da violência. Qualquer caminho que não fosse o da espada era considerado indigno por ele. Nunca respeitara o filho por não sentir nele esse instinto destruidor, diferente de seu irmão, do qual preferia não falar. Nesse dia, levou uma surra. Não foi uma surra qualquer. Foi a maior surra que já levava. Levou uma semana para que conseguisse andar de novo. Assim que conseguiu, pegou suas poucas coisas e saiu de casa para nunca mais voltar.

Depois de passar alguns anos no Templo dos Deuses Verdes, onde Gwydion era um dos patronos, ele recebeu sua consagração. Agora, teria que sair pelo mundo e encontrar seu caminho. “Quando não houver mais dúvidas em seu coração”, disse seu mestre, “o caminho se mostrará para você”.

Dirk partiu com um amigo de longa data. E foi assim que ele e Romano saíram do Condado de Fled-Cro-Lighe e chegaram a Leemyar.

Um rapaz esbarrou neles. Em um dia de feira, esbarrões ocasionais eram bastante normais. Mas esse esbarrão custou todo o dinheiro de Dirk. Não que fosse muito, mas era tudo o que tinham. Não levou mais do que quatro segundos para o noviço perceber que sua sacolinha de moedas tinha desaparecido.

– Ei! – gritou ele, olhando para trás e vendo o gatuno se esgueirando entre as pessoas. – Aquele ladrão roubou meu dinheiro!!!!

Imediatamente, Vanna e Dirk dispararam atrás do meliante que, ao se ver perseguido, correu desajeitadamente, derrubando algumas barracas no caminho. Num ato de desespero, quando percebeu que os dois estavam se aproximando, o ladrão pegou uma garrafa de suco de laranja que estavam sendo vendida numa barraca e jogou nos seus perseguidores.

Dirk e Vanna pararam, protegendo-se com as mãos. Acharam que era algum líquido ácido ou coisa assim. Quando perceberam que era só suco de laranja, continuaram a correr atrás do ladrão, que jogou a garrafa pra cima e continuou a correr, dessa vez sob vários gritos de protestos pelo prejuízo que causara no caminho.

Vendo seus perseguidores ficando para trás, o ladrão achou que estava conseguindo fugir e já esboçava um sorriso de vitória quando bateu violentamente em alguém. Esse alguém o pegou pela gola e o segurou

firmemente até que Vanna e Dirk chegassem.

– Romano! Que bom que você estava por aqui! – disse Dirk, recuperando o fôlego.

– Por que estão atrás desse sujeito? – perguntou o moreno.

– Porque ele roubou meu dinheiro!

– Não roubei, não! – disse o ladrão, que tinha uma voz meio esganiçada. – É tudo mentira! Eu só estava... correndo por aí derrubando coisas! Só isso! É um esporte!

Romano achou a pequena sacola de couro nas vestes do jovem e jogou-a para o amigo, que a apanhou no ar. Então, puxaram o meliante para um lugar mais discreto, antes que os vendedores promovessem um linchamento ou algo do tipo. Somente então Groulf apareceu. Ela detestava vexame e preferia ficar de longe quando Vanna arrumava suas confusões.

– Meu irmão, você tá maluco tentando roubar gente que anda armada?! – disse Romano, sacudindo o homem pela gola.

– Os desarmados nunca têm dinheiro nenhum! Ai! Não me sacode que você pode trocar meus órgãos de lugar!

– Vamos levá-lo para a Torre da Justiça! – disse Groulf.

– A Torre não, por favor! Se me pegarem de novo, vão me açoitar!

– Então a gente vai te devolver para os feirantes!

– Não, por favor, também não! Eles vão me bater com paus!

– O que nós fazemos com você então? – perguntou Romano.

– Eu tenho uma ideia! – disse Vanna. – Amigo, você é um ladrão, certo?

O jovem ladrão franziu o cenho.

– É uma pergunta capciosa?

– Se você é um ladrão, sabe arrombar portas e cadeados, não sabe? – continuou Vanna.

– Claro que sei! Que tipo de ladrão eu seria se não soubesse isso?

– Ótimo! Então já sabemos pra onde você vai... Como é o seu nome mesmo?

O rapaz que tinha uma barba rala por fazer e uma roupa simples de couro com um manto que, apesar da intenção, não lhe dava um ar misterioso, se ajeitou para parecer mais apresentável.

– Nike. Meu nome é Nike. E já aviso que vou querer 60% de tudo o que encontrarmos!

Romano bateu na sua cabeça.

– Ai! Tá bom! 10% e não falamos mais nisso!

Capítulo 4

Kali

Prepararam-se para partir na manhã do dia seguinte, empolgados com o que poderiam encontrar. Conhecendo o caminho, chegaram bem cedo ao local, que continuava parecendo tenebroso. Nike não gostou.

– É aqui? Parece horrível!

Romano o empurrou para que andasse mais rápido. Nike não estava feliz com aquilo tudo. Aquela gente era muito desconfiada. Nem deixaram que ele dormisse em sua casa naquela noite. Foi obrigado a dormir amarrado no quarto da pensão para não fugir e isso lhe deu uma tremenda dor nas costas.

Como não tiveram a ideia de fazer um mapa, deram algumas voltas antes de acharem novamente a sala do espelho. Felizmente, estava tudo como tinham deixado. Como não queria lidar de novo com seus próprios reflexos muito zangados, mas também não queriam deixar a porta à vista, empurraram o espelho para a parede da porta, voltando a ocultá-la, mas mantendo sua face voltada para a parede. Mais uma vez, Dirk e Romano empurraram o grande espelho, revelando a porta trancada. Era uma porta de madeira maciça e sua tranca era, realmente, uma coisa enorme e intrincada, parte da porta numa espécie de desenho entrelaçado bem no meio da madeira. Tinham que admitir que era uma obra de arte.

– Tá bom, agora deixem o profissional trabalhar! – disse Nike, estalando os dedos.

Ajoelhou-se e analisou longamente a tranca. Então pegou uma sacolinha com alguns parafusos, pinças e chaves mestras. Começou a mexer na tranca. Sons metálicos foram ouvidos enquanto os olhos ansiosos não se desgrudavam dele. Passaram-se muitos minutos, até que um “clic” foi ouvido. A porta finalmente estava aberta.

Com as mãos em suas armas, eles esperaram alguns segundos algo acontecer, mas nada aconteceu. Não parecia ter disparado alguma armadilha ou coisa assim. Romano afastou Nike e terminou de abrir a porta. O longo ranger foi ouvido, ecoando por um corredor escuro.

– Muito bem, Nike! Você já cumpriu seu papel. Pode ir.

E dizendo isso, Romano entrou no corredor, segurando uma tocha e sendo seguido pelos outros. Era um corredor estreito e muito escuro que parecia estar descendo. Ninguém falava nada, tal era a ansiedade. No final, encontraram uma porta maciça de madeira com pontas de metal para fora. Era um artifício comum que evitava que tentassem arrombar portas em castelos e fortalezas. Esta tinha um cadeado de aparência comum, embora fosse grande.

– E agora? – perguntou Dirk.

– Deixem comigo! – disse Groulf, antes que Romano ou Vanna se oferecessem para quebrar.

Groulf assumiu a frente e uniu brevemente as mãos diante de si num movimento gracioso. Pontos de luz surgiram dessa união e três pequenas flechas de luz surgiram flutuando na palma de sua mão, iluminando seu rosto de boneca. Num movimento rápido, ela jogou as flechas luminosas contra a fechadura. Um som agudo foi ouvido e a fechadura se iluminou, soltando faíscas. Romano e Vanna se entreolharam, concordando num movimento de cabeça que isso fora muito mais elegante do que simplesmente descer a espada com toda a força.

Romano empurrou a porta levemente. Sorriu para os outros, confirmando que ela estava aberta.

Entraram e encontraram uma grande sala... vazia...

Antes que a decepção os tomasse por completo, no entanto, algo brilhou no fundo da sala, onde a luz da tocha ainda não tinha alcançado. Eles se aproximaram com cautela e viram uma escultura de ouro refletindo a luz flamejante da tocha que carregavam.

– Nossa!!! – exclamou uma voz esganiçada. – Isso é ouro????

– Nike??! – espantou-se Dirk. – O que você está fazendo aqui??!

– Eu queria ver aonde vocês iam, ué!

Havia tochas apagadas em suportes nas paredes e eles se encarregaram de acendê-las, tornando agora a sala totalmente iluminada. No fundo do grande aposento, a estátua continuava espalhando seu dourado pelos olhos que a cobijavam.

Era uma estátua estranha na forma de uma mulher de oito braços. Cada braço segurava uma arma, e ela estava em cima de um suporte de mármore. Fora isso, não havia mais nada naquela sala, o que dava uma estranha sensação de sonho.

– Que estátua estranha... – disse Nike, rodeando a enorme peça que media mais de dois metros.

– É uma deusa, acho... – disse Dirk. – Vi uma imagem parecida

quando estudamos deuses de povos distantes.

– Deusa de quê? – perguntou Groulf.

– Não sei... Não consigo me lembrar! – Dirk lamentou não ter sido mais atencioso, mas pensou que nunca precisaria aplicar aquele tipo de conhecimento.

– Gente! Isso é ouro!!! – disse Romano. – Podemos vender por uma fortuna!!!

Nike rodeava a estátua, intrigado. Havia algo de estranho ali. Observou melhor o pedestal.

– Ótimo! – concordou Vanna. – Então vamos levá-la logo!

– NÃO! – Nike e Dirk gritaram juntos, mas Vanna já tinha tocado na estátua, que começava a se mexer lentamente. Vanna puxou a espada e deu vários passos pra trás.

– Eu gritei porque pode haver um sistema de armadilha! – disse Nike.

– E eu gritei porque lembrei que deusa é essa! – completou Dirk.

Eles foram se afastando enquanto a figura descia do pedestal de mármore num movimento assustador.

– E que deusa é essa? – perguntou Romano, sem muita certeza de que queria saber.

– Kali, deusa da morte e da destruição... – respondeu Dirk.

As armas em suas oito mãos pareceram horrivelmente mortais quando refletiram as chamas das tochas nas paredes.

– O que fazemos? – perguntou Groulf.

Então, Nike saiu correndo, deixando todos para trás. O problema é que assim que ele passou pela única porta de saída, ela se fechou, fazendo um som mecânico. Os outros correram para fugir também e não conseguiram abrir a porta. Provavelmente, algum sistema de segurança fazia a porta se fechar e se trancar assim que fosse batida, impedindo que mais alguém saísse. A estátua continuava se movendo.

– Vamos ter que lutar! – concluiu Romano.

Vanna ergueu a espada e partiu na direção da estátua. Um golpe seu, totalmente inócuo, reverteu em oito ataques da estátua. Vanna conseguia ser muito ágil e foi isso que a salvou de seis dos golpes. Infelizmente, não conseguiu se livrar de um corte de espada no braço e outro na perna. A guerreira sentiu a perna ferida falhar e quase caiu de joelhos, mas conseguiu se afastar, tentando recuperar o equilíbrio. Romano e Dirk partiram para cima da estátua, mas não atacavam de frente. Cada qual a atacava de um flanco, fazendo-a dividir sua atenção entre os dois, dando

tempo à Vanna de se recuperar.

Pequenas setas de luz explodiram na cabeça da representação da deusa, deixando-a momentaneamente cega. Aproveitando esse momento de distração, Vanna e Romano conseguiram atacar novamente. Um braço da estátua quase foi decepado e ficou pendurado por um fio, que Dirk logo tratou de terminar de arrancar com a maça.

– Faça isso de novo Groulf! – gritou Romano.

A elfa já estava se preparando mesmo para lançar seus dardos de energia e logo mais luz permitiu aos guerreiros mais uma oportunidade de ataque. Dessa vez, mais um braço se partiu, caindo no chão com um som metálico.

Dessa vez, a estátua passou a atacar mesmo sem enxergar e com tantos braços, naturalmente ela ia acertar um ou dois. E acertou. Felizmente, não foi com a lâmina, mas uma pancada da própria mão, que fez Dirk voar longe como se fosse um inseto, e Romano ser jogado contra a parede, caindo pesadamente no chão.

Vendo-se sozinha, Vanna correu para o mais longe que pôde, o que não era muita coisa. Por sorte ou desespero, escapava por um triz de cada golpe que passava rente ao seu corpo. Mais setas luminosas de energia explodiram no rosto da estátua, deixando-a cega por alguns momentos.

Foi o bastante para Romano e Dirk se levantarem.

– Pegue a corda!!! – gritou Dirk.

Groulf pegou a mochila e jogou-lhe a corda enrolada, feliz pela estátua estar dando golpes cegos do outro lado da sala, pra onde Vanna correria.

– Temos que derrubá-la e cortar a cabeça! – gritou Dirk.

Pegou a corda e chamou pela guerreira do outro lado da sala.

– Vamos lhe dar uma rasteira!!!

Ela entendeu imediatamente, e agarrou a ponta que lhe foi jogada. A estátua já voltara a ver e tentou atingi-la com golpes de espada, machado e foice. Vanna e Dirk então correram, cada um com uma ponta da corda nas mãos, dando uma volta por trás da estátua, enquanto Romano atraía sua atenção, defendendo-se dos golpes com agilidade. A estátua de Kali não estava concentrada em Romano, ou já o teria acertado. Ao invés disso, ela parecia saber que algo acontecia ao seu redor.

Quando Vanna e Dirk se cruzaram, o cerco foi fechado e a corda enlaçou os pés da estátua com tanta rapidez que ela não teve como se safar. Era uma estátua de ouro de cerca de dois metros e meio e seu impacto no chão provocou um estrondo assustador que fez o chão tremer. Rachaduras

surgiram onde ela caiu. Seus braços ainda se agitavam, mas Romano não lhe deu a chance de tentar se levantar de novo. O guerreiro deu um salto, erguendo sua espada no ar e descendo-a com toda a sua força.

A espada acertou seu alvo, separando cabeça do corpo. A cabeça rolou para perto de Groulf, que deu saltos para trás até que ela parasse. Os braços da estátua ficaram congelados no ar. Ela parara de se mover.

Ofegantes, os amigos não disseram nada, esperando o fôlego e a fala retornarem. Um som de porta se abrindo fez todos voltarem à posição defensiva.

A porta que havia se fechado quando o ladrão saiu se abriu novamente. Nike entrou com uma adaga não muito ameaçadora na mão. Vendo todos olhando para ele e a estátua caída no chão, ele baixou a guarda.

– Que bom que estão bem! – disse ele.

– Por que você voltou? – perguntou Groulf.

– Bem... Achei que precisavam de ajuda...

– Ou veio atrás de nosso tesouro! – atacou Groulf. – Talvez saquear nossos corpos!

Nike fez uma expressão de que estava profundamente ofendido. Antes, porém, que pudesse dizer alguma coisa, Vanna chamou a atenção para um fenômeno perturbador. As partes da estátua que haviam sido decepadas estavam subitamente perdendo a cor dourada e a textura metálica. Em poucos segundos, o efeito alcançou todo o corpo, transformando a estátua de ouro em simples pedra.

– Pois podem ficar com o que encontraram! Ingratos! – disse Nike.

Um tremor foi sentido, deixando todos em alerta.

– O que foi isso? – perguntou Groulf, cada vez mais preocupada.

As paredes começaram a tremer e pedaços do teto começaram a cair.

– Vamos embora!!! – gritou Romano, começando a correr.

– Esperem! Pode ter alguma coisa de valor no pedestal de mármore!
– gritou Vanna.

Romano se virou para ela com olhos furiosos.

– Vanna! Isso aqui é uma ratoeira! Não tem nada de valor aqui que valha isso tudo! Se você quiser ir, vá!!! Nós vamos sair!

Sem pensar duas vezes, a guerreira saiu correndo na direção do pedestal. Os outros hesitaram, preocupados com ela, mas pedaços maiores do teto aceleraram sua decisão em correr para a porta, que Nike ainda estava segurando para que ela não se fechasse como da primeira vez.

Chegaram na porta que dava para o corredor estreito.

– Vanna! Vamos!!! – gritou Dirk.

A guerreira usava toda sua força para mover o pedestal de mármore onde estava a estátua, ignorando os pedaços de teto caindo. Dirk viu que era algo pesado demais para ela, mas que ela não ia desistir. Virou-se para os outros e disse:

– Vão na frente! Eu vou depois!

Romano não acreditou que o amigo pudesse fazer isso, considerando a ideia completamente tola. Então colocou uma pedra pra segurar a porta e foi atrás dele. Juntos, empurraram o pedestal, recebendo a ajuda de última hora de Groulf. A pesada pedra se moveu, revelando um fundo falso onde alguma coisa jazia embrulhada num tecido vermelho. Vanna pegou e todos correram para a porta, seguindo pelo corredor estreito e ouvindo tudo desmoronar atrás deles. Caíram dentro da sala do espelho com uma grande nuvem de poeira. Tossiram e assim que a poeira baixou, viram a passagem que levava ao corredor agora totalmente interditada pelo teto que desabara.

– Muito bem... – disse Vanna – Vamos ver pelo que quase todos nós morremos.

A moça desembrulhou ansiosa o tecido. Dentro, encontraram uma espada ricamente decorada e uma taça de prata com pedrarias. Vanna pegou a espada, encantada. Sua lâmina brilhava como se tivesse acabado de ser forjada e seu cabo parecia ser de ouro com pedras coloridas decorando-o. Um dragão finalizava o acabamento do cabo e rubis brilhavam em seus olhos. Olhando melhor, todos os desenhos do cabo tinham a ver com dragões.

Groulf pegou a taça e junto com Dirk tentava descobrir porque tais objetos estavam guardados a sete chaves, ou melhor, a oito braços.

– Não entendo... – disse Groulf. – Não parece grande coisa...

– E não deve ser mesmo! – disse Nike. – Façamos o seguinte. Pra ajudar vocês, eu compro essa quinquilharia por, digamos, deixe-me ver... Dez moedas de ouro!

– Não tão rápido, ô esperto! – retrucou Romano, pegando a espada das mãos de Vanna para ver melhor. – Se isso estava tão bem guardado, deve ter um motivo.

– Aposto que são mágicos!!! – gritou Groulf, animada.

Os amigos se entreolharam. Objetos mágicos eram coisas muito raras, muito caras e muito preciosas. Era um bom palpite o da elfa.

– Posso ficar com a espada? – perguntou Groulf.

– Não! – respondeu Vanna.

– Por que não? – reclamou a elfa. – Todos nós temos direito a essas coisas! Não encontramos juntos?

– É verdade... – ponderou Dirk. – Mas é uma questão de matemática. Não podemos dividir dois objetos por quatro.

– Por isso que eu estou aqui! – tornou Nike. – Ofereço onze moedas de ouro e acabou o problema de vocês.

– Podemos tirar no palitinho! – disse Vanna.

– No palitinho, não, que você sempre ganha! – reclamou novamente Groulf, que já tinha perdido muitas apostas com Vanna nesse jogo estúpido.

As moças olharam para os rapazes. Foi Romano quem finalmente disse.

– Nunca teríamos chegado nessas coisas se não fosse por Vanna. Eu não sei se foi estupidez ou coragem, mas o mérito é dela.

E entregou a espada para a morena, que abriu um sorriso enorme e abraçou a espada como se fosse um brinquedo novo.

– Quanto à taça, não sabemos o que ela faz ainda. Podemos decidir quem fica com ela depois que descobrirmos – completou Dirk.

Saíram das ruínas. Groulf ainda estava reclamando e Nike insistia que doze moedas de ouro era sua última oferta. Estavam doloridos e precisavam de cuidados médicos. Também não tinham conseguido dinheiro. Mesmo assim, sentiam-se bem.

Capítulo 5

Três Pintinhos Amarelinhos

Chegaram à cidade e foram direto para o Templo de Todos os Deuses, que também funcionava como hospital local. Lá, sacerdotes e noviços prestavam socorro aos desvalidos, doentes e feridos. Não havia grande movimento e não precisaram esperar muito. Nike havia sido liberado de seu encargo e sumira assim que colocara os pés na cidade. Receberam uns unguentos e preces que imediatamente aliviaram a dor. Saíram com o sol ainda no céu, embora ele não fosse ficar lá por muito tempo, já começando sua despedida nas montanhas ao longe. Era hora de se separarem.

Romano pareceu hesitar, mas todos sabiam do combinado. Foi Vanna quem estendeu a mão para um adeus.

– Bom... Descobrimos o que havia por trás da porta – disse ela.

– É... Agora podemos seguir nossos caminhos – disse ele, retribuindo o cumprimento. – Desejamos sorte a vocês.

Eles se detiveram alguns segundos, prolongando um momento estranho, até que Groulf quebrou o silêncio. Trocaram mais apertos de mãos e alguns acenos rápidos e, finalmente, foram embora.

– Estaremos melhor sem eles! – disse Groulf, que sentia o coração reclamar, o que a irritava muito. Fora avisada para não se apegar a ninguém fora de sua família. Elfos são confiáveis. Humanos, nem tanto.

– O que é aquilo ali?

Groulf levantou a cabeça para uma confusão que estava acontecendo na rua. Vanna apurou a vista. Alguns homens estavam agarrando um jovem que ela reconheceu.

– Aquele é Peter Paul!

– Peter quem?

– Meu amigo!!!

Os homens que seguravam Peter Paul pareciam muito zangados e prontos para um linchamento.

– Senhores, vamos conversar!!! Somos civilizados! – dizia o rapaz.

– Você vai é conversar com meu punho!

E Peter fechou os olhos para não ver o soco que estava prestes a receber. Mas o soco não veio. O rapaz abriu os olhos e viu uma mulher de cabelos negros entre ele e o agressor.

– O que estão fazendo com meu amigo? – perguntou ela, depois de ter empurrado o homem que ia agredir o jovem.

– Seu amigo? Pois saiba que seu amigo é um picareta!

– Por quê? O que ele fez?

– Ele estava trapaceando no jogo dos cocos!

Vanna se virou para o rapaz, ainda seguro por dois outros homens e lhe lançou um olhar que misturava surpresa e reprovação.

– Foi um engano! Eu fiz como você me ensinou! Tirei todas as pedrinhas! – explicou ele.

– Tirou todas??! – exclamou ela. – Tinha que ficar uma, Peter!!!

– Eles são comparsas!!! – gritou alguém na pequena multidão que começava a crescer.

– Pois nós vamos lhes dar o que merecem!!!

Vanna puxou a espada que trazia na cintura. Era a espada que acabara de achar e sua simples visão fez a turba pensar.

– Ou talvez você possa nos dar tudo o que tem para compensar tudo isso! – disse o homem que ela empurrara e que olhava cobiçosamente para sua espada recém-encontrada.

A moça ameaçou um golpe para frente, mas atacou com o cabo da espada os dois homens que seguravam Peter, fazendo-os levar as mãos aos narizes doloridos.

– Pra trás! – gritou ela, tentando se impor, mas visivelmente preocupada com a quantidade de oponentes.

– O que vai fazer? Somos muitos e vocês são só dois!

– Algum problema, Vanna?

A voz imponente se ergueu acima da turba e um som afiado revelava o sibilar de uma espada deixando sua bainha. Os homens olharam para o moreno que segurava uma espada que parecia já ter encontrado oponentes naquele dia. Ao seu lado, uma elfa loira empunhava uma espada pequena, mas bastante afiada e um jovem loiro erguia uma maça que parecia fazer um estrago tremendo numa cabeça. A turba se afastou e conforme os três se uniam à moça, terminaram por dispersar a contragosto.

Vanna guardou sua espada e sorriu ao ver o pequeno grupo.

– Obrigada!

– Disponha – respondeu Romano.

– Diga a ela! – falou Dirk.

A morena o olhou curiosa, assim como a elfa.

– Nós conversamos e decidimos que podemos ficar juntos por mais algum tempo – respondeu Romano. – Até descobrirmos o que faz a taça e a espada, pelo menos...

Elas queriam tê-los olhado com um ar de desdém e falar alguma coisa esperta, mas nenhuma das duas conseguiu. Elas simplesmente sorriram, felizes de não estarem sozinhas de novo.

– Er... Com licença?

Vanna se virou para o jovem que acabara de salvar de uma surra e que tinha sido momentaneamente esquecido.

– Peter Paul! Você está bem?

– Estou, sim, bela donzela, graças a você! Eu gostaria de agradecer, mas nem sei como.

– Aceitamos comida! – disse Groulf.

– Bem, meus negócios não acabaram muito bem hoje... – disse o rapaz.

Mas quando o brilho nos olhos dos outros começava a se esvaír, Peter Paul abriu um sorriso e mostrou um saco de moedas que tilintavam.

– Mas eles começaram muito bem hoje de manhã! – completou ele.

Aceitaram a refeição de bom grado e aproveitaram para conversar com o jovem empreendedor. Peter Paul era afinal um rapaz muito agradável e de bom humor, e todos ficaram felizes de ter intercedido por ele. Como Peter era da região, acharam que ele podia saber algo sobre a estranha taça que encontraram. O rapaz pegou a taça com a mão e a examinou atentamente.

– Hum... Parece...

Todos ficaram em silêncio atentos ao que ele ia dizer.

– ...talvez... não, não, eu tenho certeza! Eu já sei o que é! É um cálice!

– Disso nós já sabemos! – exclamou Groulf.

– Ah, então vocês são tão espertos quanto eu! – respondeu o rapaz sorrindo.

Esse foi um comentário que deixou todos um tanto preocupados. De qualquer forma, haveria tempo para investigarem no dia seguinte. Aquele dia tinha acabado. Mas sempre havia o amanhã.

No dia seguinte, decidiram não retornar ao castelo. Ainda estavam doloridos e a experiência com a estátua da deusa da morte e destruição deixara claro que seja lá quem tenha preparado aquilo tudo não estava

brincando. Ao invés disso, levaram a espada e a taça para a Guilda dos Magos.

A Guilda dos Magos era um lugar muito restrito que não gostava muito de homens de fé nem de guerreiros. Também não gostavam de pobres e como nenhum deles podia pagar por uma avaliação, tiveram que se contentar com uma única informação: sim, os dois objetos eram mágicos. Quanto ao que faziam, só com algumas moedas tilintando sobre a mesa.

Groulf analisava curiosa a taça. Era de prata com algumas pedras enfeitando desenhos de folhinhas. No meio, um desenho ovalado em baixo relevo trazia inscrições em uma língua que nenhum deles conhecia. A elfa fez várias experiências com a taça. Colocou água, pra ver se ela se transformava em vinho, e vinho pra ver se ele se transformava em água. Nada aconteceu. Pensou em tomar um gole, mas não sabia o que podia acontecer. Então deu a água para Vanna, que tomou sem pestanejar. Nada aconteceu também.

Vanna foi até uma colina verdejante nos arredores da cidade, onde o vento penteava a grama alta e macia. Lá, sob a luz suave de um sol indeciso que vez por outra se deixava encobrir pelas nuvens, treinou com sua espada nova, sentindo seu peso e movimento. Ficou feliz ao ver que ela parecia mesmo uma extensão de si mesma, dançando no ar com grande graça. Decidiu que nunca mais usaria a velha espada comprada na feira. Esta já tinha cumprido seu papel.

Romano e Dirk passaram o dia na cidade, procurando mais pistas sobre o mago Noicent Von Barh. Eles não tinham desistido da recompensa que faria com que dormissem tranquilos por alguns meses, mas a dificuldade de encontrar alguém que se dispusesse a falar do mago começou a desanimá-los. Também aproveitaram para ver se Leemyar tinha alguma possibilidade de trabalho para braços fortes e espadas afiadas. Era bom ter opções.

Pela tarde, Vanna voltou ao quarto da pensão, esperando encontrar Groulf. Não encontrou, o que a deixou um pouco frustrada. Sentia falta da companhia da amiga. Pensou em ver se Dirk estava em seu quarto e, quem sabe, convidá-lo para um passeio, mas algo lhe chamou a atenção. Uma voz crescia na rua e ela se aproximou da pequena janela para ver o que era. Lá embaixo, reconheceu Peter Paul carregando uma grande mochila nas costas e uma caixa nas mãos.

– Panela veeeelha!!!! Ferro veeeelho!!!! Troco sua panela velha por um pintinho!!!

Vanna desceu correndo as escadas que passavam por dentro da

Taberna Incandescente, pouco movimentada a essa hora, e correu para encontrar o rapaz.

– Peter!!!

O jovem virou-se, apertando os olhos para ver quem o chamava. Abriu um sorriso ao ver a moça de cabelos cheios correndo em sua direção. Era a primeira vez que ele a via vestida como uma mulher normal, sem aquela estranha cota de malha que só protegia o necessário. Dessa vez ela estava com um vestido simples, desses que moças da fazenda usam, com um colete de tecido que lhe apertava a cintura e mostrava o decote.

– Olá, jovem donzela! Que prazer vê-la de novo! Achei que já tinham partido!

– Partido pra onde? – perguntou Vanna.

– Sei lá! Ninguém parece ficar nessa cidade. As pessoas estão sempre partindo.

– É mesmo? E o que você está fazendo?

– Ah, aquele lance dos cocos era muito complicado! Então voltei a vender coisas pelas ruas, como eu fazia antes.

Piados agudos interromperam a conversa e Vanna se esticou para ver o que Peter trazia na caixa de madeira. Lá dentro, três pintinhos amarelinhos reclamavam.

– Que lindos!!!

– Pois é, só tenho esses três agora... Estou trocando panelas velhas por um pintinho. Estou preocupado com esses porque acho que já estão cansados e não achei nenhum lar para eles ainda. Você não teria aí uma panela velha, teria?

– Não... Mas espere! Eu tenho uma coisa!

A moça correu de volta para a taberna e voltou pouco depois com uma espada. Entregou-a orgulhosa para Peter Paul.

– Uma espada? – ele se surpreendeu ao tocar na lâmina. – Mas ela vale muito mais do que uma panela velha.

– Com certeza! – respondeu Vanna. – Essa foi a minha primeira espada.

– Sério? – os olhos do rapaz brilharam com as histórias que aquela espada podia contar. – E como você a conseguiu? Numa grande batalha? Numa luta pela sua vida? Defendendo seu castelo?

– Não, eu comprei na feira mesmo aqui em Leemyar.

Peter pareceu levemente decepcionado com a origem pouco glamorosa da espada, mas a guerreira continuou.

– Mas ela esteve em uma incrível luta contra uma estátua de ouro de

oito braços!

Os olhos de Peter se arregalaram de novo.

– Era uma estátua da deusa Kali, a deusa da morte e destruição, segundo Dirk! Ela tinha mais de três metros e uma arma diferente em cada mão! Tá vendo essas marcas? Todas cortesia dela!

Vanna ergueu a saia e mostrou os cortes nas coxas grossas. Peter teria ficado constrangido, mas não ficou, pois estava imaginando a batalha em seus detalhes.

– Bem, ela foi a minha primeira espada. E foi uma boa companheira. Não queria dá-la pra qualquer um. Acho que você será um bom companheiro pra ela!

– Eu?! Mas eu não sei lutar!

– Eu também não! A gente aprende a lutar lutando.

– Puxa! Quanta responsabilidade!... Eu não sei se devo aceitar!...

Vanna empurrou a espada de volta pra ele.

– Faça o seguinte. Se não quiser usá-la, venda-a a alguém que queira. Mas escolha uma pessoa boa, alguém como você. Ela merece ir para boas mãos.

Peter viu seu próprio reflexo brilhar na lâmina da espada, que havia sido polida recentemente. Então sorriu e virou-se para a nova amiga.

– Obrigado, jovem dama! Tome, eles agora são seus!

Ele lhe estendeu a caixa com os três pintinhos.

– Jura??? Os três??? – Vanna não cabia em si de felicidade.

– Como eu disse, essa espada vale muito mais que uma panela velha.

Vanna sorriu, feliz em ter achado um novo dono para sua espada e em ter ganhado três pintinhos. Compreenda, Vanna era uma mulher muito estranha e coisas igualmente estranhas a faziam feliz. Ela se virou para ir embora, concentrada nos pintinhos, falando com eles como se fossem bebês. Então se virou para o jovem que ainda admirava a espada ao sol.

– Te vejo por aí?

– Com certeza!

E então se despediram, ele feliz com uma nova carreira e ela feliz em ter três novos habitantes em seu coração.

De noite, Romano e Dirk encontraram as duas mulheres jantando na Taberna Incandescente. Sentaram-se com elas, com ar preocupado.

– Nossa! Por que essas caras feias? – perguntou Groulf.

– Nós precisamos conversar.

As moças se entreolharam.

– Vão tentar se livrar da gente de novo? – perguntou Vanna.

– É uma ideia – respondeu Romano, – mas não, não é isso. Dirk e eu passamos o dia inteiro procurando trabalho nessa cidade. Não tem muita coisa. Daqui a duas semanas, um certo senhor de comércio sairá da cidade para voltar para casa. Ele fez negócios aqui e precisa de seguranças para acompanhá-lo até Petite Rivière.

– E o que nós temos com isso? – perguntou Groulf.

Romano e Dirk se entreolharam um segundo. Dessa vez, foi Dirk a falar.

– Meninas, estamos ficando sem dinheiro. Se não conseguirmos nada até lá, Romano e eu vamos pegar esse trabalho e deixar Leemyar.

As moças não responderam, mas seus olhos deixavam claro que a notícia as atingira como um balde de água fria. Os rapazes também não disseram mais nada, ficando de olhos baixos, sentindo-se de certa forma um pouco fracassados em anunciar uma possível desistência. Foi quando um som agudo cortou o silêncio.

– Piu!

Dirk ergueu os olhos. Um segundo piado chamou a atenção de Romano.

– Que diabo é isso?

Vanna pareceu sair de seu torpor e se lembrou de pegar a caixa, agora forradinha com palha, com um potinho para água num canto e para comida no outro. Mostrou-a muito feliz para os rapazes.

– Deixe-me apresentá-los! Esses são Groulfinha, Dirkinho e Romaninho! Não são fofos???

Todo mundo na mesa encarou Vanna. O que ela achou que seria uma homenagem não tinha sido muito bem recebido.

– A menorzinha é a Groulfinha, porque briga com os outros pela comida. O maior é o Romaninho e o mais clarinho é o Dirkinho! – explicou Vanna, parecendo não notar os olhares dos outros.

Os rapazes olharam longamente para os pintinhos, até que um deles saltou para a mesa e foi bicar as unhas de Romano.

– Até que são bonitinhos! – Dirk riu, aliviando a tensão das preocupações.

Romano pegou o pintinho Romaninho na mão e o observou com um sorriso conformado. Se não conseguissem dinheiro logo, Groulfinha, Dirkinho e Romaninho acabariam na panela...

Capítulo 6

Mudança de planos

Alguns dias se passaram e as coisas não pareceram melhorar. Retornaram ao castelo e buscaram novos caminhos. O lugar era enorme, com torres e calabouços, entradas secretas e armadilhas. Caíram em várias e tiveram muita sorte de saírem vivos. Uma semana havia se passado desde que Vanna ganhara seus pintinhos e o tempo estava contra eles. Naquele dia, voltaram de noite, moídos, cansados, descabelados e sem um tostão, ávidos por uma cama quentinha. Ao invés disso, encontraram suas coisas do lado de fora.

– O que é isso? – perguntou Romano para o taberneiro.

– Suas coisas – respondeu o homem, sem parar de limpar o balcão de madeira.

– Eu sei que são nossas coisas! Quero saber por que estão aqui fora?

– Vocês pagaram por uma semana. A semana já acabou. Tenho outros clientes. Ou pagam agora pela próxima semana, ou vão embora.

Romano queria muito socar o homem, mas além dele ter o dobro do seu tamanho, estava em seu direito. Afastou-se um pouco para falar com os outros. Juntos, contaram tudo o que tinham. Não dava mais para pagar a pensão. Então, pegaram suas coisas e saíram. Menos Groulf, que foi até o taberneiro e reclamou do serviço, do atendimento, da comida e das instalações. Quando o homem jogou aborrecido o pano imundo com que limpava canecas sobre o balcão, a elfa se apressou em acompanhar os amigos.

Era noite e estava frio. Ficar ao relento não era uma ideia aceitável. Felizmente, Leemyar era um lugar de muitas fazendas e não foi difícil falar com um fazendeiro e pedir abrigo temporário em seu celeiro. Não era muito digno, mas ao menos era quente.

Dormiram sobre o feno, junto com uma vaca leiteira, dois burros, um cavalo e algumas galinhas. Vanna aqueceu seus pintinhos e foi dormir dizendo que não deviam perder a fé. O dia seguinte ia ser diferente. Estavam cansados demais pra discutir e preferiram dormir com a promessa.

Nada de relevante foi encontrado naquele castelo. Em seus cômodos mais afastados, porém, conseguiram achar alguns objetos deixados para trás. Taças, punhais e algumas bandejas poderiam valer alguma coisa na feira. Assim, conseguiram jantar naquela noite. Mas ainda tiveram que dormir no feno.

Todo mundo pensa que a vida de um aventureiro é fácil. É só ter uma espada na mão e entrar num buraco que uma montanha de ouro vai aparecer. Infelizmente, a vida de aventureiro requer, assim como qualquer outra profissão, um pouco de experiência. No terceiro dia, já tinham um mapa. Já tinham deixado de procurar o mago há algum tempo, pois acreditavam que era mais um ardil para incentivar o turismo da cidade. Nem mesmo achavam que o tal mago existisse, podendo ser provavelmente um membro do Circo do Sol que assombrava as ruínas de mentirinha. Porém, como sempre conseguiam achar alguma coisa que podia ser vendida, continuavam voltando.

Venderam na feira um tapete de cores vivas que encontraram pendurado numa parede. Deduziram que era das terras do Oriente, pois era moda entre os ricos comprar tapeçarias de terras distantes e estampá-las nas paredes pelos seus belos desenhos. Este, infelizmente, estava um pouco queimado pelo ataque que o castelo sofrera, mas ainda assim conseguiram vendê-lo por algumas moedas. Venderam também um lustre, algumas taças, adagas, bandejas, candelabros e dois quadros de gosto duvidoso. Ao fim daquela semana, já estavam acostumados à rotina de ir ao castelo, mas sabiam que aquela rotina estava no fim.

Dirk e Romano já tinham confirmado o trabalho com o negociante que desejava voltar para Petite Rivière em segurança com seu dinheiro. Em dois dias, eles partiriam e, provavelmente, nunca mais se encontrariam. Não costumavam tocar no assunto, pois uma nuvem depressiva parecia pousar sobre eles quando a partida era mencionada. Não se conheciam há muito tempo, mas quando se passa tanto tempo por dia junto com alguém, os laços se estreitam. Romano não comentou nada com o amigo, mas estava feliz em partir. Não lhe agradava a ideia de estar gostando das duas companheiras de aventura. Não podia se apegar a ninguém, sabia disso. Precisava se manter focado no que tinha que fazer e não podia se dar ao luxo de distrações.

Quanto mais a data de partida se aproximava, mas aumentavam os

intervalos de silêncio entre eles.

– Vanna, o que você acha de procurarmos um trabalho de segurança, como Dirk e Romano? – perguntou Groulf, quebrando o silêncio em seu caminho para o velho castelo.

A guerreira olhou para ela com uma expressão indefinida. Estavam em seus cavalos, indo mais atrás, enquanto os rapazes ganhavam a dianteira. O trotar dos cavalos era lento e gracioso e o vento fazia as folhas das árvores farfalharem numa doce cantilena. Vanna voltou a olhar para frente, o vento jogando seus cabelos negros para frente e para trás

– Ainda acho que há alguma coisa aqui... Acho uma pena desistirmos tão cedo...

Groulf não respondeu. Respirou fundo e continuou o caminho com seus pensamentos. Gostaria de ter uma intuição a respeito disso, mas sabia que nunca fora muito boa nisso. Detestava admitir, mas quem tinha uma intuição afiada era Vanna.

Chegaram ao velho castelo. A torre ainda de pé parecia querer furar o céu com as nuvens escuras tão baixas e o castelo parecia especialmente assustador hoje. Faltava muito pouco para percorrerem toda a construção. A ala sul, no segundo andar, onde a barbacã dava vista para o outro lado do castelo, não tinha sido pisada ainda por eles e, apesar de não esperarem achar o mago, ainda havia a esperança de encontrarem uma porta secreta para uma sala do tesouro, como nas lendas que se espalhavam em todas as cidades nas canções dos bardos.

Como de costume, amarraram os cavalos do lado de fora e entraram na velha fortaleza, cuja porta escancarada parecia uma imensa bocarra a recebê-los. Acenderam os archotes e seguiram pelos caminhos escuros que já haviam se tornado familiares.

– Hoje pode ser diferente... – disse Dirk, tentando quebrar o silêncio que se tornava mais deprimente dentro daquelas paredes úmidas.

– Talvez... – respondeu Romano, sem muita confiança.

Caminharam por longos corredores até chegarem à ala sul. Lá, tinham duas opções: Subir ou descer. Preferiram subir. Geralmente, as coisas de valor ficam nos andares superiores. Os níveis mais baixos de um castelo eram dedicados a prisões, calabouços e salas de tortura e estes eram lugares mórbidos e pesados por natureza, mesmo quando não estavam mais em uso. Dirk acreditava que fantasmas dos mortos e torturados ainda buscavam por vingança, procurando ferir qualquer um que ali entrasse. Romano nunca tinha visto um fantasma, então tinha

dúvidas sobre a aparição de algo que sua espada não pudesse matar.

Chegaram ao segundo andar. Resolveram deixar o terceiro andar para depois e se puseram a explorar os cômodos amplos e corredores largos. Encontraram uma grande sala com uma lareira e alguns poucos móveis. O piso, no entanto, era de ardósia, que compunha com as paredes brancas uma bela combinação. Uma porta levava a outro aposento contíguo, provavelmente um outro quarto. Esse tipo de composição era comum quando havia filhos.

– Será que o morador tinha família? – perguntou Romano, tentando imaginar o que teria acontecido naquele castelo para que nunca tivessem encontrado viva alma em suas diversas incursões. O que teria colocado para correr os moradores dessa forma, destruído parte do castelo e colocado uma de suas torres ao chão?

Começaram a abrir as gavetas e procurar algo de valor. Não era uma coisa da qual se orgulhavam, mas quando a fome bate, engole-se qualquer coisa, inclusive o orgulho.

Vendo que estavam todos ocupados por ali, Dirk foi para o quarto contíguo, onde não encontrou uma cama, mas armários vazios. Abriu as portas e procurou por algo. Dispositivos para entradas secretas costumavam ficar por dentro de lugares escuros, e ele tateou as prateleiras, sem conseguir ver alguma coisa.

Surpreendeu-se ao sentir alguma coisa roçar seus dedos. Parecia uma pedra roliça e ele estava tentando alcançá-la, esticando-se até a ponta dos pés, quando ouviu passos atrás de si.

– Acho que tem uma coisa aqui, mas não estou conseguindo alcançar... – disse ele, acreditando ser um dos companheiros e esticando-se um pouco mais até apanhar uma coisa redonda e gelada, parecida com uma gema.

– O que está fazendo na minha casa?

Quando ouviu a voz rouca, sentiu o corpo gelar. Virou-se e viu um homem de olhos claros e ligeiramente insanos fitando-o.

Afinal, Dirk tinha razão. Naquele dia, algo diferente aconteceu. Noicent estava em casa.

Vanna estava discutindo com Romano. Isso não era novidade, pois esses dois estavam sempre discutindo. Groulf tentou acalmá-los, mas era quase impossível. Ela nem mesmo compreendia porque eles estavam brigando e não estava mais interessada, deixando que a natureza seguisse

seu curso. Porém, o som de suas vozes a estavam irritando. Ela ia falar alguma coisa quando uma explosão foi ouvida. Instintivamente, eles se abaixaram e viram um corpo passar e bater com força na parede, caindo desacordado no chão.

– Dirk!!!

Vanna correu até ele, enquanto Romano e Groulf puxaram suas espadas e se prepararam para o que quer que fosse que iria passar por aquela porta. Um homem muito irritado entrou no grande aposento onde estavam. Vestia uma túnica branca com adereços em vermelho e seu rosto oval tinha uma expressão zangada.

– Foi ele quem mandou vocês, não foi? – disse o homem, os cabelos pretos ligeiramente despenteados, apontando para todas as direções.

– Ele quem? – perguntou Groulf.

Um movimento rápido de mão fez um raio atingir Groulf em cheio. Vanna puxou a espada e se colocou ao lado de Romano, tentando proteger os amigos caídos.

– Pois digam àquele cretino duas caras que ele não vai me pegar! E digam que eu sei o que ele planeja e que ele tenha muito cuidado comigo, pois se ele continuar nos meus calcanhares, eu irei atrás dele e arrancarei sua pele!

– Não sabemos de quem você está falando! – gritou Vanna.

O mago os olhou como se os estivesse vendo pela primeira vez.

– Não?

– Não!!! – responderam os guerreiros em uníssono.

O mago pareceu então um tanto desconcertado com o aparente engano.

– Pensei que soubessem... – disse.

– Não sabemos!!!

– Bom, então é melhor irem embora. Isso não é lugar para crianças como vocês. E fiquem longe de Algol. Ele é um homem perigoso.

E então ele se virou e simplesmente foi embora, deixando Vanna e Romano suando frio de espadas em riste. Correram até Dirk e Groulf, tentando reanimá-los. Groulf logo voltou a si, sentindo todo o corpo doer e com os cabelos em pé por causa do choque elétrico.

– Dirk! Você está bem?

A pergunta de Romano continuava sem resposta. O rapaz tinha um rasgo na roupa que usava e fumaça saía de sua cota de metal. Ele estava gelado. Romano, pela primeira vez, não tinha a menor ideia do que fazer. Olhou para Vanna, sem conseguir disfarçar o medo da perda. Infelizmente,

a guerreira tinha o mesmo olhar que ele.

Capítulo 7

O Templo de Todos os Deuses

Isabelle já tinha terminado suas tarefas no templo, que também servia como hospital. Achou que era um bom momento para meditar, rezar, entrar em contato com a Divindade. Entrou no templo e sentou-se num dos bancos de madeira de frente para o altar onde uma imagem de uma mulher de aparência maternal parecia abençoar todos em silêncio e com um sorriso. Assim que fechou os olhos, no entanto, um burburinho crescente e o som de portas sendo abertas a fizeram se levantar e ver o que estava acontecendo.

– Precisamos de ajuda! – disse o jovem guerreiro com um rapaz desacordado nos braços.

A sacerdotisa correu até eles e os guiou rapidamente para uma grande área adjacente ao templo, repleta de camas e com poucos pacientes (a maioria, pessoas idosas com problemas que o tempo acaba trazendo).

– Coloque-o aqui! – disse ela, apontando para uma cama limpa e vazia.

– Ele está bem? Pode ajudá-lo?

Somente então Isabelle percebeu que duas moças acompanhavam o guerreiro. A morena de muito cabelo parecia especialmente preocupada e tentou tranquilizá-la ao responder sua pergunta.

– Farei o possível, mas agora, preciso que me deixem trabalhar! Ariadne! Michelin!

Outros membros do templo chegaram correndo e começaram a retirar a cota de malha de Dirk. Uma grande queimadura em seu peito fez Groulf deixar escapar uma exclamação. Eles foram gentilmente afastados por uma noviça, enquanto Isabelle e mais duas pessoas de longas vestes sacerdotais começaram a sussurrar estranhos cânticos, pousando as mãos sobre o jovem na cama.

O templo tinha um grande pátio ao seu redor, com jardins e estátuas diversas de deuses. O templo de Leemyar era um reflexo da grande tolerância religiosa que o Reino de Celtária sempre teve. Em toda parte, havia cultos a deuses tão diversos que você poderia acreditar que alguém

os tinha inventado naquele minuto, só pra abrir uma igreja. Mas o pilar da fé de Celtária era na Divindade e suas Três Faces – a Deusa, o Deus e o Inefável. Abaixo deles, estavam todos os outros deuses, como Kernun, o deus das florestas e dos animais, Brigitte, deusa da família, Dana, deusa das mães e das mulheres, e Kamile, deusa da morte e das passagens para o submundo.

Todos eles recebiam templos e eram cultuados por toda parte, entre outros. Mas a maioria das cidades tinha como sua igreja principal uma espécie de templo ecumênico para a Divindade, onde todos os deuses poderiam ser adorados ou contatados. E a igreja de Leemyar era uma dessas.

Infelizmente, quando se tem o coração apertado, não se pode ver beleza em lugar nenhum, nem mesmo no mais belo dos lugares, porque no final, a beleza reside mesmo é no coração e, se ele está apertado, acaba por espremer para fora tudo de bom.

– Não devíamos tê-lo deixado sozinho... – disse Vanna.

– Ele vai ficar bom! – disse Groulf, ainda de cabelo em pé. – Ouvi dizer que eles curam tudo nas igrejas humanas!

Romano permanecia calado. Sabia que o caso era grave e que, infelizmente, nem tudo se cura nas igrejas humanas.

Levaram mais de uma hora esperando alguma notícia. Groulf, por vezes, tentava entrar e espiar, mas sempre era descoberta e escoltada para fora antes de conseguir ver alguma coisa. Então, ficava na porta, à espreita, tentando dominar a ansiedade.

Os dois guerreiros sabiam que não adiantava apressar o trabalho dos sacerdotes. Então, sentaram-se nos bancos de pedra do grande pátio e esperaram por longos momentos sem nada dizer.

– Não sei rezar...

Romano olhou surpreso para a jovem guerreira sentada ao seu lado.

– Queria rezar agora, mas não sei rezar – continuou ela.

– Eu também não sabia – disse finalmente o guerreiro. – Mas aprendi e é muito simples.

A moça o olhou curiosa, esperando as instruções.

– Basta fazer silêncio por dentro – disse ele, enquanto uma brisa fresca brincava com seus cabelos, – calar todas as vozes e, então, falar com o coração. Apenas fale o que sente, peça o que quer, diga o que pensa e as palavras vão iluminar a escuridão.

Vanna sorriu, num misto de gratidão e encanto pelas palavras poéticas daquele lado de Romano que ainda não conhecera. Provavelmente, essa era a primeira vez, desde que se conheceram, que não estavam discutindo.

– Que bonito... – disse ela. – Como aprendeu isso?

O sorriso dele se esvaiu e ele a olhou com olhos tristes.

– Dirk me ensinou...

Então eles se calaram em sua tristeza e esperaram, e cada um disse em silêncio palavras que pudessem iluminar a escuridão que os ameaçava.

Quando Isabelle surgiu na porta, Groulf tentou ler em seu rosto qualquer notícia, enquanto perguntava se o amigo estava bem. Vanna e Romano se aproximaram rapidamente, os rostos preocupados.

– Seu amigo vai ficar bem – disse a sacerdotisa.

Eles respiraram aliviados, sentindo o coração ficar leve de novo.

– Mas foi por pouco, senhores – continuou ela. – Muito pouco. Não há limites para a generosidade e bondade da Divindade, mas há limites para o que podemos fazer aqui. – Quem fez isso com ele afinal?

Eles se olharam ligeiramente confusos.

– Um mago, acho – respondeu Romano.

Isabelle franziu o cenho.

– Que mago?

– Bom, nós estávamos num castelo abandonado na floresta, não aquele de mentirinha, mas aquele mais afastado, escondido por uma parede de hera – explicou Vanna.

– E então esse cara apareceu! – continuou Groulf. – Ele tinha cabelos escuros e olhos azuis! Parecia meio maluco...

– Noicent está aqui?

Romano e Vanna se entreolharam surpresos.

– Esse era Noicent?! – exclamou Romano, que achava que o mago era mais uma invenção do departamento de turismo.

– É o que parece! Ele está aqui? – continuou a sacerdotisa, mais preocupada do que gostaria de transparecer.

– Bom, estava – respondeu Vanna. – Se é um sujeito que joga raios pelas mãos e tem cara de alguém que vai te matar, então é ele mesmo.

– É! – completou Groulf. – O cara era um grosso!

– Isso não é bom... – disse a moça, parecendo se esquecer de que estava falando com alguém. – Preciso falar com meu pai sobre isso. Seu amigo terá que ficar aqui por alguns dias, até que possa ir pra casa. Ele não

vai acordar por hora, mas podem vir visitá-lo quando quiserem.

E a moça se afastou, deixando os aventureiros sozinhos no pátio da igreja. Ela era bem alta e tinha ombros e quadris largos. Os cabelos ruivos estavam presos numa trança bem feita que chegava à cintura e serpenteava como um chicote enquanto ela andava. Caminhava como um soldado que ia comunicar uma mensagem importantíssima ao seu capitão.

Lá dentro, visitaram o amigo ainda desacordado, aliviados por não tê-lo perdido. A ideia de um perigo real em suas aventuras nunca fora tão concreta.

– Precisamos ser mais cuidadosos... – disse Romano, verbalizando a sensação de vulnerabilidade que os assolava.

Então ele se preparou para sair.

– Encontro vocês depois.

– Aonde você vai? – perguntou Groulf.

Romano se virou para elas com um sorriso cansado.

– Avisar que não poderemos fazer a escolta até Petite Rivière.

Foi quando Vanna percebeu que não era só um sorriso cansado, mas um sorriso derrotado. Com Dirk no hospital, claro que não poderiam pegar trabalho nenhum fora da cidade nos próximos dias. Vanna tinha evitado pensar sobre isso esperando algo acontecer, mas agora a realidade começava a jogar suas sombras sobre eles. As coisas não estavam indo bem.

O dia já estava no fim e em poucas horas estavam os três reunidos novamente no celeiro. Vanna alimentava com Groulf os pintinhos na caixa.

– Ainda bem que Dirk ficou no hospital. Menos um pra dormir mal! – disse Vanna, que apesar de ter vindo de uma fazenda, estava acostumada com uma cama.

– Esse Noicent quase matou o Dirk! – reclamou Groulf. – Nós devíamos voltar lá e dar uma lição nele!

– Ah, podemos fazer isso amanhã! – respondeu Romano. – Ele só levou uns três segundos para derrubar metade de nós, com uns seis segundos ele termina o serviço e estaremos livres antes do almoço!

– Pois saiba que ele só me pegou dessa vez porque ele roubou! Ele não esperou eu preparar meu feitiço, aquele ladrão! – defendeu-se Groulf. – Da próxima vez, vocês o distraem enquanto eu preparo meu feitiço, e aí, sim nós vamos ver quem é que joga raio em quem!

– Você joga raios? – perguntou Vanna.

– Bem... Não. Mas eu sei fazer outras coisas!

– Boa noite, Groulf! – Romano oficialmente desistiu e virou para o

lado em seu monte de feno.

O silêncio os cobriu como a noite cobriu a cidade. Estavam exaustos e aquele tinha sido um dia horroroso que queriam muito que acabasse. Quando já estavam se erguendo acima da realidade, flutuando para os sonhos, naquele período gostoso quando trocamos de mundo, ouviram a voz de Vanna, longe, muito longe.

– Quem será esse Algol?...

Na manhã seguinte, os três amigos foram ao templo visitar Dirk e ficaram felizes em encontrá-lo acordado. Estava usando uma espécie de camisola de tecido cru e parecia bem, embora não conseguisse ainda se levantar e o ar lhe faltasse se falasse demais. Ariadne, a jovem noviça que ajudara em sua cura, trouxe suas roupas e pertences e entregou a Romano. Quando ele pegou, algo caiu no chão. Groulf viu algo brilhando e pegou num movimento rápido.

– Nossa!!! Que lindo! – os olhos dela brilharam ao ver uma gema verde.

– Achei no castelo... – lembrou Dirk. – Acho que ficou na minha mão quando ele resolveu me matar...

Groulf colocou a pedra contra a luz.

– Gente! – disse ela empolgada – Isso deve ser uma esmeralda! Eu nunca vi uma, ainda mais desse tamanho, mas tenho certeza de que é da mesma cor! Posso ficar com ela?

– Ficou maluca? – exclamou Romano, pegando a pedra de sua mão para ele mesmo verificar. – Se isso valer mesmo alguma coisa, vamos vender e dividir o dinheiro!

– Mas é tão bonita!... – lamentou Groulf, que tinha uma queda quase incontrolável por coisas brilhantes.

Dirk precisava descansar e eles o deixaram pouco depois. Agora, tinham ao menos a esperança daquela pedra valer alguma coisa e finalmente terem algum dinheiro. Foram a um joalheiro da cidade. Ele examinou, examinou, olhou contra a luz e finalmente chegou à conclusão de que era um simples cristal colorido.

– Não é uma esmeralda? – perguntou Groulf.

– Não.

– Bom, mas é uma pedra muito bonita! – tentou Romano, dando seu melhor sorriso. – Quanto daria por ela?

O homem os olhou com seus estranhos óculos que faziam seus olhos

parecerem enormes.

– Sinceramente, meu jovem, eu não daria um tostão. Cristais como esse não são usados em jóias decentes.

E assim, saíram desapontados, e ainda pobres, de dentro da loja. Chegaram a perguntar se algum joalheiro na cidade fazia jóias indecentes, pois ele poderia se interessar, mas o homem lhes desejou boa tarde e pediu-lhes para sair.

– Puxa... – lamentou Vanna. – Já estava sonhando com o almoço...

– Eu também... – Romano estava realmente triste.

– Então agora eu posso ficar com ela, não posso? – Groulf não se importava com o fato da pedra não ter valor. O importante é que brilhava.

– Não, foi Dirk quem achou, ele deve decidir o que fazer com ela. Devolveremos pra ele quando o visitarmos.

Naquela noite, no celeiro, tinham um assunto sério a tratar. O dinheiro estava no fim. Basicamente, só tinham alguns trocados para um parco café da manhã e nada mais. Mas podiam conseguir comida em qualquer lugar, essa não era de fato sua maior preocupação. O fato é que Dirk, em alguns dias, teria que sair dos cuidados dos sacerdotes e precisaria de um lugar para se recuperar. Precisavam de dinheiro e precisavam rápido.

– Eu dei uma olhada por aí e não há muito trabalho para pessoas como nós no momento – disse Romano.

– Vamos morrer de fome!!!! – gritou Groulf.

Diante do olhar dos outros, Groulf se recompôs.

– Desculpe... – pediu a elfa, abaixando a cabeça envergonhada.

– E se voltássemos às ruínas?

Eles olharam para Vanna como se ela os tivesse chamado para ir até a Lua.

– Ficou maluca? Quer morrer? – falou Romano. – Noicent está rondando por lá que nem assombração!

– Talvez não! Talvez ele só tenha voltado porque esqueceu a escova de dentes! Talvez ele já tenha ido embora!

Romano e Groulf se entreolharam. Uma galinha cacarejou, reclamando do barulho em seu celeiro.

– Está bem – concordou Romano finalmente. – Mas dessa vez, teremos mais cuidado...

Capítulo 8

Sabedoria e insensatez

Decididos a conseguir o dinheiro do almoço, Vanna, Romano e Groulf partiram para o castelo em ruínas de Noicent pela primeira vez desde que este os botara para correr. Dessa vez, porém, tinham um pouco mais de informação. Romano compartilhou com elas o que ele e Dirk haviam descoberto há algumas semanas sobre a história do castelo e de seu dono, o mago Noicent Von Barh.

As histórias, como toda história que passa de boca em boca, eram meio desconstruídas, mas no geral, todas as versões concordavam ao menos numa coisa: Noicent era carne de pescoço. Poderoso e meio louco, aceitava qualquer trabalho, desde que o preço fosse bom. Se você acha que um mercenário armado já é perigoso, imagine um mago mercenário. Porém, o que o tornava realmente sinistro era a sua falta de escrúpulos. Ele aceitava qualquer trabalho – QUALQUER trabalho mesmo – pelo preço certo e, por isso, todos aqueles que tinham causas de intenções duvidosas (e muito dinheiro no bolso) iam bater à sua porta. Seus poderes já fizeram jovens donzelas se apaixonarem perdidamente por homens que as abandonaram assim que conseguiram o que queriam. Sua magia já desfizera casamentos felizes, matara primogênitos e mandara inocentes para a cadeia ou forca. E esses são os casos mais comuns. Ainda havia os extraordinários.

O Patriarca Christopher de Adamay era, como você já sabe, um homem de fé. Magos não são. Christopher também era um homem de escrúpulos. Noicent não era. Não foi surpresa nenhuma quando o Patriarca expulsou o mago de sua cidade assim que este começou a perturbar a paz e a ordem com suas magias de baixo calão. O problema é que Noicent tinha muitos amigos influentes. Alguns deles acabaram por pressionar o Patriarca, que não permitiu que o mago voltasse à Leemyar, mas não pôde impedir que ele se fixasse nos limites da cidade, numa floresta afastada.

Quanto ao castelo, ele já estava lá. Pertencia a uma rica família de nobres que deixara a cidade misteriosamente quando Noicent chegou. O Patriarca tentava manter o olho no mago, mas havia outros problemas na

cidade que requeriam sua atenção. Além do mais, Noicent se manteve longe e incrivelmente discreto durante um bom tempo. Até que...

Noicent podia ter fortes aliados, mas também fazia más escolhas de sócios de vez em quando (e quem não faz?). Dizem as más línguas que ele se associara recentemente a um sacerdote negro, o que é um nome mais polido para necromante, um tipo de sacerdote muito mal quisto em praticamente qualquer uma das inúmeras religiões de Celtária. Ninguém sabe o que levou Noicent a essa estranha parceria, mas provavelmente o motivo era o mesmo de sempre: dinheiro. Muito dinheiro. Diziam que Noicent tinha fixação em ter dinheiro. Não em gastar, mas simplesmente em ter. Daí as lendas de tesouros escondidos em seu castelo que atraía grupos de aventureiros eventuais para tentar a sorte em suas ruínas repletas de armadilhas. Ninguém parou para pensar que alguém tão apegado ao seu ouro não o deixaria para trás.

O fato é que, em algum momento, a sociedade deu errado. Muito errado. Mago e sacerdote brigaram feio numa batalha de magia que destruiu parte do castelo e fez Noicent se retirar. Ninguém sabe o que aconteceu ao sacerdote, ou quem era ele. Mas sabem que, se conseguiu botar Noicent para correr, devia ser muito poderoso.

Os três amigos chegaram às portas do castelo e desceram de seus cavalos, enquanto Romano dava as instruções às quais nenhuma das duas prestava atenção.

– Não vamos cometer o mesmo erro de antes! Não vamos nos separar e agiremos com cautela.

Romano pegava sua mochila na sela enquanto falava e quando se virou, percebeu que estava falando sozinho. Vanna e Groulf já estavam às portas do castelo e ele não conseguiu chegar a tempo de impedir Vanna de fazer o que sempre fazia: meter o pé na porta.

– Por quê?! Por que você faz isso?! Não vê que anuncia pra todo mundo que estamos aqui?!

– Mas a sensação é tão legal!... – justificou a guerreira de fartos cabelos cacheados com um sorriso de prazer. – E você precisa pensar numa coisa! Se alguma coisa tiver que nos atacar, melhor nos atacar logo enquanto estamos no começo do dia, frescos e descansados, com os reflexos afiados!

Entraram enquanto a moça explicava suas estranhas teorias sobre enfrentar os inimigos de frente e seguiram os caminhos já conhecidos. O castelo era grande e sabiam que o único lugar ainda não pisado por eles estava na ala sul. Groulf se esgueirava pelas paredes, preocupada enquanto

Vanna e Romano seguiam na frente.

– Não sei como você está viva, Vanna, sendo descuidada desse jeito!

– Eu tenho sorte! – respondeu ela.

– Porque Deus protege as criancinhas e os idiotas! – disse Groulf.

– Já pararam pra pensar que não sou eu que sou descuidada, vocês é que são cuidadosos demais?

– Você é que não presta atenção em nada! – retrucou Groulf. – Por exemplo, desde que entramos, tem uma mancha negra nos seguindo e você nem notou!

Vanna e Romano pararam sem muito alarde e olharam para a elfa logo atrás deles. A mancha negra tremulava ao lado dela.

– É a sua sombra, Groulf... – respondeu Romano, desanimado.

A elfa ficou olhando para a própria sombra desconfiada. Fez alguns movimentos para se certificar, mas não pareceu muito convencida.

– É o que ela quer que pensemos... – disse por fim.

Corredores escuros e a escada de degraus tortos os levaram à sala onde foram surpreendidos pelo mago.

– Tomem cuidado! Pode haver armadilhas aqui!... – disse Romano, de espada em punho.

Seus corações estavam acelerados, a adrenalina esperando encontrar novamente o inimigo. No entanto, nada aconteceu e, poucos minutos depois, confirmaram as suspeitas. O lugar estava vazio.

– Por que será que Noicent estava aqui? – perguntou Groulf. – Quer dizer, ele já não aparecia há algum tempo, pelo que soubemos...

– Talvez Vanna tenha razão... – respondeu Romano, sem tirar a atenção do caminho iluminado pelo archote que levava. – Talvez ele tenha esquecido a escova de dentes...

– Ou algo mais valioso... – concluiu Groulf.

A ideia de encontrar algo muito valioso era gostosa como uma cama quentinha. No entanto, já tinham percorrido mais da metade do castelo sem encontrar nada além da espada e do cálice.

– Talvez ele só estivesse com saudades de casa... – murmurou Romano, entrando num novo aposento.

O archote erguido iluminou a sala. Havia móveis de madeira escura virados e quebrados, como se tivessem presenciado uma grande luta. Cortinas vermelhas e puídas balançavam fantasmagoricamente em uma parede. Um lustre escuro de metal retorcido se perdia na escuridão do teto. Romano achou novos archotes e acendeu-os, iluminando o restante do lugar.

– Nossa! O que será que aconteceu aqui? – perguntou Vanna, vendo uma mesa de madeira maciça partida ao meio com estilhaços para toda a parte.

– Essa sociedade acabou mal mesmo, hein? – comentou Romano.

Espalharam-se pela sala e começaram a procurar algo de valor. Groulf tentou as gavetas, mas só encontrou papéis, cartas e coisas que ela não entendia e não pareciam ter valor nenhum. Romano estava perto dela, procurando algo dentro de um grande armário que ainda estava de pé. Vanna caminhou pela sala, olhando em volta, até perceber que um pedaço da cortina vermelha parecia se mover suavemente. Ela observou com curiosidade, até afastar gentilmente o tecido e perceber uma brisa vinda da fenda entre as pedras da parede.

– Olha! Acho que encontrei alguma coisa! – disse Romano, com o braço todo enfiado numa prateleira mais alta do armário do outro lado da sala. – Mas acho que está meio preso!...

Ele forçou e alguma coisa fez “clang”. A parede que Vanna observava se moveu, fazendo correr a brisa livremente vinda de um corredor escuro como breu. Imediatamente, todos eles puxaram suas espadas e se colocaram em guarda. Vanna encostou-se de um lado da parede, perto da cortina, enquanto os outros se colocaram na parede oposta, de forma que pudessem surpreender qualquer coisa que saísse daquele buraco.

A parede terminou de se mover, parando o ranger estranho de pedras e fazendo tudo ficar novamente em silêncio. Tinham certeza de que era uma armadilha e que alguma coisa muito ruim sairia dali de dentro. Por isso, enquanto a adrenalina fazia seus corações baterem muito rápido, eles esperaram.

Alguns minutos se passaram e nada saiu da passagem escura. O silêncio, no entanto, não era mais total. Havia sons de tilintar, coisas de metal fino caindo e uma voz rouca que já tinham ouvido antes reclamando ao longe e com um pouco de eco.

– Onde está?!... Que inferno, eu deveria ser mais organizado!... Mas eu vou encontrar, eu sei que está por aqui!... Aquele imbecil do Algol pensa que eu vou ficar esperando sem fazer nada!... Pois ele vai ter uma surpresa quando vier atrás de mim... Cadê? Onde está essa porcaria?!...

Um grunhido de frustração e um som de tilintar sugeriram que Noicent tinha chutado uma pilha de moedas. Somente então, a idéia assaltou a todos ao mesmo tempo. Noicent tinha de fato uma sala de tesouro e eles estavam a apenas alguns passos dela. Trocaram olhares

surpresos com a descoberta e Vanna, com um sorriso, se preparou para entrar na passagem. Ela parou quando viu Romano e Groulf fazerem sinais histéricos para que ela não entrasse. A guerreira parou confusa. A elfa e o guerreiro fizeram sinais para que ela se afastasse e não fizesse nada. Com um movimento de mãos, Vanna perguntou por que, mas a resposta foi mais um monte de sinais que ela interpretou como pescoço cortado, estrangulamento, cair de um precipício, explodir a Lua e comer a sopa de jiló de sua avó.

Vanna estalou a língua mostrando seu desagrado. Romano foi até o armário e moveu novamente a alavanca oculta, fazendo a porta secreta se fechar novamente. Então, apagaram os archotes e saíram correndo do castelo. Pegaram os cavalos e correram para longe, até pararem na floresta mais a frente e recuperarem o fôlego.

Desceram dos cavalos, como se isso os ajudasse a pensar melhor. Vanna queria saber por que não tinham entrado. Groulf e Romano se entreolharam perplexos.

– Você é maluca?! – gritou Romano. – Você queria entrar numa sala sem saída com um mago que pode nos explodir só piscando um olho?

– Se chegássemos rápido, ele não teria tempo para piscar! – retrucou Vanna.

– Vanna, você é suicida! – gritou Groulf. – Romano tem razão, não podemos enfrentar esse cara só com nossa coragem!

– Deixe se ser covarde, Groulf! – disse Vanna.

– Covarde?! Eu?! – ofendeu-se a elfa. – Não sou covarde!

– É covarde, sim!

– Você está é com inveja por não ser inteligente o bastante para ser covarde!

E quando a discussão entre os três já ia esquentar, homens saltaram inesperadamente das árvores em volta, armados com espadas e bestas.

– Muito bem, amigos! – disse um deles, um ruivo acima do peso de rabo de cavalo e um dente de ouro que se destacava na cara barbuda. – Isso é um assalto! Esvaziem os bolsos e talvez deixemos vocês irem embora inteiros! E vamos levar os cavalos também!

Eram dez homens armados e, pela confiança, pareciam já fazer isso há muito tempo. Vanna, Romano e Groulf trocaram olhares. Estavam frustrados e zangados. Era um bom momento para bater em alguém.

Os três puxaram suas espadas ao mesmo tempo e partiram para cima dos homens, que ficaram muito surpresos com a reação. Vanna, Romano e Groulf não sabiam, mas tinham sido vistos por três desses

homens no primeiro dia na cidade, quando foram expulsos da taberna. Os ladrões atacaram e se defenderam, mas ficaram nitidamente confusos com os golpes da morena cabeluda. Eram rápidos, mas fora do comum, o que os tornava inesperados. A elfa era ágil e fazia os homens parecerem dez vezes mais pesados. E o rapaz de cabelos negros e olhos azuis era, de fato, melhor do que se podia esperar. Nada disso condizia com o que três homens do bando tinham visto na taberna. Talvez tivessem andado treinando...

Apesar da diferença numérica, os três jovens rapidamente derrubaram os saqueadores, até só restar o líder, que não ia se render para apodrecer na prisão de Leemyar. Tentou fugir, mas três setas brilhantes feitas de energia o atingiram em cheio, jogando-o ao chão. Groulf correu e, num salto, sentou em cima de sua presa, satisfeita em ter vencido ao menos dessa vez.

Quando nossos três heróis chegaram à cidade, tinham amarrados aos seus cavalos uma fila de ladrões de mãos atadas. Seguiram direto para a prisão da cidade, onde um guarda uniformizado veio recebê-los.

– Essa gente tentou nos assaltar! – disse Vanna, entregando os criminosos.

– Vocês pegaram o Bando Vermelho?! – perguntou espantado o rapaz.

– É esse o nome deles? – disse Romano. – Que seja. Pegamos. Façam bom proveito.

Eles se viraram para voltar aos seus cavalos, já sentindo a pontada da fome do meio da tarde sem almoço, pensando em ir visitar Dirk na igreja para ver se rolava um sopão de caridade, quando o rapaz perguntou:

– Vocês não vão querer a recompensa?

É bom ganhar de vez em quando. A recompensa era polpuda e chegava na hora certa. Ainda no celeiro onde estavam suas coisas, dividiram, não por três, mas por quatro, pois acharam que o amigo no hospital merecia sua parte. Pagaram algumas boas moedas ao homem que lhes cedera o celeiro e se mudaram de volta para a pensão da Taberna Incandescente, mas dessa vez, pediram os melhores quartos.

Naquela tarde, visitaram Dirk e lhe deram a boa notícia.

– Tome! – disse Vanna, estendendo-lhe um saco do tamanho de uma mão aberta. – É a sua parte.

O rapaz pegou o saco e abriu, deparando-se com moedas de ouro. Fazia tanto tempo que não via nenhuma que demorou a identificar. Então,

tentou devolver.

– Eu não posso aceitar...

– Claro que pode! – disse Groulf. – A menos que tenha feito voto de pobreza. Nesse caso, eu posso ficar com a sua parte como um ato de caridade.

Os amigos insistiram e Dirk aceitou, comovido, sua primeira recompensa.

– Ah! Eu tinha esquecido! – Romano tirou do bolso a pedra brilhante verde e jogou-a para o amigo. – Tome! É sua.

– Mas vocês não venderam?

– Infelizmente, ela não vale nada – respondeu Groulf. – Mas é uma pedra muito bonita! Mulheres adoram pedras bonitas! Você pode dar pra alguém de presente!

Dirk olhou frustrado para a pedra. Como algo tão belo podia não ter valor nenhum? Não parecia fazer sentido, mas acreditou nos amigos.

– Tem razão, Groulf... – disse finalmente, conformando-se de sua pedra valer menos que um punhado de areia no deserto.

Groulf sorriu, animada, e esperou que Dirk lhe desse o presente que tanto esperava.

– Tome, Vanna! – disse ele, estendendo a pedra para a guerreira ao lado de sua cama. – Faça uma coisa bonita pra você.

E Groulf deixou o queixo cair, arregalou os olhos, pensou em protestar, mas não saiu nada além de gaguejos. Vanna, por outro lado, pegou a pedra com um enorme sorriso de surpresa e olhos brilhando. Finalmente, Dirk a notara!

Na verdade, Dirk simplesmente não via Groulf como uma mulher que usasse uma jóia, ainda mais uma bijuteria, e por isso nem cogitou em dar a pedra pra ela. Já Vanna parecia se distrair com qualquer coisa na feirinha de sábado à noite e adorava usar uns penduricalhos. Assim, foi uma decisão completamente inocente e livre de segundas intenções.

Depois que saíram do templo, Vanna continuava namorando sua pedra verde, enquanto Groulf andava ao seu lado, verde de inveja.

– Isso não é justo! Eu queria essa pedra!

– O mundo não é justo, Groulf – filosofou Romano.

– Ele me deu um presente! – disse Vanna, ainda nas nuvens. – Que lindo!

Groulf resmungou algo incompreensível e eles seguiram pela rua principal da cidade, que parecia especialmente mais colorida e interessante hoje (porque o mundo parece sempre mais colorido e bem-humorado

quando se tem um dinheiro ganho com mérito).

Devemos lembrar que nossos quatro heróis não vinham de famílias ricas. Quando saíram de casa para uma vida de aventuras, não tinham posses, nem muito dinheiro. Tudo sempre foi minguado, difícil e calculado com toda a economia. Essa era a primeira vez que tinham dinheiro de verdade e, depois de semanas de penúria, dormindo no feno, comendo nos lugares mais baratos, usando as mesmas roupas, eles podiam finalmente curtir um pouco esses momentos acima da linha da pobreza.

Poucos dias depois, Dirk se preparava para deixar o templo. Isabelle se aproximou dele com um sorriso gentil. Ela era uma bela moça de cabelos lisos e longos que variavam de um castanho mel a um brilho afogueado, dependendo se quem o iluminava era o sol ou a lua. Seus olhos eram castanhos e grandes e suas sobrancelhas eram arqueadas. Os lábios grossos tinham cor de carne e ela sempre transmitia uma sensação de paz quando eles se desenhavam num sorriso.

– Não sei como agradecer, Isabelle – disse ele.

– Não se preocupe – respondeu ela. – É o nosso trabalho. Mas, gostaríamos de vê-lo mais por aqui, Dirk. Sempre precisamos de homens de fé.

– Eu virei mais vezes – prometeu ele.

Quando já estava saindo, a moça o chamou de volta. Ele se virou e ela caminhou até ele com uma expressão preocupada.

– Meu pai e eu estamos um pouco preocupados com Noicent... No passado, já tivemos problemas com ele. Se você souber de alguma coisa, agradeceria muito se viesse nos contar.

Ele concordou com a cabeça e um olhar honesto e deixou a igreja que o abrigara na última semana. Viu os amigos chegarem para escoltá-lo ao seu novo lar, a pensão. Dirk dividia um quarto de bom tamanho com Romano, enquanto no quarto em frente, Vanna e Groulf pulavam em suas camas como crianças, encantadas com a maciez.

As meninas entraram no quarto e deram as boas-vindas ao amigo. E esta foi a hora em que Romano fechou a porta, pois iam falar de algo secreto.

– Uma sala do tesouro??!

– Sshhhh!!! Quer que todo mundo ouça?! – sussurrou Groulf.

Dirk não podia acreditar. Quer dizer que a mítica sala do tesouro

realmente existia?

– Vocês têm certeza? – insistiu ele. – Quer dizer, vocês viram?

– Bem... Ver, ver, a gente não viu... Mas a gente ouviu! – respondeu Vanna.

– Só podia ser uma sala do tesouro! – completou Romano. – Era o som de moedas e objetos finos e o mago procurava algo de valor que deveria estar ali!

– Mas isso não faz sentido! – Dirk estava com dificuldades para aceitar. E não era só o fato da única vez em que ele não fora, os amigos terem achado uma sala do tesouro, mas também a ideia de haver algo tão valioso num lugar abandonado.

– Por que Noicent deixaria seu tesouro pra trás? – perguntou o loiro.

Os outros pensaram no assunto, até que Vanna respondeu.

– E como é que ele ia levar?

Todos olharam para ela, esperando o resto da explicação.

– Se é uma sala cheia de ouro, como é que ele ia carregar aquilo, ainda mais fugindo do tal sócio maluco? Ele escondeu e provavelmente ficará voltando para levar aos poucos.

– Detesto admitir isso... – Romano respirou profundamente. – Mas ela tem razão.

– Então, quando é que vamos lá de novo? – Groulf esfregou as mãos de ansiedade. Podia apostar que nesse tesouro haveria muitas pedras que brilham.

– Melhor nos prepararmos bem antes... – respondeu Dirk. – Se é mesmo uma sala do tesouro, as armadilhas em volta dela serão mortais.

Capítulo 9

A cobra vai fumar

Precisaram esperar mais duas semanas para que Dirk se recuperasse. Enquanto isso, treinaram. Groulf estudava seu livro de magia com atenção, tentando aprender alguma coisa nova, mas sabia que precisaria de mais tempo para isso. Prepararam-se devidamente, comprando melhores espadas, querosene, garrafas, provisões, arco e flechas.

Com a elfa concentrada em aprender magia e o noviço ainda convalescendo na cama, restou a Vanna e Romano treinarem um com o outro. Iam para as colinas que cercavam Leemyar, verdes e movimentadas pelo vento constante. De todos, Romano parecia ser quem mais tinha experiência no manejo com uma espada. Vanna poderia aprender algo com ele, se não fosse tão intratável.

O rapaz, por sua vez, gostava de brincar com ela e, de vez em quando, era exatamente o que fazia. Por muitas vezes, deixou claro que enquanto ela estava dando tudo de si, ele estava apenas brincando, e, quando ela terminava ofegante e desarmada, ele estava simplesmente sorrindo.

Quando ele a jogou no chão pela décima quinta vez e a segurou contra a relva, seus olhos trocaram faíscas e eles tiveram certeza de que se odiavam mutuamente.

– Olha só, se você deixar de ser teimosa, posso lhe ensinar uma coisa ou duas.

Vanna pensou em meia dúzia de coisas pra responder, todas impúblicáveis, até que bufou e concordou em ser mais receptiva.

Romano saiu de cima dela e lhe estendeu a mão para que ela se levantasse. Ela aceitou, embora ainda tivesse muita vontade de lhe dar um belo chute. Ele se afastou e pegou a espada dela no chão. Jogou-lhe a arma e ela a pegou no ar com facilidade. Então ele pegou a mochila que estava no chão e a jogou para ela, que pegou, sem entender, com a outra mão. Ele pegou a própria espada e jogou-a para ela, que, para segurá-la – era uma espada enorme, pelo menos duas vezes maior e mais pesada que a sua –

largou a própria espada e a mochila.

– Lição número 1: nunca largue sua espada! – disse ele. – Não importa se vão jogar para você uma ninhada de gatinhos ou um saco de ouro, não largue sua espada de jeito nenhum!

– Mas eu estou com uma espada nas mãos agora! – disse ela, empunhando a pesada espada dele.

Romano cruzou os braços.

– É? Então porque não tenta me atacar com ela?

Mesmo ele estando desarmado, Vanna não pensou duas vezes e girou a espada no ar para atacá-lo. A espada a tirou do prumo e ela acertou no chão a quase meio metro dele, que nem se mexeu. Ela tentou de novo, achando que tinha sido o vento, e ele apenas girou e pegou-a por trás, imobilizando-a. Presa num abraço não desejado, a guerreira ouviu a voz dele em seu ouvido.

– Esqueça as outras espadas. Nunca largue a SUA.

Quando Dirk se sentiu pronto para ir, eles se prepararam para sair bem cedo pela manhã. Antes de partirem, Dirk disse que precisava passar no Templo. Não disse aos amigos o que ia fazer. Prometera dar notícias a Isabelle e foi o que fez. Avisou à sacerdotisa que estavam indo para o castelo de Noicent.

– Você tem certeza de que devem ir? – perguntou ela.

Dirk a olhou confuso, sem compreender muito bem o que ela queria dizer.

– Ele quase o matou e você vai voltar lá? O dinheiro vale tanto a pena assim? – disse ela.

Os olhos dela eram grandes e por vezes mudavam de cor, adquirindo um tom avermelhado com o sol. Sardas pontuavam suas bochechas e nariz como estrelas e Dirk percebeu que sua preocupação era genuína.

– Estávamos despreparados da outra vez. Dessa vez, será diferente – disse ele, um tanto constrangido, pois não esperava que ela se preocupasse com apenas um dos muitos aventureiros que chegavam aos seus cuidados no templo.

Ela sorriu, conformada. Sabia que não podia evitar que as pessoas fizessem suas escolhas, mesmo as escolhas ruins. Então, pediu-lhe para ter cuidado e voltou para suas atividades.

Quando Dirk voltou, estava cabisbaixo e pensativo. Subiu em seu cavalo e não disse nada.

- Algum problema? – perguntou Romano.
- Não sei se devemos ir...
- Tem certeza de que rezou direito, Dirk? – perguntou Vanna. – Achei que rezar aumentava a sua fé, ao invés de diminuí-la.
- Só estou dizendo que não sei se estamos prontos! Podemos levar outra surra!
- Ou podemos voltar cheios de dinheiro! – disse Groulf.
- É muito arriscado.
- Dirk, sabe o que não é arriscado? – disse Vanna, aproximando-se com seu cavalo preto. – Ficar em casa. E sabe o que a gente ganha com isso? Nadinha de nada. Da outra vez, estávamos distraídos. Agora, estamos preparados! Vamos conseguir!

Dirk riu, percebendo que a morena maluca tinha o mesmo argumento que ele usara com Isabelle. O que isso dizia sobre ele?

Ainda hesitante, ele concordou. No caminho, a empolgação dos amigos acabou por afastar a sombra da dúvida de sua cabeça. Quando chegaram ao castelo, com suas paredes incertas e seu ar sinistro, a sombra voltou.

Entraram, sem prestar muita atenção no grande salão depois da porta de madeira arrebentada. Já tinham passado por ali antes e sabiam que não havia armadilhas.

- Viu, Dirk? – disse Vanna, animada. – Até agora, tudo bem!

E nesse exato instante ela pisou em uma pedra no chão que se moveu. Um som de algo mecânico foi ouvido abaixo deles. Houve um segundo de tensão e um pó subiu pelas frestas até o rosto deles. Sem pensar muito, correram pelo corredor a sua frente, tossindo e cobrindo os rostos. Pararam um pouco adiante, já longe da ante-sala.

- Como isso foi acontecer?! – perguntou Romano, ainda tirando o pó do rosto. – Nós verificamos aquela sala e sempre passamos por ela sem problemas!

- O que será isso? Será que vai nos matar? – Groulf dava tapas em sua própria roupa, tentando se livrar do pó. – Isso é veneno, eu sei que é! Vamos todos morrer!

- Sossegue, Groulf! Estamos vivos. Só precisamos seguir em frente – disse Vanna, acendendo uma tocha e seguindo pelo corredor.

Quando percebeu que não estava sendo seguida, olhou para trás e iluminou os três amigos, que continuavam parados.

- O que estão fazendo parados aí? Vamos embora! Não temos o dia todo!

– Não sei se devemos prosseguir – disse Dirk.

– Acho que devemos analisar melhor a situação – respondeu Romano.

– Eu estou com medo! – tremeu Groulf. – E se isso for pó de mico? Eu já estou me coçando!

Vanna sacudiu a tocha nervosamente, batendo os pés e agitando o braço livre.

– Não podemos é ficar parados aqui! Estamos perdendo tempo! Temos que ir em frente agora! Vamos logo, seus manés! Mexam-se! Mexam-se! Mexam-se!

Hesitantes, os três começaram a caminhar atrás da guerreira que falava muito rápido. O corredor escuro continuava até um pequeno átrio e vários caminhos entre suas colunas cobertas com hera.

– Vanna, pode ir mais devagar? – pediu Groulf com voz irritada. – Estou com medo de pisar em alguma armadilha!

– Qual caminho devemos escolher? – Dirk olhava em volta, angustiado. – São tantos caminhos! Tantas opções!

– Ah, sei lá! – disse Vanna, impaciente. – Vamos pegar qualquer um!

– De jeito nenhum! – interferiu Romano. – Isso requer um longo e detalhado planejamento. Tem que ver...

– Tem que ver o caramba! Vamos pra direita e pronto!

Vanna tentou ir, mas Romano puxou sua capa.

– Você não vai sem antes planejarmos melhor!

– Me larga! Estamos perdendo tempo! Temos que chegar logo!

– Chegar aonde? – perguntou Groulf.

Vanna pareceu confusa. Piscou várias vezes. Então, irritou-se de novo.

– Não interessa! Só temos que continuar nos movendo! Precisamos fazer alguma coisa! Não podemos ficar aqui parados!

– Mas não sei pra onde devemos nos mover! – disse Dirk com uma expressão dolorosa de quem realmente não sabe pra onde ir.

– Se nos movermos, podemos nos machucar! – Groulf olhava em volta como se procurasse ameaças.

– Não podemos nos mover sem planejarmos antes! – gritou Romano.

– Pois eu vou assim mesmo! – gritou Vanna, virando-lhe as costas.

– Não vai não!

E Romano puxou-a pela capa bruscamente, jogando-a contra uma armadura sem cabeça que estava recostada numa coluna, parte de uma decoração do passado. Vanna levantou-se com os olhos brilhando de ódio e

o corpo trêmulo pela adrenalina. Pegou um pedaço do peitoril da armadura e jogou-o contra Romano. Este saiu da frente com um simples passo e a armadura acertou o rosto de uma distraída Groulf que ainda procurava algo invisível a sua volta. A elfa atingida saiu correndo com as mãos no rosto.

– Meu nariz! Meu nariz! As armaduras estão atacando! E elas voam! Corram! Salvem suas vidas!

Dirk sapateou no mesmo lugar.

– Correr pra onde? Correr pra onde?

Vanna e Romano estavam se atracando, trocando pancadas com pedaços de armadura. Ele pegara um pedaço de braço de metal no chão e Vanna atacava-o com uma perna enferrujada. Sons de metal se chocando ecoavam pelo pátio, enquanto Groulf ainda corria histericamente, gritando com as teias de aranha que se colavam em seu rosto e com as heras que faziam seus pés tropeçarem.

– *Ipsa Facto Ab Integro!*

Imediatamente, Groulf parou de correr gritando que as aranhas voadoras estavam jogando teias amaldiçoadas nela. Dirk parou de sapatear no mesmo lugar, percebendo o que achou que já devia ter percebido. Romano e Vanna ainda trocaram algumas pancadas até pararem, olhando confusos – mas ainda irritados – um para o outro.

– O pó era um feitiço? – perguntou Groulf, sentindo um súbito alívio de não ter mais medo do que o normal.

– Era – respondeu uma voz feminina vinda de trás deles.

Olharam então para as duas pessoas que os observavam. Uma mulher que já conheciam estava acompanhada de um jovem alto com uma longa túnica violeta.

– Isabelle?

Dirk enrubesceu, imaginando que a jovem filha do patriarca, a sacerdotisa que salvara sua vida, o tivesse visto agindo como um idiota. Surpreendentemente, ele não era o único a reconhecer alguém.

– Totn-Hoc? – Romano largou o braço de metal e se aproximou tentando reconhecer sob pouca luz um velho amigo.

– Romano?! – o jovem de túnica franziu o cenho, surpreso.

– O que é isso? – Vanna jogou a perna da armadura para o lado. – Uma festa surpresa?

– Bom... – disse Isabelle. – Pode não ser uma festa... Mas com certeza, é uma surpresa...

Isabelle vira algumas mortes na vida. Por mais que soubesse que a morte faz parte da vida num ciclo infundável, nunca conseguira se acostumar com as lágrimas da despedida. Certas marcas nunca deixam de nos acompanhar. No entanto, passara a compreender melhor os que partiam de uma vida completa e deixavam um corpo velho e doente para trás, alcançando assim a liberdade que ela sabia existir além das prisões da carne. Sim, ela podia viver sabendo que havia uma limitação para seus dons de cura. O que ainda lhe causava dor era ver vidas abreviadas. Sim, as vidas abreviadas eram seu maior tormento.

Uma vez, chegou ao templo um rapazinho que não deveria ter mais do que 17 anos. Os amigos o trouxeram depois de uma tentativa de invadir o castelo de Noicent, que nesse tempo não era uma ruína, mas uma imponente construção de torres que pareciam tentar alcançar o céu. Ela lutou pela sua vida por três longos dias, até que chegou finalmente o momento de seu último suspiro, dado em seus braços, com um olhar de medo do desconhecido. O mesmo olhar que ela vira no rosto ferido de seu irmão, alguns anos antes.

Isabelle nunca esquecera aquele olhar. Sempre que um aventureiro chegava ferido, ela se esforçava para que não tivesse que ver uma vida abreviada à toa novamente, para que não tivesse que encarar um olhar de alguém que tinha tanto pra viver e ainda não estava pronto para morrer. Por isso ela parou de repente de acender as velas da grande roda divina no templo. Entregou o trabalho a um noviço e foi até a Taberna Incandescente, o lugar necessário para conseguir serviço rápido e barato. Esperava conseguir um guerreiro, mas conseguir algo melhor: um mago.

– O que está fazendo aqui?

A pergunta foi feita ao mesmo tempo por Dirk e Romano, cada qual para um dos dois que acabaram de chegar.

– Eu vim tentar impedi-los de cometer um erro fatal – disse a bela moça que trajava uma roupa diferente das vestes sacerdotais com que a conheceram. Tinha uma calça verde escura de couro com botas altas que pareciam negras com a pouca luz. Um longo colete de cota de anéis de metal protegia seu tórax até o meio das coxas e um cinturão de couro marrom lhe marcava a cintura fina. Os braços torneados estavam de fora e ela trajava luvas da cor das botas. Um manto com capuz também marrom escuro caía-lhe sobre os ombros, indo até a altura dos joelhos. No peito, um grande medalhão com uma égua vermelha cercada por ramos verdes indicava sua divindade de devoção, Aine.

– E eu vim porque ela me contratou – explicou o rapaz ao seu lado.

Romano encontrava um amigo de infância. Dirk encontrava a sacerdotisa que lhe dissera para ficar longe do castelo de Noicent. E tudo isso num lugar onde não se deveria encontrar ninguém.

– Vocês se conhecem? – perguntou Groulf.

Romano estendeu a mão para o jovem com um sorriso.

– Este é Totn-Hoc, um velho amigo da minha terra. Há anos não nos vemos!

– Desde que eu saí para estudar na capital! É um prazer revê-lo!

– Lembra-se de Dirk?

O jovem mago virou-se para o loiro que ainda parecia fixado na imagem da sacerdotisa. Cumprimentaram-se com menos entusiasmo, já que Dirk parecia ter acabado de sair de um transe e Totn realmente o conhecera muito pouco.

– Peraí! Ela sabe? – Groulf se voltou para Dirk com ar inquisidor. – Nós combinamos não contar pra ninguém sobre o tesouro!!!

– Que tesouro? – perguntou a moça e o mago em uníssono.

– Aquele que a Groulf não queria que vocês soubessem e por isso falou bem alto pra todo mundo ouvir – retrucou Romano.

– Bom, agora que todos já se apresentaram, que tal continuarmos a conversa lá fora, num lugar mais seguro? – convidou Isabelle.

– Como assim? – interrompeu Vanna. – Nós viemos para procurar uma coisa aqui!

Isabelle deu um suspiro impaciente e colocou as mãos na cintura.

– Vocês acabaram de cair numa armadilha. Teriam caído em outras se não tivéssemos chegado. Este lugar é perigoso demais! Aquele feitiço que os deixou agindo como idiotas há pouco devia ter outro propósito! Provavelmente, distraí-los de uma ameaça maior! Agora que o mago quebrou o efeito, vamos embora antes que a tal ameaça apareça!

– E como vamos saber se você só não está nos despistando para ficar com o tesouro? – perguntou Groulf, apertando os olhos verdes e esticando o pescoço para a moça.

– Nossa, Groulf! – disse Vanna. – Que grosseria! Da próxima vez que a gente precisar da igreja, ela vai cuspir na nossa sopa!

– Será que vocês não entendem? Noicent já sabe que vocês estão aqui! Ele já os viu. Ele refez todas as armadilhas e certamente nem todas são tão inofensivas como esta. Se há algo de valor aqui, vocês não encontrarão sem antes cair em algumas dezenas delas!

– Está sugerindo que vamos embora? – perguntou Vanna, cruzando os braços, ligeiramente indignada.

– Foi pra isso que vim! Já vi gente demais morrendo por burrice e ganância! Esse castelo é maldito, Noicent é um assassino e eu não quero mais limpar o sangue que ele deixa em seu caminho!

A voz de Isabelle ecoou pelo castelo vazio e um vento frio circulou entre eles. Dirk baixou a cabeça e fez menção de dizer alguma coisa, mas não foi sua voz que foi ouvida.

Um grito distante fez com que todos se entreolhassem.

Nike era inteligente para alguém que não teve nenhum tipo de educação. Analfabeto de pai e mãe, literalmente, Nike não tinha muitos amigos quando criança e, depois que uma praga assolou Adbertos, seu vilarejo, matando metade da população de 38 pessoas, ele decidiu que estava na hora de dizer adeus.

Em Leemyar, a cidade mais próxima de Adbertos, Nike finalmente fez amigos. Infelizmente, nenhum que prestasse. Sua falecida mãe costumava dizer para ter cuidado com as companhias, mas ela não estava mais por perto quando Nike acabou entrando para um bando de gatunos. Aprendeu a usar seus dedos leves e nunca foi, assim, um ladrão excepcional. Roubava uns trocados aqui e ali e, de vez em quando, tinha o azar de ser pego e jogado na cadeia de Leemyar. Nike estava cansado dessa vida. Não só cansado de não ter dinheiro e viver se escondendo, mas cansado de não ser reconhecido, de não ser respeitado pelos ladrões que bebiam nas tabernas pela madrugada adentro. Nike queria fazer diferença. Queria deixar sua marca. Nike queria que se lembrassem de seu nome.

Foram esses pensamentos que o levaram de volta ao castelo em ruínas, onde estava agora, correndo pela própria vida.

Com seu conhecimento especializado e, infelizmente, poucas vezes requisitado, Nike conseguira detectar e passar por diversas armadilhas, até finalmente chegar ao que ele achou que seria uma sala de tesouros. Vira os aventureiros recém-chegados saírem do lugar com uma espada e uma taça, sabia que o lugar deveria ter mais coisas. E tinha.

O som de sibilar era arrepiante e a escuridão que o envolvia deixava-o cego sobre a proximidade de seu predador. Com uma mão, segurava o peito, sentindo o coração bater cada vez mais rápido. Já não sentia as pernas e achou que seu peito ia explodir, pois não tinha mais fôlego. Tropeçou, caindo alguns metros à frente num lugar mais claro. Virou-se e arrastou-se de costas. Finalmente, percebeu-se num pátio em ruínas, cercado de musgo e hera, com colunas caídas e restos de

armaduras. Do corredor escuro de onde viera, a criatura surgiu.

Nike fechou os olhos, esperando a morte nas presas do monstro, que ergueu a cabeça com a enorme mandíbula escancarada. E então algo aconteceu. A criatura se contorceu subitamente, enquanto espadas afiadas se fincavam em seu corpo. Nike não levou muito tempo para reconhecer os aventureiros que acompanhara da primeira vez em que estivera no castelo. Alguém o ajudou a se levantar, puxando-o e tirando-o da área de combate.

– Você está bem? – perguntou Dirk, encostando Nike numa coluna.

Nike murmurou alguma coisa que nem ele mesmo entendeu.

– Ela é muito grande! Temos que fugir! – gritou Isabelle.

– Ela também é rápida! – respondeu Dirk, ao seu lado. – Vamos distraí-la enquanto você e o mago fogem!

A serpente tinha cerca de dois metros de diâmetro e era comprida o bastante para dar voltas atrás deles e não se saber onde exatamente ela terminava. Sacudindo-se, ela se livrou facilmente de Vanna e Romano, e então buscou por sua presa. Contorceu-se rapidamente e cercou Dirk, Nike e Isabelle. Abriu sua bocarra cujo veneno brilhava nas presas afiadas.

Bolas de luz vermelha surgiram, girando rapidamente em torno da cobra, distraíndo-a por alguns instantes. Foi o bastante para Dirk, Isabelle e Nike saírem dali e correrem para outro esconderijo. A serpente abocanhou uma das bolas, irritada, e então todas explodiram, numa reação em cadeia.

O efeito foi bonito, mas não fez muita diferença. De trás de uma pilastra de mármore ainda inteira, Totn-Hoc pensava em algo mais eficiente, enquanto a serpente voltava a traçar novos alvos. Romano tentou atacá-la, fazendo pouco estrago em seu corpo escamoso. Seu serpentear acabou por derrubá-lo, mas ele foi uma excelente distração para Vanna que aproveitou para atacar. Enfiou sua espada quase até o cabo no pedaço da cobra que encontrou. Num movimento brusco, a cabeça virou-se para ver quem feria seu corpo, enquanto num espasmo, o rabo bateu na guerreira, jogando-a longe.

Romano tentou a mesma tática, mas do outro lado, enquanto Groulf lançava suas setas luminosas de energia contra o animal.

Dirk partiu pra cima da cobra com sua maça, atacando-a com vigor. Com tantas criaturas atacando-a em pontos diferentes, a cobra serpenteou irritada, tentando atingir qualquer um deles. O rabo tentou acertar Groulf, mas a elfa saltou tão rápido que o golpe passou direto. Passou direto e acertou Romano, que estava logo atrás. O guerreiro caiu de costas e deslizou por alguns metros. Levantou-se e voltou para a luta. Foi quando

viu que Vanna também tinha voltado para o embate. A guerreira estava subindo em uma pilha de entulho de estátuas e colunas quebradas em alguma batalha anterior. Ele não entendeu por que, mas imaginou que era uma evasão ou um plano.

O grande perigo do inimigo era sua enorme boca. O veneno pingava de suas presas pontudas. Mais setas mágicas atingiram o monstro. Romano estranhou, pois Groulf estava ao seu lado de espada em riste, tão surpresa quanto ele. De trás do resto de uma parede, o mago dava sua contribuição em segurança. Groulf saltou para cima da cobra, tentando atingi-la com sua espada, mas esta lhe deu um solavanco como touro bravo e a jogou no chão. Dessa vez, o monstro estava atento e marcou bem a sua presa. Virou-se para a elfa no chão e preparou sua enorme bocarra.

Isabelle correu e, enquanto a elfa se arrastava no chão tentando se afastar da morte, ela saltou na sua frente e mostrou-se um cajado que trazia consigo, em cuja ponta uma pedra brilhou, ao mesmo tempo em que disse:

– Lux de Pax!

O monstro parou imediatamente e em seus olhos se refletiu o brilho da pedra. Groulf continuou se arrastando devagar, até poder se levantar e correr, porque não acreditou que aquilo duraria muito tempo. E ela estava certa.

– Saiam daqui! – disse a sacerdotisa. – Não sei quanto tempo o feitiço vai segurá-la!

– Não vamos deixar você! – gritou Dirk.

– Ele tem razão! – disse Romano – Ou saímos todos, ou não sai ninguém!

– Podemos votar essa questão? – perguntou Nike, escondido atrás de entulhos.

E então, Vanna, que estava no alto de uma coluna, saltou em cima da cabeça do monstro, que imediatamente saiu do transe e sacudiu-se como se estivesse com uma praga de piolhos. A guerreira enfiou a espada em sua cabeça, mas não conseguiu fazer um corte muito profundo. Teve que se concentrar em não cair, enquanto o animal gigantesco serpenteava e cabeceava tudo o que podia, tentando se livrar dela.

– É a nossa chance! – gritou Romano – Vamos!

Juntos, eles atacaram a cobra, dando tempo o bastante para a guerreira fazer uma nova tentativa de um golpe fatal. Foi um momento visualmente horrível. O sangue da cobra, uma coisa viscosa e fria, salpicava de vermelho os rostos dos heróis, enquanto setas luminosas continuavam a voar acertando o monstro. Num movimento rápido, Vanna retirou a espada

e tentou fincá-la de novo, mas só conseguiu provocar um pequeno ferimento, enterrando a lâmina apenas alguns centímetros. Não matou a cobra, mas deixou-a muito irritada. O bicho abaixou a cabeça com velocidade e então ergueu-a novamente para esmagar a guerreira no teto.

– Vanna!!! – Romano percebeu a intenção da cobra. – Saia daí!

Havia algo de intrigante sobre Vanna. Nunca se sabia se seus sucessos eram fruto de um talento nato ou simples sorte. No momento em que a cobra desceu a cabeça, Vanna agarrou-se a ela para não cair. Quando, porém, ela ergueu a cabeça para ir contra o teto alto, a guerreira não conseguiu mais se segurar na espada, pois o sangue fez sua mão escorregar. Então, ela rolou para o lado e caiu. O corpo da cobra que ainda serpenteava pelo lugar ironicamente amorteceu sua queda, enquanto o monstro tolamente enfiava a própria cabeça contra o teto. Em alguns segundos, o corpo caiu inerte, fazendo com que eles corressem para não serem atingidos.

Começaram a se aproximar, verificando se o animal estava mesmo morto.

– O que aconteceu? – perguntou Groulf, que achou que a cobra tinha desmaiado com a cabeçada.

– Ela terminou de enfiar a espada na própria cabeça – respondeu Dirk, apontando para o cabo dourado em forma de dragão, a única coisa a vista.

Todos estavam juntos, ofegantes, sujos e com o coração batendo muito rápido. Mas tinham vencido um monstro e isso dava um certo orgulho. Também dava uma maior confiança de que podiam vencer os inimigos, monstros e armadilhas que encontrassem em seu caminho.

– E agora? – perguntou Groulf.

Capítulo 10

Não basta errar. É preciso insistir!

A primeira coisa que Romano fez foi agarrar um assustado Nike atrás de um monte de entulho e arrastá-lo para perto dos outros.

- Amigo, nós não falamos pra você não voltar aqui?
- Eu achei que era só uma sugestão! Peraí, eu tô ferido! Ai!
- Ferido onde? Deixe-me ver! - ofereceu-se Isabelle.

Nike lhe mostrou o dedo.

- Entrou uma farpa enquanto eu tentava pegar o tesouro!
- Tesouro????????

Groulf saltou na frente dele.

- Bem, parecia um tesouro! Era uma caixa de madeira bem fechada num lugar cheio de armadilhas! - explicou Nike, já de pé. - Eu já tinha desmontado todas e estava tentando abrir a caixa quando essa serpente gigante apareceu.

Eles se entreolharam e Isabelle pressentiu o plano.

- Vocês não estão pensando em seguir com isso, estão? - perguntou ela.

- Chegamos até aqui, não chegamos? - disse Vanna. - Sabemos que tem um tesouro aqui, é só insistirmos um pouco mais!

Isabelle a fuzilou com os olhos castanhos.

- Eu não gosto de você, sabia? - disse a sacerdotisa, com a certeza de que aquela guerreira inconsequente não tardaria em matar alguém.

- Nenhum de nós gosta - respondeu Romano, - mas você se acostuma.

O grupo se entreolhou. Havia uma tensão no ar quase tão desconfortável quanto a presença daquela cobra gigante morta. Todos ali deviam respeito e gratidão a Isabelle. Ela salvara Dirk e eles sabiam disso. Mas não podiam esquecer quais eram seus objetivos.

- Bem, se alguém não quiser ir, pode desistir agora. A entrada do castelo não está muito longe - disse a guerreira, dando uma espécie de ultimato.

Naquele ponto, era ir pra frente ou pra trás. Seguir em busca de um tesouro cercado por ameaças ou voltar para a segurança do lar, no caso, da Taberna Incandescente. Tinham dinheiro o bastante para viver por alguns meses, então não era exatamente uma questão de emergência. Na verdade, era uma questão de saber do que eles eram feitos.

– Eu vou – disse Romano.

– Eu também – concluiu Groulf. – Não vim até aqui pra voltar com o rabo entre as pernas.

– Eu também vou!

Eles olharam surpresos para o dono da voz esganiçada, Nike, que estava animado em ainda ter alguma chance de fazer o que veio fazer.

Todos olharam para Dirk, cuja cabeça permanecia baixa, como se pensasse longamente sobre sua decisão.

– Eu vou – disse ele, por fim, para espanto de Isabelle.

– Se não se importa, Sacerdotisa, eu gostaria de acompanhá-los também.

Isabelle olhou para o mago sem disfarçar sua surpresa. Então, ela mesma deu de ombros.

– Ah, que diabo! Então vamos todos!

Seguiram pelos corredores amplos com Nike mostrando o caminho. Ele também lhes mostrou as armadilhas, que puderam então ser devidamente evitadas. Não demorou muito para que chegassem ao ponto onde o jovem ladrão tinha sido interrompido pelo réptil gigante. Era uma sala com tapeçarias ainda nas paredes, uma lareira e algumas cadeiras derrubadas em alguma luta. Num canto, uma caixa de madeira retirada de dentro de uma parede falsa jazia ainda fechada, aguardando alguém para revelar seus segredos.

Entraram com cuidado. Nike tinha avisado para não tocarem em nada, pois poderia haver armadilhas que ele não tivesse visto ainda. O ladrão ajeitou-se e moveu os dedos ágeis para se exercitar. Então abriu uma sacolinha e retirou algumas chaves. Começou a mexer no cadeado e por algum tempo foi o único som ouvido na sala.

Isabelle sentiu um vento gelado passar. Olhou em volta, procurando por algo, mas não viu nada. Seu coração, no entanto, continuava a avisar-lhe de que o perigo estava se aproximando.

– Pronto! – disse finalmente Nike, sorrindo ante o feito quase heróico.

Quando ele começou a abrir o baú, um baque surdo foi ouvido e o

corpo de Isabelle se estatelou na parede perto dele, fazendo-o largar a tampa sem ver o conteúdo. Espadas saíram das bainhas enquanto uma figura encapuzada adentrou a alcova em passos firmes. O capuz largo ocultava seu rosto, transformando-o num buraco de trevas sem olhos, e ele trazia um machado negro com várias inscrições que brilharam quando ele o movimentou no ar. Quando Dirk, Vanna e Romano tentaram acertá-lo, suas armas bateram em uma parede invisível que emitiu raios elétricos que os jogaram longe. Groulf e Totn-Hoc não tiveram tempo de atacar, sendo jogados contra a parede oposta.

Com os guerreiros caídos ao seu redor em poucos segundos, o homem encapuzado seguia sem diminuir a velocidade na direção de Nike. Sua natureza o mandou correr sem olhar pra trás. Porém, ele não a ouviu. O jovem se levantou, os olhos brilhantes, e pegou uma adaga que trazia oculta na roupa. Treinara muitas vezes com aquela adaga e sabia que no ponto certo ela poderia tirar uma vida. Então, num movimento brusco e preciso, atirou-a.

A adaga zuniu pela sala e teria acertado em cheio o coração do homem, se ele não a tivesse pegado no ar com precisão. O rosto imerso em trevas então voltou a olhar para Nike e seus passos recuperaram a altivez e firmeza.

Nike deu alguns passos hesitantes para trás, esperando algo acontecer. Olhou em volta e viu Romano e Dirk se movendo para alcançá-lo. Porém, eles pareciam muito distantes. Quando olhou novamente, o homem estava diante dele e finalmente Nike pôde ver seus olhos e sentir todo o terror que eles transmitiam. O homem cravou a adaga no peito de Nike até o cabo enquanto olhava-o nos olhos e via a vida se esvaír dele. Empurrou o ladrão como quem se livra de algo sem valor e se abaixou para ver o baú.

Romano ergueu sua espada e desceu sua lâmina nas costas do homem de preto. Dessa vez, não batera em nenhuma parede invisível. A espada atingiu algo duro, como uma cota de malha, e tirou o equilíbrio do homem, que precisou se apoiar com uma das mãos no chão. Com a outra, girou o machado com tamanha velocidade que Romano precisou se inclinar para trás para não ser cortado. O homem se levantou, chutando o guerreiro com força, aproveitando sua falta de equilíbrio para derrubá-lo de uma vez. A seguir, virou-se para dar um novo golpe no jovem noviço que tentava um ataque pelo outro lado. Dirk defendeu-se com a maça, mas acabou sendo jogado para cima de Vanna que estava vindo para se juntar a eles.

Vendo que estavam todos fora de ação, ao menos por alguns segundos, o homem voltou sua atenção ao baú. Abaixou-se e o abriu com

ansiedade. Um grunhido brotou de sua garganta e ele fechou a tampa com violência. Ergueu o baú e com um grito de ira jogou-o contra a parede com tamanha força que a madeira se partiu, libertando jóias e moedas por todo o chão.

Vanna se levantou e correu para tentar um novo ataque. Saltou em uma cadeira para pegar impulso, e da cadeira para mesa, e da mesa para o alto para ganhar mais força. Quando o homem de capuz virou-se, teve a impressão de que a jovem de cabelos selvagens estava voando. A espada de cabo de dragões brilhou contra a luz e a lâmina de aço riscou o ar. Vanna ouviu uma palavra. Não conseguiu identificá-la, mas foi dita em voz rouca e parecia arranhar o ar. E então sua espada atingiu o alvo.

A guerreira passou por uma nuvem escura e caiu inesperadamente no chão, a espada fazendo um som metálico ao atingir as pedras. Vanna deu uma cambalhota para amortizar a queda e ergueu-se logo a seguir, procurando o oponente, mas ele tinha, literalmente, virado fumaça.

Romano e Dirk já estavam de pé e também se prepararam para um novo ataque. No entanto, nada aconteceu. Vanna correu para socorrer Groulf, que tentava se levantar, ainda atordoada, enquanto os outros dois procuravam ver o estado de Isabelle, Nike e Totn-Hoc.

Isabelle acordou tossindo, sentindo o peito doer. Totn-Hoc não podia mover o braço sem sentir muita dor. E então Romano foi ver Nike.

O ladrão mantinha os olhos abertos que fitavam o desconhecido e o rosto ainda surpreso. A faca enfiada até o cabo em seu peito não permitia que o sangue jorrasse e Romano sabia que era tarde demais, mesmo para Isabelle.

A moça sentiu seu pesar e cambaleou até ele, pegando seu medalhão com a mão esquerda e colocando a outra mão sobre o peito de Nike. Sussurrou cânticos em um idioma estranho e, quando terminou, a morte continuava ali. Um véu caiu sobre eles e era como se a morte estivesse envolvendo-os como uma fria neblina triste. Isabelle sentiu as lágrimas subirem, enquanto Romano fechava com uma das mãos os olhos de Nike. E lá estava ela, mais uma vez, com uma vida abreviada e o olhar congelado que gritava ainda não estar pronto para morrer.

Totn-Hoc tinha deslocado o ombro que precisou ser imobilizado, o que foi feito por Isabelle, que também fez um encantamento para diminuir a dor. Seria o bastante até que chegassem ao templo. Enquanto isso, Romano, Dirk e Groulf olhavam o conteúdo do baú espalhado pelo chão. Eram moedas de ouro e jóias.

– Por que será que ele ficou tão irritado? – perguntou Groulf.

– Sei lá... – respondeu Romano. – Parecia um homem muito zangado mesmo.

– Este era Noicent? – perguntou Totn-Hoc, enquanto Isabelle finalizava sua tipóia.

– Não parece o estilo dele. – respondeu Isabelle, sem muito entusiasmo.

Recolheram o tesouro espalhado, pegaram o corpo de Nike e então saíram do castelo.

Ainda estava claro quando saíram e ninguém falava nada. Isabelle não dirigiu nem um olhar a nenhum deles. Se ao menos eles a tivessem ouvido...

Seguiram em silêncio para a cidade, onde Nike recebeu um enterro simples naquela mesma tarde. Não tinha família, nem posses, seria enterrado como um qualquer. Mas isso era antes. Agora, ele tinha amigos. Estranhos e breves, mas ainda assim, amigos que honrariam sua morte. O grupo se reuniu ao pôr do sol e se despediu de Nike. Isabelle fez o cerimonial. Pediu que Dagda e Ceridwen cuidassem da alma imortal de Nike, que tinha sido valente e leal. Sua voz era firme e ela se sentia anestesiada. Então ela fez uma pausa, a pomba branca arrulhando em suas mãos. Era a hora em que cada um deveria falar algo sobre o amigo que partiu. Groulf foi a primeira.

– Nike era corajoso e eu gostei de tê-lo conhecido.

– Nike era valente e me fazia rir – disse Romano.

– Nike não era um bom ladrão, mas era um bom amigo – disse Dirk.

– Nike será sempre lembrado – finalizou Vanna.

E então, Isabelle soltou a pomba, pedindo que ela guiasse o espírito de Nike até Tir Nan Og, onde se é sempre jovem, o céu é sempre azul e as flores e frutas enchem a ilha de cores e aromas doces. Os rostos se ergueram, cobertos pelo dourado do Sol, seguindo a pomba que voou para as árvores distantes.

Capítulo 11

Nosso Lar

A lua cobria Leemyar vez por outra naquela noite, hora aparecendo, hora se esquivando nas nuvens escuras que passeavam no céu da cidade. Na Taberna Incandescente, Groulf, Dirk e Romano tomavam uma bebida sem muito falar. Estavam cansados e beberam em silêncio antes de qualquer palavra ser dita. Vanna chegou correndo com sua caixa que tinha deixado com o senhor Monderlin, um fazendeiro local, e sentou-se ao lado dos amigos. Os piados foram ouvidos assim que ela chegou.

– Calma, meus queridos! Mamãe já voltou! Eles estão estressados em passar o dia inteiro longe de mim.

Dirk esticou a cabeça para ver melhor algo que ele não tinha reparado antes.

– Você usou o cálice que achamos nas ruínas para colocar água para seus pintos?!

– Foi o Romano quem me deu! – justificou-se ela.

Romano enfiou a cara em sua caneca de cerveja, tentando fugir do olhar de espanto do amigo ao lado. Vanna pediu seu habitual hidromel, recusando a famosa cerveja escura da região.

E então o silêncio sentou-se entre eles novamente, fazendo-lhes companhia. Tinha sido um dia longo que terminara num enterro e havia muita coisa para pensar. Ainda não tinham subido e todo o tesouro ainda estava com eles. Isabelle não quis falar sobre nenhum tipo de partilha naquele dia e eles não insistiram. Totn-Hoc ficara na igreja para receber cuidados e avisou que se encontraria com eles no dia seguinte. Totn podia não conhecer muito bem os outros, mas conhecia muito bem Romano e sabia que o jovem moreno cairia morto e seco antes de trair uma amizade ou faltar com a palavra. Assim, no fim do dia, restaram apenas eles, moedas de ouro e o silêncio sobre um dia que tinha tanto a dizer.

– Nós conseguimos... – disse Groulf, quebrando o longo período em que cada um ficou perdido em seus próprios pensamentos.

Os outros olharam para a elfa que estava sorrindo, vendo-se refletida na bebida escura.

– Conseguimos! – continuou ela, olhando para os companheiros. – Enfrentamos perigos e conquistamos a recompensa! Somos aventureiros de verdade!

Sorriram com certo orgulho. Todos eles ouviram de alguém mais de uma vez que não conseguiriam. Quantos de nós ouvimos isso e acabamos por acreditar? Quando saíram em busca de fortuna, deixando seus lares e segurança para trás, o eco dessas palavras os assombrava em cada fracasso...

– “Você é incapaz de fazer algo certo!”

– “Você é fraco demais para esse tipo de coisa!”

– “Esse tipo de coisa só funciona para famílias nobres!”

– “Você não é esperta o bastante para sobreviver lá fora!”

Agora essas vozes tiveram que se calar porque eles tinham, afinal, conseguido. Romano ergueu o copo, puxando um brinde.

– Ao Nike! Sloncha!

Os copos se encontraram no ar e tomaram grandes goles que refrescaram as gargantas secas.

– O que devemos fazer com isso?

Groulf colocou sobre a mesa uma mochila. Ela pertencia ao ladrão e Isabelle a entregara a eles, já que eram os únicos que ela sabia terem tido algum tipo de contato com Nike.

Romano pegou a mochila e a abriu. Tirou alguns artefatos mecânicos e um molho de chaves de todos os tamanhos e tipos, certamente utilizados para abrir portas de todos os tamanhos e tipos. Também achou um cantil velho e vazio, uma ameixa seca, uma pedra de rua, um papel de alguém que compra ouro com um mapa rabiscado atrás e um vidro de óleo extra para uma lamparina que deve ter ficado lá pelo castelo mesmo. Colocou todas as coisas inúteis sobre a mesa e somente então percebeu que no fundo havia algo mais, um objeto embrulhado em um tecido carcomido pelo tempo.

– O que é isso? – perguntou Vanna, curiosa ao ver algo brilhante refletir a luz das lamparinas e velas quando Romano tirou o tecido que o protegia.

– Acho que é um elmo! – respondeu o guerreiro, mostrando o objeto para os amigos.

Era um artefato muito bonito em tons de ouro e prata, com diversas inscrições e desenhos ao seu redor. Parecia novo e era bastante leve.

– Muito bonito! – disse Dirk, pegando o objeto das mãos de Romano.

– Bom, Vanna já ficou com a espada, então o elmo pode ir para outra pessoa – sugeriu Romano.

Vanna concordou com a cabeça e Romano se virou para Groulf.

– Que tal usar um elmo, elfa?

– Nããã... Eu já tentei... Amassa minhas orelhas e esquenta demais!

– Então, acho que pode ficar pra você, Dirk.

– Você não o quer? – perguntou o amigo.

– Não combina com minhas botas. Você sabe como sou um escravo da moda!

Romano entregou o elmo para o jovem noviço que o segurou pensativo.

– Acho que devemos guardá-lo, em homenagem ao Nike.

Eles concordaram, e depois de mais algumas rodadas, Dirk subiu com o elmo e três amigos ligeiramente altos.

A bebedeira passou rápido assim que abriram as portas de seus quartos e os encontraram completamente revirados. As poucas gavetas estavam arrancadas com seu conteúdo espalhado pelo chão, as camas estavam de pernas pra cima e não havia nada que não tivesse sido mexido.

– Meu dinheiro!!!! Roubaram meu dinheiro!!!!

Groulf correu a procurar seu pequeno tesouro pelo quarto e achou no meio de um monte de roupas o pequeno baú de madeira esculpida da terra dos elfos com o cadeado arrebitado. No entanto, ao abrir, percebeu que sua parte da recompensa pelo Bando Vermelho ainda estava ali, e as poucas moedas que faltavam estavam caídas no chão.

Da mesma forma, os outros perceberam que nenhum dinheiro havia sido levado. Vanna, que tinha deixado a caixa com seus pintinhos num canto para procurar o que poderia ter sido roubado, voltou a pegar a caixa, abraçando-a delicadamente.

– Ainda bem que vocês não estavam aqui, Groulfinha, Dirkinho e Romaninho! Imagine se um bandido leva vocês!

– Isso está estranho... – comentou Romano. – Tinha dinheiro aqui. Por que não levaram?

Ninguém sabia responder, mas todos concordaram que aquele lugar não era seguro, e também estava longe de ser um lugar para chamarem de lar. Dormiram ali mesmo naquela noite, com as portas e janelas bem trancadas, sabendo que era sua última noite na Taberna Incandescente. No dia seguinte, procurariam um lugar para morar.

O cheiro de mofo subiu às narinas, lembrando a umidade de um lugar que não era visitado há muito tempo. Groulf teve certeza de que

fantasmas espectrais ou as suas famosas armaduras que se moveriam a qualquer momento iriam saltar sobre eles. Caminharam sentindo calafrios no lugar escuro, quando uma voz cavernosa soou.

– Saiam da minha casa! Saiam da minha casa!!!

Uma velha cercada de gatos com cabelos loiros esbranquiçados apontava para eles com o dedo ossudo, insistindo que eles saíssem.

– É uma banshee!!! – gritou Groulf.

– Mamãe! – disse a moça que os acompanhava. – Pare com isso!

A velha parou, mas continuou olhando-os com jeito ameaçador.

– Não liguem, mamãe é muito apegada a esta casa e não quer que a vendamos. Ela mora na casa dos fundos, mas não precisam se preocupar. Ela é um amor quando a conhecemos melhor. E então? Gostaram da casa?

Eles sorriram e disseram que precisavam ver outras opções.

Isso foi de manhã.

A tarde começou com uma porta rangendo de tal maneira que parecia estar agonizando de dor. Uma revoada de morcegos fez Dirk sair correndo, literalmente, e esperar lá fora, enquanto os outros averiguavam. Pisar em algo que faz “blosch” assim que se entra em algum lugar nunca é um bom sinal. Uma escada podre fez Romano afundar o pé no terceiro degrau. Groulf, que insistiu em ir na frente, não esperou por ele e acabou confiando num corrimão que também cedeu. Groulf caiu lá de cima e espatifou-se em cima de uma mesa. Vanna achou que isso não podia ser um bom presságio e eles não terminaram de ver a propriedade. Definitivamente, as ruínas do castelo de Noicent pareciam mais seguras e menos assustadoras do que as casas que tinham visto até o momento. No final do dia, teriam certeza de uma verdade universal. Não existe nada mais aventureSCO do que procurar uma casa pra morar.

Ainda tiveram tempo para ver outra propriedade, bem perto do centro da cidade.

Os pássaros cantavam nas árvores floridas que ladeavam a linda choupana. Dentro, uma lareira os recebia numa linda sala. Só havia dois quartos, mas as janelas tinham jardineiras com flores cujo perfume invadia os aposentos pela manhã. Eles sorriram, imaginando como devia ser dormir e acordar ali sem ter que passar pelo tumulto de bêbados e perdidos toda noite.

– Quanto é? – perguntou Vanna, animada.

Assim que ouviram o preço, saíram correndo desesperados da casa como se ela estivesse assombrada pelos mais ferozes demônios e criaturas abissais.

O dia estava no fim. Entraram na velha construção de pedras de dois andares retirando as teias de aranhas e tendo cuidado onde pisavam, pois várias partes do chão de madeira estavam podres e podiam ceder a qualquer momento. Vanna procurou uma janela e se esforçou para abri-la. Depois de muito tempo, a janela gemeu e o sol entrou naquela casa. A casa estava tão abandonada que tinham sorte de suas paredes ainda estarem de pé. Em compensação, era ampla e tinha dois andares com muito espaço, além de estar no meio de uma grande área verdejante, cercada de lagos, córregos e bosques. Ficava a pelo menos vinte minutos a cavalo da cidade.

Olharam para cima e perceberam que faltava um pedaço do teto. O fogão a lenha tinha virado um ninho de esquilos e morcegos voaram sobre a cabeça de Dirk assim que ele abriu um armário. O rapaz gritou com o susto e correu, assustando os outros, pela segunda vez naquele dia. Constrangido, ele se justificou.

– Tenho medo de morcegos.

Ele achou que os outros iam rir dele, mas assim que uma barata apareceu, Vanna saiu correndo. E o mesmo aconteceu quando Romano viu uma ratazana do tamanho de um sapato.

Depois de superarem seus medos de coisas que rastejam, voam e roem, eles se reuniram no que teria sido uma sala há algum tempo.

– Bem, até que não é tão ruim!... – disse Dirk.

– Até que é bem espaçosa! – concordou Vanna.

– Com uns acertos, ficará nova em folha! – comentou Romano, olhando em volta estalando os dedos.

– Então, o que estamos esperando? – Groulf começou a abrir as outras janelas. – Vamos trabalhar!

Fecharam negócio naquele dia mesmo e deixaram a Taberna Incandescente. Naquela primeira noite, dormiram todos juntos na sala, única parte da casa que conseguiram limpar. Forraram o chão com feno e uns cobertores e se deitaram, observando o céu estrelado pelo buraco no teto.

– Temos uma bela vista! – comentou Dirk. – Quantas pessoas podem dizer que dormem olhando as estrelas?

– Não sei... Quantos mendigos tem em Leemyar? – perguntou Romano.

Ele tomou uma travesseirada na cara pra deixar de ser estraga prazeres. Eles riram e, depois de alguns travesseiros que voaram,

adormeceram. O dia seguinte seria longo e eles mal podiam esperar por ele.

Foi um dia inteiro de trabalho. O tempo firme ajudou e, aos poucos, aquela velha construção de dois andares nos arredores da cidade começou a ganhar um novo aspecto. Dobradiças foram consertadas, janelas foram substituídas, o chão foi limpo e a família de esquilos (e toda a população de bichos que morava na casa) precisou encontrar outro lar, pois o movimento os incomodava.

No fim do dia, a casa ainda não estava perfeita, mas já parecia um lar. Groulf colocou um vaso de flores na janela e outro no meio da mesa quando foram comer. E então tiveram sua primeira refeição em casa.

Passaram mais alguns dias consertando e ajeitando coisas. O tesouro foi partilhado e, mesmo que Isabelle não quisesse receber sua parte, não pôde impedir que esta fosse doada para sua própria igreja, o que também proporcionou melhorias na ala de atendimento dos doentes e novas vestes sacerdotais para os membros do templo, dentre outras coisas. Totn-Hoc pegara sua parte e se hospedara numa pensão cara na área mais nobre da cidade, enquanto decidia o que fazer. Quanto a eles, depois de muito pensar e discutir, chegaram à conclusão de que ter um lugar deles mesmos tinha muitos benefícios. Em primeiro lugar, era uma grande economia, já que não precisariam pagar o aluguel da Taberna. Em segundo lugar, estariam mais seguros e dificilmente teriam a horrível experiência de serem saqueados em plena luz do dia, como aconteceu na Incandescente. Em terceiro lugar, poderiam começar um negócio. Vanna sugeriu que se estabelecessem como um campo de treinamento para jovens aventureiros, onde poderiam ensinar as artes do combate. Não sabiam muito, mas certamente sabiam mais do que a grande maioria dos jovens de Leemyar e outras cidades dos arredores.

Assim, no final do quinto dia, colocaram uma placa na frente do terreno cercado por um muro baixo de pedras sobrepostas. A placa dizia:

“Campo de Treinamento High Honor

Se queres a paz, prepara-te para a guerra...

Mas se preferes a guerra, comece uma você mesmo!”

– Não gostei desse nome! – reclamou Groulf, olhando para a placa.

– Ah, a gente muda depois! – disse Vanna, dando de ombros.

Voltaram a caminhar pelo amplo terreno verdejante repleto de

árvores de copas enormes que farfalhavam docemente com a brisa. O lugar tinha sido, no final das contas, uma pechincha. Leemyar não era uma cidade onde as pessoas ficavam. A maioria delas simplesmente passava. Os preços das casas e terrenos, por isso, costumavam ser atraentes. O fato da casa estar abandonada há anos ajudou a diminuir o preço e assim todos conseguiram ainda manter uma reserva para se sustentarem durante algum tempo.

Vanna e Groulf entraram na cozinha, agora iluminada e florida, com móveis e janelas pintados de cores vivas, onde Romano estava escrevendo uma carta.

– Groulf e eu estivemos pensando, que tal irmos até o outro lado da cidade hoje? Há uma taberna que serve pratos maravilhosos!

– Não, obrigado... – respondeu Romano, sem tirar a atenção do que fazia. – Isso é caro.

– Romano, você ganhou dinheiro! Você pode gastar! – disse Groulf, mas o rapaz respondeu com um am-ham desatento.

– O que você está fazendo? – Vanna se inclinou para ver o que ele estava fazendo, mas o rapaz dobrou rapidamente o papel e se levantou.

– Nada, só mandando notícias pra família. Vou à cidade deixar isso com o mensageiro. Volto mais tarde.

– E Dirk? – perguntou Vanna.

– Foi na cidade, ainda não voltou.

Vanna largou-se na cadeira e Groulf a acompanhou, enquanto Romano saía. Tamborilaram com os dedos sobre a mesa, até que Vanna deu uma ideia.

– Vamos fazer uns bolinhos?

– Vamos!

E partiram para a cozinha para viver uma nova aventura.

Na cidade, Dirk já havia comprado as provisões e encomendado com o madeireiro algumas espadas de treinamento. Deixou por último o que considerou mais difícil. Parou diante do Templo de Todos os Deuses e entrou. A igreja estava vazia e Isabelle estava em oração diante do altar. Ele se aproximou sem fazer barulho, observando-a atentamente. Os cabelos ruivos estavam livres da trança e cobriam suas costas, finamente penteados, puxados para trás por uma tiara de pedrinhas. Naquela luz, ela tinha o semblante de uma fada. Talvez fosse influência da Deusa à qual era dedicada, Aine, deusa de rara beleza que também era conhecida como a Rainha das Fadas. Dirk pesquisara mais sobre Aine assim que soubera que

era ela a deusa de Isabelle. O rosto claro era fino e correto e, talvez por ser alguns anos mais velha, tinha aquele ar de alguém em quem se pode confiar, alguém que sempre saberá o que fazer. Ou talvez fossem as vestes, um vestido longo e claro com mangas compridas cujas barras chegavam às pernas.

A moça fez uma reverência, encerrando sua conversa com os deuses, e se levantou. Assim que se virou, viu o jovem noviço parado no meio da igreja.

– Dirk? O que faz aqui? – perguntou ela, aproximando-se sem sorrir, parecendo preocupada.

– Eu vim vê-la – respondeu ele, consertando a voz que saiu um pouco desafinada.

– Por quê? Aconteceu alguma coisa? Estão todos bem? Vocês não voltaram naquele lugar de novo, voltaram? Porque se voltaram, sinceramente, eu vou...

– Calma, calma, não aconteceu nada! – o rapaz sorriu, tentando acalmá-la. – Estamos todos bem...

– Então?...

– Só passei para saber como você estava.

A moça fez uma expressão de total surpresa, como se isso fosse a última coisa que esperasse ouvir. Então ela percebeu a gafe e sorriu, convidando-o para caminhar com ela pelos pátios do templo.

– Desculpe se pareço meio ousado demais... É que percebi que você ficou abalada com o que aconteceu lá no castelo de Noicent.

– Hum...

– Foi a primeira vez que você viu alguém morrer?

Isabelle não conseguiu conter o riso, deixando o rapaz um tanto confuso e um pouquinho envergonhado.

– Não, não foi a primeira vez que vi alguém morrer. E esse é o problema. Sempre acho que posso impedir alguém de morrer, mas a verdade é que não posso. A verdade é que não posso salvar as pessoas de suas próprias escolhas. E foi isso que me deixou abalada.

– Se tivéssemos ouvido você, Nike estaria vivo.

– Não, ele estaria bem morto... Se tivessem me ouvido, não teriam ido pra lá e jamais saberíamos o que teria acontecido com Nike. No final, talvez fosse mesmo o destino dele. E, ao menos, ele pôde ganhar um enterro e uma cerimônia, ao invés de perecer em ruínas escuras e distantes sem que ninguém jamais soubesse.

Isabelle parou de andar e se virou para o rapaz. Ele era tão jovem e

tão belo que ela não pôde deixar de admirá-lo. Perdeu-se por alguns instantes simplesmente olhando para ele.

– Preciso voltar às minhas tarefas. Teremos uma aula agora para os noviços – disse ela, sem tirar os olhos dele.

– Era sobre isso também que eu queria lhe falar.

Ela franziu o cenho, aguardando o que ele tinha a dizer.

– Vi você curar e vi você paralisar aquele monstro. Gostaria de saber se pode me ensinar a fazer essas coisas. Ter o dom da cura parece ser algo muito útil quando se anda com meus amigos.

Isabelle sorriu e uma brisa mais fresca e mais rebelde levantou um pouco seus cabelos finos.

– Venha aqui pela manhã. Eu ensinarei a você o que sei.

Ele sorriu, grato pela anuência, e ela voltou para dentro do templo, despedindo-se dele, que ficou observando seu caminhar e suas vestes ao vento até que ela desaparecesse por completo dentro da imponente construção.

Capítulo 12

O Campo

Passaram-se algumas luas e o Campo de Treinamento com nome estranho começava a receber seus primeiros alunos, na maioria jovens sonhadores que esperavam um dia sair de Leemyar e ter uma vida de fortunas e conquistas. A rotina de aulas e treinamentos também beneficiou os mestres, Romano, Vanna, Groulf e Dirk, que sentiam uma sensível melhora em suas táticas, além de criar algumas novas manobras.

Dirk saía quase todos os dias bem cedo para receber os ensinamentos de Isabelle e estava cada vez mais encantado pela sacerdotisa. Ele não sabia, mas seus olhares não foram ignorados pela mestra, mesmo que ela estivesse concentrada em ajudá-lo a se transformar em tudo o que ele podia ser.

Naquelas primeiras luas, os dias eram cheios e empolgantes. Vanna e Romano se dedicavam com afinco a ensinar, descobrindo uma nova e inesperada vocação. Groulf ainda estava tentando se adaptar ao novo ofício. Não tinha muita paciência e acaba gritando com os alunos mais lentos. Também ficava ressentida quando os alunos a surpreendiam com mais talento do que o esperado, e aí gritava com esses também. Groulf não tinha muitos alunos.

Dirk manjava bem a maça e a espada e agora se sentia cada vez mais seguro com o cajado, graças às aulas com Isabelle. Gostava de treinar sozinho no bosque que rodeava o Campo, sentindo a conexão divina em cada pulsar de vida. Um dia, estava caminhando quando encontrou um pássaro no chão. Pegou-o com cuidado. O animalzinho se debateu e ele pôde sentir a penugem delicada e o coraçãozinho bater acelerado. Então ele girou dois dedos desenhando um símbolo no ar e lançou-o sobre o pássaro cor de céu. Inspirou profundamente e sentiu a energia fluir através dele, passando para o animal, que permanecia quieto, como se soubesse que ele estava tentando ajudá-lo.

Quando o noviço abriu os olhos, também ergueu a mão e o pássaro voou, indo pousar numa árvore próxima. Um canto foi seu agradecimento e Dirk sorriu, feliz em ver tudo encontrando seu lugar. Pela primeira vez na

vida, tudo estava bem. Tudo estava realmente muito bem.

– Como você fez isso?

Assustou-se com a presença da elfa, quase imperceptível sentada nos galhos de uma árvore.

– Groulf! Eu não vi você!

A moça saltou graciosamente pelos galhos e pousou diante dele como um filhote de gato.

– Eu vi o que você fez! Você não fazia isso antes!

– Não, não fazia – disse ele, com um sorriso e começando a andar. – Tenho aprendido umas coisas novas.

– Com quem?

Dirk esperava que ela perguntasse “o que”, ao invés de “com quem”. Ele parou de andar.

– Com Isabelle.

Groulf não falou nada. Continuou andando e Dirk sentiu seu olhar inquisidor.

– Não tem nada demais! – disse ele.

– Eu não disse nada!

– Ela só está me ensinando. Só isso.

– Tá bom.

– Além do mais, ela é a filha do Patriarca. O que ia querer com um ninguém como eu?

– Pois é...

Caminharam mais um pouco em silêncio e Groulf se despediu de repente, como costumava fazer. Uma hora ela estava aqui, outra hora já tinha ido embora, como um pássaro que não pode ser preso.

– Ah, Groulf! – Dirk a chamou antes que ela se fosse.

A elfa parou para ouvi-lo, curiosa.

– Por favor, não comente nada com Vanna.

– Sobre o quê?

– Sobre Isabelle!

– Ah...

– Nem com Romano!

A elfa ficou um tempo parada, olhando pra ele.

– Se não tem nada demais no que você está fazendo, por que precisa manter segredo?

Ele não conseguiu responder e a elfa foi embora, saltando nas árvores e desaparecendo nas folhagens.

Ele continuou andando, pensando nas palavras de Groulf. Ela tinha

sua cota de razão. Não estava fazendo nada de errado, não precisava se esconder. Ergueu a cabeça ao ouvir um barulho de água. Havia um lago cristalino ali perto e o som continuava como se alguém se banhasse. Seguiu o som e encontrou roupas conhecidas penduradas nas árvores próximas. Era um vestido vermelho e branco que ele já vira inúmeras vezes. Mesmo assim, continuou a olhar para o lago, procurando pela presença conhecida.

Ela surgiu inesperadamente, saltando da água azul e jogando os cabelos para trás, formando milhares de pontos luminosos refletidos nas gotas reluzentes. Dirk imediatamente se escondeu atrás de uma grande moita. Continuou ouvindo o som da água, sentindo o suor brotando-lhe na testa onde os fios loiros começavam a se grudar, o coração acelerado.

Sabia o que deveria fazer. Levantaria-se e iria embora sem olhar para trás, sem trair a confiança da companheira de armas, agindo como um cavaleiro e não como um tarado qualquer sem consideração. Sim, era isso que deveria fazer!

Então, lentamente, ele se virou e abriu uma brecha na moita. Ela estava de costas, os cabelos cobrindo-a até a cintura. Ela inclinou a cabeça para trás, mergulhando mais um pouco, fazendo com que ele se espalhasse como uma mancha negra e brilhante pela água cristalina. Então, ela voltou a subir e deu um gracioso giro em si mesma, os braços abertos, os olhos fechados, como se realizasse uma dança com as ondinas. Seus seios eram firmes e grandes, com as auréolas escuras desenhadas perfeitamente. Em mais um giro, ela os ocultou e os revelou novamente, para então mergulhar mais uma vez, desaparecendo por alguns instantes na água e vindo a ressurgir num ponto adiante.

Dirk sabia que deveria ir embora. Infelizmente, nem sempre conseguimos fazer o que devemos...

Chegou em casa com cara de gato que comeu o passarinho e esperou que ninguém notasse.

– E aí? Já está duro?

A pergunta de Romano o fez enrubescer tão rápido que achou que ia pegar fogo espontaneamente.

– O quê?

– Seu dinheiro. Já acabou? Preciso que você compre umas coisas na cidade amanhã e se você não tiver mais dinheiro, tenho que te dar.

– Ah... Eu tenho dinheiro. Depois me entregue a lista.

– Você está bem?

– Estou, estou ótimo.

A porta se abriu de repente e Vanna apareceu com um grande e feliz “Olá!”, daqueles que iluminam qualquer lugar. Romano se aproximou dela para ter certeza do que via.

– Você estava se banhando no lago de novo? – disse ele, pegando as mechas molhadas de cabelos negros e mostrando-as para ela, como se ela precisasse de alguma prova do crime que ela mesma cometeu. – Já lhe disse para não fazer isso! Pode ter algum tarado por aí!

– Não tem ninguém por aqui, Romano! – disse ela, sorrindo e indo buscar uma caneca de água.

– Você não sabe! Tem muitos homens sem um pingote de moral que adorariam se aproveitar de uma situação dessas! Tarados e pervertidos se encontram em qualquer lugar, até onde menos se espera!

– Onde está Groulf? – Dirk só queria mudar de assunto, antes que precisasse cavar um buraco no chão para se enfiar.

– Sei lá! Por aí, cheirando flores, eu acho! – respondeu Vanna, catando um pedaço de bolo sobre a mesa. – Ah! Eu vi umas cortinas lindas para a casa e estava pensando em comprar amanhã. Podemos fazer uma vaquinha para...

– Não! – retrucou Romano. – Não podemos! Não precisamos de cortinas e já gastamos demais com essa casa.

– Deixa de ser pão-duro, Romano! – reclamou Vanna.

– Vai se catar, garota! – gritou Romano, numa explosão inesperada. – Você é que gasta demais!

Groulf entrou com a discussão já encaminhada onde Vanna e Romano trocavam xingamentos e acusações, enquanto Dirk comia tranquilamente seu bolo na mesa.

– Er... Gente... – Groulf queria ter chegado em outro momento e tentou ser educada. – Gente!

Como ninguém prestasse atenção nela, apelou para o grito.

– CALEM A BOCA, SEUS SELVAGENS!!!!

O silêncio foi imediato e somente então eles viram que Groulf trazia um convidado.

– Este é o senhor Dermont de Brough e ele veio conhecer o nosso campo.

Um senhor de cabelos grisalhos se apresentou com um sorriso gentil. Tinha olhos azuis acinzentados que sorriam também e trajava roupas finas que demonstravam que era um homem de posses.

– Prazer em conhecê-los! – ele estendeu a mão e cumprimentou cada um deles. Sua voz era melodiosa e seu aperto de mão era firme.

– O senhor está interessado nas aulas? – perguntou Vanna, que nunca se importara em ensinar para qualquer idade.

O homem riu divertido com a ideia.

– Oh, não, não, minha pequena, eu já estou meio velho pra isso! O que me traz aqui são outros motivos. Podemos nos sentar?

Eles se sentaram nas cadeiras de madeira escura em volta da grande mesa de madeira reformada. Vanna ofereceu um pedaço de bolo para o visitante que aceitou com prazer.

– Pois bem, meus caros amigos, eu represento o Duque de Valois, um homem muito rico que possui terras na cidade de Duvendal, aqui perto. Ele está em busca de jovens talentosos nas artes de combate para participar de várias justas pelo reino e até fora dele. Eu fui encarregado de fazer essa busca para ele e ouvi falar de seu interessante... estabelecimento. Por isso, gostaria de saber se estariam interessados em uma sociedade altamente vantajosa para todos nós. Seu campo tem potencial para atrair o tipo de jovens que o Duque procura e isso me pouparia muito trabalho. Para cada jovem escolhido, o Duque está disposto a pagar uma recompensa de 500 moedas de ouro. Se o resultado for realmente melhor do que o esperado, ele pode até investir mais em seu Campo para receber ainda mais jovens.

Ele aproveitou a pausa e comeu um pedaço do bolo de celtalate que Vanna fizera.

– Hummm! Seu bolo é uma delícia, minha jovem!

– Obrigada!

– Mas essa sociedade nos prende de alguma maneira a esse Duque? – perguntou Groulf. – Porque não queremos dever explicações pra ninguém!

– Não, minha jovem, de jeito nenhum! O Duque é um homem ocupado! Tudo o que ele quer é campeões para empunharem a bandeira de seu nome. Não precisam se preocupar! O negócio é de vocês e nós jamais nos meteríamos.

– É uma coisa nova... Podemos pensar a respeito?

– Claro que podem! Pensem o quanto quiserem! Voltarei aqui amanhã, pois caso não possam aceitar o trato, terei que ir para Villarde. Soube que há um Campo de Treinamento lá que já tem uns cinco anos, creio.

Ele se levantou com dificuldade, pois já era um senhor de idade, e cumprimentou-os novamente com um sorriso gentil. Reclamou um pouco de como é ruim envelhecer e seguiu com passos lentos para a carruagem que o esperava na entrada.

– UAU! Isso parece ótimo! – comemorou Groulf. – Arrumamos um padrinho rico!

– Quem diria que as coisas iriam dar tão certo! – Romano estava pasmo, mas feliz.

– E imaginem só o que isso vai nos trazer de publicidade! – disse Vanna. – Todo mundo vai querer estar aqui para ser escolhido pelo Duque!

Abriram uma garrafa de bom vinho que Vanna estava guardando para uma ocasião especial (na verdade, ela estava guardando para um dia em que Dirk quisesse beber com ela...) e fizeram um brinde aos novos caminhos que estavam se abrindo bem diante deles.

Capítulo 13

A Lei da Atração

Cerca de seis semanas depois, Vanna não tinha nenhuma noção de que sua roupa era ligeiramente distrativa para jovens púberes. Felizmente, depois das primeiras pancadas com a espada de madeira, os jovens púberes aprenderam a prestar atenção em outras coisas além das pernas e decote da guerreira. Alguns não tinham talento pra coisa. Outros poderiam ter, mas ainda era cedo pra dizer. Romano tentava não aleijar nenhum de seus alunos, enquanto Groulf tentava gritar menos, pensando nas possibilidades de alguns daqueles rapazes renderem uma sacola de moedas de ouro.

Dermont de Brough passou a ser uma presença constante no campo, pois gostava de acompanhar os avanços dos jovens. Era um homem muito culto e Dirk tinha longas conversas filosóficas com ele, o tipo de conversa que não conseguia ter com os amigos. Naquela tarde ensolarada, Dermont de Brough observava com o jovem noviço o trabalho do Campo da janela do quarto de Dirk, no segundo andar.

– Ainda estão crus, mas com um pouco de treinamento estarão prontos em pouco tempo! – dizia Dirk.

– Sim, claro... – Dermont parecia distraído olhando os movimentos dos guerreiros lá embaixo.

Os aprendizes se empolgaram com a possibilidade de serem escolhidos e todos estavam se esforçando muito. Como em toda escola, havia os favoritos. Um jovenzinho que se destacava era o filho de uma camponesa da região. Era um dos mais jovens e sonhava com a vida de cavaleiro em justas pelo mundo. Não tinha compleição forte, sendo um tanto magro demais. Porém, sua agilidade compensava de longe esta limitação que certamente lhe era imposta pela idade. Seu nome era Vincent e tinha um rosto belíssimo com traços tão finos que poderia ser confundido com uma moça se colocasse um vestido. Os cabelos finos sempre estavam sobre os olhos azuis e tinha sempre um sorriso quando ouvia seu nome. Vincent estava sempre ajudando no que podia dentro do campo, o que o fez ganhar a simpatia de todos.

Tanto alunos quanto professores acabavam tendo seus favoritos. Romano era um dos professores mais queridos, enquanto a maioria dos alunos tentava evitar Groulf pelo seu temperamento infernal. Os instrutores também acabavam se afeiçoando mais a uns do que a outros e isso ficou bem claro com Vanna, que começou a dar cada vez mais atenção a Vincent. Todos sabiam que ele era o queridinho de Vanna. O amor era recíproco. Vanna também era a favorita de Vincent.

O tempo dedicado estava dando resultados, pois o rapazinho magrelo estava aprendendo todas as técnicas de esquiva que o prestigiavam num combate. Vanna arrumou para ele uma espada mais leve, aumentando sua velocidade e precisão durante o treino. E era para ele que Dermont olhava naquele momento.

– Quem é aquele rapazinho?

– Vincent. Tem evoluído bastante. É muito jovem ainda, tem apenas 16 anos, e precisa ganhar mais corpo, mas pode ser uma excelente aposta para o Duque.

– Sim, estou vendo. Ele parece ter um carinho especial pela guerreira.

Dirk riu.

– Sabe como são os meninos nessa idade...

Dermont voltou-se para Dirk com o velho sorriso gentil.

– Um chá cairia muito bem, não acha?

– Claro! Vou preparar um agora mesmo.

Em alguns minutos, o noviço entrou na alcova do segundo andar de onde observavam o treinamento com duas canecas de chá quente. Parou quando viu Dermont com o elmo nas mãos.

– Oh, me desculpe! – sorriu o senhor. – Eu o vi naquela prateleira e o achei de incrível beleza! Um trabalho de arte realmente muito fino.

Dirk lhe entregou a caneca e Dermont colocou o elmo de lado.

– Me perdoe, não quis ser intrometido...

– Não, não foi nada – disse o rapaz.

Tomaram um pouco do chá. Dermont continuava olhando para o elmo.

– Desculpe perguntar, mas quem foi o ferreiro que o fez? Tenho certeza de que o Duque adoraria um trabalho desses.

– Não sabemos. Estava na bolsa de um amigo, não sabemos onde ele conseguiu.

– Oh. E será que esse seu amigo não sabe?

– Ele está morto.

O homem fez uma expressão de profundo sentimento.

– Eu sinto muito... – disse ele com voz baixa. – Eu sei como é perder um companheiro de armas.

Tomaram alguns goles de chá em silêncio enquanto olhavam a movimentação lá embaixo. Naquele momento, Vanna percebeu que eles estavam na janela. Abriu um sorriso e acenou para eles, que retribuíram. Dermont viu o olhar de Dirk pousar sobre a moça com um sorriso.

– É uma bela moça.

– Hã? Ah, sim!... Sim, é.

– E faz ótimos bolos.

– Sim... faz...

– E tem belas pernas...

Dirk enrubesceu e eles riram juntos em cumplicidade.

– E parece gostar de você. – concluiu Dermont.

Dirk terminou o chá e colocou a caneca sobre uma cômoda.

– Quer ir até lá embaixo? – perguntou o rapaz.

– Não, já vi o bastante por hoje. Voltarei amanhã.

Dermont pegou seu manto deixado sobre uma cadeira e o colocou sobre as roupas.

– Mas, antes que eu vá, me permite dizer uma coisa, meu jovem?

Dirk parou para prestar atenção.

– A vida é muito curta! Eu estou velho e eu posso lhe dizer isso. Quando menos esperar, seu rosto não será mais tão belo, seu corpo não será mais tão ágil e as donzelas não estarão mais tão interessadas em você. Procure aproveitar mais a vida, menino! Beije a moça! E use o que lhe foi dado! A divindade sempre coloca em nossas mãos o que foi feito para nós. Se esperar demais, vem outro e acaba pegando o que é seu. A Divindade também não é muito paciente, sabe?

Dermont lhe entregou o elmo. Então, sorriu mais uma vez e saiu em seus passos lentos e pesados, descendo devagar a escada de madeira, segurando o corrimão para não cair. Dirk o acompanhou, ajudando-o até chegar à sua carruagem.

Com o passar dos dias, a vida parecia se estabelecer numa rotina. Havia aprendizes entrando e saindo do campo. Entravam empolgados de manhã e saíam doloridos pela tarde, apenas para voltarem empolgados de novo na manhã seguinte. Dermont de Brough se tornou uma agradável presença no campo com seu sorriso confortador e sempre uma palavra

amiga para quem quer que cruzasse seu caminho. Até que um dia, algo quebrou aquela rotina.

Romano estava na casa quando alguém bateu na porta. Tinha ido pegar suas cartas para entregar ao mensageiro quando fosse à cidade mais tarde. Imaginou que era mais algum aluno perdido ou contundido pedindo socorro quando abriu a porta, mas se deparou com um rosto conhecido.

– Totn-Hoc! – o rapaz abriu um sorriso. – Que bom vê-lo por aqui! Entre!

O mago entrou com um sorriso, observando o trabalho feito no lugar.

– Pensei em passar aqui para dar um alô e ver como estão indo! – disse ele.

– Estamos indo bem, na verdade! – respondeu Romano, com um sorriso de satisfação.

– Você está sozinho? – perguntou Totn.

Romano estranhou por um segundo a pergunta, mas imaginou que era uma maneira de perguntar onde estavam os outros.

– Vanna e Groulf estão treinando os novatos. Dirk está acompanhando um visitante no Campo.

Romano se virou enquanto falava para pegar os três pintinhos que apareceram do nada. Já estavam bem maiores, sendo lindos galetinhos. Ele construiu um viveiro para eles, mas sempre que podiam, eles entravam em casa e andavam atrás de Vanna. Totn se aproximou um pouco mais.

– Eu estava de saída, mas vou voltar logo – disse Romano, ainda de costas.

Levantou-se com as três aves no colo e se assustou em ver que Totn estava muito mais perto dele do que quando se abaixara.

– Se importa se eu esperar aqui? – perguntou Totn.

– Claro que não! Se precisar de alguma coisa, pode pedir para as meninas lá fora ou esperar um pouco, pois Dirk já deve estar vindo.

Romano saiu, levando as aves com cuidado para a segurança de seu poleiro antes de sair.

Poucos minutos depois, Dirk entrou na casa acompanhado de Dermont. Conversavam sobre um tema antigo e muito discutido entre catedráticos e filósofos. O homem era essencialmente mau ou bom? É possível corromper um homem bom até que ele traia sua própria essência? Dermont era um homem estudado e muito inteligente e Dirk gostava de ter alguém com quem discutir os grandes assuntos filosóficos que faziam Vanna e Romano bocejarem. Groulf nem se dava ao trabalho de ouvir,

sumindo assim que ele começava a falar.

Subiram as escadas para ver o treinamento da janela do quarto de Dirk que dava vista para toda a parte leste do Campo, onde Vanna e Groulf estavam ensinando os novatos a montar naquele momento.

Quando Dirk abriu a porta, encontrou Totn-Hoc em seu quarto, segurando o elmo.

– Olá, Totn-Hoc! Que surpresa...

E imediatamente Totn-Hoc foi jogado por um raio contra o teto e então caiu pesadamente no chão. Dirk virou-se para ver de onde viera o ataque e deparou-se com a expressão facínora de Dermont.

– O quê?...

Dermont afastou-o com um braço e avançou para o homem caído de bruços que tentava se levantar, atordoado. Deu um murro em seu rosto, terminando de desacordá-lo.

Dirk o arrancou de cima de Totn e o jogou longe, enquanto tentava proteger o homem caído.

– Ficou louco?! – Dirk ficou de pé, perto de Totn-Hoc, esperando mais alguma reação de Dermont, mas este pareceu se acalmar e não demonstrou nenhuma intenção de atacar.

– Desculpe rapaz, mas esse homem não é seu amigo.

Dirk não entendeu, mas virou o corpo caído e se deparou com alguém que lhe despertou memórias tão assustadoras que a cor lhe faltou.

– Noicent?...

Ao ver algo acontecer no andar de cima, Romano voltara correndo. Levou o mesmo choque ao reconhecer o homem caído no quarto. Pensando rápido, Romano pegou cordas e uma mordaca, pois sabia o estrago que magos podiam fazer com palavras. E foi assim que o mago mais perigoso da região foi parar bem em suas mãos.

Vanna e Groulf foram chamadas e os alunos foram dispensados mais cedo naquela tarde. Noicent ainda estava desacordado, sentado numa cadeira no meio da sala. Suas mãos estavam bem amarradas atrás das costas e uma firme mordaca o tornara inofensivo.

– O que ele veio fazer aqui? – perguntou Groulf.

– Talvez possamos interrogá-lo... – sugeriu Vanna.

– Não se arrisquem desnecessariamente, meus queridos amigos – disse Dermont. – Noicent Von Barh é conhecido por sua malícia e esperteza e basta que o deixem falar que mentiras jorrarão de sua boca. Isso se ele não lançar um raio diretamente em suas cabeças na primeira palavra que

pronunciar!

– Você também é um mago? – perguntou Dirk, que se lembrava do poder mágico que não só fez com que o disfarce de Noicent não surtisse efeito em Dermont, como também atingiu o mago de surpresa com um raio elétrico saído de suas mãos.

– Não, meu jovem. – respondeu Dermont. – Sou um sacerdote. Sou conselheiro espiritual do Duque desde que ele era bem pequeno e o destino quis levar seus pais tão precocemente.

O mago amarrado começou a acordar. Abriu os olhos de vez e tentou dizer algo com expressão de terror, mas as palavras foram abafadas pelo pano.

– Se me permitirem – disse Dermont, – posso levar esse criminoso diretamente para a prisão agora mesmo.

– Não, pode deixar – disse Groulf. – Nós cuidaremos disso.

– Está bem. – Dermont pareceu um pouco desapontado. – Desejo sorte, então.

Ele se dirigiu para a porta, dizendo que voltaria no dia seguinte e para terem cuidado. Noicent era um homem muito perigoso.

Depois que ele partiu, Groulf respirou aliviada.

– Que bom que ele não sabe que tem uma recompensa!

Eles fitaram os olhos azuis do mago cuja expressão mudara do pânico para o ódio.

– E aí? – perguntou Vanna. – Tentamos falar com ele?

Não demorou muito para chegarem a um acordo. Não, não falariam com Noicent. Ele já mostrara o que podia fazer e preferiram deixar isso com o Patriarca e sua força de guardas. Assim, o levaram para a cidade e o entregaram ao Capitão da Guarda, um homem alto e loiro com cara de poucos amigos, deixando olhares surpresos por onde passaram.

Noicent foi colocado numa cela e sacerdotes foram chamados. Eles foram dispensados. Passaram na pensão onde Totn-Hoc estava, pois se preocuparam com sua segurança. Felizmente, ele estava bem e não vira nada de suspeito enquanto estivera ali. Ele também explicou que o feitiço utilizado fora o de Glamoury, mas num nível extremamente avançado, pois imitava com perfeição a imagem de outra pessoa ao invés de simplesmente causar alguns efeitos ópticos, como tornar alguém mais alto, mais bonito ou mais loiro.

A recompensa foi paga e, mesmo sob protestos de Groulf, ela foi oferecida a Dermont, já que, tecnicamente, fora ele quem capturara o

criminoso. Dermont, no entanto, sorriu e agradeceu a gentileza. Ele já tinha todo o dinheiro de que precisava e o homem não teria sido capturado se não fossem por eles.

E isso os intrigava. Por que, afinal, Noicent tinha ido atrás deles? Estivera sozinho com Romano, poderia tê-lo matado se quisesse. Mas não o fez. Talvez ele quisesse que todos estivessem juntos.

– Ou talvez ele estivesse procurando alguma coisa – sugeriu Vanna.

– Ele estava com aquele elmo nas mãos quando eu entrei – observou Dirk.

– Mas o elmo não era do Nike? – perguntou Groulf.

– Não, o elmo estava na mochila de Nike e nós deduzimos que era dele – pensou Romano. – Mas Nike era um ladrão! Ele pode ter roubado o elmo do castelo, antes de nos encontrarmos com a cobra gigante.

Com um raciocínio lógico os direcionando para o elmo, resolveram levá-lo para Totn-Hoc. Este não conseguira decifrar as inscrições, nem sentir nenhuma magia nele. A princípio, era um simples elmo bem trabalhado. Para eliminar qualquer dúvida, Totn levou o elmo na Guilda dos Magos e depois de longa análise, a conclusão foi exatamente a mesma. Era apenas um elmo.

Felizes com mais um sucesso inesperado e um dinheiro bem-vindo, eles se reuniram na Taberna Croissant, a mais cara da cidade. Beberam e comemoraram os bons ventos da mudança. No final, Romano cismou de repartir a conta, Groulf insistiu que só tinha tomado um copo de suco e acabaram brigando porque nem todos tinham comido a sobremesa. Mesmo assim, tinha sido um ótimo dia.

Capítulo 14

A Vida é Curta

Alguns dias se passaram e apesar do bom humor ter se instalado no Campo com tantas melhorias e boas notícias, Dirk parecia distante. Ele mesmo percebia a própria melancolia e não conseguia descobrir por quê. As coisas estavam dando incrivelmente certo. O dinheiro estava entrando. Os negócios estavam indo bem. O inimigo que quase o matara estava na prisão e ele nem precisou sair de casa para que isso acontecesse. E, no amor, as coisas tinham finalmente saído do lugar.

Seus encontros com Isabelle evoluíram para algo mais e agora sentia ter encontrado seu primeiro amor. E o melhor de tudo, era correspondido. O relacionamento ainda era segredo, pois Isabelle temia o que seu pai iria dizer. Ele não sabia, mas Isabelle ainda se sentia muito insegura em estar apaixonada por um rapaz mais novo, embora apenas poucos anos os separassem. De qualquer maneira, ele podia dizer que estava muito feliz.

Então porque sentia que havia algo errado?

– Pensando na morte da bezerra?

Ele se virou sorrindo, reconhecendo a voz da guerreira.

– Estava te esperando! – disse ele.

– Eu sei! – respondeu ela sorrindo.

Todos os fins de tarde, Dirk e Vanna treinavam juntos a arte da montaria. Eventualmente, ela e Romano também praticavam juntos e aprimoravam suas técnicas. Ainda brigavam um pouco, mas pelo menos podiam extravasar chocando suas espadas e tentando desarmar um ao outro. Vanna se lembrava muito bem da primeira lição que Romano lhe dera. Nunca, nunca, NUNCA abandone sua espada.

– Não importa o que aconteça, não importa o que você tenha que segurar, nunca largue a espada!

– E se for um bebê? – perguntou ela num dia em que ele repetia exaustivamente essa lição.

Romano sacudiu ligeiramente a cabeça.

– E por que você teria que segurar um bebê durante uma luta?!

– Sei lá, coisas malucas acontecem!

– Escute aqui, maluca! Não se larga a espada numa luta nunca, entendeu? Se jogarem um bebê em cima de você, não o segure se tiver que largar a espada! Provavelmente, o bebê também deve ter uma espada e vai se virar muito bem!

Romano até que se divertia com as bobagens da morena, mas compreendeu quando ela trocou as tardes de treino com ele por tardes de treino com Dirk. Era evidente a queda dela pelo loiro. Romano não demonstrou nenhum ressentimento, embora na hora tivesse ficado um pouco chateado. Não demorou muito para a lógica controlar suas emoções. Não estava em posição de sentir ciúme de uma mulher, fosse quem fosse. Além do mais, era notório que Dirk se beneficiaria muito mais das aulas com ela, já que ele ainda precisava aprender muito na arte da luta.

Naquele dia, Dirk prestava atenção a Vanna e suas explicações criativas sobre montaria. A moça conhecia uns truques muito interessantes de combate em um cavalo e ele estava aprendendo com ela. Tinha que admitir que, apesar de Romano ter seus problemas com ela, Vanna era uma boa amiga com quem passava grandes momentos.

Naquela tarde, treinaram o resgate de um objeto em alta velocidade. Colocaram um saco de pedras num ponto e Vanna veio correndo com Anael, seu cavalo negro. A guerreira se inclinou tão rápido que Dirk achou que ela tinha caído. Apanhou o saco e num movimento rápido, girou-o para pegar impulso e voltou à sua posição ereta.

Ciente da parte teórica, Dirk tentou o mesmo. Parecia incrivelmente fácil! Mas não era. O peso do saco de pedras não foi bem calculado e quando o largou já era tarde demais. O rapaz estatelou-se no chão enquanto sua montaria seguiu adiante. Vanna correu até ele, esperando que não tivesse se machucado.

– Você está bem?

– Ai...

Ela lhe estendeu a mão e ele se levantou.

– Quer tentar de novo? – perguntou ela.

– Pode me dar um minuto?

Ele tentou recuperar o ar que tinha ido embora, apoiado nos joelhos. Então se voltou novamente para ela, mas flagrou-a encantada com o entardecer. O sol partia entre as montanhas e nuvens, cobrindo tudo com sua luz dourada enquanto o vento acariciava a relva e os cabelos dela, fazendo desenhos e ondas com reflexos de ouro.

– Não é lindo? – sussurrou ela.

O rapaz não tinha olhado para o sol ainda. Continuava olhando a

imagem da moça naquele cenário de sonho, coberta de dourado, olhando admirada para a despedida do dia.

– É... – respondeu ele. – É lindo...

Naquela noite, Dirk estava no bosque observando a Lua cheia. O céu estava limpo e sapos coaxavam em sua cantoria. Pensava no que Dermont lhe dissera. Havia duas mulheres em sua vida e ele achou que sabia o que queria. Mas a verdade é que tinha dúvidas. Quando pensava em Isabelle, seu coração se enchia de admiração e um amor respeitoso e belo. Mas quando pensava em Vanna, seu corpo inteiro pulsava no ritmo do seu coração e ele sentia vontade de sorrir ou correr. Precisava descobrir seus reais sentimentos antes que eles o devorassem.

– Olá!

Ele se virou, surpreso com a presença feminina. Vanna estava de pé numa pedra tão perto que ele se perguntou como ela se aproximara sem que ele notasse. Estava com um vestido branco e leve que dançava com a brisa, contrastando com seus cabelos negros e ondulados, dando-lhe um ar sobrenatural à luz da lua cheia.

– Atrapalho? – perguntou ela.

– Não, de forma alguma!

Ele a convidou para se sentar ao lado dele e a brisa trouxe o perfume de rosas. Não sabia se era dela ou de flores adormecidas de algum lugar ali por perto.

– O que está fazendo? – perguntou ela.

– Pensando... Dermont disse algumas coisas e estou pensando sobre isso.

– Que coisas?

– Ele acha que eu devo me arriscar mais. E aceitar o que a Divindade me traz. Como o elmo do Nike. Ele acha que eu devo usá-lo.

Vanna pensou sobre o assunto.

– Se é o que você quer, use.

Ele riu.

– As coisas são sempre simples com você, não é?

– Não, elas são simples com qualquer um – respondeu ela. – Algumas pessoas é que escolhem complicar.

Ele anuiu com a cabeça e voltaram a olhar para a lua. O perfume de rosas e o calor do corpo dela o aqueceu. Virou-se discretamente e viu o colo nu banhado pela luz nacarada da lua. Sentiu-se atraído por ela por uma força magnética quase incontrollável e suavemente inclinou a cabeça em

sua direção.

Ela o olhou e sentiu o coração acelerar. Aproximou os lábios, fechando os olhos. Aproximaram-se até sentirem a respiração um do outro. E então ele parou.

– Desculpe... – disse ele, olhando-a nos olhos. – Eu não posso...

E então se levantou e saiu apressado, deixando a moça sozinha com a lua e um coração partido.

Dirk não dormira naquela noite. Seu coração finalmente tomara uma decisão e ele estava disposto a fazer a coisa certa. Assim que amanheceu, vestiu-se e ficou de frente para o grande espelho que tinha no quarto. Repassou na sua mente o que pensara durante a noite não dormida. Iria se encontrar com Isabelle. Ela o receberia com um beijo longo e quente, exatamente como nas últimas quatro semanas, quando começaram a namorar. Ele, porém, a impediria. Olharia em seus olhos e contaria a verdade. Contaria que por mais que ela aquecesse seu coração, ele batia por outra mulher, mesmo contra sua própria vontade, pois tudo o que ele queria era que seu coração obedecesse e batesse pela pessoa certa. Ela choraria, o estapearia, gritaria talvez, embora isso não fizesse o seu estilo. Talvez, ela apenas o mandasse embora e fosse cuidar de suas feridas em um canto escondido, como fazem algumas feras.

A dúvida voltou ao seu coração. Lembrou-se do sorriso de Isabelle e como se sentia tranquilo e seguro com ela. Ao contrário do que sentia ao lado de Vanna, quando nunca sabia o que ia acontecer. Estaria cometendo um erro? Talvez devesse esperar mais um pouco...

Seus olhos foram atraídos pelo elmo que ficara sobre a cômoda. Pegou-o olhando para o espelho. E então o colocou.

Isabelle esperava ansiosa no pátio pelo seu novo amor. Não se importava com a diferença de idade, nem com o que seu pai iria dizer. Naquele momento, a sacerdotisa de Aine não passava de uma garotinha esperando o príncipe encantado. Olhava para o céu que estava azul há alguns minutos. Um vento frio trouxe nuvens escuras e um bando de pássaros voou em retirada, fazendo estardalhaço. Sentiu-se observada e virou-se. E das sombras das árvores, ele surgiu.

– Dirk?

Ele deu um passo adiante e ela respirou aliviada ao ver que era mesmo ele.

– Eu não o reconheci com este elmo! – disse ela, indo em sua direção.

Então ele a puxou para si segurando sua nuca e a beijou violentamente. Ela não resistiu. Confiava nele. Quando terminaram, ela olhou em seus olhos, sem compreender que mudança era essa que ela via e sentia, mas não conseguia descrever.

– Você... está diferente... – murmurou ela, ainda em seus braços.
Ele apenas sorriu e voltou a beijá-la.

A poucos metros deles, uma estátua da deusa Vênus, vinda de Titânia há alguns anos, observava o casal de enamorados. Atrás dela, um coração sofria. Vanna tinha seguido Dirk naquela manhã e finalmente descobrira a verdade. O coração dele já pertencia à outra. As lágrimas subiram aos olhos e ela tentou lutar contra elas, repetindo para si mesma que era forte, que era uma guerreira, que era uma heroína. Mesmo assim, as lágrimas caíram pesadas e rolaram pelo seu rosto.

Aquele dia fora estranho. Groulf não compreendia muito bem os sentimentos dos humanos, mas sentia quando algo estava errado. Havia um clima esquisito no campo.

Vanna estava ensinando Vincent a mover a espada em golpes contínuos, usando seu corpo esguio para confundir o inimigo. Se girasse sem perder o equilíbrio ou o foco, poderia atingir o estômago do inimigo no primeiro golpe e o pescoço no segundo, enquanto, ao mesmo tempo, se esquivava dos golpes do outro. Pra isso, precisava saber para onde o oponente ia se mover primeiro.

– É como uma dança – explicou Vanna. – Vamos, Vincent! Dance comigo!

Ele tentou, mas ela foi mais rápida.

– Você está morto! – disse ela com a ponta de sua espada de madeira no peito dele.

Ele tentou de novo.

– Morto!!! – disse ela de novo, dessa vez com a espada em seu pescoço.

Ele tentou mais uma vez.

– Mortinho da silva! – disse ela, com um sorriso, com a ponta da espada em suas costas. Nem ele soube direito como ela foi parar lá.

– Isso é difícil!... – disse o rapaz.

– Sim, é – concordou Vanna. – Eu sei que é. Mas acho que você pode ir longe, Vincent.

O garoto sorriu, cheio de orgulho e se preparou para tentar de novo,

quando alguém chegou chamando por Vanna. Ela se virou e, pela primeira vez, seu sorriso se desfez ao ver Dirk caminhando em sua direção.

Ele chegou perto dela com um sorriso.

– Eu estive procurando por você – disse ele.

– Já encontrou. O que você quer? – perguntou ela, cruzando os braços.

Ele franziu o cenho, estranhando a hostilidade de alguém que era sempre excessivamente doce com ele.

– Eu gostaria de conversar com você um pouco. Você tem um minuto? – perguntou ele.

– Não.

E virou-lhe as costas, voltando a treinar com o garoto, que não entendeu o aparente clima de gelo no ar. Dirk ficou alguns segundos paralisado pelo banho de água fria e então virou nos calcanhares e desapareceu. Vanna olhou por cima do ombro e ainda o viu indo embora. O coração doeu.

Durante a tarde, Dirk preferiu não dar aula. Avisou à Groulf que não ensinaria ninguém naquele dia e não ligou para as reclamações da elfa, que acabaram sendo levadas a todos na mesa do jantar.

– Como assim, “não vou dar aula hoje”?! – perguntou a elfa, indignada. – Tá pensando o quê, Dirk? Que trabalhar é opcional?

O loiro continuava sentado à mesa olhando-a friamente. Romano interveio.

– Calma, Groulf! Deve ter havido um motivo. Dirk sempre foi muito responsável. E então, Dirk? Por que não quis dar aula hoje? Estava se sentindo mal?

O jovem encheu a própria caneca de vinho e respondeu sem olhar para os outros.

– Não, eu estava ótimo. Só não quis lidar com aqueles guris e gurias irritantes!

E então bebeu de uma vez o conteúdo da caneca, voltando a enchê-la em seguida. Vanna continuava em silêncio, mastigando carne, evitando olhar pra ele como se ele não existisse.

– O que deu em você? – perguntou Dirk de repente, batendo na mesa e se dirigindo à Vanna. – Há poucos dias, você não podia esperar para arrancar suas roupas para mim e agora se faz de difícil?! Quem você pensa que é?!

O silêncio era da surpresa de quando somos atacados por quem

menos esperamos. Aquelas palavras foram cruéis e totalmente inesperadas. Groulf achou que Vanna ia enfiar aquela garrafa na cabeça dele, mas ela não o fez. Seus olhos se encheram d'água e ela deixou a mesa, subindo correndo as escadas para o seu quarto.

Romano agarrou o braço do amigo, os olhos faiscando.

– O que deu em você?! – disse ele. – Peça desculpas a ela!

– Isso não é assunto seu!

Romano apertou ainda mais seu braço.

– Peça desculpas a ela ou eu vou te arrebentar, e eu te garanto, eu vou te bater tanto que você não vai nem conseguir respirar sem dizer “ai”! – ameaçou Romano numa voz tão rouca e baixa que pareceu um rosnado. Bastava ver o seu olhar para saber que ele estava falando sério.

Dirk o encarou por alguns segundos e então seu olhar pareceu ceder. Ele baixou a cabeça.

– Desculpe... Desculpem-me todos! – disse ele, olhando para a mesa.

– Romano tem razão, eu vou pedir desculpas a ela!

E então terminou a caneca de vinho e se levantou da mesa. Romano o tinha largado. Dirk subiu as escadas e bateu levemente na porta da moça.

– Vá embora!!! – gritou ela lá de dentro.

– Por favor, Vanna! – disse ele. Havia algo estranho em sua voz. Não havia emoção. Ele pedia por favor como quem dizia “peças para carroças”.

Ela abriu a porta, mas deixou apenas uma fresta por onde o olhava. Dava pra ver que ela tinha chorado.

– Eu só queria pedir desculpas – disse ele de novo. – Eu gostaria de falar com você.

– Eu não quero falar com você – disse ela. – Não hoje!

E fechou a porta na cara dele. Seu rosto se fechou e ele apertou os punhos, mas Romano surgiu ao seu lado, tocando seu ombro.

– Deixe. Fale com ela amanhã. Vá dormir. Não sei o que deu em você hoje, mas eu o aconselho a não beber mais.

E Romano pareceu esperar que ele fosse para seu quarto, pois não se moveu até que Dirk finalmente desistisse e fosse embora.

O mau humor do dia anterior parecia persistir em continuar acompanhando o dia seguinte. Groulf começou a se perguntar se aquela semana inteira não estaria amaldiçoada. Vanna procurava evitar Dirk, que continuava tentando falar com ela. Os alunos começaram a chegar e Groulf

foi incisiva ao se encontrar com ele.

– Escuta aqui, ô folgado! Não vou ficar trabalhando pra você que nem uma moura! Pode ir tratando de ir cuidar dos alunos de hoje!

Dirk a olhava nos olhos e ela percebeu que os olhos azuis estavam um tanto acinzentados. Ele também tinha olheiras, como se não tivesse dormido. Provavelmente, ele e Vanna passaram a noite inteira chorando ou lamentando seus amores não correspondidos, numa dessas complicadas coisas humanas. Imaginou que a guerreira também estivesse com um humor dos infernos e faria tudo para evitá-la durante aquele dia.

– Não se preocupe – disse ele com um sorriso estranho. – Cuidarei dos alunos hoje.

Groulf ensinava a um pequeno grupo de rapazes e moças sobre a arte de lutar com pedaços de paus. O fato é que nem sempre temos uma espada nas mãos e qualquer coisa precisa ser transformada em uma arma. Então ela mostrou como se defender de alguém com golpes dados com um pedaço de pau.

Um grito longo se transformou em choro num crescente de agonia e dor. Groulf levantou a cabeça, procurando a fonte daquele grito e viu Romano e Vanna correndo para ver o que acontecera. Chegaram em segundos e viram Vincent contorcido no chão segurando a própria perna e chorando de dor, enquanto Dirk, com a maça nas mãos, lhe gritava para deixar de ser uma donzela e se levantar, diante do olhar aterrorizado dos outros aprendizes.

– Dirk, pare com isso!!! – gritou Vanna, enquanto verificava o estado do garoto.

– O que aconteceu aqui? – perguntou Romano, também ao lado de Vincent e vendo que o ferimento era sério.

– Foi um acidente... – respondeu Dirk, friamente. – Continuem paparicando esse garoto desse jeito e ele nunca será nada!

E dizendo isso, saiu sem olhar pra trás.

O garoto foi levado com cuidado para a casa e Groulf assumiu todas as turmas. Enquanto Vanna ficava com Vincent, tentando acalmá-lo, Romano correu a cavalo em busca de um sacerdote de cura. Não demorou muito para Isabelle entrar correndo com um noviço como assistente.

Vanna sentiu a mágoa subir-lhe pela garganta. De tanta gente naquela igreja, tinha que ser Isabelle. Claro. Tentou sair, temendo cometer

uma grosseria, mas Vincent puxou-a de volta, apertando-lhe a mão. Ela se deparou com o olhar apavorado e cheio de dor e lágrimas e voltou a se sentar ao seu lado, tocando-lhe a testa gentilmente e dizendo que tudo ia ficar bem.

O trabalho foi feito e um grito de agonia foi ouvido na hora em que tiveram que colocar a perna no lugar para somente então imobilizá-la. Encantamentos foram feitos e um elixir foi dado ao rapaz. Assim que seu coração de acalmou, adormeceu.

Isabelle desceu as escadas com os outros sem nada dizer, até que chegou na sala.

– Muito bem, o que aconteceu realmente?

Romano e Vanna se entreolharam sem saber o que responder.

– Foi um acidente durante a aula – respondeu Romano, resumindo tudo o que sabia.

– Isso não foi um acidente! – retrucou a moça. – A perna desse menino foi quase esmagada por uma coisa pesada e não consigo imaginar um acidente de aula que faça isso.

Então ela se voltou para Vanna com olhar acusador.

– Deveriam saber que nem todo mundo tem capacidade para ensinar alguém! Pessoas de índole egoísta e violenta deveriam ficar longe de qualquer pessoa mais frágil! Não preciso pensar muito para imaginar quem foi o “mestre” que fez isso...

– Foi Dirk.

Isabelle se virou para ver quem respondera. Era Groulf, que entrara há alguns segundos e pegara a conversa toda.

– Não sabemos o que aconteceu e os alunos estão assustados demais para nos contar. Mas sabemos que foi Dirk – continuou ela, que já tentara saber dos alunos como tudo ocorrera.

– Impossível... – murmurou Isabelle, que não podia imaginar Dirk fazendo qualquer coisa parecida.

– Ele vai ficar bom?

A pergunta de Vanna trouxe Isabelle de volta à realidade. Ela se virou para a guerreira, vendo seu olhar genuinamente preocupado.

– O joelho foi esmagado. Ele não poderá mais andar.

Os rostos lívidos continuaram diante dela, esperando que ela pudesse dizer um “mas”. Ela não tinha nenhum “mas” pra dizer.

– Sinto muito.

Depois que ela saiu, Groulf foi a primeira a falar.

– Eu vou matar o Dirk!

– Tem que ter sido um acidente! – disse Romano, nitidamente atordoado. – Dirk jamais machucaria ninguém assim de propósito!

– Onde ele está?

Ninguém sabia. Então Romano e Groulf saíram pra procurar. Se alguém podia dizer o que aconteceu, era Dirk. Vanna ficou em casa. Em algum momento, ele voltaria e eles poderiam perguntar o que diabos aconteceu. Até lá, ela se sentaria ao lado de Vincent e seguraria sua mão.

Subiu as escadas e entrou no quarto do garoto que dormia profundamente. Fechou a porta, sem perceber que havia alguém atrás dela. Sentou-se ao lado da cama e acariciou os cabelos do menino adormecido.

– Tenho sua atenção agora?

Ela se sobressaltou ao ver que não estavam sozinhos. Dirk estava recostado contra a parede atrás da porta, olhando-a fixamente. O elmo fazia uma sombra em seus olhos que pareciam lanternas flutuando na escuridão.

– O que aconteceu? – perguntou Vanna.

– Já disse, um acidente – respondeu ele secamente. – Eu preciso falar com você.

– Isabelle disse que não foi um acidente.

– Isabelle mentiu!

Ele alterou a voz e deu um passo brusco à frente, assustando a moça. Ao perceber isso, ele se acalmou.

– Isabelle está magoada comigo. Nós terminamos hoje. Algumas mulheres podem ser muito vingativas.

Vanna não respondeu.

– Podemos falar agora? – perguntou ele com um sorriso que não lembrava em nada o sorriso de Dirk. Era um sorriso sem sentimento, como se fosse uma pintura feita por um artista sem inspiração. Ou sem alma. Era isso que parecia faltar às suas palavras. Alma. Eram vazias, pareciam ditas por alguém que tinha os pensamentos longe. Palavras sem alma parecem perder grande parte de sua essência.

– Não. Você esmagou a perna de Vincent, não demonstrou nenhuma piedade e mesmo agora não demonstra nenhuma preocupação. Acidente ou não, eu não quero falar com você agora. Agora saia!

Ele ficou de pé e então sorriu de novo. Empurrou-a contra a parede e segurou seus braços, sentindo os seios contra seu corpo. Ele estava a um centímetro dela e sabia que ela não resistiria a um beijo. Foi quando sentiu uma pontada na virilha.

Vanna tinha uma armadura muito peculiar. Além do estranho

corpete de cota de malha, ela tinha botas que iam até o joelho, feitas de placas de metal. Isso não era nenhuma novidade e havia algumas centenas iguais por aí. A diferença é que a última placa, a que protegia seu joelho, terminava em uma ponta afiada. E era essa ponta afiada que estava num encontro direto com os “*países baixos*” e não parecia muito diplomática.

Ele a olhou incrédulo e ela apenas o encarou de volta.

– Saia agora ou Vincent não será o único a precisar de cuidados médicos – ameaçou ela.

Ela empurrou um pouco mais a ponta de metal em seu joelho contra a virilha dele, o que apressou sua decisão. Ele se afastou. A expressão dele ficou mais sombria, mas ele saiu. Vanna percebeu que o quarto estava frio. Olhou para o garoto desacordado na cama e o cobriu com uma coberta. Esfregou os próprios braços, tentando se aquecer.

Romano e Groulf não acharam Dirk e acabaram voltando para a casa. Quando entraram, se surpreenderam com Dirk sentado à mesa com uma caneca de cerveja diante dele. Naturalmente que eles quiseram saber o que aconteceu, mas Dirk respondeu a mesma coisa. Foi um acidente. Dessa vez, acrescentou que sentia muito, embora não houvesse nenhuma emoção em sua voz. A Lua chegou e o dia finalmente acabou. Todos se recolheram e Dirk ficou sozinho na mesa.

Capítulo 15

A Volta dos que se Foram

Galliard nunca fora um homem muito esperto. Não foi surpresa que sua vida fosse abreviada por um erro dele mesmo. Por não saber nadar, não deveria ter entrado no Lago de Bran, belíssimo àquela época do ano, mas muito fundo. Ele achou que deveria entrar para impressionar uma moça por quem era apaixonado. Entrou, sacudiu-se, esperneou e finalmente afundou. Guillemer, um pescador da região, tentou socorrê-lo, mas foi tarde demais. Recuperaram seu corpo, mas Galliard estava definitivamente morto.

Duas horas depois, quando seu corpo estava em sua casa, aguardando os serviços clericais, um milagre aconteceu. Ele simplesmente se levantou. A mãe o abraçou feliz e os irmãos comemoraram. Tinha sido um milagre.

Romano foi o primeiro a acordar, esperando que este dia fosse melhor que o anterior. Entrou sem fazer barulho no quarto de Vanna, para onde Vincent tinha sido levado. O segundo andar da casa era repleto de quartos vagos, mas como não tinham uso, haviam sido limpos, mas não tinham quase nada neles. O quarto de Vanna era o quarto mais próximo, se tornando assim, a primeira opção na hora do desespero. Depois, não puderam mais movê-lo.

No quarto banhado por uma luz fina da manhã, Romano viu Vanna enrolada num cobertor, adormecida numa cadeira ao lado da cama, onde o rapaz ainda dormia. Encostou suavemente a porta e desceu as escadas. Espantou-se ao encontrar Dirk sentado à mesa, com as mesmas roupas do dia anterior, na mesma posição.

– Dirk? Você não dormiu? – perguntou ele, percebendo que os olhos do amigo estavam bem abertos.

– Não.

Romano se aproximou e se sentou diante dele.

– Dirk, você está bem?

– Preciso sair.

E então se levantou e saiu sem dizer mais nada.

Não demorou muito e Vanna acordou também. Dormira mal e estava amarrotada, descabelada e se sentindo um jiló. Desceu de mau humor e encontrou Romano na mesa escrevendo uma carta. Havia pão e uma jarra de leite, coisas que eram entregues porta a porta todas as manhãs. Pegou sua caneca de leite e sentou-se na mesa com ele.

– O que tanto você escreve?

– Eu já disse... – respondeu ele, sem tirar a atenção do que fazia. – Cartas para minha família...

Ela bebeu um pouco do leite e ficou em silêncio.

– Você também pode escrever pra sua família – disse Romano.

– Eles não sabem ler.

– É mesmo? Romano ergueu a cabeça para olhá-la e só então percebeu que ela estava com enormes olheiras e um pouco mais descabelada do que o normal.

– Nossa! Você está horrível!

– Pois é.

– E o garoto?

– Acordou algumas vezes durante a noite. Está com muita dor ainda. E Dirk?

– Saiu. Passou a noite em claro. Acho que ficou pensando no que ele fez.

– Você acha? – perguntou Vanna, que preferiu não comentar o ocorrido na noite anterior.

– Acho que todo mundo tem um dia ruim de vez em quando. Talvez tenha sido mesmo um acidente. Tem que ter sido um acidente... Não tem outra explicação.

Ficaram em silêncio por alguns segundos.

– Vincent sabe – disse Vanna, com a caneca perto dos lábios.

– Então acho que devemos perguntar pra ele assim que se sentir melhor... – concordou Romano.

Vanna se levantou.

– Vou voltar pra lá.

– Dispensando os aprendizes hoje?

– Não, eles vão ficar nervosos. Assuma os meus alunos e tente não matar nenhum.

Romano a viu subir as escadas arrastando os pés e ouviu a porta

fechar levemente. E então voltou para sua carta.

Já era quase fim de tarde quando Dirk retornou ao campo. Não encontrou ninguém na casa e o campo de treinamento estava vazio. Subiu as escadas e abriu com cuidado a porta do quarto de Vanna. Surpreendeu-se com a cama vazia.

– Ele foi embora hoje.

Ele se virou para Romano, recostado na parede a alguns metros dele.

– Nós o levamos para a família. Ele ficará sob cuidados por alguns meses.

Dirk continuava olhando-o fixamente sem nada dizer.

– Perguntamos o que aconteceu...

– E o que ele disse?

Romano não respondeu de imediato. Tentava encontrar alguma preocupação genuína no rosto do amigo, mas só via preocupação consigo mesmo.

– Ele disse que foi um acidente... Que deveria ter sido mais rápido e se esquivado do golpe.

– Eu já tinha dito isso.

– Sim, disse... – Romano se aproximou. – Mas nós sabemos que nunca usaríamos essa força descabida em um simples treinamento. Você esmagou a perna dele, Dirk! Não consegue ver isso?

Dirk ficou em silêncio por alguns segundos antes de responder.

– Eu sei. Eu sinto muito.

E então desceu as escadas.

– Você vai sair de novo? – perguntou Romano.

O outro não respondeu, saindo sem se despedir.

Dirk passou de cavalo por Groulf. O novo acessório causou estranheza pelo terceiro dia. Sem descer do cavalo que parecia agitado, parou perto da elfa que levava os outros cavalos para o estábulo. Eles se agitaram um pouco também, mas Groulf rapidamente os acalmou.

– Bonito chapéu! – disse a elfa.

– Onde está Vanna?

Groulf estranhou que Dirk não a cumprimentasse e parecesse tão seco, mas imaginou que depois de tudo o que acontecera no dia anterior, ele não estivesse no melhor dos humores.

– Saiu há pouco.

– Pra onde ela foi?

– Não faço ideia.

E então ele saiu sem se despedir, deixando a elfa parada sem entender o comportamento brusco.

– De nada! – gritou Groulf quando ele já ia longe.

Na cidade, Vanna procurava um jeito de lidar com tudo o que estava acontecendo no seu coração. Toda aquela história com Dirk e Isabelle já tinha aberto uma ferida tão grande que temia cair dentro dela a qualquer momento. Lidar com um coração partido já era difícil. Agora, ainda tinha que lidar com a tristeza profunda que sentia por Vincent, que agora nunca mais poderia montar ou lutar como sempre sonhara. Estava infeliz, zangada e muito frustrada. Precisava de um lugar para pensar.

Entrou na Taberna Incandescente armada e esperou alguém reclamar. Um olhar bastou para que ninguém tentasse impedi-la de entrar. Sentou-se no balcão e pediu uma bebida qualquer. O copo chegou. Ela bebeu e pediu outro.

Depois do terceiro copo, alguém sentou do seu lado. Pensou que fosse um dos gordos suados e feios que costumavam frequentar o local e deu um olhar de soslaio de puro desprezo. Porém, o que viu foi algo bem diferente.

Um rapaz alto de traços finos e cabelos negros levemente despenteados e semi longos lhe sorriu.

– Posso lhe pagar uma bebida pra ajudar a afogar as mágoas? – disse ele, os olhos negros brilhando com o reflexo de velas próximas.

Vanna sorriu. Talvez fosse exatamente do que ela precisava. Alguém que não estivesse envolvido em seu mundo e pudesse lhe mostrar um pouco da leveza de uma vida sem problemas e um coração sem mágoas.

Meia hora depois, cadeiras voaram pela janela da Taberna Incandescente e o quebra-quebra só terminou quando a taberna começou a pegar fogo. Quarenta e cinco minutos depois, Vanna e o jovem estranho estavam na prisão local. Ele lhe estendeu a mão.

– Meu nome é Hitch Bernard Eisner.

– Sou Vanna Domaindragon.

– Você briga bem!...

Ela retribuiu o sorriso.

– Você também...

Já era noite alta quando um fato se tornou patente.

– Vanna sumiu! – disse Groulf.

– Ela não voltou ainda? – Romano não quis parecer preocupado, mas nunca fora bom ator.

Sem muitas opções, Romano e Groulf saíram para procurar Vanna. Felizmente, a guerreira tinha uma presença bem marcante e era muito fácil saber por onde ela tinha passado. A taberna que pegou fogo foi um ótimo começo. Em poucos minutos, estavam na delegacia, onde Vanna e um estranho dormiam, cada um num banco.

O som do guarda abrindo o cadeado acordou os dois que se levantaram. Vanna abriu um sorriso.

– Pessoal! Vocês vieram?

– Vanna! Você bebeu?! – perguntou Groulf, sentindo o bafo da amiga de longe.

– Só um pouquinho!

Eles abriram a porta e a guerreira ia saindo quando se lembrou de uma coisa.

– Ah! Esse é Hitch! Ele é meu amigo!

Romano olhou para o rapaz que lhe sorriu e deu um tchauzinho. Respirou fundo e pegou sua sacola de dinheiro, pagando a segunda fiança. Hitch saiu sorrindo e agradecendo. Que bom que tivera a sorte de encontrar aquelas pessoas, ou acabaria passando vários dias na prisão. De novo.

O dia raiou, o galo cantou e a realidade do dia anterior voltou como um borrão que aos poucos ia ganhando mais definição. Hitch acordara num quarto que nunca vira, totalmente sozinho. Tinha que parar com isso, ou um dia ia acabar acordando num lugar do qual não conseguiria sair. Foi até a janela e viu a luz dos primeiros raios da manhã cobrindo as árvores e o lago depois delas. Espreguiçou-se e colocou os sapatos e o resto da roupa.

– Pronto! É hora de descobrir que diabo de lugar é esse!

Ele desceu e encontrou alguém. Sua memória não o traiu e ele lembrou que fora aquele sujeito que pagara sua fiança e o tirara da prisão.

– Olá, amigo! Desculpe-me, eu esqueci o seu nome! Eu queria lhe agradecer por...

– Onde diabos você esteve?!

Hitch ficou ligeiramente confuso por alguns instantes, até perceber que não era com ele que o sujeito estava falando. Hitch virou-se e viu na

porta um camarada que acabara de entrar. Sua primeira impressão não foi das melhores, sentindo um calafrio assim que colocara seus olhos sobre ele.

– Por onde eu ando não é da sua conta! – respondeu Dirk.

– O que deu em você?! – Romano não entendia o que tinha acontecido com o amigo.

Dirk caminhou até ficar de frente para ele, a apenas alguns centímetros de seu rosto. Romano viu os olhos cinzentos e estranhos, muito diferentes dos olhos de antes. Profundas olheiras eram manchas abaixo dos olhos.

– Em breve você irá descobrir... – disse Dirk em uma voz sussurrada e assustadora. – Até lá, fique fora do meu caminho!

– O que está acontecendo?

Vanna estava no alto da escada envolta em um longo manto de mangas compridas por cima da camisola.

Dirk se virou para seu novo interesse.

– Vanna! Eu estava procurando por você!

– Nos lugares errados, imagino... – disse ela, com pouco humor naquela manhã cada vez mais estranha.

Ela desceu alguns degraus sem tirar os olhos frios dele. O noviço se aproximou com um sorriso.

– Queria falar com você.

– Então fale.

Uma leve irritação transpareceu nos olhos dele.

– Em particular.

Havia algo de estranho nele. A forma de andar parecia diferente e o olhar não parecia o mesmo. Somente então ela percebeu que a franja loira estava a vista em fios desgrehados por baixo do elmo.

– Não posso. Tenho um compromisso agora.

– É mesmo? – Dirk parecia ter percebido o blefe, o que mais uma vez a surpreendeu, pois Dirk era incapaz de perceber uma parede de tijolos nem que ela caísse sobre ele. – Com quem?

– Com ele!

Vanna apontou para Hitch, completamente perdido naquela situação tremendamente desconfortável da qual ele queria sair o mais rápido possível. Então ela terminou de descer as escadas e foi até Hitch, dando-lhe o braço.

– Marquei de tomar café da manhã com meu amigo aqui. Se quiser, conversamos depois.

Dirk lançou-lhe um olhar que ela nunca vira. Então se virou e saiu da

casa, deixando os outros atordoados atrás de si.

Lá fora, Groulf estava cuidando dos cavalos quando estes se agitaram sem razão aparente. Foi quando a elfa viu o noviço passar a poucos metros deles. Ela observou como os animais ficavam nervosos com a aproximação dele e como os pássaros voavam para longe por onde ele passava.

Quando entrou na casa, a elfa já entrou falando.

– Tem alguma coisa muito errada com o Dirk!

– Já notamos – disse Romano. – Só não sabemos o que fazer.

– Não tem nada de errado com ele! Só está agindo como um cretino, como todos os homens! – reclamou Vanna.

Romano e Hitch a olharam diretamente para tentar lembrá-la de que eles estavam ali, mas ela não ligou, voltando a beber seu leite com mel. Uma batida conhecida na porta interrompeu a conversa. Groulf abriu e se deparou com o sorriso sempre confortador de Dermont.

– Bom dia, meus jovens! Como estão hoje?

– Na verdade, Senhor de Brough, hoje não é um bom dia – disse Romano. – Estamos com um pequeno problema interno.

– É mesmo? Me digam o que é, talvez eu possa ajudá-los!

– Dirk está agindo como um cretino! – resumiu Vanna.

– Bom, isso acontece com os homens de vez em quando, minha filha... Podem ser mais específicos?

– Ele anda agindo de modo estranho desde que colocou aquele elmo!
– explicou Romano.

– O elmo? – os olhos de Dermont brilharam de curiosidade.

– Sim, desde que ele começou a andar com aquela coisa, ele está diferente, o que é estranho, pois temos certeza de que o elmo não é mágico. Ele anda grosseiro e sumindo por aí. Ele feriu gravemente um garoto que o adorava e não parece nem ligar. Ele passou duas noites fora e ele nunca tinha feito isso antes.

– Ele também anda deixando os cavalos nervosos! – completou Groulf. – E os pássaros fogem quando ele passa!

– E os olhos dele me dão arrepios!

Todos olharam para Hitch, sentado à mesa como se morasse ali.

– E você, quem é mesmo? – perguntou Dermont, apertando os olhos como se tentasse se lembrar se já tinha sido apresentado àquele ali.

– Eu sou Hitch Bernard Eisner, muito prazer, e estou aqui por mero acaso. Não ligue pra mim, pode me ignorar.

– Bom... – disse Dermont. – Ao que parece, seu amigo está passando

por uma crise pessoal.

– Como assim?

– Amigos, eu conversei com esse jovem, e ele estava muito confuso sobre muitas coisas em sua vida. Acredito que essas dúvidas estejam agora cobrando seu preço. Dêem alguns dias a ele e verão que logo ele pedirá desculpas pelo comportamento inapropriado. Como amigos, vocês sabem que às vezes é preciso dar espaço para um coração que sofre.

Dermont os convencera. Groulf sabia que animais eram sensíveis ao humor e que isso pode ter sido um fato isolado. No final, o bom homem os deixou, prometendo voltar no dia seguinte para ver como estavam as coisas.

Esperaram que aquele dia terminasse e Dirk retornasse à casa de noite, quando poderiam conversar e ver o que estava de fato acontecendo. No entanto, Dirk não voltou pra casa naquela noite.

Capítulo 16

A surra

Mildred tinha sido uma mulher muito feliz. Criou seus filhos, amou seu marido e quando o tempo chegou, morreu. Morreu dormindo, com o semblante de quem ainda estava sonhando. Filhos e netos choraram sua perda, um choro de saudade, pois sabiam que o tempo cobra de todos o seu preço. Naquele dia cinzento, despediam-se de Mildred com carinho e reverência em sua casa onde tantas refeições uniram a família. O caixão estava aberto e as mulheres a pranteavam quando o Pranteador chegou. Ele tinha o hábito negro com um manto cujo capuz que se afunilava estranhamente diante do rosto, ocultando-o completamente, dando a impressão que havia um bico invisível saindo de sua boca. As crianças corriam quando ele passava e ninguém queria que o Pranteador viesse até sua porta. Cruzar com um Pranteador era sinal de azares infinitos e frequentemente anúncio de morte.

O Pranteador era sinal de que o cortejo deveria começar, levando Mildred até sua última morada. Ele se aproximou solenemente da velha senhora em sua caixa de madeira. Ela tinha o rosto cinzento e os cabelos brancos não tinham sido devidamente penteados. Quando o Pranteador disse a primeira palavra da cerimônia, inesperadamente, os olhos mortos de Mildred se abriram.

Algumas mulheres gritaram, mas ninguém correu. Aproximaram-se do caixão com olhos arregalados, quando as mãos magras da velha mulher seguraram firmemente as bordas do caixão. Aí sim, todo mundo saiu correndo. Mulheres e homens gritaram de terror e saíram correndo desvairadamente pela porta aberta, seguidos do Pranteador, que segurava a enorme bata negra acima das canelas finas para não tropeçar.

Passaram a noite procurando por Dirk na cidade e duvidaram que a pista que estavam seguindo fosse realmente levá-los a ele. O motivo era simples. A pista dizia que Dirk tinha ido para o lado Oeste da cidade, um lugar barra pesada que até os guardas evitavam, especialmente à noite.

Haviam se separado para cobrir uma área maior, o que perceberiam em breve que é um erro que não se deve cometer, por mais prática que a ideia pareça no momento.

Romano entrou numa taberna chamada O Covil. Sua intenção era simplesmente fazer perguntas. Não estava com roupas de combate, mas trazia a espada na cintura. Quando ele entrou, homens e mulheres da noite o observaram, mas logo voltaram a beber e a rir. Decerto não sabiam quem ele era e poderia ser simplesmente uma das almas perdidas que aporta ali para beber de vez em quando. Se você achava que a Taberna Incandescente era um lugar perigoso, é porque não tinha visto o Covil, nome do pior lugar da cidade, antro de ladrões, mulheres e rapazes de vida fácil, traficantes e assassinos. A escória estava ali e Dirk estava gargalhando com uma garrafa de bebida nas mãos bem no meio deles. Romano se aproximou do amigo, espantado em encontrá-lo lá.

O noviço se virou sem se levantar para o amigo que estava parado bem ao seu lado.

– Dirk, venha comigo agora – disse Romano.

– Você está me irritando, guerreiro... – murmurou Dirk, os olhos cravados em Romano com frieza.

Romano se abaixou para falar em seu ouvido. Agarrou-o pelo braço e tentou chamá-lo à razão.

– O que deu em você?! Vamos embora! Esse lugar é perigoso, venha comigo agora!

Dirk se inclinou como se tivesse sentido uma forte dor no estômago. Então, segurou fortemente o braço de Romano e olhou para ele diretamente. O Covil tinha pouca iluminação, mas Romano teve certeza de que os olhos do amigo estavam diferentes naquele momento. Estavam como antes, antes de agir como um enlouquecido, só que muito mais assustados.

– Romano, saia daqui! – grunhiu Dirk. – Saia, rápido, e fique longe de mim! Não...

Uma nova pontada fez com que ele se inclinasse de novo sobre a mesa.

– Dirk! Dirk, você está bem?

O noviço ergueu a cabeça rindo, já lançando a sentença.

– Muito bem, homens! Vocês não queriam diversão? Eis aqui a diversão! Um homem de bem! Foi ele quem capturou e entregou o Bando Vermelho!

E num movimento brusco, levantou-se e agarrou Romano pelo

braço, jogando-o no meio de um bando de homens armados. Romano não teve a menor chance. Assim que caiu no meio deles, foi imobilizado e retiraram sua espada. Os homens sorriram diante de uma nova diversão.

– Não devia ter vindo sozinho, garoto!

Romano começou a ser brutalmente espancado. Golpes nas costelas lhe doeram mais do que podia esperar, pois seus agressores vestiam luvas de metal. Sentiu o ar faltar e tentou se soltar, mas um homem o segurava por trás. Três murros em seu rosto o fizeram ver riscos negros cortando o lugar e as coisas começaram a embaçar. O homem o largou e ele caiu de quatro no chão. Um chute no estômago o fez cuspir sangue e ele se contorceu de dor. Outros chutes covardes o atingiram e ele cobriu a cabeça com os braços e se encolheu para tentar se proteger.

Ninguém viu exatamente de onde eles vieram, mas Vanna e Hitch entraram batendo em todo mundo. Assim que viu a confusão formada, Dirk saiu sem ser visto, deixando o caos atrás de si. Vanna e Hitch tiveram um pouco de dificuldade em chegar até Romano, mas conseguiram. Tiraram os brutamontes de cima dele e os afastaram. O rapaz levantou com muita dificuldade, sangue escorrendo pelo rosto e algumas costelas com certeza quebradas. O sangue nos olhos atrapalhou sua visão, mas não o bastante para ver que estavam numa encrenca danada.

Eram apenas três cercados por uma multidão. Uma multidão de homens extremamente perigosos que eram famosos por não conhecer o significado da palavra piedade.

Foi então que uma grande esfera luminosa violeta surgiu acima deles e uma voz grave foi ouvida.

– Parem todos agora, ou essa esfera irá explodir, levando todo mundo para o outro mundo!

Os homens hesitaram. Olharam para a esfera que começara a pulsar. Da porta, o dono da voz ordenava:

– Deixem eles passarem! Agora!

Houve uma dúvida inicial dos homens armados com espadas e adagas afiadas, mas o caminho começou a ser aberto, e Vanna e Hitch ajudaram Romano a sair dali. Quando já estavam na porta, reconheceram Totn-Hoc e Groulf envoltos em mantos.

– Fechem os olhos! – sussurrou o mago.

Então a esfera pulsou mais rápido até inchar e explodir. Quando os homens do Covil voltaram a enxergar, o pequeno grupo já estava bem longe.

– Groulf me contou sobre Dirk e eu vim ajudar. – disse Totn-Hoc, removendo o capuz e recuperando o fôlego. – O que aconteceu lá dentro?

– Ele me entregou de bandeja para aqueles homens, foi isso que aconteceu! – retrucou Romano, sentindo ainda muita dor nas costelas e no estômago. – Teriam me matado se não fossem vocês...

– Nossa! O amigo de vocês embirudou de vez, hein? – comentou Hitch.

Ninguém o contradisse, mas Totn pareceu confuso.

– Desculpe, mas quem é você mesmo?

– Hitch Bernard Eisner, e estou aqui por mero acaso, pode me ignorar se quiser.

Romano foi levado para o Templo onde foi cuidado por dois noviços. Recebeu bandagens e encantamentos que amenizaram a dor. Romano descobriu o sabor do elixir que induzia ao sono que Isabelle tinha dado a Vincent. Era doce.

Vanna e Hitch levaram Romano para casa. Groulf e Totn-Hoc continuaram a procurar por Dirk. Com Totn, tinham muito mais chance de conseguir trazê-lo através de uma magia do mago.

O céu estava totalmente encoberto com nuvens baixas e ameaçadoras. Vanna, Hitch e Romano chegaram a cavalo. O guerreiro estava curvado pela dor e pelo sono que o elixir causava. Desceram e o ajudaram a descer do cavalo.

Já dentro da casa, acompanharam o rapaz até sua cama.

– Aconteceu uma coisa lá no Covil! – disse ele, assim que se deitou, entre um gemido e outro. – Por um momento, um breve momento, eu acho que vi o Dirk lá. Ele tentou me avisar, me mandou sair dali... E então ele foi embora. Puf... Assim...

E então ele estava dormindo. O elixir dado na igreja cumprira seu papel. Vanna acariciou os cabelos negros do guerreiro num ato carinhoso que surpreendeu até a ela mesma. Se não o tivessem encontrado, ou se Groulf não tivesse levado Totn-Hoc a tempo, Romano estaria morto depois de ser esfaqueado das piores maneiras por pessoas sem qualquer traço de misericórdia. E aquilo foi assustador.

Deixaram o quarto e ela se voltou para Hitch.

– Obrigada – disse ela.

– Pelo quê? – perguntou o rapaz.

– Por ter me pago uma bebida na outra noite. E por ter nos ajudado

no meio dessa crise toda.

Ele sorriu, iluminando o belo rosto.

– É sempre um prazer! E não se preocupe. Ficarei até que tudo se resolva e você possa pagar uma bebida pra mim.

– Combinado – respondeu Vanna, sorrindo-lhe enquanto caminhava para seu quarto.

Hitch entrou no aposento que pela segunda noite estava sendo seu quarto e começou a pensar em pendurar alguns quadros para dar um ar mais pessoal.

Vanna entrou em seu quarto e o sorriso se esvaiu. Estava preocupada, de verdade. Não importava o que Dermont dizia, aquele maldito elmo tinha que ter alguma ligação com aquilo tudo. Dirk não faria aquelas coisas... Não machucaria um menino e não jogaria o melhor amigo nas mãos de facínoras, virando as costas a seguir.

– Quantas pessoas que você ama terei que machucar até ter sua atenção?

Vanna se virou o mais rápido que pôde, levando a mão ao cabo da espada na cintura, mas não foi rápida o bastante. Recebeu dois murros no rosto que a jogaram no chão, completamente atordoada, enquanto a espada fazia um som metálico ao cair no chão. Dirk se lançou contra ela e ela usou a perna para chutá-lo bem no meio do peito. Ele bateu na parede do quarto e caiu, mas começou a se levantar, rindo.

– Eu deveria saber que você ia dar trabalho...

A moça se arrastou, vendo-o se aproximar. E então ele se contorceu e gritou de dor. Vanna se levantou e o segurou.

– Deixe-a em paz! – grunhiu ele.

– Dirk, o que é isso? Quem está com você?

– Pare de lutar, menino!!! Não vê que eu já venci? – a voz dele saiu arranhada e grave, como se viesse das profundezas de uma caverna.

E então ele avançou para cima dela, jogando-a no chão. Uma jarra com água e uma bacia caíram quando ela bateu na cômoda, fazendo grande estardalhaço. Ele imobilizou seus braços.

– Você será uma ótima rainha do mundo dos mortos! – disse ele.

Um som metálico e em seguida seu corpo caiu ao lado dela. Vanna pôde ver Hitch que tinha acertado Dirk com o cabo da espada. O jovem de cabelos negros a ajudou a se levantar.

– Você está bem?

Dirk estava inconsciente e ela se precipitou para cima dele,

arrancando-lhe o elmo. Jogou-o longe com tamanha raiva que ele bateu na parede do outro lado com violência. Tentou acordar o rapaz, chamando seu nome várias vezes. Quando seus olhos se abriram, ele parecia cansado, mas ela facilmente pôde ver a diferença.

– Obrigado... – murmurou ele.

Ouviram passos na escada e deduziram ser Groulf e Totn-Hoc, mas quem chegou foi Dermont de Brough.

Vanna ia dizer algo, mas não teve tempo. Dermont acertou Hitch com uma maça negra em golpes rápidos. Como o rapaz não estava esperando, não conseguiu se defender e caiu inconsciente depois do segundo golpe. Vanna pegou a espada caída no chão e conseguiu se defender dos golpes do homem, que eram tão rápidos e fortes que não pareciam ser do velho que precisava de ajuda para se levantar. No terceiro golpe, a espada de Vanna voou e ela se viu desarmada. Um golpe acertou-lhe a cabeça e ela caiu atordoada. Tentou manter os olhos abertos, sentindo o fio de sangue escorrer-lhe pelas têmporas. Viu Dirk tentar se arrastar para longe de seu algoz enquanto Dermont ia até o elmo. Viu Dermont ir atrás do rapaz no chão com um sorriso de vitória. Dirk ainda tentou lutar, mas estava fraco demais e suas tentativas foram débeis. E então, o homem lhe colocou o elmo de volta. Vanna viu o rapaz chorar e se contorcer e então seus olhos pesaram e ela não viu mais nada, nem mesmo suas próprias lágrimas.

Capítulo 17

Sem palavras

Quando o negro da noite ganhou tons cinzentos, o galo avisou que estava amanhecendo. As nuvens pesadas anunciavam mais um dia escuro e triste. O clima dentro da casa não era diferente. Estavam reunidos na sala, cansados, preocupados e feridos de muitas maneiras. Vanna ainda segurava um pano úmido com ervas maceradas contra a própria cabeça que latejava. Hitch também recebera a sua cota de pancadas, mas estava bem, dentro do possível, e esperava que a sala parasse de girar em algum momento. Romano não deveria estar de pé, mas ninguém o impediria de estar ali e ajudar a resolver aquele problema. Totn-Hoc e Groulf se sentiam culpados por não terem voltado com eles naquela noite. Groulf nunca soube lidar muito bem com suas próprias emoções, agindo sempre de maneira inesperada quando se sentia mal com alguma coisa. Por isso, ninguém estranhou quando ela apontou para Vanna e gritou:

– Isso tudo é culpa sua!!!!

Ninguém respondeu. Sabiam que quando Groulf tinha seus ataques, era melhor esperar que ela se acalmasse.

– Se não tivesse voltado ontem pra cá, isso não teria acontecido! Se tivesse passado a noite numa pensão, ou se tivesse ficado na fazenda dos seus pais, se não tivesse saído daquele fim de mundo em que você vivia, nada disso estaria acontecendo!!!

Então ela começou a chorar. Romano a puxou para si e a consolou. Groulf era uma pessoinha muito difícil, mas eles a amavam assim mesmo.

– Não entendo... – disse Totn-Hoc. – Eu tinha certeza de que o elmo não tinha nenhuma magia! E não conheço nenhuma magia que faça isso...

– E se não for uma magia? – perguntou Vanna. – E se for uma maldição?

– É verdade! – concordou Hitch. – Lembro de histórias que falavam de objetos amaldiçoados.

– Mas eu teria visto isso também! – respondeu Totn, que não podia deixar de se sentir um pouco culpado também. Sentia-se como um cozinheiro que não percebesse ervas venenosas no prato de seus melhores

amigos.

Groulf se afastara de Romano, limpando as lágrimas e envergonhada por ter desmoronado na frente de todo mundo.

– Nós também devíamos ter visto que Dermont não era o que parecia. Agora, a questão é o que fazemos agora – disse Romano.

– Pedimos ajuda – Vanna parecia perdida, olhando para algum ponto perdido numa teia de aranha.

Todos olharam para a moça que continuava imóvel segurando o pano contra a própria cabeça dolorida. Seu olhar, no entanto, parecia aceso, como se ela tivesse visto alguma coisa muito reveladora naquela teia de aranha. Ela se virou para eles com uma expressão esperançosa.

– Vamos pedir ajuda de Noicent!

Os outros arregalaram os olhos. Ela podia estar brincando. Sabiam que Vanna tinha um estranho senso de humor. Mas ela continuava olhando para eles com aquele olhar cheio de confiança de que aquela era a resposta. Ela se levantou, retirando o pano e ignorando a cabeça latejando e a sensação de que o cérebro estava solto e sacolejando dentro do crânio.

– Ele estava aqui procurando alguma coisa! Ele estava com o elmo na mão, deve ser isso que veio procurar! Dermont o silenciou, nunca pudemos saber o que ele veio fazer. Vamos até a cidade e falamos com Noicent. Vejamos se ele sabe quem é esse tal de Dermont de Brough.

Não era uma ideia má de todo. Afinal, só iriam fazer umas perguntas, nada demais. Partiram a cavalo naquele mesmo momento e galoparam com velocidade até a cidade.

Passaram pela igreja, onde uma multidão se apinhava na porta. Imaginaram que talvez fosse algum dia dedicado aos deuses e não deram importância. Havia coisas mais urgentes do que festejos religiosos no momento. Foram direto para a prisão local, onde descobriram que Noicent não estava lá. A delegacia era um posto onde criminosos eram levados, geralmente gatunos com pouco talento e bêbados chatos. Era quase um lugar para que eles ficassem seguros e não fossem linchados até a morte por uma turba enfurecida. Criminosos reconhecidamente perigosos não ficavam ali e Noicent Von Barh era notoriamente um criminoso perigoso.

– E onde ele está?

– Nas masmorras de Daerg.

O homem apontou para a construção tão cinzenta quanto o céu por trás dela, a algumas horas de Leemyar.

Sem alternativa, decidiram se separar. Totn-Hoc e Vanna iriam até as Masmorras de Daerg, enquanto Groulf, Romano e Hitch tentariam descobrir pistas que levassem à Dirk e Dermont. Hitch começava a perceber que tinha se metido em uma enrascada muito maior do que ele imaginava, mas não tinha coragem de ir embora justamente quando pareciam mais precisar dele. Romano ainda estava ferido e Groulf não parecia exatamente uma força em combate. Decidiu que quando a guerreira e o mago voltassem, se despediria e voltaria para sua vida de bar em bar, quando tudo era bem mais simples.

Exigindo dos cavalos mais do que gostariam, Vanna e Totn chegaram às masmorras em menos de duas horas. Lá, pediram para falar com o prisioneiro. Felizmente, ele estava lá. Infelizmente, ele não poderia ser visto. Como tinham imaginado, um pequeno incentivo em moedas de ouro fez com que o carcereiro mudasse de ideia quanto a essa regra. Desceram escadas estreitas e foram guiados por corredores úmidos e escuros de pedras incertas e tristes. Lamentos eram ouvidos e o vento imitava suspiros. Era um lugar de dor e morte. Em uma das portas, o carcereiro parou. Girou a chave do molho que tilintava e abriu a porta.

Era uma cela de cerca de dois metros quadrados sem nenhuma luz. Noicent estava sentado contra a parede, as vestes sujas, os cabelos desgrehados e o rosto abatido.

– Boa sorte com sua conversa... – disse o carcereiro, um homem gordo de vestes suadas.

– O que quer dizer? – perguntou Vanna.

– Que vai ser uma conversa bem silenciosa, já que cortamos a língua dele.

O carcereiro saiu rindo, deixando Totn e Vanna de ombros caídos. Ela se voltou novamente para o homem que os fitava com olhos penetrantes.

– Ele não pode nos ajudar... – murmurou Totn.

– Talvez possa!

Vanna se aproximou de Noicent e se ajoelhou ficando de frente pra ele.

– Estamos com um problema. Você pode nos ajudar, mas eu sei que não tem motivos para fazer isso. Então, me diga... O que podemos fazer por você para que nos ajude a combater o cara que te pegou lá na nossa casa?

Nesse momento, os olhos azuis de Noicent brilharam. Ele levantou a cabeça e olhou para a porta. Então voltou a olhar para a guerreira.

– Você quer que o tiremos daqui...

Ele anuiu com a cabeça.

– Tiraremos, mas depois que nos ajudar! – disse Totn-Hoc.

O homem sacudiu a cabeça e bateu nervosamente no chão, mostrando a urgência de que tinha que sair naquele momento.

– Está bem! – declarou Vanna.

– Ficou maluca, Vanna? – sussurrou Totn.

– Nós te tiramos daqui e você nos ajuda. Temos um trato?

Noicent anuiu com a cabeça. Então Vanna se virou para Totn.

– Tire a roupa!

Pouco depois, saíram pela porta da frente, a guerreira e seu amigo mago encapuzado. Quando o carcereiro gordo e suado fez menção de olhar para o mago, a guerreira lhe jogou o pó que Totn-Hoc tinha lhe dado. O homem tentou proteger os olhos e ela e o homem encapuzado saíram pela porta da frente. Assim que o homem voltou a enxergar, não conseguia se lembrar do que estava fazendo e passaria os próximos minutos tentando lembrar se já tinha almoçado ou não.

Passaram pelos guardas da entrada e continuaram seguindo o caminho. Alcançaram os cavalos e partiram com rapidez.

– Espero que saiba o que está fazendo! – disse a voz atrás dela.

Vanna não respondeu, esperando que o invisível Totn-Hoc, no cavalo junto com ela, tivesse razão. Ela também gostaria de saber o que estava fazendo.

Chegaram na cidade e Noicent olhou para o céu. As nuvens pareciam cada vez mais baixas e mais escuras, embora não houvesse caído uma única gota de chuva até aquele momento.

Noicent desceu do cavalo e retirou as vestes de Totn, voltando a ficar com suas pobres e combalidas roupas. As roupas flutuaram no ar e vestiram uma forma invisível, fazendo Vanna fazer uma careta, pois nunca tinha visto isso e parecia algo um tanto perturbador. Assim que terminou, Totn estalou os dedos e, com uma palavra, voltou a aparecer.

Noicent então se abaixou e fez um desenho com o dedo no chão de terra. Era um cálice.

– Água? Você está com sede? – perguntou Vanna.

Ele balançou a cabeça nervosamente dizendo que não e voltou a apontar para o chão, onde dessa vez desenhou um castelo. Mas não era um castelo qualquer. Uma torre caída revelava que era o seu castelo.

– O cálice de prata que pegamos nas ruínas?! – lembrou Vanna.

Ele anuiu com a cabeça e olhos ansiosos.

– Eu sei onde está! Vamos!

Eles voltaram para a casa do Campo, mas não entraram. Vanna foi direto para o viveiro onde criava Groulfina, Dirkinho e Romaninho. Voltou com a taça nas mãos e um sorriso no rosto. Noicent ficou olhando pra ela, meneando a cabeça em desaprovação ao tratamento que ela dera a um objeto tão importante. Ele pegou a taça e então colocou a mão na cabeça, em desespero.

– O que foi? O que foi? Não era essa a taça?

Ele apontou para o lugar oval que estava vazio. Ele pegou uma pedra no chão e colocou no lugar, fazendo o movimento de encaixe.

– Falta uma pedra... – deduziu Totn-Hoc.

– Qualquer pedra? – perguntou Vanna.

Noicent sacudiu a cabeça de novo, dessa vez desalentado. Sentou-se numa pedra e apoiou a cabeça nas mãos.

– Essa pedra... – disse Vanna. – Você sabe onde ela estava da última vez?

Noicent apontou para o espaço vazio no cálice.

– Se da última vez que você o viu, o cálice estava inteiro... Então a pedra devia estar no seu castelo também... – deduziu Vanna. – Esperem aí! Eu já volto!!!

Ela entrou correndo e subiu as escadas desvairadamente. Entrou no seu quarto e pegou uma caixinha de lembranças. Nela tinha uma flor, uma carta de amor, uma fita e a pedra verde que Dirk tinha lhe dado.

Voltou correndo e mostrou a pedra para Noicent. Ele sorriu, os olhos brilhando de novo. Encaixou a pedra na taça e ela imediatamente brilhou, como se acendesse, emanando um suave brilho prateado. Logo a seguir, voltou ao estado normal. Ele foi até um pequeno regato a alguns passos deles e encheu-a com água. Então tomou-a.

Totn-Hoc e Vanna ficaram observando.

– Tudo isso pra beber uma água? – perguntou Vanna. – Se eu soubesse tinha parado numa taberna no caminho...

Noicent se virou rindo com o comentário da moça. Caminhou até eles e então disse:

– Como posso ajudá-los?

Eles tinham combinado um método de se encontrarem muito eficaz. O primeiro que chegasse no Campo deveria acender a lareira e jogar um pó que Totn lhes dera. A fumaça que subiria seria vermelha e densa e se

destacaria no céu, avisando que deveriam ir pra casa. Assim, em poucos minutos, Hitch, Groulf e Romano chegaram em casa.

Assim que entraram e deram de cara com Noicent, quase caíram pra trás. Romano e Groulf chegaram a pegar nas espadas, mas foram impedidos por Vanna e Totn.

– Fiquem calmos! Ele está do nosso lado!

Romano olhou para a guerreira, aflito.

– Ficou doida?!

– Certamente! – respondeu Noicent, tomando uma xícara de chá tranquilamente. – Qualquer um que confie em mim é louco de pedra!

Vanna lhe lançou um olhar que lhe pedia um pouco mais de colaboração.

– Como isso aconteceu? – perguntou Romano.

– Nós o tiramos de lá para que ele pudesse nos ajudar – resumiu Totn-Hoc.

– Depois a gente fala desses detalhes, Romano! Temos um problema um pouco mais urgente aqui!

Noicent já tinha adiantado um pouco do que sabia e já era o bastante para fazer com que Totn-Hoc e Vanna esquecessem completamente que poderiam ter sérios problemas com a Lei.

– O homem que vocês conheceram como Dermont de Brough foi meu sócio. Mas eu o conheci como Algol. Ele me encomendou um elmo especial e me deu todas as instruções. O elmo seria a passagem para o deus que ele venerava para este plano. Só funcionaria quando estivesse em contato com uma pessoa. O deus então assumiria o corpo dessa pessoa, impedindo-a também de dormir, comer ou descansar, o que a levará em alguns dias à morte. Quando isso acontecer, ele assumirá de vez seu corpo e sua forma neste plano. Ele me prometeu uma enorme fortuna e eu fiz o elmo. Porém, quando descobri o deus que ele estava tentando trazer para cá, achei que estava na hora de acabar com essa sociedade.

Os outros esperaram enquanto Noicent tomou mais um gole de seu chá.

– Seu nome é Balzul. É um deus pouquíssimo conhecido. Seu culto foi proibido há mais de vinte anos, pois seus seguidores fanáticos davam muitos problemas. Balzul é um deus do Submundo e dizem que, quando ele estiver na terra, terá o poder de despertar os mortos.

O queixo de Romano caiu e ele procurou uma cadeira. Precisava se sentar. Hitch via sua chance de ir embora cada vez mais distante. Groulf ficou paralisada.

– E não é só isso! – continuou Noicent. – Ainda fica pior!

Groulf fez uma expressão de quase choro.

– E isso é possível?

– acredite. Sempre pode ficar pior – continuou ele. – No quarto dia de incorporação, Balzul trará os mortos para a terra e levará os vivos para as covas. No raiar do quinto dia, ele não poderá mais deixar o corpo que ocupou, tendo apenas que esperar que a resistência da alma desse corpo seja totalmente extinguida pelo cansaço e pela dor.

– Há quanto tempo Dirk está com o elmo? – sussurrou Vanna, com a voz trêmula.

– Quatro dias... – murmurou Romano.

O silêncio os cobriu como uma mortalha.

– Viu? Eu falei que sempre podia ficar pior! – e Noicent terminou o seu chá.

Capítulo 18

A noite do fim do mundo

Havia muito pouco tempo para que os mortos se levantassem de suas tumbas e não tiveram muito tempo para ficarem atordoados. Tiveram que traçar um plano rápido que, como todo plano rápido, não tinha muitos detalhes. Correram para pegar utensílios, armas, artefatos, tudo o que pudesse ajudar durante aquela noite. Seu objetivo era tirar Dirk vivo das garras de Balzul e de Dermont. Enquanto se preparavam, Noicent os inteirava de mais algumas informações que poderiam usar.

– Algol é um sacerdote, não um mago. Mas ele sabe magias de magos, então não o subestimejam jamais. Não se iludam com o sorriso gentil e a idade, porque ambos são falsos. Precisarão de outro sacerdote para expulsar Balzul. Alguém poderoso. Muito poderoso. Ouso dizer que nessa cidade só uma pessoa poderia se equiparar a Algol em poder.

Eles o olharam, colocando cintos com armas e ajustando as armaduras.

– O Patriarca Christopher de Adamay. Creio que não será difícil conseguir o apoio dele, dada a situação.

Groulf subiu as escadas para pegar uma besta e flechas que raramente usava, enquanto Vanna e os outros saíram para pegar os cavalos no estábulo. Vendo-se sozinho, Romano sentou-se, colocando a mão sobre as costelas. Seu rosto se contorceu e ele ficou alguns instantes imóvel. Quando Vanna entrou novamente, ele imediatamente se levantou e fingiu que estavam bem. Vendo a cena, Noicent encheu o cálice de água com a ânfora sobre a mesa e entregou-a ao guerreiro que o olhou desconfiado.

– O cálice é mágico – explicou ele. – A água que o toca é capaz de curar ferimentos, consertar ossos e até restaurar membros perdidos. Beba, ou essas costelas quebradas vão perfurar seu pulmão antes da hora do jantar.

Romano olhou para Vanna em busca de uma confirmação. A moça concordou com a cabeça e ele bebeu de uma só vez toda a água, deixando-a escorrer um pouco pelos cantos da boca. Sentiu-se invadir por um frescor revigorante. Sentiu a dor ficar mais aguda e, de repente, ela desapareceu

por completo. Olhou surpreso para o mago e para Vanna. Então fez vários movimentos e viu que estava novo em folha.

– Bem, parece que estão prontos para partir! – disse o mago. – Desejo-lhes toda a sorte do mundo!

– Peraí! – falou Groulf descendo as escadas – Você não vem conosco??

– Ah, nem pensar, crianças! O Patriarca Adamay e eu tivemos uns desentendimentos e a última coisa que eu quero é me deparar com ele de novo! Digamos que da última vez que nos encontramos, eu fiquei sem palavras...

– Mas nós precisamos de ajuda! – disse Vanna.

– Com certeza! Precisam mesmo! Espero que encontrem!

E Noicent foi saindo tranquilamente pela porta da frente.

– Ei! – Groulf puxou sua roupa. – Esse cálice é nosso!

Noicent se virou e riu da cara-de-pau.

– Não, não é não.

– É, sim! Era o bebedouro dos pintinhos da Vanna! – insistiu a elfa.

– Eu vi. Uso interessante depois que vocês o roubaram da minha casa.

– Não me venha com essas technicalidades! Estava conosco, é nosso! Mas eu deixo ficar com você se vier conosco hoje.

Noicent olhou para Groulf longamente com uma expressão divertida.

– A propósito, mocinha – disse de repente, dirigindo-se à Vanna, – a espada na sua cintura também é propriedade minha, creio.

Vanna tocou a espada, chocada com a ideia de ter que abrir mão dela, especialmente naquele momento, mas Noicent sorriu.

– Relaxe... Ela tem mais uso nas suas mãos do que nas minhas. Façamos o seguinte, ela é sua, contanto que faça tudo para enfiá-la o mais fundo que puder no coração de Algol.

Vanna sorriu.

– Pode contar com isso.

E então o mago se virou e partiu, deixando-os sozinhos.

– Bem... – disse Romano. – Parece que estamos por nossa conta agora.

Romano se virou para Hitch e Totn-Hoc. Era a hora de dar a opção que ele gostaria de ter.

– Essa guerra não é de vocês. Totn-Hoc e Hitch, vocês estão livres se quiserem ir embora agora. Nós compreenderemos perfeitamente.

Totn não precisou pensar muito.

– Romano, eu acabei de libertar um facínora da prisão mais sinistra da região. É meio tarde demais pra sair agora.

Então os olhares se voltaram para Hitch. O rapaz viu a chance perfeita de sair daquele pesadelo. Ele olhou para os rostos de Vanna, Romano e Groulf. Não conheceria o Dirk que eles estavam tentando salvar, mas imaginou como deveria ser ter amigos que fariam aquilo por ele. De repente, gostou da ideia de ficar ao lado daquelas pessoas.

– Não irei embora até a morena ali me pagar o *drink* que prometeu – respondeu com um sorriso jovial.

Partiram para a cidade e foram direto para o Templo. Já estava escurecendo, não tinham muito tempo. Precisavam falar com o Patriarca e a melhor chance que tinham era através de sua filha, Isabelle.

Da mesma maneira que acontecera mais cedo, encontraram uma multidão apinhada na entrada. Passaram com certa dificuldade entre camponeses, mercadores e gente comum, todos entoando cânticos e segurando velas.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou Groulf, que nunca tinha visto algo parecido.

– Deve ser algum culto ou dia sagrado... – respondeu Totn, que nunca fora muito bem informado quanto às datas litúrgicas.

Encontraram Isabelle atarantada, os cabelos desgrenhados e o rosto cansado. Estava passando correndo por eles e não os teria visto se Groulf não tivesse puxado suas vestes. Ela se virou para eles e pareceu demorar alguns segundos para reconhecê-los.

– Isabelle, precisamos conversar – declarou Romano.

– Desculpe, Romano, agora não dá.

E ela já ia sair de novo quando o moreno a puxou pelo braço mais firmemente.

– É urgente!

Ela olhou rapidamente em volta onde noviços corriam de um lado para o outro, tentando acalmar pessoas que gritavam e choravam. Fez um movimento com a mão para que eles a seguissem e os guiou até um aposento cheio de vidros e garrafas com ervas e líquidos. Fechou a porta, isolando o barulho lá de fora.

– O que está acontecendo aqui afinal? – perguntou Vanna.

– Nos últimos dias tivemos seis casos de pessoas que morreram e ressuscitaram. No começo, achamos que era um milagre, mas seis casos é

muito! Agora, a notícia se espalhou e um monte de gente está achando que é o fim do mundo, quando os mortos vão invadir o mundo dos vivos. Mas então... O que vocês querem afinal? Já devem ter percebido que estou um tanto ocupada aqui.

– Essas pessoas têm razão – disse Vanna. – É o fim do mundo e os mortos sairão de seus túmulos hoje para ocupar o lugar dos vivos.

Isabelle lançou-lhe aquele olhar de ódio de quem perdeu um minuto de sua vida e nunca mais recuperar, esperando que a moça concluísse com uma piada deslocada, mas isso não aconteceu.

Poucos minutos depois, Isabelle saiu da sala dos elixires sagrados com o rosto lívido, os olhos arregalados e as pernas bambas. Os outros saíram atrás dela. Assim que chegaram ao salão, abriram caminho na multidão até ver um homem de vestes sacerdotais cercado por pessoas histéricas. Era um homem alto e forte, com cabelos brancos que refletiam a luz das lamparinas e usava uma longa túnica azul escura com detalhes em dourado. Isabelle o puxou e falou em seu ouvido. Os olhos claros do homem se arregalaram e ele olhou para a filha com descrença. Ao se deparar com o olhar dela, percebeu que não era um engano. Isabelle não cometia esse tipo de engano.

Forçaram caminho na multidão, dessa vez na outra direção. Subiram escadas por onde as pessoas não puderam seguir o Patriarca e entraram numa sala decorada por tapeçarias vermelhas com motivos religiosos, móveis de madeira escura e muitos livros. O Patriarca se virou para eles com olhos duros.

– Quem lhes falou sobre Balzul? – perguntou ele.

– Um mago... – murmurou Vanna, que estava ligeiramente apavorada em admitir na frente do homem mais poderoso de Leemyar que estavam de alguma maneira ligados ao seu arquiinimigo.

Naturalmente que o homem mais poderoso de Leemyar não seria um idiota que aceitaria uma resposta tão vaga. Ele se inclinou para a guerreira e a olhou bem nos olhos. Vanna sentiu como se a ponta de uma faca estivesse sendo pressionada contra seu peito.

– Que mago? – perguntou ele.

– Noicent Von Barh! – disse Hitch, que achou que a guerreira pudesse ter esquecido o nome do sujeito.

Os olhos do Patriarca faiscaram e sua boca se contorceu numa expressão que eles não sabiam se era desgosto, ódio ou um misto das duas coisas. Então ele se virou e pegou uma espada que descansava num suporte na parede. Começou a colocá-la na cintura.

– Isabelle, chame Antares e mande-o colocar todos os homens a postos – disse ele. – Se esses idiotas estão dizendo a verdade, temos que resolver esse problema antes do amanhecer. Avise a todos para irem para suas casas e não saírem de lá!

Quando ele se virou para sair, deparou-se com Vanna, Romano e Groulf em seu caminho.

– Desculpe perguntar, mas como o senhor pretende “resolver esse problema”? – perguntou Romano.

– Da única maneira que o problema pode ser resolvido... Eu lamento. Mas seu amigo tem que morrer.

E então ele saiu. Isabelle correu atrás dele, deixando os outros perplexos atrás de si.

– Isso não funcionou como tínhamos planejado... – disse Groulf.

– Bom, parece que não teremos muito apoio por aqui – concluiu Romano. – Vamos ter que nos virar sozinhos...

Sem querer atravessar toda aquela gente no caminho para fora da igreja, Groulf deu a ideia de simplesmente saírem pela janela. Era alto, mas havia uma enorme árvore do lado e era perfeitamente possível saltar em seus galhos e ir descendo por ela. Groulf foi a primeira e saltou com tamanha graciosidade e facilidade que parecia estar flutuando. Vanna foi em seguida. Não foi tão graciosa quanto a amiga, mas foi bastante eficiente e rápida, pousando no chão como um gato. Romano coçou a cabeça e fez o mesmo. Escorregou um pouco, mas conseguiu chegar ao chão inteiro. Hitch achou que não podia ser tão difícil e saltou. Calculou mal, escorregou, bateu com a cara nos galhos, resvalou no tronco, voltou a bater em outros galhos, até cair como uma fruta madura direto no chão. Vendo a cena, Totn-Hoc tomou sua decisão.

– Nem pensar!

E estalou os dedos, recitando um encantamento que fez com que ele se erguesse do chão e voasse pela janela, indo pousar ao lado dos amigos.

– Como é que você sabe fazer isso? – perguntou Groulf encantada.

– Sei fazer muitas coisas... – respondeu o mago orgulhoso.

– Aposto que não sabe cair que nem eu! – disse Hitch, ainda com folhas nos cabelos negros.

– Como podemos achar o Dirk ou o sacerdote dos infernos? – perguntou Vanna, sem saber por onde começar.

Gritos foram ouvidos em ondas, como se o terror estivesse chegando e contaminando tudo que tocasse.

– Acho que tenho uma pista... – respondeu Romano.

Na rua principal, pessoas corriam desorientadas. No fim da rua, uma horda de mortos-vivos corria, se arrastava, se movia, alguns sem membros, outros sem rosto, com vermes saindo das entranhas e das bocas escancaradas.

– Socorro! – murmurou Groulf, que nunca tinha se deparado com qualquer coisa do tipo.

Na verdade, nenhum deles jamais havia visto algo parecido e a visão, que se somava a um céu de fim de mundo e um cheiro nauseante de carne apodrecida e flores mortas, lhes daria pesadelos por muito tempo.

– Temos que tirar essa gente do caminho! – gritou Vanna, correndo na direção da horda.

Somente então eles perceberam que, a poucos metros dos mortos, algumas pessoas estavam paralisadas de terror, enquanto algumas crianças e idosos simplesmente não tinham velocidade para escapar de uma morte horrível nas presas dos monstros.

Totn-Hoc e Groulf correram para ajudar as pessoas, enquanto os três guerreiros desembainharam suas espadas que sibilaram em uníssono como o canto do vento. Os golpes foram dados em carne morta e pedaços foram ficando pelo caminho. Isso não os impedia de prosseguirem, então passaram a cortar as cabeças e as pernas. Eram muitos e não sentiam medo, ou dor, e assim que as pessoas saíram do caminho, Romano, Vanna e Hitch fizeram o mesmo. Correram com os mortos-vivos em seu encalço.

Uma explosão atrás deles os jogou para frente. Viram cruzar o céu diante deles uma bola vermelha de fogo que explodiu bem em cima da turba de zumbis. Corpos voaram aos pedaços e cheiro de carne queimada se misturou ao odor de carne putrefata.

– Eu disse que sei fazer muitas coisas! – disse Totn, assim que eles conseguiram se levantar.

Novos gritos foram ouvidos. Não eram como gritos de terror, mas um lamento contínuo e crescente. Atrás daquela turba, outra se seguia, enquanto alguns corpos ainda em chamas se levantavam e continuavam sua busca.

Correram na direção oposta. No centro da cidade, mortos vinham de todas as direções. Pontos de incêndio começaram a surgir e um se sobressaiu.

– Incendiaram a Igreja! – disse Romano.

– Precisamos achar Dirk... – disse Vanna, recuperando o fôlego. – Se

o Patriarca ou seus guardas o acharem primeiro, não vai prestar...

– Esperem um minuto.

Totn-Hoc então se elevou acima das casas e viu uma panorâmica da cidade. Então ele apontou para uma direção.

Seguiram a orientação dada e correram por ruas laterais que tinham menos movimentação. No escuro, perto do herbarista, viram um vulto caminhando lentamente de costas.

– Olha lá mais um deles! – disse Vanna, puxando a espada. – Deixa que eu mato!

E correu gritando como uma desvairada na direção do homem. O homem, por sua vez, virou-se assustado e gritou de pavor quando viu a mulher ir pra cima dele gritando de espada em riste. Vanna se assustou com o grito inesperado e gritou de novo, a espada suspensa no ar. Somente então ela olhou melhor seu alvo.

– Peter Paul?!

Quando Peter Paul resolveu sair de Leemyar, tinha na cabeça um plano. Iria viver aventuras, se especializar nas artes de combate, e voltaria à sua cidade natal com uma nova carreira e, quem sabe, um título de herói. Com a espada que pertencera à Vanna, que ele tinha como uma nobre e sábia guerreira, e todas as economias no bolso, ele partiu para as distantes terras de Titânia. Em uma ilha esquecida pelos deuses, cheia de criaturas hostis e um déspota sem escrúpulos, ele fizera amigos e inimigos, juntou-se à rebelião local e lutou contra o governo. Foi muita coisa em poucos meses e Peter Paul aprendera muito nesse pouco tempo. Infelizmente, ele não se dera conta disso. Voltara justamente porque não se sentia em pé de igualdade com seus companheiros de espada e temia não ser bom o bastante quando chegasse o momento.

Assim, decidiu que voltaria para Leemyar, onde o governo não era tirano e as criaturas hostis não invadiam as ruas no meio da noite. Estava acabando de chegar e estranhou ver tudo fechado tão cedo. Foi quando fora atacado no escuro.

– Sim, sou eu! Sou eu! Não me mate! – gritou o rapaz, se protegendo com as mãos.

– O que você está fazendo aqui?! – perguntou Vanna, enquanto os outros se aproximavam.

– Eu? Eu fui embora pra Titânia, mas voltei porque Leemyar é muito mais segura. E vocês, o que fazem por aqui? É algum feriado? Por que está

tudo fechado a essa hora?

Os amigos se entreolharam atônitos.

– Amigo, a cidade está sob ataque de zumbis! – disse Romano. – Arrume um lugar pra se esconder e se esconda agora!

E apertou o passo, sendo seguido pelos outros. Peter não entendeu a história dos zumbis e achou que era algum código para dizer outra coisa. Ficou vendo aquelas pessoas correndo e se esgueirando pelas sombras por alguns segundos, até que perguntou:

– Posso ir com vocês?

Eles se viraram, curiosos com a oferta.

– Você tem uma espada? – perguntou Romano.

Peter tirou contente a espada da bainha nas costas e a mostrou.

– Sabe usar? – perguntou Vanna.

Peter fez um movimento circular não muito elaborado, mas que mostrou que ele sabia pegar numa espada com firmeza.

– Tem algo que eu preciso saber? – perguntou Peter.

Então, Vanna caminhou até ele.

– Nosso amigo Dirk está possuído por um deus do Submundo que quer trazer os mortos para a terra. O Patriarca da cidade quer matar Dirk, nós queremos salvá-lo. Há uma grande chance de que terminemos essa noite feridos, mortos ou presos. Aceitamos qualquer ajuda. Mas tem certeza de que quer mesmo nos ajudar? Porque, sinceramente, eu começo a acreditar que nós damos azar...

Peter Paul riu e Vanna temeu que ele não tivesse entendido uma única palavra. Mas ele tinha entendido muito bem.

– Vocês já me ajudaram antes, essa é minha forma de retribuir. E eu posso bater em meia dúzia de mortos-vivos!

Então eles correram juntos para o fim da rua, onde cruzaram a rua principal e seguiram para a igreja. Assim que alcançaram o pátio, viram as labaredas lambendo o templo em espirais carmesim. No meio da rua, um jovem de cabelos loiros e elmo prateado montava um cavalo com chamas nos olhos.

– Vamos, minhas crianças! Tragam meu reino para a terra esta noite!!! – gritava ele, com uma espada nas mãos.

Atrás dele, uma horda de mortos vinha se arrastando e correndo, enquanto várias pessoas tentavam escapar da igreja em chamas.

– Tem mais de meia-dúzia ali... – murmurou Peter, que não esperava aquela visão.

O Patriarca surgiu montado em um cavalo branco e empunhando

uma espada longa e brilhante. Seguiu na direção de Dirk e quando passou por ele, derrubou-o com um golpe que raspou seu peito. Teria acertado em cheio se o rapaz não tivesse percebido o golpe e tentado se esquivar.

– Você explicou direitinho àquele senhor sobre a parte de salvar o tal Dirk? – perguntou Peter em voz baixa à amiga guerreira.

Cristopher de Adamay voltou e desceu do cavalo, erguendo a espada e descendo-a em golpes pesados. Dirk se defendeu ainda no chão, até que no terceiro golpe, perdeu a arma. Arrastou-se para trás vendo o sacerdote preparar o golpe final.

– Volte para as trevas, criatura, e deixe minha cidade em paz!

Capítulo 19

Um desfecho inesperado

Eles já tinham se mobilizado quando perceberam o que ia acontecer. Infelizmente, algumas coisas acontecem rápido demais, e por mais que corramos, não conseguimos chegar a tempo. Romano, Vanna, Peter e Hitch correram puxando suas espadas, Groulf invocou suas setas de energia e Totn se concentrou para invocar uma de suas magias. Porém, as palavras eram lentas e as pernas pareciam não se mover enquanto a espada que refletia as labaredas se erguia para o golpe certamente fatal.

A espada do Patriarca desceu, refletida nos olhos cinzentos de Dirk. E então, um choque fez com que fagulhas vermelhas saltassem das duas armas que haviam se encontrado. O Patriarca precisou dar alguns passos para trás, pois não esperava o impacto. A sua frente, um homem de manto negro e olhos insanos defendia seu protegido com um machado afiado e negro.

Cristopher de Adamay não tinha ideia de quem era aquele homem, mas podia sentir que era alguém extremamente perigoso. Vanna, Romano, Totn-Hoc e Groulf, no entanto, reconheceram imediatamente o homem de capuz negro e movimentos firmes que enfiara uma faca no peito de Nike. Daquela vez em que perderam o companheiro de aventuras, seu rosto foi encoberto pelas sombras. Dessa vez, no entanto, a luz das chamas revelava que este era o mesmo homem que comera de sua mesa e convivera tão agradavelmente com eles durante aquelas últimas semanas. Com este novo elemento, Vanna gritou para Peter e Hitch que dessem cobertura ao Patriarca, que certamente precisaria de ajuda.

– Eu fico com Algol! – gritou Romano. – Fique com Dirk!

Vanna chegou no exato momento em que Dirk se levantara e ordenava que os mortos protegessem seu mestre. Todos os zumbis da área correram para onde eles estavam. Vanna preparou um golpe que sempre confundira o oponente. Correu como se fosse atacá-lo e o loiro ergueu a espada, preparado para o embate. No entanto, quando ele girou sua espada, cortou apenas o vento, pois Vanna derrapara, atirando-se no chão e dando-lhe uma rasteira inesperada. Dirk foi ao chão, praguejando e amaldiçoando

a mortal que ousara desafiá-lo.

Mortos corriam com suas bocarras escancaradas na direção do Patriarca. Um homem com o peito aberto e com vermes gordos saindo de um dos olhos estava a apenas um passo quando subitamente perdeu a cabeça. A espada de Hitch fora certa e totalmente necessária, pois aquele homem morto estava prestes a atacar Adamay.

Peter Paul não esperava encontrar esse tipo de desafio em Leemyar, onde raramente alguma coisa acontecia e o ponto alto do ano era a Feira da Batata, com o Concurso de Maior Batata da Cidade, a escolha da Miss Batatinha e a escultura mais criativa e realista em uma batata. Ele usou a espada para cortar o braço de um homem morto. Poderia ter lhe cortado a cabeça, mas Peter preferia tentar pará-lo sem matá-lo. Percebeu o contra-senso assim que o morto sem braço continuou a atacá-lo. Então cortou-lhe a cabeça. O corpo caiu e continuou se movendo numa cena dantesca, enquanto outros mortos continuavam a se aproximar. É. Leemyar estava bem diferente do que ele conhecia.

Enquanto isso, o Patriarca estava concentrado no difícil oponente que surgira diante dele. Virou o corpo e tentou acertar Algol, segurando a espada com as duas mãos. A lâmina soltou faíscas novamente ao se encontrar com o machado negro e o embate prosseguia de igual para igual, rápido, preciso, perfeito. Se pudéssemos apenas observar sem interesse, acharíamos um belo quadro. O quadro foi subitamente alterado por sete mísseis mágicos que acertaram o rosto de Algol. O homem gritou, levando a mão livre aos olhos. Estava momentaneamente cego pela luz das setas de Groulf. Isso foi o bastante para o Patriarca aproveitar e atacá-lo.

Sua espada não era a única num movimento certo contra Algol. Romano estava chegando nesse exato instante para somar ao ataque e sua lâmina o teria acertado em cheio se Algol não tivesse usado seu machado de uma maneira inesperada.

– Protectus!!!

E com a palavra dita, inscrições brilharam no machado negro e rodearam Algol com um círculo de energia. As lâminas das espadas de seus oponentes não passaram de sua barreira e ainda deram um choque tremendo nos homens que as empunhavam. Romano foi ao chão, atordoado com a corrente elétrica que passou inesperadamente por seu corpo. Adamay foi lançado para trás, mas continuou de pé, olhos fixados no inimigo que lhe sorria por trás do círculo de luz vermelha que se formara ao seu redor.

– Adoro quando vocês, idiotas, me subestimam... – disse Algol com

seu sorriso pavoroso.

– Anda logo, Totn!!!

O grito agudo de Groulf chamou a atenção de Algol para algo sendo feito a poucos metros dele. A elfa usava sua espada contra os mortos, protegendo o mago enquanto ele recitava um feitiço. Ela não esperava ter falado tão alto e Totn quase perdeu a concentração ao ser fuzilado pelos olhos do inimigo que imediatamente travou no mago seu novo alvo.

Nesse mesmo instante, Adamay começou uma oração em murmúrios inaudíveis naquela confusão, mas Algol o ignorou. Naquele momento, o mago era um problema mais imediato. Caminhou em passos largos em sua direção sem tirar os olhos dele, determinado a cortar-lhe a cabeça em um só golpe. Mas o encantamento do mago terminou antes que seu machado o alcançasse. Uma bola de fogo se formou em suas mãos e cresceu rapidamente em espirais incrivelmente rápidas.

Uma mulher de órbitas vazias se atracou com Peter. Ele não tivera coragem de atacá-la. Ela certamente foi a mãe de alguém. Ele sentiu odor fétido perto dele quando ela avançou com os dentes para seu pescoço. Hitch a espetou pelas costas e a tirou de cima do rapaz.

– Não hesite!!! Mate essas coisas! – gritou Hitch, continuando a girar sua espada rapidamente.

Peter voltou a movimentar sua espada, deixando de pensar e apenas atacando. Eram muitos, não importa o quanto matassem, mais e mais continuavam chegando. Imaginou por quanto tempo conseguiriam detê-los. Olhou rapidamente em volta e viu que o Patriarca parecia confiar neles para segurar a horda, pois permanecia em perfeita concentração recitando alguma coisa, sem se incomodar com os gritos e as cabeças rolando a sua volta.

Algol estava a apenas dez passos de Totn quando parou de repente. Percebeu que o mago não estava mirando nele, mas sim em algum ponto atrás dele. Antes mesmo de se virar, ouviu uma voz feminina gritar:

– Aqui, Totn!!!

Algol se virou, espantado de ter se esquecido da guerreira. Dirk podia estar possuído por um demônio, mas ainda estava num corpo humano com suas limitações, coisa que irritava tremendamente Balzul. Assim que Vanna conseguiu derrubá-lo, prensou-o no chão com as pernas, os joelhos nos braços, e deu-lhe um golpe com o cabo da espada que o tonteou. Então ela jogou a espada de lado e tirou de uma só vez com as duas mãos o elmo. Esperava que isso resolvesse, mas assim que Dirk abriu os olhos, ela viu a maldade e o abismo dentro deles.

– É tarde demais pra ele!... – rosnou Balzul com um sorriso que mostrava os dentes manchados de sangue. – E é tarde demais pra vocês...

Dirk a empurrou e ela caiu para o lado, rolando com o elmo nas mãos. A espada tinha ficado agora do outro lado e seu oponente se aproximava. Romano já tinha se levantado e ao ver que a guerreira perdera a espada, xingou um palavrão e correu para alcançá-la. No entanto, era fácil ver que Dirk a alcançaria muito antes.

Foi quando Vanna gritou para Totn e então jogou o elmo o mais alto que pôde. Peter e Hitch haviam desaparecido numa multidão de mortos e já não tinham espaço para se defenderem com suas espadas.

Algol se virou no exato instante em que o elmo subiu, girando em reflexos prateados, na noite escura. A bola de fogo passou por cima de sua cabeça e acertou o objeto, destruindo-o por completo imediatamente e fazendo vários pontos incandescentes se espalharem em uma explosão que iluminou a noite escura.

– NÃO!!! – Algol gritou e não conseguiu tirar os olhos do ponto onde antes esteve o elmo. Ele procurava por algum resquício, mas não havia mais nada.

Imediatamente, Dirk caiu sem sentidos, sendo amparado a tempo por Romano, que estava chegando, pronto para imobilizá-lo. Por um momento, houve apenas silêncio, e então, no momento seguinte, os mortos que cercaram Hitch e Peter se afastaram. A gana em seu olhar diminuía e eles pareceram estar mais uma vez mortos, embora ainda se movessem. Lentamente, eles começaram a caminhar de volta para seus túmulos e o som de arrastar de pés substituiu os gritos e rosnados que eles emitiam há apenas alguns segundos.

Algol se virou para a guerreira de pé a poucos passos dele. Apertou os olhos de ódio por ver seus planos irremediavelmente frustrados e girou o machado no ar, caminhando na direção dela. Vanna estava desarmada e deu alguns passos hesitantes para trás, sem saber o que fazer. Romano deixou Dirk no chão e se levantou, mas antes que fizesse qualquer coisa, uma onda de seres de luz veio com o vento. Eram diáfanos, esguios e tinham olhos muito grandes. Eles envolveram Algol num furacão e o ergueram do chão. O sacerdote se debateu e seu grito ainda foi ouvido quando ele foi engolfado pelos elementais do ar, segundos antes de desaparecer completamente.

Adamay tinha terminado sua oração.

Enquanto os mortos deixavam o local, eles finalmente podiam ver que havia guardas armados tentando conter a situação. Estes começaram a se aproximar do Patriarca, aguardando novas ordens. Vanna ainda estava paralisada quando Romano pegou sua espada e lhe entregou com expressão dura.

– Quantas vezes eu lhe disse? – gritou ele, enfurecido. – Quantas vezes eu lhe disse? Nunca largue a espada! Nunca largue a espada! Nunca largue a porcaria da espada!!!

Groulf estava ofegante e Totn ainda não tinha cor. Isabelle surgiu com os cabelos molhados e somente então perceberam que o tom vermelho da noite proveniente das labaredas na igreja e na taberna havia se extinguido com uma forte pancada de chuva localizada. Foi estranho, pois eles não sentiram nem mesmo uma gota, embora estivessem mesmo um tanto ocupados com outros assuntos que haviam sido desenterrados.

Isabelle viu seu pai e então correu para Dirk caído inconsciente no chão. Romano já tinha se certificado de que o amigo estava vivo e finalmente se dava ao luxo de respirar fundo e relaxar um pouco os ombros.

Nenhum deles se moveu, mas todos pareciam baixar a guarda e relaxar. A crise havia sido controlada, o vilão havia sido banido sabe-se lá como e eles sabiam que faziam parte dessa vitória. Esperavam que o Patriarca Adamay estivesse satisfeito com sua atuação. De certa forma, eles estavam.

– Guardas! Prendam essa gente!

E as ordens de Adamay foram prontamente obedecidas, ante os olhares atônitos deles.

Leemyar tinha uma delegacia. Era pequena, numa construção de pedras razoavelmente nova. Raramente era chamada de prisão, já que era apenas um lugar para criminosos de pouca importância. Foi para lá que foram levados. Foram colocados todos numa grande cela, a maior que tinham, com camas de madeira presas às paredes com correntes grossas e amontoados de feno pelo chão. Foram despojados de seus pertences e nem pensaram em resistir. Além de serem muitos os guardas, não cogitaram ir contra as ordens do Patriarca. Ao menos, na frente dele.

Assim que entraram, Vanna comemorou.

– Oba! Uma cama!

E deitou-se imediatamente, pegando um pouco de feno do chão e

afofando-o sobre a madeira presa na parede. Usou o feno como travesseiro e cobriu-se com a capa.

– É sério que você vai dormir?! – indignou-se Groulf

– Ué! O que você quer que eu faça? – perguntou a morena.

– Estamos presos! Como criminosos! Criminosos presos! Numa prisão! E acabamos de sair de uma briga com gente morta! A cidade está em chamas! Como pode pensar em dormir?!

Vanna se ergueu parcialmente para olhar a amiga, enquanto os outros assistiam a discussão.

– Nós lutamos contra os mortos, contra um necromante maluco e contra um deus do mal. E vencemos. Dirk está sendo cuidado pela Isabelle e está seguro, porque ela não vai deixar o pai dela matá-lo. A chuva apagou os focos de incêndio. E o Patriarca aparentemente não precisa mais de nossa ajuda. Foi uma noite longa, então, se me permite, vou deixar o mundo girar sem mim nas próximas horas.

E dizendo isso, voltou a se cobrir.

– O mundo gira? – perguntou Peter.

– Só quando bebemos... – respondeu Hitch, já procurando um lugar pra se ajeitar.

Os outros começaram a procurar também seus cantos, entre camas nas paredes ou montes de feno com pulgas no chão.

– Pois eu não vou ficar parada! Não admito ficar aqui!

Groulf então pegou uma caneca velha e amassada de metal do chão e começou a passá-la nas grades, gritando com sua voz estridente.

– Eu quero meu advogado!!! Eu não fiz nada! Sou inocente! Quero sair! Quero sair! Eu tenho curso superior na escola dos elfos! Eu não deveria ficar numa prisão de humanos!!!

Totn se sentia extremamente cansado depois da bola de fogo que conjurara, mas não cansado o bastante para um último feitiço. Ele sussurrou algumas palavras e traçou um símbolo no ar com a mão direita.

– Boa noite, Groulf.

E a elfa imediatamente se calou, escorregando na grade e dormindo pesadamente com a caneca na mão.

Capítulo 20

Prestando contas

Aquele havia sido um dia muito estranho. O sono na cadeia não foi tão tranquilo para todos. Peter Paul, por exemplo, teve pesadelos sobre ser perseguido por galinhas sem cabeça. Foi uma visão simplesmente aterradora e ele acordou suando. À sua volta, os outros pareciam dormir o sono dos justos, embora fosse apenas o sono dos cansados. Respirações pesadas enchiam o lugar, até um tilintar de chaves surgir pelo corredor. Peter sacudiu Hitch que também parecia estar sonhando com alguma coisa assustadora, pois acordou já balbuciando:

– Não sei o que é, mas mata! Mata!

O tilintar se materializou em um molho de chaves trazido por um dos guardas. O girar da pesada tranca foi o bastante para acordar os outros. Ao que parecia, sua estada no xilindró tinha terminado.

Mas isso não queria dizer que estavam livres.

– O Patriarca Adamay deseja vê-los em seu gabinete – disse o guarda.

Quatro guardas armados os acompanharam. Saíram da prisão e se depararam com um dia nublado, porém, infinitamente mais iluminado do que o dia anterior. As nuvens estavam altas e uniformes, como se um enorme tecido cinzento tivesse sido estendido sobre a cidade. Aqui e ali se via uns rasgos de céu azul.

Atravessaram a rua principal e seguiram na direção da Torre da Justiça. Era um nome pomposo para um prédio de dois andares onde as pendências eram julgadas e resolvidas. Havia, sim, uma torre, alta e comprida como se imagina que são as torres, mas ela era raramente usada e fazia parte das instalações. Nas ruas, viram muita gente com vassouras e, logo à frente, uma fogueira subia em pontas vermelhas de fogo que terminavam em uma fumaça preta que exalava um cheiro desagradável. Ao passarem por perto, notaram com asco que estavam queimando pedaços de corpos recolhidos pela cidade.

– Os mortos voltaram sozinhos para suas covas ontem... – disse o guarda que os guiava, um rapaz de cabelos ruivos. – E isso certamente nos

poupou muito trabalho. Mas os pedaços que foram cortados em lutas não conseguiram voltar e como não tem como saber a que defunto pertencem, o Patriarca ordenou que queimassem.

– Nossa – foi só o que Peter Paul conseguiu dizer.

– Eu me lembro de você! – disse Hitch. – Você estava lutando conosco ontem.

O jovem guarda virou-se para ele, concordando com a cabeça.

– Todos nós lutamos ontem à noite – respondeu.

Chegaram à grande construção de dois andares e foram guiados para o segundo andar por uma grande e larga escada de madeira escura. O guarda bateu numa porta de madeira entalhada com símbolos entrelaçados e ao ouvir a resposta, abriu-a e entrou.

– Eles estão aqui, senhor!

O Patriarca ergueu os olhos do grande livro de capa escura que estava lendo. Num movimento, o guarda mandou que o grupo entrasse.

Era uma sala grande com muitos livros em estantes pela parede que chegavam até ao teto. O patriarca estava em uma mesa de madeira quase negra cuidadosamente entalhada com os mesmos símbolos entrelaçados da porta, um tipo de arte recorrente em toda Celtária. Abaixo deles, um tapete abafava os passos. Groulf se perdeu momentaneamente seguindo os desenhos intrincados, onde crianças e cisnes se misturavam numa narrativa que ela não compreendeu.

Os guardas ficaram atrás e a porta foi fechada. O grupo ficou diante do Patriarca que permaneceu olhando para eles com um ar de acusação.

– Quem era aquele homem?

A pergunta do Patriarca ficou flutuando no ar por alguns instantes, enquanto Vanna e Romano trocaram um olhar discreto. Obviamente ele não falava de Dirk, já que Isabelle conhecia o rapaz. Sabiam muito bem a quem ele se referia.

– Ele parecia conhecer muito bem vocês – continuou o Patriarca. – Imagino que vocês também o conheçam.

Romano percebeu que não havia como, ou mesmo porque, mentir. Eles também haviam sido enganados.

– Ele se apresentou para nós no Campo como Dermont de Brough, um homem a serviço de um Duque interessado em justas e competições. Ele disse que nos pagaria uma boa quantia por cada jovem que ele escolhesse levar para o Duque para representá-lo nas competições.

– Nós não sabíamos quem ele era de verdade – continuou Vanna. – Nós o encontramos antes, usando aquele manto negro que escondia seu

rosto nas ruínas do castelo de Noicent. Ele matou um amigo nosso, Nike, e então desapareceu.

– O que aconteceu então? – perguntou Adamay, prestando atenção na narrativa.

– Não temos certeza... – disse Groulf. – Mas algo aconteceu quando Dirk colocou o elmo. Ele virou outra pessoa! Parecia estar possuído!

– Lembrei de uma coisa! – interrompeu Vanna. – Dirk me disse, antes de ficar maluco, que Dermont tinha lhe dito que deveria usar o elmo!

– E vocês não viram que o elmo era mágico? – perguntou o Patriarca, se recostando na cadeira de encosto alto.

– Levei-o na Guilda dos Magos, senhor, e nada mágico foi detectado – respondeu Totn.

– Porque a magia só apareceria quando em contato com alguém! – explicou Vanna. – Quando Dirk colocou o elmo, ele abriu um portal para Balzul, uma divindade dos mortos já quase esquecida por causa do estrago que seus fiéis causavam. Dermont queria trazer Balzul de volta.

– E como vocês sabem disso tudo? – perguntou Adamay cada vez mais intrigado.

Essa foi a hora deles se entreolharem de novo. A informação seguinte poderia facilmente mandá-los de volta para a cadeia.

– Um mago nos disse... – murmurou Vanna.

– Que mago? – perguntou o Patriarca, apertando os olhos e antevendo a resposta.

– Noicent Von Barh – respondeu Romano.

O Patriarca fechou ainda mais o rosto e viram uma veia saltar em sua testa. Ele apoiou as mãos sobre a mesa e levantou-se lentamente, como uma fera antes de estraçalhar sua presa.

– Vocês tiraram Noicent das Masmorras de Daerg...

– Não tivemos escolha – disse Vanna. – Só ele sabia os planos de Dermont e como poderíamos salvar a vida de Dirk!

O Patriarca pareceu compreender algo repentinamente.

– Dermont era o sócio de Noicent.

– E seu verdadeiro nome é Algol. – concluiu Romano.

O Patriarca caminhou pela sala em silêncio como se pensasse em muitas coisas ao mesmo tempo. Então, virou-se para eles novamente.

– Minha vontade era jogá-los na prisão de novo.

– Nós ajudamos muito ontem a controlar a crise! – disse Groulf.

– A crise que vocês começaram! – respondeu o Patriarca, elevando o tom de voz. – Se não tivessem se metido no castelo de Noicent, nada disso

estaria acontecendo agora!

– Ou Algol teria arrumado outra pessoa para ser o usuário de seu elmo e nós não teríamos a menor ideia de como impedir esse desastre – Vanna cruzou os braços e não desviou os olhos do Patriarca.

– Vocês libertaram um facínora da prisão!

– Tecnicamente – continuou Vanna, fazendo os outros gelarem, – fomos nós que entregamos esse facínora para a justiça, então tê-lo soltado dá uma espécie de empate técnico.

O Patriarca se aproximou e Hitch teve certeza de que o homem ia perder a cabeça e estrangular aquela mulher. Mas ele apenas a olhou nos olhos, irritado por um instante, as veias pulsando na testa. Então ele deu um suspiro, voltou para sua mesa e sentou-se, assinando um documento.

– Devolvam os pertences deles – ordenou aos guardas. – Estão livres, ao menos até o próximo problema que causarem. Soube que possuem um campo de treinamento para jovens. Até que eu receba um relatório completo sobre as condições do lugar e dos professores, suas atividades estão suspensas.

– Relatório? – perguntou Groulf. – De quem?

– Joabe!

Ao ouvir a voz do Patriarca, uma jovem de cabelos castanhos e roupas religiosas entrou na sala. Ela fez uma reverência ao Patriarca e voltou a olhar para o grupo. Adamay se levantou para fazer as apresentações formais.

– Esta é Joabe Rayschtock, noviça do Templo de Todos os Deuses – o Patriarca entregou o documento que acabara de assinar para a moça. – Ela será meus olhos e meus ouvidos e vai me informar de tudo que vocês fazem, dizem, comem ou compram. Pra isso, ela morará com vocês até que eu esteja satisfeito. Aliás, é bom que todos vocês morem no campo, Joabe não pode ficar indo de casa em casa. Se eu souber que vocês estão envolvidos com Noicent ou Algol, vou jogá-los tão rápido em Daerg que nem vão ter tempo de cuspir! Podem ir.

– Senhor? E nosso amigo? – perguntou Romano.

O Patriarca, que havia se sentado novamente em sua imponente cadeira, ergueu o rosto para os jovens que ainda aguardavam sua resposta.

– Ele está na igreja. Podem levá-lo, ele não representa mais perigo. André, vá com eles.

André era o guarda de cabelos ruivos que os levara até ali e Vanna ficou contente com a ordem, pois não a encarou como se o Patriarca estivesse mandando alguém vigiá-los, mas mandando alguém acompanhá-

los.

– Até que não foi tão mal... – suspirou Hitch.

– Pois é. Ainda bem que ele não descobriu sobre o meu jogo com os cocos na taberna! – respondeu Peter aliviado.

Assim que saíram do prédio, Vanna esperou o momento certo de puxar conversa com o guarda André. Caminharam algumas ruas até, depois de uma curva, conseguirem ver a igreja. Uma das torres estava negra de fuligem, mas, fora isso, não parecia haver tanto estrago.

– Pensei que a igreja tivesse queimado por inteiro pelo que vi ontem! – disse Vanna.

André respondeu prontamente.

– Ontem tudo pareceu um pouco pior. Os sacerdotes agiram rapidamente, invocando chuvas, e o estrago não foi tão grande.

– Muita gente morreu? – perguntou Romano, aproveitando que o guarda era falador.

– Na verdade, não. Por termos sido avisados antes, conseguimos informar à população e todos se protegeram em casas ou nos comércios. Os doentes da igreja ficam na outra ala, o fogo nem chegou perto. Ainda não sabemos das casas no interior.

Chegaram à igreja e atravessaram o grande pátio. Ervas especiais eram queimadas em uma grande pira, exalando um aroma de frescor e fazendo uma fumaça esverdeada subir aos céus, em algum tipo de ritual que nenhum deles sabia o que significava.

– O que será isso? – perguntou Groulf, curiosa.

– É para confortar os mortos – respondeu a voz firme vinda de trás deles. Joabe caminhara em silêncio até então e eles praticamente haviam se esquecido dela.

– Os mortos foram perturbados pelo pior tipo de magia que pode existir. Agora, eles estão feridos e irritados. Essas ervas são sagradas e levarão conforto a eles no outro mundo.

A pira fazia desenhos estranhos no fogo e na fumaça verde enquanto passavam em silêncio respeitoso. Havia pessoas no pátio interno da igreja sendo atendidas por sacerdotes e noviços. Procuraram por algum rosto conhecido, mas não viram ninguém. André os guiou até uma grade. Chamou um dos sacerdotes e falou-lhe algo baixinho. O homem imediatamente pegou uma chave de um molho e abriu o cadeado.

A corrente tilintou e eles seguiram o homem por um corredor largo de pedras. Nunca haviam estado naquela parte da igreja. Gritos ecoaram pelos corredores como um alarme sinistro.

– Que lugar é esse? – perguntou Groulf, sentindo calafrios.

– O manicômio – respondeu André, sem parecer se incomodar com os gritos. – É aqui que a cidade guarda seus loucos perigosos. O Patriarca Adamay não gosta de matar pessoas que ele considera incapazes de pensar sozinhas, então eles ficam aqui.

– Até quando? – perguntou Peter Paul.

André se virou para eles, os olhos azuis refletindo as lamparinas nas paredes.

– Até morrerem.

O ex-mascate engoliu em seco, imaginando que aquele destino não parecia tão misericordioso quando o Patriarca pensava. Não andaram muito até que o sacerdote parasse diante de uma porta de madeira maciça. Girou a enorme chave na fechadura e abriu-a. A luz iluminou a grande cela, onde puderam ver uma pessoa se levantando com dificuldade. André entrou na cela e ergueu a lamparina que trazia na mão, iluminando um rosto cansado. Dirk cobriu os olhos feridos pela luz e aos poucos foi focando nas presenças na porta.

– Dirk? – chamou Romano.

O noviço ergueu a cabeça com olhar ansioso. Havia olheiras negras abaixo de seus olhos, que estavam avermelhados, e o nariz estava machucado.

– Dirk, eles bateram em você?! – indignou-se Vanna.

André se virou para ela, surpreso.

– Não, você bateu nele! Ontem, não lembra?

– Ah, é...

Dirk tentou ir até eles, mas sua perna estava presa por uma corrente que se prendia à parede.

– Pode soltá-lo – ordenou André.

O sacerdote, um homem com poucos cabelos, arregalou os olhos e hesitou.

– São ordens do Patriarca – informou André.

O homem então deu um passo hesitante na direção do rapaz e parou. Romano o empurrou e pegou a chave, indo ele mesmo fazer o serviço. Solto o grilhão que prendia a perna do amigo e levantou-se para olhá-lo melhor. Seu olhar estava confuso e lhe ocorreu que Dirk poderia não se lembrar de tudo o que aconteceu.

– Você está horrível! – disse Romano. – Vamos embora.

Romano ajudou o rapaz, quando uma voz grave mandou-o se afastar. O grupo se virou enquanto um homem incrivelmente alto os

empurrava para entrar. Ele tinha um uniforme mais pomposo que o de André e não parecia muito feliz. Lembraram-se dele. Era o capitão da guarda, facilmente visto na cidade em sua armadura que o cobria inteiro.

– O que pensam que estão fazendo? – disse ele, afrontando Romano e virando-se a seguir para os outros.

– São ordens do Patriarca – repetiu André.

Edgard Antares se aproximou do guarda e o encarou como quem encara um novato.

– Este homem incitou um levante de mortos e espera que eu o deixe sair da prisão assim, sem mais nem menos?

André não desviou o olhar.

– Não. Espero que cumpra as ordens do Patriarca, como todo mundo.

– Pois que o Patriarca venha pessoalmente me dizer isso! Até lá, esse monstro não sai daqui!

– O que está acontecendo?

Isabelle se aproximava com uma escolta de quatro sacerdotes. Ela ainda estava com suas roupas de combate e seu porte altivo chamou a atenção do homem.

– Sacerdotisa Isabelle, creio que seu pai não tenha pensado muito bem ao ter dado ordens para liberar esse prisioneiro.

Isabelle se aproximou dele, até olhá-lo nos olhos.

– Edgard, eu aprecio sua preocupação, mas meu pai sabe muito bem o que faz, ou ele não seria o Patriarca de Leemyar. Agora, deixe-os ir.

O homem pareceu estremecer de raiva e então saiu do caminho e deixou o recinto. Suas botas foram ouvidas se afastando.

– Não liguem. Edgard é o capitão da guarda e às vezes leva seu trabalho meio a sério demais – disse Isabelle, voltando-se para Dirk a seguir. – Nós já o examinamos. Ele está bem, só muito exausto. Precisa descansar. E se alimentar.

Romano agradeceu à moça e ajudou o amigo a sair do lugar. Passaram pelo pátio cheio de pessoas e temeram alguma hostilidade, mas ninguém pareceu notá-los. O fato é que pouca gente realmente viu Dirk na confusão e os poucos que viram o confundiram facilmente com os guardas e guerreiros que estavam defendendo a cidade dos mortos.

– Isabelle disse que eu estive possuído... – murmurou Dirk, que realmente precisava de ajuda para andar e mal tinha forças pra falar.

– Você não se lembra de nada? – perguntou Romano.

O jovem franziu o rosto, se esforçando para lembrar.

– Não pense nisso agora. – respondeu Romano. – Vamos. Vamos pra casa.

– Seus cavalos estão aqui ao lado – disse Isabelle.

E sem mais, seguiram o caminho, deixando para trás André e Isabelle.

Capítulo 21

Fragmentos

A chegada na casa do Campo High Honor foi estranha. Peter Paul se sentia um intruso, Joabe se sentia uma carcereira, Totn estava nitidamente mal humorado, depois que percebeu o tamanho da encrenca em que se meteu, e Hitch se sentia cada vez mais emaranhado nos problemas daquelas pessoas. Quanto à Vanna, Groulf e Romano, era difícil dizer o que sentiam. Não falaram muito.

Assim que entraram, Romano e Groulf acompanharam Dirk até seu quarto, ajudando-o com as escadas, enquanto Vanna se encarregou de falar com os novos e inesperados hóspedes.

– Bem... – começou ela, tirando a atenção deles do rapaz que subia as escadas com dificuldade. – A casa é grande, mas alguns quartos nunca foram usados. Limpamos todos quando nos mudamos, mas como não tinha ninguém pra usar, não possuem lençóis, cobertores ou jarras com água. Só tem os móveis que já estavam aqui quando chegamos. Os quartos vagos são os últimos do segundo andar. Aqui em baixo, temos a cozinha ali, esta sala, uma saleta que nunca usamos e outra sala onde Dirk guarda seus livros.

O silêncio que se seguiu foi constrangedor, como se ela tivesse falado um nome proibido.

– O banheiro fica lá fora, naquela casinha lá atrás.

– Toma-se banho? – perguntou Joabe.

– No lago. Sugiro que façam isso de dia.

– Por quê? – perguntou Peter. – É perigoso?

– Não – respondeu ela. – É frio.

A guerreira os guiou até a cozinha, que era praticamente ligada à sala que estavam por uma larga entrada.

– Não temos muita comida hoje, mas temos um pão. E vinho. Tem frutas no nosso pomar lá fora, mas eu tô cansada demais pra ir lá colher. Enfim, se virem aí, pessoal, eu preciso dormir. Fui!

E assim ela estranhamente se despediu, subindo as escadas. Ouviram uma breve conversa com Romano sobre Dirk e depois, apenas portas fechadas. Os quatro que ficaram lá embaixo se entreolharam.

– Um cochilo até que ia bem – disse Hitch, se espreguiçando.

Subiram as escadas que rangeram ao som das botas. Joabe foi a primeira a entrar em um dos quartos vazios. Um cheiro de pó e sonhos esquecidos subiu, despertando algumas velhas memórias. Joabe jogou a mochila com os poucos pertences sobre a cama de palha e abriu a janela de madeira. A janela resistiu um pouco, mas logo abriu suas asas para o mundo lá fora. Exatamente como Joabe.

Totn deu um “boa noite” e fechou sua porta sem olhar pra trás. Peter entrou no quarto ao lado do de Joabe e colocou a mochila sobre uma cômoda de madeira encostada numa parede. Ficou parado no meio do quarto, pensando em como exatamente fora parar ali. O destino tinha mesmo aqueles planos ou era só uma brincadeira do Universo? Deitou-se para pensar um pouco, o coração ainda batendo com a memória da noite anterior. Talvez, quando o coração se acalmasse um pouco, sua mente poderia fazer o mesmo.

Hitch entrou no quarto na frente do de Joabe, bocejou e caiu na cama já dormindo.

Foi um sono necessário. Quando a adrenalina baixou, os olhos pesaram e durante algumas poucas horas, só houve silêncio naquela casa, embora ainda fosse o meio da tarde.

Quando Vanna desceu as escadas com um vestido leve, encontrou Romano colocando uma grande panela no fogão à lenha.

– O que está fazendo?

O rapaz olhou para ela e voltou a atenção para alguns ingredientes na mesa.

– Uma sopa de restos – disse ele.

– Hum... A minha favorita!

Vanna terminou de descer e sentou-se à mesa, onde havia cenouras, tomates, pimentões, couve-flor e umas batatas já lavadas. Ela pegou uma faca e começou a cortar o que encontrou. Romano sentou-se de frente pra ela e fez o mesmo.

– Imaginei que todos vão acordar famintos – explicou ele. – Então peguei alguns legumes na horta e um pedaço de carne curada.

– Tem um resto de pão. Vai combinar bem. Você pensou direito.

Ficaram em silêncio. Então Romano pousou a faca na mesa e encarou a moça com olhos de cobrança.

– Você podia ter morrido ontem! – disse ele.

A moça olhou-o surpresa. Ele pegou a faca de novo e apontou-a pra ela.

– Nunca. Nunca mais largue sua espada!

– Tudo bem, capitão – respondeu ela com um belo sorriso. – Eu prometo jamais me separar da minha espada de novo! A propósito, até dormimos juntas agora à tarde!

Romano voltou a cortar as leguminosas.

– Ótimo.

Eles ficaram em silêncio por alguns instantes e apenas o cortar de cenouras foi ouvido.

– Por que o Dirk? – perguntou Vanna.

Romano ergueu os olhos para ela, que tinha parado de cortar, dando mais atenção aos seus pensamentos.

– Quer dizer, de todos nós... Por que ele? Você, por exemplo, teria dado um ótimo cavaleiro do apocalipse!

Romano riu.

– Obrigado. Você também teria sido uma ótima arquiinimiga da cidade!

Vanna sorriu orgulhosa e Romano seguiu o pensamento.

– Eu não sei. Talvez tenha sido por acaso.

– Não, não foi! Agora que sabemos que Dermont era Algol, sabemos que ele tinha esse plano o tempo inteiro! Acho até que foi ele quem revirou nossos quartos lá na Incandescente! Acho que ele estava procurando o elmo e quando não encontrou, resolveu se infiltrar entre nós. E quando o fez, escolheu Dirk. Só não sei por quê.

– Talvez porque ele fosse o melhor de nós... – respondeu Romano. – Talvez esse Algol sinta algum prazer em corromper algo puro, como quem quebra algo bonito.

Vanna voltou a cortar sem dizer nada, pensando no que Romano dissera. Percebeu que ele tinha uma expressão de pesar.

– O que foi?

– Isso vai ser doloroso pra ele.

– Para o Algol?

– Não, sua tonta! Para o Dirk!

– Ah... O que vai ser doloroso?

Romano parou de cortar.

– Dirk não teve muita sorte com o pai. Era um homem duro, bruto e violento e acho que nunca tiveram nada em comum. Vivia batendo nele. Então, aparece Dermont, a figura do pai ideal! Dirk gostava dele, dava pra

ver.

– Que pena. Um pai deveria ser alguém em quem se pode confiar.

– Nem todos dão sorte.

– E você? – perguntou a morena, terminando uma cenoura cor de ferrugem. – Deu sorte?

Romano balançou a cabeça, incerto, como se ainda estivesse tentando descobrir.

– Não deu tempo de descobrir. Meus pais morreram quando eu era um bebê. Cresci num orfanato. Eu até apanhava, mas merecia. Era uma criança atentada, eu acho. Até que fugi. Fazia pequenos serviços na cidade em troca de um prato de comida. A mulher do ferreiro ficou com pena e me pegou para ajudá-la. Acabei aprendendo o ofício de ferreiro, entre outras coisas.

Ele se levantou com os legumes cortados e jogou todos na panela fumegante. Um cheiro de carne subiu e ele mexeu com uma colher de pau.

Passos foram ouvidos e Joabe apareceu na cozinha. Um rápido momento de constrangimento cruzou por eles.

– Quer se sentar conosco? – perguntou Vanna, quebrando o gelo.

– O que estão fazendo? – Joabe respondeu com outra pergunta.

– Sopa de restos e tecendo teorias da conspiração – respondeu Romano, voltando à mesa, mas com uma garrafa de vinho e três canecas.

– Sim, nos perguntávamos se Algol tinha tudo isso planejado ou se ele simplesmente saiu improvisando.

– Difícil dizer, já que nem sabemos até agora que raio de plano ele tinha afinal! – respondeu Joabe, enquanto Romano enchia sua caneca de vinho.

– Ele queria trazer Balzul para a terra e fazer um levante de mortos, né? – perguntou Vanna, que achou ter entendido o plano.

– Sim, mas pra quê? O que ele ganha com isso?

– Poder? – perguntou Romano. – Talvez Balzul o coroasse rei, ou coisa assim.

– Talvez.

Em poucos minutos, ou o aroma da sopa ou alguma outra coisa que não nos é permitida saber acordou os outros. Um a um, todos foram descendo e se reunindo na cozinha. Totn não estava de muito bom humor, mas uma caneca de vinho o animou. Groulf continuou reclamando de tudo, demonstrando seu temperamento horrível, mas já conhecido dos amigos. Peter Paul e Hitch foram os últimos a descer. Joabe forçou a memória um pouco.

- Eu já o conheço? - perguntou para Peter. - Você me parece familiar.

- Eu vendia frutas para sua mãe, a costureira, não se lembra?

- AH! Lembrei! É que você me parece um tanto fora de contexto agora.

- É que resolvi mudar de profissão. Variar um pouco, sabe?

Joabe então se voltou para o moreno de cabelos despenteados e rosto fino.

- E você, quem é mesmo?

- Hitch Bernard Eisner, e me meti nessa por mero acaso. Assim que tudo se resolver, seguirei meu caminho!

E assim o papo seguiu animado na cozinha, regado a vinho e teorias da conspiração. Joabe se mostrou uma companhia interessante, já que seus conhecimentos de noviça os ajudaram a compreender melhor algumas coisas. Pra começar, a rixa entre Adamay e Noicent era também fomentada pelas diferenças de crenças que geralmente separam sacerdotes e magos. Os primeiros trazem como emblema a fé e o amor às suas divindades, de onde recebem seus poderes mágicos, enquanto os segundos manipulam os elementos e praticam a magia diretamente da fonte, sem passar por uma divindade, sem exercer uma fé. Some a isso todas as “noicentisses” que Noicent fez e claro que teríamos um Patriarca muito, muito irritado.

Agora, Algol era ainda um mistério. Até onde se sabia, Vanna, Romano, Dirk e Groulf sabiam mais sobre ele do que qualquer um. Teceram mais algumas teorias da conspiração, até se perguntarem se Algol afinal tinha sido derrotado definitivamente pelo feitiço feito pelo Patriarca na noite anterior que o fez desaparecer no ar, literalmente.

- O Patriarca é dedicado à Benedigeidfran - explicou Joabe.

Hitch deu uns tapinhas em suas costas, acreditando que ela tinha se engasgado.

- Benedigeidfran é um deus, também chamado de Bran. Ele chamou seus silfos do ar e baniu Algol.

- Baniu pra onde? - perguntou Groulf.

- Não tenho certeza... Pra longe, espero. - respondeu Joabe.

E assim a conversa seguiu noite adentro, até que cada um fosse voltando para seu quarto, poucas horas antes do amanhecer. Vez por outra, Vanna ou Romano davam uma espiada em Dirk, que dormiu pesadamente e não acordou nenhuma vez.

A manhã seguinte estava bela, sem nenhum traço das nuvens pesadas que assombraram Leemyar nos últimos dias. Romano pensava em dar prosseguimento a um projeto abandonado. Sempre gostara da ideia de uma sala de banhos. Sua engenhosidade conseguira fazer uma fonte de água contínua logo na frente da casa. Com a ajuda de uma alavanca, tinha-se água fresca e limpa para qualquer coisa. Com o material adequado, tinha certeza de que conseguiria fazer o mesmo numa saleta nunca usada no primeiro andar da casa. Groulf resolveu ajudá-lo e ele não fez objeções. Vendo-os cortar madeira e fazer cálculos mentais, Peter Paul ficou curioso.

– O que vocês estão fazendo?

– Um barco! – respondeu Groulf.

Romano olhou para ela seriamente.

– Precisamos ter uma longa conversa.

Peter se uniu à empreitada, já que não gostava de ficar sem fazer nada e estava procurando um lugar para se encaixar. A ideia era primeiro fazer “um balde gigante”, como definiu Romano, totalmente impermeável. Este foi o primeiro passo.

Totn aproveitou para ler um pouco, prática que lhe era comum. Percebeu que Vanna exagerara um pouco quando chamara a sala do primeiro andar de biblioteca. Havia uma mesa e alguns livros numa estante ao lado. A maioria relacionada à magia sacerdotal, divindades e histórias heróicas. Achou um sobre Cavalaria e um com receitas. Respirou profundamente e caminhou até a janela, pensando no que mais poderia fazer naquele lugar.

Lá fora, Vanna cavalgava sua montaria negra. A alguns metros, Hitch a observava com um sorriso. Ela parou perto dele.

– Quer treinar?

Ele exibiu seu belo sorriso e pegou a espada que ela lhe jogou.

– E então? Qual o seu destino?

Hitch pensou no quão profunda era aquela pergunta e, quando se preparou para respondê-la, a morena o atacou furiosamente com a espada, com golpes violentos que terminaram por derrubá-lo.

– Era uma pergunta retórica? – perguntou ele, no chão, sob a mira da espada dela.

– Não, eu realmente gostaria de saber.

Ela lhe deu a mão, ajudando-o a se levantar.

– É difícil responder, porque eu não acredito em destino – respondeu o rapaz. – Se acreditasse, jamais teria deixado a miséria e a fome

de minha cidade natal, onde meu destino certamente seria uma vida miserável e faminta. Agora que o mudei, nem meu destino sabe mais o que me reserva.

A moça ficou olhando para ele com o cenho franzido e ele se perguntou se tinha sido muito profundo para ela. Conhecera algumas moças lentas em sua cidade. Elas pareciam não entender absolutamente nada do que ele falava.

– Desculpe, você entendeu? – perguntou ele, querendo logo saber se estava diante de uma daquelas moças de novo – pois ele preferiria acreditar que elas estavam limitadas à sua cidade e que não existiam em nenhum outro lugar, o que sabemos que é uma utopia.

– Claro, entendi! – disse ela, desfazendo a estranha careta em seu rosto banhado pelo sol. – E acho muito bonito isso. É que eu perguntei qual o seu destino quando sair daqui.

Agora foi a vez de Hitch fazer a cara de quem não entendeu.

– Pra onde você vai? – explicou Vanna. – Você disse que assim que tudo se resolver, seguirá seu caminho. Achei que estava indo para algum lugar.

Hitch não respondeu. Na verdade, ele só queria dizer que seguiria seu caminho, e isso não quer dizer que ele soubesse para onde estava indo. Ou que tivesse um lugar para ir.

– Seguirei com o vento! – disse, tentando ser romântico.

– Tá bom!

Vanna não era muito curiosa, talvez para compensar a curiosidade enlouquecedora de Groulf. Preparou-se e começou a atacar Hitch. Ele viu alguns golpes novos e resolveu mostrar outros. A tarde seguia seu rumo. Como o vento.

Capítulo 22

Dias que passam, noites que ficam.

Quando o Sol começava a pousar por trás da casa e o vento começava a anunciar a chegada da noite, Hitch achou que já estava na hora de convidar Vanna para uma bebida, mesmo achando que isso pudesse soar repetitivo. Eles já tinham treinado e cavalgado a tarde inteira, almoçado juntamente com os outros e retornado às atividades do campo, como alimentar os cavalos e cuidar dos outros animais. Joabe estava na porta da frente da casa de braços cruzados, observando Romano, Peter e Groulf tentando fazer uma coisa de madeira gigante passar pela porta.

– Vanna? – chamou Hitch. – Posso lhe dizer uma coisa?

– Claro!

E o que Hitch achou que seria fácil de repente se tornou insuportável. As palavras sumiram e ele temeu fazer papel de idiota.

– Quando precisar, é só pedir! – disse por fim.

A moça continuou fitando-o, esperando algo mais, já que achou a oferta, apesar de simpática, deslocada.

– Obrigada! – respondeu ela.

– Quer dizer, pode contar comigo. Eu vi que vocês estão passando por problemas e se precisar de alguém pra conversar, ou mesmo para tomar uma be...

– Dirk acordou!

Ele percebeu que ela estava olhando para um ponto acima de seu ombro. Virou-se e viu um movimento numa das janelas do segundo andar. Quando se virou novamente, Vanna já tinha ido embora e corria na direção da casa. Hitch respirou profundamente. Pelo visto, ele tinha concorrência.

Vanna correu para casa, mas percebendo que a entrada estava bloqueada pelo que quer que fosse aquilo que Romano, Peter e Groulf estivesse fazendo, contornou e entrou pela porta dos fundos. Subiu as escadas em grandes saltos até entrar no quarto de Dirk sem bater. Encontrou-o sentado na cama com a mão segurando a cabeça. Ele a olhou assim que ela entrou e tentou sorrir.

– Olá, Vanna!

Ela sorriu de volta e entrou, indo se sentar ao lado dele na cama.

– E então? Como está? – perguntou ela.

– Minha cabeça dói... Como se eu tivesse bebido muito... Eu bebi?

– Não. Quer dizer, talvez. Não sei.

Ele a olhou nos olhos. Seu rosto estava menos cansado e ela estava feliz de ver o azul de seus olhos novamente da cor do céu em dia de verão.

– O que aconteceu?

Vanna respirou profundamente. Esperava poder empurrar aquela explicação para outro momento. Pegou-lhe um pouco de água em cima do móvel, onde repousava uma ânfora, uma caneca e uma bacia.

– Você foi possuído por um deus chamado Balzul.

Dirk arregalou os olhos.

– Balzul? Seu culto foi proibido há mais de vinte anos!

– O elmo era o canal para ele.

– Quanto tempo? – perguntou ele, tomando um gole da água como se isso ajudasse a empurrar essas ideias.

– Quatro dias.

Dirk olhou para frente tentando compreender os fragmentos que via diante dele, imagens perdidas que se pareciam com pedaços de sonhos.

– O que eu fiz nesse tempo?

– Não se preocupe com isso agora. Você precisa comer. Isabelle disse que em poucos dias você estará novo em folha.

– Isabelle?

Dirk se lembrou de estar com ela, mas não era ele. Lembrou-se de um beijo profundo, um beijo profano, um beijo maldito.

– Eu volto já!

Vanna deixou o quarto e Dirk tentou capturar novamente a cena com Isabelle, mas sua cabeça doeu e ele se viu novamente preso num lugar escuro, imobilizado, gritando, gritando, tentando avisar a todos o que estava acontecendo, tentando pedir que o impedissem.

Avisados pela guerreira que ele estava bem, subiram até seu quarto para visitá-lo. Hitch ainda o olhava desconfiado. Sua primeira impressão do noviço definitivamente não tinha sido boa. Peter, no entanto, o conhecera antes e sabia que alguém tão gentil não poderia fazer aquelas coisas a não ser que estivesse, de fato, possuído.

– Estamos felizes que esteja bem! – disse Romano, aliviado em ter o amigo de volta.

Dirk o olhou e viu seu rosto banhado em sangue. Romano estava sendo surrado e quando finalmente caiu no chão, olhou para ele, o olhar

atônito, incrédulo.

– Hora de comer!

A voz de Vanna interrompeu sua tentativa de se lembrar de alguma coisa. Peter, Hitch, Joabe e Totn se despediram, desejaram melhoras e saíram do quarto. Dirk comeu na companhia dos velhos amigos que tentavam suavizar os acontecimentos dos últimos dias. Suprimiram todas as tragédias e se concentraram em falar de como tudo foi resolvido rapidamente, como ninguém se feriu gravemente e tudo fora controlado com a ajuda do Patriarca Christopher de Adamay.

Quando terminou, a cabeça doeu de novo, os olhos pesaram e ele voltou a se deitar. Deixaram-no sozinho e ele voltou a mergulhar em fragmentos sem sentido.

Naquela noite, tiveram um jantar de verdade. Totn, depois de ser vencido pelo tédio, foi até a cidade comprar mantimentos. Trouxe carne de javali e pão. O animal fora assado na brasa e servido com batatas da horta. Novas garrafas de vinho foram abertas e eles fizeram um brinde à recuperação do amigo. Não quiseram falar naquela noite sobre o fato de suas lembranças não terem retornado, ou sobre quando diriam a ele o que realmente aconteceu, sem o filtro cor de rosa. Deixaram isso para o dia seguinte. Naquela noite, só queriam comemorar.

Há uma coisa boa em ter a casa cheia de gente. Qualquer reunião em volta da mesa se transforma em um evento. Se as pessoas forem interessantes, tanto melhor. Os temas variavam, mas eles acabaram por descobrir que apreciavam as conversas uns dos outros. Descobriram que riam juntos. O que era mais do que alguns conseguiam fazer em suas famílias. Assim, mais uma vez, ficaram na mesa por longas horas, bebendo vinho e hidromel, até que, um a um, eles comessem a se recolher.

Joabe e Hitch foram os últimos a ficar. Um parecia disposto a beber mais, enquanto a outra parecia evitar a solidão.

– Não se sente mal? – perguntou Hitch, já movido pela bebida.

– Por quê? – Joabe bebera pouco, mas o suficiente para sentir a voz embargar.

– Você está aqui espionando essa gente que te alimenta!

Hitch soluçou e achou isso engraçado, começando a rir sozinho.

Joabe ficou pensando. Não, ela não se sentia mal. Recebera uma missão do Patriarca, homem que admirara a distância desde que era apenas uma menininha. Estar ao seu serviço, apesar de ser uma simples noviça, era algo que a enchia de orgulho. Quanto àquelas pessoas, se não

fizessem nada de errado, ela não teria nada a reportar. E até aquele momento, ela preferia acreditar que Noicent e Algol não tinham nada a ver com aquele pequeno e estranho grupo de amigos.

No dia seguinte, Romano, Peter e Groulf continuaram sua empreitada pelo direito de tomar banho como os ricos. O primeiro tonel, uma estrutura de madeira cuidadosamente envernizada e pregada em círculo, teve que ser desmontado, porque não passava pela porta. Agora, eles montavam tudo dentro da saleta. Isso não seria o mais difícil. O mais difícil seria montar a estrutura que levaria água do córrego que passava fora da casa para a sala.

– Há um lençol d'água logo abaixo! – disse Totn, com um instrumento de metal nas mãos. Era um pequeno cetro com cristal em ambas as pontas. O cristal redondo em uma das pontas brilhava conforme ele o movimentava.

– O quê? – perguntou Romano, limpando o suor da testa com as costas das mãos.

– Há um lençol de água limpa logo aqui embaixo. É só perfurar e a água vai brotar. Só não sei como vocês vão controlar a nascente.

– Deixe isso comigo! – disse Romano animado. – Mostre-me onde ele está!

Totn caminhou olhando atentamente para o cetro de cobre e quando a luz do cristal se tornou mais intensa, ele apontou um lugar. Romano e Peter começaram imediatamente a trabalhar.

– Como você sabia? – perguntou Groulf.

– Usei meu dorje mágico – respondeu Totn, guardando o cetro em uma sacola de veludo que trazia na cintura.

– O que mais isso faz? – tornou Groulf, curiosa.

– Basicamente, ele mostra o que eu estiver procurando. É uma magia de iniciantes, bem simples, na verdade.

E Groulf os largou trabalhando sozinhos enquanto seguia Totn, querendo saber mais sobre essa estranha magia dos humanos.

– Acha que aquela varinha é mesmo mágica? – perguntou Peter.

– Sim, fez a Groulf desaparecer – respondeu Romano já acostumado com a companhia do jovem.

O jantar do segundo dia envolveu dois patos selvagens que Hitch caçara durante o dia – já que aparentemente era proibido tocar nos três galetinhos que ele vira circulando pela casa. E mais batatas. Sempre havia batatas em Celtária, era um alimento que não faltava a ninguém. Dessa vez,

Vanna fizera um bolo de celtalate que fora servido como sobremesa e a conversa se estendeu até o vinho acabar. E dessa vez, acabou mesmo.

No terceiro dia, cada qual encontrou seus afazeres. Vanna tinha se ausentado pela manhã e voltara quase na hora do almoço. Em casa, encontrou apenas Romano e Joabe.

– Onde está todo mundo?

– Saíram.

Romano tinha sido vago. Vanna não entendeu muito bem se ele não queria dizer alguma coisa na frente de Joabe, olhos e ouvidos do Patriarca, ou se simplesmente estava com preguiça.

– Aonde foi tão cedo? – perguntou Joabe, que já tinha percebido que a guerreira não era muito madrugadora.

– Visitar uma pessoa – respondeu Vanna com uma expressão de pesar enquanto puxava uma cadeira para se sentar com eles à mesa.

– Vincent? – perguntou Romano, já sabendo a resposta.

Vanna anuiu com a cabeça.

– E como ele está?

Vanna lutava para não deixar aquilo abalá-la, mas sua voz trêmula e seus olhos brilhantes denunciavam que estava perdendo essa briga.

– Ele sorriu quando me viu – respondeu ela. – Abriu um sorriso enorme. Está lá, entravado naquela cama, cheio de dor, e ainda sorri quando me vê. E perguntou de todos! Perguntou como está Dirk.

– Quem perguntou sobre mim?

Eles olharam para trás e viram que Dirk estava ali. O rosto ainda estava pálido, mas já não tinha o cansaço e o tom cinzento de antes. O silêncio que invadiu o aposento foi esquisito e Joabe veio em socorro.

– Dirk! Você parece bem melhor! – disse Joabe, percebendo que alguém precisava mudar o rumo da conversa, embora ela não soubesse bem por que. A história de Vincent não tinha sido compartilhada até então.

O rapaz andou firmemente até a mesa, sem tirar os olhos de Vanna.

– Quem está entravado numa cama? – perguntou ele.

– Vincent – respondeu Romano.

Dirk engoliu em seco e pareceu ficar ainda mais branco, como se soubesse as reais razões do garoto estar numa cama.

– O que aconteceu com ele? – perguntou, em voz trêmula, como se já soubesse a resposta.

– Você o feriu enquanto estava possuído. – respondeu Vanna, vendo que não poderiam mais esconder a verdade dele.

Eles acharam que ele pediria por detalhes, mas ao invés disso, ele

baixou a cabeça, fechando os olhos.

– Enquanto treinávamos... – murmurou ele. – Eu atingi sua perna com a maça. Ele confiava em mim e eu o machuquei.

Então ele ergueu a cabeça, os olhos incrédulos ante o que sua memória confirmava. Tudo o que achara serem pedaços de pesadelos agora se mostrava cruelmente real. Olhou para Vanna de novo.

– Eu ataquei você... – disse, a voz entrecortada por uma dor indizível.
– Eu ataquei você!

Vanna se levantou, tentando tocá-lo para dizer que tudo estava bem, mas ele se afastou, olhando a seguir para Romano.

– E eu o joguei às feras! Naquela taberna, eu o joguei para criminosos! Eu quase o matei!

– Dirk... – Romano tentou acalmá-lo, mas ele não parava. As imagens vinham como uma torrente em sua cabeça.

– Eu quase matei todos vocês! Meu Deus, eu aleijei aquele garoto! E comande os mortos para fora de seus túmulos! Vocês sabem a gravidade de uma heresia como essa???

– Dirk, você não fez nada!

Joabe tinha elevado a voz para chamar a atenção e conseguiu. Ela se levantou. Era uma mulher alta com cabelos castanhos que cascadeavam pelos ombros. Naquele momento, o medalhão em seu peito chamou a atenção de Dirk. Ele se lembrou que ela era uma noviça, assim como ele, e que estava ali a mando do Patriarca, ou assim lhe disseram. A moça se aproximou dele.

– Eu não sou sua amiga, não o conheço e não tenho motivos para mentir pra você – disse ela. – Você sabe que eu sou uma noviça, não sabe?

Ele anuiu com a cabeça, lágrimas brotando em seus olhos, o desespero inflando no peito.

– Sou dedicada à Deusa Druantia. Você a conhece? – Joabe se aproximou um pouco mais.

O rapaz anuiu novamente com a cabeça.

– Então você sabe que ela defende sempre a verdade, não sabe? Pois eu estou lhe dizendo, Dirk, você não fez nada. Algol usou você e trouxe Balzul para nosso mundo. Ele agiu, ele fez tudo aquilo. Não você.

– Eu me lembro de tudo... – murmurou ele, inundado de dor, uma lágrima pesada caindo em seu rosto.

– Então deve se lembrar também do lugar onde estava. – continuou Joabe, agora cara a cara com ele. – Um lugar escuro, frio, onde você gritava e não era ouvido. Onde tentava avisar seus amigos, mas ninguém o

escutava.

Ele anuiu mais uma vez com a cabeça, surpreso dela saber sobre isso.

– Ele só lhe permitiu ver porque faz parte de sua natureza cruel. Mas você não podia lutar contra ele. Era Balzul quem estava no comando.

– E mesmo assim, você lutou contra ele! – disse Romano. – Lá na taberna e com Vanna! Você veio à superfície e tentou nos avisar! Você lutou contra um deus para tentar nos salvar!

Dirk voltou a olhar para Joabe e ela lhe sorriu, confirmando o que Romano dissera. Então ele se entregou ao pranto e começou a soluçar. Joabe, que estava tão perto, não sabia o que fazer. Então, seguindo seu instinto, abraçou-o e deixou que ele chorasse com o rosto em seus cabelos.

Capítulo 23

Consertando coisas quebradas

Estavam há sete dias naquela estranha prisão assistida imposta pelo Patriarca, tempo o bastante para estabelecerem uma rotina ou se sentirem fatigados com a situação.

Os dias passaram em seu ritmo moroso, mas nenhum deles pareceu se perturbar por isso. Sempre havia algo para fazer e um dia ocupado com feitos de boa vontade nunca é moroso ou tedioso. Havia risos e, de vez em quando, alguma discussão (afinal, pontos de vista não eram sempre os mesmos).

Dirk passava longas horas em meditação. Ia para o bosque, para o alto da colina ou simplesmente sentava-se no banco na frente da casa (mais um feito de Peter Paul e Romano com os restos da banheira). Quando alguém lhe dirigia a palavra, ele sorria e dizia que estava tudo bem.

E em silêncio, ele observava a vida acontecer à sua volta.

Havia coisas que ele não dizia. Ele sabia que Romano e Vanna certamente suspeitavam disso, mas tinha certeza de que eles não tinham ideia das coisas não ditas. Quando o dia e a noite assumiram um ritmo normal novamente para ele e o descanso e a alimentação finalmente o ajudaram a se recuperar do desgaste, todas as lembranças lhe vieram. E como se já não fosse terrível conviver com lembranças do que Balzul fizera, também tinha que aprender a conviver com a lembrança de tudo o que Balzul fizera a ele.

Ter um deus em seu corpo, sem sua vontade, é uma sensação horrível. Não importa se é um deus. No momento em que Balzul o possuiu, sentiu-se paralisado, preso e via pelos olhos do monstro o estrago que ele fazia. Cada tentativa de tentar recuperar o poder lhe consumia todas as forças e, em alguns segundos, era novamente jogado na escuridão, e dessa vez, com uma divindade muito irritada com sua anarquia.

Balzul podia torturá-lo e o fez. Mas o que mais o assustava era saber que Balzul tinha acesso a todas as suas memórias... e sentimentos... E Balzul desfolhava seu coração, camada por camada, rasgando-o com suas garras,

em busca de seus sentimentos mais profundos, apenas para usá-los contra ele. A dor que sentia não era nada quando se sentia desnudado e via as intenções malignas do deus. Balzul lhe contava o que ia fazer com os amigos, com os inocentes, com tudo o que ele mais amava.

Quando se encontrou com Isabelle, Dirk já não tinha poder sobre seu próprio corpo. Foi Balzul quem beijou Isabelle, embora ele tivesse sentido o gosto morno do beijo dela. Temeu pelo pior. Temeu que Balzul a machucasse. Mas, de repente, Balzul simplesmente se afastou. Olhou para ela como se tivesse visto algo curioso. Então, disse-lhe que voltaria em outra hora. Por mais que Isabelle lhe perguntasse o problema, ele nunca respondeu.

Mas Dirk sabia, porque Balzul lhe contara. Isabelle era uma boa moça. Porém, assim que a beijou, viu sua vida, seu caráter, o tempo que vivera e o tempo que lhe restava. E então viu que Isabelle era uma boa moça, mas não era material para a realeza. Faltava-lhe a chama, o fogo, o inesperado, aquele elemento raro que poderia levá-la... aonde ela quisesse. Isabelle não tinha isso e não iria a lugar nenhum. Nascera ali e, se nada mudasse seu destino, ali morreria.

– Compreendo porque ia deixá-la... – murmurou Balzul com sua voz rouca, enquanto se afastavam da igreja a cavalo. – Eu também a teria deixado... Bom, eu a deixei. Poderia tê-la matado, mas isso só atrairia uma atenção prematura para minha presença. Melhor deixá-la com o coração partido então.

Balzul lhe explicou o que procurava. Para sair e reinar sobre a terra, precisava de um herdeiro em seus domínios no Reino Inferior. Balzul não era o deus de TODO o Reino Inferior. Apenas de uma parte. Uma parte cada vez menor, desde que seu culto foi proibido. Se se ausentasse por muito tempo, certamente iria perder o que lhe sobrara para outros deuses do Submundo. Por isso, ele precisava de um herdeiro. E, para ter um herdeiro, ele precisava de uma rainha.

O deus tinha lá suas exigências, mas também tinha pouco tempo. Não podia sair por aí escolhendo a mulher ideal, especialmente quando eram todas tão parecidas ao seu ver. Então, ele usava o que Dirk sabia. Foi até Isabelle, mas se decepcionou. Foi quando Balzul percebeu que havia outro sentimento naquele coração.

– Ainda bem que temos outra opção, não?

Sim, a guerreira tinha o fogo, a chama, aquela coisa rara que a fazia diferente. Se bem trabalhada, poderia transformá-la num verdadeiro demônio, e isso agradava Balzul. Mães costumam fazer qualquer coisa pelas

suas crias. Quando ela tivesse o bebê, faria tudo para protegê-lo e mantê-lo a salvo no trono. Era perfeito!

Um vento sacudiu os cabelos dele, levando-os para lá e para cá. Ao longe, Romano, Vanna e Peter Paul treinavam uma nova manobra para luta com um escudo. Peter parecia inseguro, mas assim que tomou as primeiras pancadas de Romano, aprendeu a ser mais ofensivo. O vento brincava com os cabelos deles também.

Foi quando sentiu uma presença ao seu lado. Virou-se e viu Hitch com uma caneca de vinho. Não o conhecia muito bem, mas começava a achar que aquele rapaz realmente bebia demais.

– No lugar de onde eu vim, eu não sou ninguém. – disse Hitch, sem tirar os olhos do pequeno grupo ao longe, treinando na relva que mudava suavemente de cor com o movimento do vento. – Ninguém sentiu a minha falta quando eu parti. Ninguém saberia se eu morresse.

Então, ele tomou um gole do vinho. Virou-se para Dirk, os olhos escuros desfazendo o sorriso que ele sempre trazia no rosto.

– Seus amigos nunca desistiram de você. Ficaram contra o Patriarca, enfrentaram um deus dos infernos e um sacerdote dos mortos. Eu daria qualquer coisa para ter amigos assim. Você já tem. Então, vê se não desperdiça!

E deixou Dirk novamente sozinho, caminhando de encontro ao pequeno grupo que agora ria de alguma coisa que Peter falara ou fizera. Dirk o acompanhou com os olhos. Havia ao menos quatro dias em que ele se sentava em silêncio e se mantinha distante. Já tentara falar com suas divindades, já tentara uma conexão divina, e tudo falhara. Continuava se sentindo terrivelmente mal por tudo o que aconteceu.

Porém, Hitch tinha toda a razão. Se ele continuasse carregando esse fardo, esse peso também estaria sobre Romano, Groulf e Vanna. Não sabia como olhar para eles de novo, cada vez que pensava no que acontecera e no que poderia ter acontecido se ele não tivesse sido detido, mas isso era um problema que ele teria que resolver. Levantou-se e caminhou até o bosque. A tarde estava iluminada por um sol dourado e gostoso e somente ele não sentia as cores do lugar. Foi até a beirada do lago, que refletia o sol em milhares de pontos de luz em movimento. Respirou fundo e fechou os olhos. Ficou assim por alguns minutos. Quando os abriu, sabia exatamente o que tinha que fazer.

Estavam na cozinha, todos reunidos em volta de um bolo recém-saído do forno à lenha. O cheiro de bolo encheu a casa e se misturou no ar com as palavras e conversas.

– Eu sinto falta de dar as aulas! – dizia Vanna.

– Eu, não! – disse Groulf, pegando um pedaço de bolo para si mesma.

– Eu não sinto tanta falta de dar aulas, mas logo vou sentir falta do dinheiro... – completou Romano, enchendo a boca com um pedaço.

– Joabe, você não acha que poderia falar com o Patriarca? – perguntou Peter Paul. – Já se passou uma semana...

– Se o Patriarca quisesse falar com qualquer um de nós, já teria mandado alguém – respondeu Joabe.

– E se ele esqueceu? – perguntou Hitch.

– O Patriarca não “esquece” essas coisas! – ralhou Joabe.

O som de cascos de cavalo se aproximando fez com que se calassem. Foram até a porta, já que não costumavam receber visitas. Ficaram surpresos ao ver Dirk chegando em Voael, sua égua cor de palha. Ele desceu, parecendo animado.

– Você saiu??? – perguntou Joabe.

– Saí – respondeu ele. – Fui falar com o Patriarca.

Eles arregalaram os olhos, preocupados com o resultado dessa conversa. Mas Dirk sorriu, como há muito tempo não fazia, e deu a boa notícia em potencial.

– Ele quer nos ver amanhã pela manhã – disse.

– Por quê? Por que ele quer nos ver? – perguntou Groulf, cada vez mais apavorada. – Ele já nos viu antes! Já sabe como nós somos! Por que ele quer nos ver??!

– Calma, Groulf... – Dirk desfez o sorriso, mas manteve o semblante tranquilo. – Eu fui conversar com ele, sobre o que eu... Balzul fez. Sobre como vocês me ajudaram e como provavelmente salvaram a cidade ao antecipar o plano de Algol. Enfim, eu lhe pedi que reconsiderasse a nossa suspensão.

Ele ficou em silêncio, como se fosse isso tudo o que tinha a ser dito.

– E aí? – perguntou Hitch.

– Ele vai pensar. E quer nos ver amanhã pela manhã.

– Bom, pode ser uma coisa boa! – disse Vanna.

Romano concordou com a cabeça.

– Sim... Pode ser uma coisa boa...

No dia seguinte, chegaram ansiosos à Torre da Justiça. Foi André quem os guiou novamente até a sala do Patriarca. Entraram e se enfileiraram, como se aguardassem uma sentença. O Patriarca terminou de escrever em um grande livro e então se levantou. Chamou Joabe, que ficou ao lado dele.

– Noviça Joabe – disse ele com sua voz imponente. – Presenciou alguma atividade suspeita durante esses dias?

– Não, senhor – respondeu ela, prontamente. – A morena ali é muito irritante e eu pensei várias vezes em matar a elfa, mas ser irritante infelizmente não é crime. Fora isso, não tenho nada a dizer contra essas pessoas.

O Patriarca anuiu com a cabeça, olhando novamente para o grupo em silêncio.

– Quanto às aulas que davam... – tornou ele. – Alguém se machucou por lá?

Nesse momento, suaram frio. A tensão era evidente e Groulf já se imaginava entrando em ruínas para ganhar o dinheiro do almoço de novo. Joabe olhou para eles e novamente para o Patriarca, os olhos esverdeados impassíveis.

– Houve um caso, senhor – respondeu ela. – Foi o único caso de ferimento grave e aconteceu durante a possessão de Balzul, e eles estão dando total atenção ao rapaz ferido. O que é mais do que eu posso dizer sobre o Capitão Antares.

O Patriarca então se recostou na mesa de madeira escura e cruzou os braços.

– A crise que assolou Leemyar poderia ter feito centenas de mortos – disse ele. – Teríamos que aumentar a área do cemitério. Aqui no centro, sabemos como o levante foi detido. Nas áreas mais afastadas, porém, só soubemos depois. São propriedades rurais, algumas com pequenos cemitérios perto de suas casas. Soubemos então que os filhos dessas famílias defenderam seu lar e somente por isso não tivemos perdas. Esses jovens vieram até mim ontem à tarde pedir que eu reabrisse o Campo.

O Patriarca fez uma pausa, observando-os.

– Tenham cuidado. São crianças. Podem voltar a ensinar novos guerreiros.

Eles respiraram aliviados e começaram a agradecer, mas Adamay os impediu.

– Não me agradeçam ainda! Ainda estão sob vigilância. Joabe continuará com vocês até que eu tenha certeza de que não são perigosos.

Avisarei se a situação mudar.

E foi assim que saíram da sala do Patriarca, o coração pronto para pular e comemorar. E quando saíram, foi exatamente o que fizeram. O Patriarca os ouviu de dentro da sala, claro, e apenas sorriu, voltando aos seus afazeres.

A Taberna Incandescente era o lugar para comemorarem e foi lá que pediram galletos, cerveja e hidromel. Ergueram as canecas em um brinde, primeiro ao Patriarca e sua compreensão infinita, e a seguir, a Dirk e sua intervenção divina. O rapaz sorriu e tomou a cerveja, aceitando os cumprimentos. Levantou-se e avisou a todos.

– O Campo de Treinamento High Honor está reaberto!!! Uma rodada para todos, por minha conta!

A taberna inteira comemorou e, assim, a notícia começou a se espalhar.

No dia seguinte, logo pela manhã, alunos antigos e muitos novatos já estavam às portas da casa, esperando seus professores. Vanna coçou a cabeça.

– Nossa! Quanta gente!

– Não vamos dar conta disso tudo! – reclamou Groulf.

– Vamos, sim. Se tivermos mais instrutores! – respondeu Romano.

Conversaram rapidamente com Hitch e Peter Paul que aceitaram imediatamente a proposta de trabalho. E assim, começaram uma nova fase do Campo, com novos instrutores e novas técnicas de combate.

Lá pelo meio da tarde, Joabe passou com uma caneca de chá por dois garotos magros como caniços se digladiando de maneira desengonçada.

– O que estão fazendo, idiotas? – perguntou ela.

Os garotos a olharam confusos.

– Treinando a manobra de Peter Paul.

– Por que não estão treinando com ele? – tornou ela.

Os meninos apontaram para o grande número de garotos que cercava Peter Paul. Eram todos maiores do que eles.

– Não tem espaço para nós. – disseram eles.

Joabe terminou seu chá, pensando se realmente queria fazer isso. Então deixou a caneca em um canto e começou a endireitar aquelas crianças. Em meia hora, todas as crianças menores estavam à volta dela.

Dirk não quis voltar a ensinar. A experiência com Vincent tinha sido terrível demais, tanto para ele quanto para os alunos. Sempre que ele passava, sentia que os meninos congelavam e cochichavam sobre ele ter

aleijado um deles. Por isso, ele preferia acompanhar tudo de longe.

Quando o dia estava terminando, com o Sol se despedindo por trás da casa em sua elipse perfeita, Dirk foi até Vanna.

– Pode ir comigo até a casa de Vincent?

Vanna estranhou o pedido, mas concordou. Aproveitou para levar uma cesta de alimentos e algum dinheiro. Ante o olhar curioso dele, ela explicou que eles estavam ajudando no sustento da família desde o que aconteceu. Montaram em seus cavalos e partiram, o sol cobrindo de dourado seus rostos e suas sombras se esticando ao longe.

Capítulo 24

E acabou a lua de mel

Era uma casa pobre. Há muitas casas pobres em Leemyar, como em muitas cidades de Celtária. Leemyar cresceu rápido demais e os recursos não eram suficientes para tantas pessoas vindas de outros lugares. Havia, no entanto, linhas sutis entre os vários níveis de pobreza. Dirk pareceu chocado com o que viu ao chegarem à pequena casa cercada por relva onde algumas ovelhas estavam chegando, sendo pastoreadas por um garoto ainda mais novo que Vincent.

– Como ele conseguia nos pagar? – perguntou Dirk, vendo que Vincent era realmente de uma família muito pobre.

– Eu perguntei isso a ele quando vim da primeira vez – respondeu Vanna, descendo de Anael e continuando o caminho a pé. – Ele acordava de madrugada e trabalhava com o padeiro. Depois vinha para casa e trabalhava na lavoura. Pelo meio-dia, ia para o Campo. De noite, terminava as tarefas de casa para ajudar a mãe. Os irmãos o estavam ajudando.

Vanna percebeu que estava andando sozinha. Parou e viu que Dirk tinha estancado atrás dela.

– Isso é muito difícil. – murmurou ele.

– Eu sei – respondeu ela.

Ela lhe estendeu a mão, num ato de apoio. Ele a pegou e juntos bateram na porta. Aduíne atendeu. Aduíne era a mãe de Vincent, maltratada pelo tempo e por um marido bêbado que, felizmente, já não estava por perto. Abriu um sorriso ao ver os dois. Convidou-os para entrar, pedindo desculpas por não ter preparado nada para servir.

– Não se preocupe, estamos bem – disse Vanna, entregando-lhe a cesta de alimentos.

A mulher agradeceu, os olhos brilhando de alegria vendo as frutas e carnes. Como Vanna já sabia onde era o quarto do rapaz, disse a Aduíne que não se preocupasse, pois ela já sabia o caminho. Dirk a puxou levemente pelo braço.

– Não sei se ele vai querer me ver... – sussurrou ele.

– Espere aqui. Eu vou perguntar.

Dirk ficou na sala, sentindo o coração emudecer. Já estava quase escuro e um garotinho sardento entrou. Devia ter uns 11 anos.

– Oi – disse o garoto.

– Olá – respondeu Dirk.

– Veio ver meu irmão? – perguntou ele.

– Vim. Vim, sim.

O menino balançou a cabeça positivamente de uma forma tão grave que pareceu um senhor de barbas brancas.

– Ele vai gostar.

E dizendo isso, foi até a cozinha falar com a mãe.

Vanna voltou e num movimento de cabeça, mandou-o entrar. O noviço respirou fundo e deu aqueles passos difíceis, os mais difíceis que já dera. Entrou no quarto pequeno aonde a pouca iluminação vinha do dia que se despedia. A luz esmaecida que entrava pela janela deixava à vista a cama simples e um móvel pequeno e comum, com uma lamparina e uma jarra de água com uma caneca. E então Dirk se permitiu olhar para Vincent.

– Dirk! Você veio!

E o garoto na cama abriu um sorriso que iluminou todo o aposento. Dirk sentiu o coração voltando a bater, como se aquele sorriso o tivesse aquecido novamente.

Sentou-se na beirada da cama e trocaram palavras comuns, dessas que se troca quando não se sabe o que dizer, até que Dirk baixou a cabeça e ficou mudo por uns instantes.

– Vanna me contou o que aconteceu... – disse Vincent calmamente. – Não precisa ficar assim. Eu sei que não foi culpa sua.

Dirk sorriu e voltou a olhar pra ele.

– Eu sei. Mas quero fazer alguma coisa assim mesmo. Você vai andar de novo.

E então ele inspirou o ar profundamente e buscou a conexão divina que Isabelle lhe ensinou a buscar quando precisava curar alguém. Acalmou o coração, calou a mente e então suas mãos esquentaram. Ele pousou as mãos no joelho do garoto com delicadeza. Vincent arregalou os grandes olhos azuis sempre encobertos pelos cabelos castanhos ao ver a luz suave emanar das mãos do noviço. Sentiu então um calor confortador em torno do joelho que se alastrou por todo o corpo, aliviando completamente a dor à qual já tinha se acostumado. A luz cresceu e invadiu o quarto, tornando-o tão claro como se fosse o meio do dia. Quando terminou, Dirk viu o olhar de alegria e surpresa não só no garoto que estava ajudando a curar, mas também em Aduíne, Vanna e Clay, o irmãozinho menor de Vincent, todos na

porta admirando o milagre.

Eles partiram naquela noite, recebendo muitos agradecimentos que nem Dirk nem Vanna acreditavam merecer. Vincent não estava andando, mas já não sentia dor e passara a acreditar firmemente que voltaria a andar. Dirk combinou que voltaria todos os dias ao fim da tarde para continuar o tratamento. Quando saíram, ele tinha o rosto leve e parecia ter se livrado de um peso enorme.

– Aquilo foi incrível. – disse Vanna, que ainda não tinha visto nada parecido. – Onde foi que aprendeu?

– Isabelle me ensinou!

Ele falou sem pensar e só percebeu quando o rosto dela se apagou um pouco. Desejou falar tudo o que ia no seu coração, mas não conseguiu colocar as palavras em ordem. Ela não disse mais nada, ele também não. E assim, voltaram em silêncio quando a Lua já reinava no céu.

A mesma Lua que cobria os dois cavaleiros silenciosos também cobria a cidade de Leemyar, onde homens e mulheres honestos se preparavam para dormir e as tabernas começavam a se encher de pessoas cuja honestidade não dava pra medir. Em sua sala, o Patriarca Christopher de Adamay continuava mergulhado no grande livro de capa negra. Leves batidas na porta o despertaram de seus devaneios. Isabelle apareceu com um sorriso gentil.

– Não acha que está trabalhando muito? – perguntou ela.

Ele sorriu e lhe disse que ela podia ir pra casa, que ele iria mais tarde. Ela lhe perguntou se podia lhe trazer algo, mas ele estava bem. Quando a moça finalmente foi embora e fechou a porta, ele desfez o sorriso e respirou profundamente. Havia algo errado e ele precisava descobrir.

Christopher de Adamay era um homem responsável. Sabia que muitas vidas dependiam dele e pode-se dizer que era um excelente administrador da cidade. Leemyar não recebia muita atenção da capital ou de homens ricos. A família mais rica que costumava colaborar com ele na manutenção e melhorias da cidade foi espantada (ou morta) por Noicent e, desde então, ele tocava aquela cidade sozinho. Bem, não sozinho. Tinha a ajuda de sua filha, dos noviços, sacerdotes e de alguns membros da guarda leais e, felizmente, inteligentes – porque nada pior para um homem inteligente do que a lealdade burra.

O que acontecera em sua cidade tinha sido imperdoável. Por mais que Noicent tenha lhe dado dor de cabeça, ele nunca enchera a cidade de

mortos-vivos! Tinha que admitir que a intervenção do pequeno grupo de aventureiros de primeira viagem fizera diferença, mas isso tinha sido sorte e ele não gostava muito de contar com a sorte. Era um homem de fé, mas preferia amarrar seu cavalo.

Desde o ocorrido, começara a estudar tudo o que podia sobre Balzul e seu culto. Queria ter certeza de que não havia mais nenhuma chance de Algol, ou alguém tão maluco quanto ele, tentar algo parecido de novo.

Esfregou os olhos, cansado, e foi quando a luz da vela tremeluziu. Uma brisa mais fria entrou pela janela e o Patriarca finalmente viu alguma coisa naquele emaranhado de lendas, contos e folclore. E o que ele viu não era nada bom.

– Quem comeu meu pedaço de bolo??! – reclamou Vanna que, assim que entrou em casa, sem cumprimentar ninguém, foi direto pra cozinha.

Joabe se virou com farelos no rosto.

– Ah! Era de alguém? Eu vi aí e comi!

– Sua... Sua esfomeada!!! – esbravejou Vanna. – Você comeu meu último pedaço de bolo!!!

– Qual é? Não é nenhum fim do mundo! – disse Romano.

– Não é o caramba!!! Era a única coisa boa nessa minha existência miserável, depois de um dia porcaria!!! Era tudo o que eu tinha!!!

– Mas Vanna... – tentou intervir Peter Paul.

– E cala a boca você também!!!

E subiu as escadas batendo os pés. Então Dirk entrou. Imediatamente, todos os olhos se cravaram nele.

– O que você fez agora? – perguntou Hitch, em tom de acusação.

Dirk não conseguiu responder. Emitiu uns sons descontraídos e então saiu de novo, achando que lá fora o ambiente estava menos ameaçador.

Joabe deu leves batidas na porta. Como não obtivesse resposta, entrou devagarinho. Vanna estava deitada, chorando em seu travesseiro. Joabe ficou sem ação.

– Nossa! O que tinha naquele bolo pra você ficar assim? Nem estava tão bom!

Vanna sentou-se na cama enxugando as lágrimas.

– Não foi pelo bolo.

Joabe sentou-se e ficou prestando atenção. Tinha subido pra pedir

desculpas e agora estava se sentindo perdida. Não conhecia muito bem Vanna. Na verdade, não conhecia muito bem ninguém.

Vanna respirou fundo e se acalmou.

– Eu gosto de alguém que gosta de outra – resumiu. – Tenho que conviver com isso. Com o alguém e com a outra. Meu coração doeu hoje. Então eu só queria um bolo, uma coisa doce pra me lembrar...

– Lembrar do quê?

– Lembrar que a vida pode ser doce também.

– É o Dirk, né?

– É. Era. Deixa pra lá. Ele não me quer – Vanna levantou-se, recuperando a altivez que lhe era peculiar.

– Obrigada assim mesmo – disse ela. – Groulf não entende muito de sentimentos. Romano é uma besta. Eu só tinha meu travesseiro pra conversar, e ele não fala muito.

– Tudo bem.

Joabe se levantou e saiu, sem saber mais o que dizer. Vanna respirou fundo de novo e foi até a janela. O vento bateu em seu rosto e penteou os cabelos da cor da noite para trás. Ela olhou para as estrelas e ficou imaginando como seria ir até uma delas.

– Anda logo, Peter!!!

– Estou lendo!

– É um banheiro! Não é pra ler aí dentro! Tem uma fila aqui fora! – Hitch estava ficando irritado em ter que esperar horas de manhã para ir ao banheiro. E ele não era o único.

Peter saiu do banheiro com sua edição de contos para jovens, ilustrado com belas gravuras. Todos na fila resistiram à vontade de lhe dar um soco. Dentro da casa, a tensão era outra.

– Meu dinheiro sumiu! – gritou Groulf.

– Pode me revistar! – respondeu Joabe.

A elfa a olhou com um ódio que Joabe pensou que ela fosse incinerá-la.

– Pois é o que eu vou fazer mesmo!

E Groulf começou a revistar os bolsos de Joabe, enquanto essa protestava contra a invasão de privacidade. Totn entrou na sala, atraído pela gritaria.

– O que está acontecendo?

– Meu dinheiro sumiu! – reclamou Groulf. – Vocês encham essa casa

de gente estranha e é o meu dinheiro que some! Eu quero o meu dinheiro!

O inquérito durou horas. Conforme os outros iam voltando do banheiro, a crise crescia. Até que Romano deu um basta. Ninguém poderia ser acusado a menos que houvesse provas, coisa que Groulf não tinha.

Dirk se ofereceu para ajudá-la a procurar.

– Como ele era?

– Era um saquinho cheio de moedas! – disse ela, enquanto ele procurava atrás da cama em seu quarto. – Um saquinho cor de...

– ...rosa com uma fitinha dourada...

Groulf arregalou os olhos quando o loiro retirou de trás da cama o saquinho e o jogou pra ela.

– Acho que você deve desculpas para um monte de gente!

– Eu não! Eu estou na minha casa! Eles é que são intrusos! Não vou pedir desculpas nada!

– Eu odeio esse lugar! – disse Totn, acostumado a ficar nas pensões mais caras da cidade. – Gostaria que o Patriarca nos liberasse logo.

– Eu também não me importaria de ir embora – disse Hitch.

– Ir pra onde? Como se você tivesse algum lugar pra ir! – retrucou Totn. – Acha que eu não reconheço um pé rapado quando vejo um?

Eles estavam do lado de fora da casa, o que foi uma coisa boa, já que a briga só assustou as galinhas. Os dois rapazes trocaram socos e os três frangos correram assustados. Romano e Dirk vieram separar, enquanto Vanna foi socorrer as aves.

– Olha só o que vocês fizeram, seus brutamontes! Assustaram Dirkinho, Groulfinha e Romaninho!!!

Essa declaração foi tão inusitada que Totn e Hitch tiveram que parar de tentar se atracar.

– Como é?

– Vanna! – gritou Dirk. – Quantas vezes já lhe disse que é extremamente ofensivo dar nossos nomes a essas aves!!!

– Só você reclama, Dirk!

– Ele reclama porque o pintinho Dirk virou uma galinha! – comentou Romano, não conseguindo evitar o riso.

– Dirk é uma galinha? – perguntou Hitch.

– Até botou um ovo um dia desses! – entregou Romano.

Começaram a rir e Dirk saiu, irritado com os gracejos. Vanna não tinha a intenção real de ofender ninguém. Mas naquele momento, se sentiu

muito bem. Dirkinho, rebatizado de Dirkinha, virou uma galinha branca e gordinha. Groulfinha virou uma galinha cor de madeira, enquanto Romano não escondia o orgulho de ter visto o pintinho Romaninho se transformar num pomposo galo de penas vermelhas e azuis.

As discussões continuaram nos dias que se seguiram. A acusação de Groulf não tinha caído bem e estava todo mundo de tromba. Mas o pior ainda estaria por vir.

Era noite. Hitch começara a beber cedo. Não parecia um bêbado, mas realmente ele bebia um pouco demais. A acusação de Totn fermentara e agora ele se remoía, achando que os outros o viam como um pobre coitado sem eira nem beira. Isso o levou a imaginar que Vanna não o via como um galante aventureiro, mas como um perdedor, e isso fazia seu coração se contorcer e um nó se formar em sua garganta. Estava frio demais para ficarem lá fora, o que acabou colocando todo mundo dentro de casa. Estavam, pela primeira vez em muito tempo, em silêncio. Até Hitch abrir a boca.

– O que são essas cartas que você recebe? – perguntou ele para Romano.

Os olhares se voltaram para Romano, que pareceu acuado.

– Não é da sua conta.

Hitch sorriu, percebendo que tocara num ponto fraco do rapaz.

– É de uma mulher, não é?

Os olhos de Romano brilharam e este era um sinal para que Hitch parasse.

– Já lhe disse que não é da sua conta... – rosou entredentes.

– Então nosso amigo bonitão aqui tem uma namorada!!! – gritou Hitch. – Um brinde a esse lindo romance a distância que terminará com dois belos chifres em sua linda cabeleira negra!

Um murro explodiu no rosto de Hitch e ele voou da cadeira. A mesa foi virada e Romano e Hitch se atracaram pra valer. Foi preciso um monte de gente pra separar. Dirk conseguiu segurar Hitch e colocá-lo contra a parede, mas o jovem o empurrou com agressividade.

– Me larga, seu idiota!!! É por sua causa que estamos todos aqui vivendo essa vida desgraçada!!!

Dirk sabia que era o vinho falando, mas também sabia que o vinho só ajuda na escolha de palavras. Hitch realmente quisera falar aquilo. E provavelmente, era o que todos gostariam de falar mesmo.

Hitch pegou uma garrafa de vinho e saiu da casa.

Capítulo 25

Planos mudam

Isabelle sabia quando seu pai estava com algum problema. Perdera a mãe quando tinha 15 anos e, desde então, eram só ela e ele, sempre tomando conta um do outro. Ela sabia que para o pai, ela sempre seria apenas uma menininha e, por isso, precisava tomar conta dele, muitas vezes, sem que ele soubesse. E foi assim que ela o seguiu naquela madrugada, assim que ele saiu da Torre da Justiça.

Ela o viu passando pela igreja, mas não entrando, e seguindo para uma área mais verde da cidade. Num bosque afastado, ele parou. Ela se escondeu atrás de uma árvore para não ser vista. E então ela o viu fazer algo muito raro. Ele chamou sua divindade de devoção. Uma luz preencheu o lugar e as árvores farfalharam. E uma voz poderosa e profunda preencheu sua alma.

O dia estava quente e chato, como o dia antes dele e o outro antes deste. Vanna estava sentada no banco de mau humor, olhando para o nada, quando o mensageiro chegou. Nem se mexeu, porque não conhecia ninguém que fosse escrever pra ela. Viu Romano correr como um garoto atrás de doces até ele. Ele pegou o papel dobrado com um sorriso estampado no rosto. A carta tinha uma fita negra que a enlaçava, retirada rapidamente pelos dedos ansiosos. Vanna suspirou. Já vira aquela cena centenas de vezes. Já ia se levantar para entrar, quando percebeu que dessa vez a cena não prosseguiu como antes. O mensageiro foi embora e Romano ficou parado no mesmo lugar, o sorriso apagado, os ombros caídos. O vento levou a fita para longe. Então, lentamente, ele dobrou a carta e caminhou na direção dos montes.

Já era noite quando Romano voltou pra casa. Vanna imaginou que ele não estaria de bom humor, mas se enganou completamente. O moreno entrou na casa, abriu um sorriso e disse:

– Estamos há tempo demais aqui dentro! Vamos para a taberna! Eu pago!

Ninguém questionou de onde veio essa generosidade. Todo mundo queria sair dali e uma passada na taberna provavelmente os impediria de se matarem. Era uma noite animada na Taberna. Três irmãos, conhecidos na cidade como Irmãos Drinque, tocavam alegremente uma canção folclórica, enquanto uma atendente loira cheinha dançava animada. Entre um serviço e outro (e só os deuses sabiam que tipo de serviço aqueles irmãos que pareciam sempre bêbados conseguiam pegar), os irmãos sempre retornavam à Leemyar e enchiam a cara nas tabernas, onde também enchiam o lugar de música. Romano pediu a primeira rodada. Eles começaram a beber, até que Peter Paul puxou um assunto qualquer.

– Vocês sabiam que Leemyar já teve uma matriarca?

– É mesmo? – perguntou Dirk, só pra ser gentil, já que não estava muito interessado nisso.

– Sim, ela era uma mulher muito sábia! Era a esposa do Patriarca e eles governavam juntos. Era uma boa época.

– E o que aconteceu com ela? – perguntou Joabe.

– Morreu – respondeu Peter. – Assassinada. Nunca ficou muito bem explicado. Foi um golpe duro pra cidade e pro Patriarca. Ele era apaixonado por ela. E já tinha perdido um filho.

Pediram a segunda rodada e Romano mandou incluir um pernil assado, iguaria cara na taberna. Vanna, Groulf e Dirk estavam confusos e desorientados vendo Romano, que sempre fora comedido e econômico, gastando desse jeito. O assunto degradingolou para outros lugares e pessoas. Na terceira rodada, já estavam rindo. Na quarta...

– Sabe de uma coisa? Vocês são as pessoas mais irritantes que eu já conheci! Espero que todos vão embora o mais rápido possível! E isso vale pra você também!!! – disse Romano apontando para Vanna.

– Pois você vai ter que me matar pra se ver livre de mim, seu palhaço! – respondeu ela.

Na quinta rodada...

– Eu nunca quis te magoar, eu juro! Eu amo você! Amo mesmo! – E Hitch começou a chorar abraçado a Dirk.

Na sexta rodada...

– Duvido!!!

– Você duvida??

– Duvido duas vezes! E tem mais! Duvido de novo!

– Então lá vai!

E Joabe fez seu truque de acertar uma azeitona num copo vazio do outro lado da mesa. Peter segurou o copo, e todos prestaram atenção

(embora fosse muito difícil fazer a mesa parar de rodar). Então Joabe se engasgou. Romano deu um tapão em suas costas e ela cuspiu a azeitona longe. Passou direto pelo copo de Peter e acertou um copo cheio na outra mesa. E eles riram até a barriga doer.

Talvez tenha sido a bebedeira. Talvez tenha sido a lembrança de que podiam rir mais das coisas ao invés de reclamar delas. Talvez fosse a lua. Só sabemos é que eles voltaram abraçados e rindo e, ao menos naquela noite, ninguém mais brigou.

Dirk e Vanna acabaram ficando por último. Deixaram os outros entrarem e esperaram um pouco. Vanna parou e sentiu o vento no rosto. Olhou mais uma vez para o céu, limpo e estrelado.

– No que está pensando? – perguntou Dirk.

– Em como deve ser ir até uma daquelas estrelas e voltar...

Não foi uma indireta. Não foi uma expressão. Ela estava realmente pensando em como seria ir até lá em cima e tocar uma estrela. Na sua cabeça, uma estrela caberia em sua mão e ela até poderia trazer uma no bolso se quisesse.

Ela estava mais alta do que aquelas estrelas e Dirk também não tinha sido muito sábio, enchendo a cara. Depois de tudo que passara, ele achou que merecia. Olhou para o rosto dela, os olhos brilhantes e azuis sonhando com uma viagem até as estrelas, e ele também quis ir até as estrelas e voltar com o brilho delas. Aproximou-se dela devagar, sentindo seu cheiro de mato e flores, aquela combinação estranha que sempre se sobressaía a qualquer outro cheiro, até mesmo o da bebida. Ele se inclinou e ela se virou para ele, surpreendendo-se por vê-lo tão perto. Mas ela não se afastou. Então, lentamente, se inclinaram e quando seus lábios estavam a alguns poucos centímetros, a porta se abriu.

– Vanna! Romano entrou no quarto errado e não quer sair!!! – gritou Groulf.

– E daí? – gritou Vanna de volta.

– E daí que ele tá babando na minha cama!!!

Joabe também apareceu na janela gritando para pararem com a gritaria. Com isso, Vanna e Dirk entraram e ajudaram Romano a ir para o quarto certo.

O dia chegou um pouco cedo demais, na opinião deles. O sol podia ter dado um desconto e se atrasado um pouco, ninguém ia reclamar. Vanna

tinha um gosto horrível na boca, algo que parecia o cabo de uma espada de feira. Saiu, apertando os olhos contra a luz. Não tinha ideia de onde estariam os outros. Provavelmente dormindo. Felizmente, era domingo, não tinha aula. Vanna viu alguém sentado numa pedra na colina ao longe. Ela conhecia bem o lugar. A formação de pedras permitia que duas ou mais pessoas se sentassem e observassem a casa e todo o terreno. Também dava pra ver parte da cidade com suas construções de pedra. Estava longe demais para ela saber quem era e, com certeza, quem foi pra tão longe, não queria companhia. Ela não entendeu porque seus pés continuavam se movendo naquela direção.

Subiu com a relva acariciando suas pernas. Estava de vestido, um vestido branco que usava sempre que estava em casa. Vanna não tinha muitas opções de roupa. Continuou caminhando, a cabeça leve como um balão.

Romano estava sentado na pedra olhando fixamente a carta. Muita coisa se passava pela sua cabeça naquele momento e ele desejou imediatamente voltar a beber. Assim, não haveria espaço em sua cabeça para aquelas lembranças. Só viu a moça quando ela já estava ao seu lado. Olhou para ela surpreso e constrangido, dobrando novamente a carta.

– Oi – ela se sentou ao seu lado.

Ele não respondeu. Sentiu que a voz não ia sair.

– O que tem na carta? – perguntou ela.

Romano respirou fundo, sentindo o nó na garganta tão grande que achou que não ia conseguir respirar mais. Ele ficou em silêncio, olhando para o chão. Ela achou que ele não ia falar. E, afinal, porque falaria, ainda mais com ela? Então ela simplesmente ficou ao seu lado.

– Tínhamos um plano... – murmurou ele, de repente, surpreendendo-a. Sua voz saiu trêmula e seus cabelos ocultavam um pouco os olhos, mas ela podia ver o quanto eles pesavam naquele momento. – Madelaine e eu. Nós tínhamos um plano.

Foi quando Vanna ouviu pela primeira vez sobre o primeiro amor de alguém. Eles se apaixonaram, mas Romano não tinha posses, nem nome, nem nada. Imploraram aos pais dela por uma chance. E a chance foi dada. Romano teria três anos para reunir uma quantidade de títulos ou ouro para receber a mão da moça. Então ele partiu, prometendo que voltaria antes do prazo. De fato, chegou a voltar algumas vezes, às escondidas, para matar saudades de sua amada. Ela havia engordado um pouco, mas estava bela e coberta de joias, como condizia a uma dama da nobreza. Eles se encontravam no bosque, às escondidas, pois Romano não queria enfurecer

sua família, mostrando que não tinha respeito pelo acordo que aceitara. Em suas andanças, economizou todo o dinheiro que podia, escreveu todas as semanas, sonhou todas as noites com o dia em que voltaria para ficar e quando teria uma vida com ela.

Mas a vida era difícil para quem não tinha posses, ou títulos, ou nome, ou importância. Por mais que tentasse, Romano e Dirk não conseguiam muito mais do que uns trocados para se manter. Isso quando não acabavam dividindo o pouco que tinham com quem tinha mais fome do que eles. Somente em Leemyar as coisas realmente pareceram melhorar, e ele já se preparava para voltar. Sua última cara informava isso. Conseguira dinheiro o bastante para dar a ela uma boa vida. Seus planos finalmente iam se concretizar e ele estava empolgado, por mais que lamentasse deixar aquela nova e inusitada família que criara em Leemyar. Enfim, tudo ia bem. Até que...

– Ela se casou com outro... – disse, balançando a carta na mão. – Ela escreveu que sentia muito, mas não podia mais esperar. E pediu que eu não voltasse...

Vanna estava paralisada. Nunca tinha visto Romano assim e simplesmente não sabia o que dizer. O que se diz a alguém com um coração partido?

– Tudo bem – disse ele. – Ela vai ficar bem, é o que importa.

– E você? Você vai ficar bem?

Foi quando ela o tocou, um toque gentil no ombro que dizia “você não está sozinho”, e daí a crueldade da situação, porque no fundo, ele sabia que estava sozinho, e estaria sempre sozinho a partir de então. Lágrimas pesadas caíram e ele soluçou. Vanna puxou-o para si e deixou que ele pranteasse o amor perdido. O vento misturou seus cabelos e eles ficaram unidos como um, em lágrimas e tristeza, por algum tempo. Até que ele se afastou, nitidamente constrangido. Ela acariciou seu rosto e sorriu, tentando lhe dizer com os olhos que ela entendia e que ele não tinha porque se envergonhar. Ela não sabe se foi isso que ele entendeu. Porque no segundo seguinte, ele a estava beijando.

Nos fundos da casa, onde havia um bosque cujo verde tinha tantas matizes que parecia uma pintura, Peter Paul estava pensando. Quando pensava, fazia uma expressão estranha.

– Você está zangado? – perguntou Joabe.

– Oh, não, estou pensando...

– Ah...

Ela ficou ao seu lado em silêncio.

– Joabe, você sempre soube que queria servir à igreja?

Joabe pensou um pouco.

– Acho que sim. Por quê?

– Porque eu nunca soube o que eu seria. O que eu queria ser.

– E agora, já sabe?

Peter pensou longamente mais uma vez, parecendo ainda mais zangado.

– Não tenho certeza.

– Você quer voltar a vender cacarecos? – perguntou a noviça.

– Cruzes! Nem pensar!

– Então você já sabe o que não quer! – concluiu ela.

– É. É um começo, não?

– É. É um começo.

Cavalos foram ouvidos e eles contornaram a casa para ver quem era. Surpreenderam-se ao ver Edgard Antares, o capitão da guarda, com mais meia dúzia de guardas armados.

– Onde está o noviço Dirk? – perguntou ele em sua voz grave.

– Deve estar na casa de Vincent... – respondeu Joabe. – Por quê? O que houve?

– Onde é a casa desse tal de Vincent? – continuou o homem, que parecia cada vez mais impaciente.

– Pra lá... – Peter apontou na direção errada.

– Não, Peter, era pra... – Joabe não terminou, pois recebeu um cutucão discreto.

– Não, eu tenho certeza! – insistiu Peter, dando um passo a frente para apontar melhor a direção errada – Ele está na casa de um aluno dele! É só seguir pela estradinha à esquerda e depois ir em frente até uma casinha sapê cercada de ovelhas por todos os lados.

O homem saiu em debandada na direção sugerida. Joabe olhou para Peter, preocupada. Ela não gostava de mentir para as autoridades, especialmente quando ela estava sob as ordens de uma.

Quando seus lábios quentes se afastaram, seus olhos se abriram e eles se viram, talvez pela primeira vez. O vento continuava dançando em seus cabelos e havia um brilho, uma música, uma cor, uma luz, um sabor... Eles não tinham ideia do que estavam sentindo, mas era algo que nenhum dos dois jamais sentira antes. Antes que dissessem qualquer coisa, porém,

um sino de alarme foi ouvido e eles se levantaram. O sino tinha sido uma ideia de Peter Paul, caso Algol, Noicent, ou qualquer facínora por acaso fosse bater às suas portas. Vanna e Romano correram imediatamente de volta para a casa.

Quando chegaram, encontraram os outros reunidos na cozinha, em volta da grande mesa de madeira. Joabe e Peter estavam terminando de contar a história pela terceira vez, já que a cada momento chegava um que não tinha ouvido.

– O capitão da guarda está atrás de Dirk! Acho que vai prendê-lo! – resumiu Groulf.

– Por quê?! – perguntou Romano.

– Não sabemos, mas Joabe disse que ele estaria na casa de Vincent.

Eles olharam para Joabe com ar incrédulo, e ela se defendeu.

– Ele me pegou desprevenida, eu não sabia que ele queria prendê-lo! De qualquer forma, Peter Paul os mandou na direção contrária.

– É, mas vai ser uma questão de tempo até eles perceberem e acharem o caminho certo – concluiu Totn-Hoc.

Saíram em debandada para a casa de Vincent, esperando serem mais rápidos que os cavalos de Antares e seus guardas. Chegaram na humilde casa e encontraram Dirk almoçando com a família. Vincent fazia demonstrações de como estava se recuperando, já conseguindo sair da cama com muletas. Aduíne os convidou para comerem, embora ela não tivesse ideia de como ia alimentar aquela gente toda, mas eles, naturalmente, recusaram. Dirk se levantou, percebendo que havia algo errado.

– Você precisa fugir! – adiantou-se Groulf.

– Fugir? Por quê?

– O Capitão da Guarda está a sua procura. E não parece muito amistoso – explicou Peter Paul.

– A menos que ele te deva dinheiro e está atrás de você pra pagar, acho melhor você dar uma sumida, amigo! – disse Hitch.

Dirk olhou confuso para eles. E então, cavalos foram ouvidos.

Capítulo 26

Ventos da mudança

– Saia pelos fundos! – pediu Aduíne.

– Sim, nós os distrairemos! – avisou Vanna.

– Pegue esse dinheiro, servirá até que possamos nos encontrar em segurança – disse Totn-Hoc, colocando em sua mão um saco de moedas.

Todos se agitaram e ele ouviu os homens na porta, chamando seu nome.

– Não – disse Dirk.

Os outros pararam.

– O quê?

Dirk os olhou seriamente.

– Eu não fiz nada. Não vou fugir.

Devolveu o dinheiro para Totn, agradecendo a todos, e então saiu. Os outros foram atrás, os rostos preocupados e ansiosos.

Edgard Antares era um homem grande e alto, cuja voz imponente já era intimidadora sozinha. Seus olhos eram duros e havia algo de louco nele que era sutil demais para ser notado, o que o tornava ainda mais perigoso. Talvez por isso ele fosse tão temido e respeitado na cidade. Ninguém ousava desobedecê-lo. Nunca.

– Dirk de Landry, esta é uma ordem de prisão do Patriarca Christopher de Adamay. Aconselho que venha sem resistir.

Dois homens desceram e prenderam suas mãos com grilhões de metal escuro.

– Isso é realmente necessário? – perguntou Romano.

A resposta foi um olhar duro do Capitão. Dirk foi colocado num cavalo, junto com outro soldado, e então eles partiram a galope.

É claro que o Patriarca sabia que sua ação não passaria em branco. Em algum momento, os jovens encenqueiros bateriam à sua porta exigindo explicações. E ele as daria.

Não demorou muito e a profecia se cumpriu. O grupo chegou

ligeiramente estressado em sua sala. Os guardas se colocaram a postos, mas Adamay mandou que se acalmassem com um simples gesto de mão.

O Patriarca tinha uma imponência natural e bastava um olhar para que todos se calassem. Quando o silêncio se fez, a voz do Patriarca foi ouvida.

– Temos um problema. E é um problema bem sério.

– O senhor prendeu nosso amigo – disse Groulf.

– Acreditem – respondeu o Patriarca. – Eu provavelmente salvei a vida dele.

O Patriarca então lhes contou tudo o que descobrira até então sobre Balzul. O plano de Algol teria funcionado muito bem com um objeto mágico que acionasse um portal para o deus. Adamay então pesquisou para saber se este era o único jeito. E, adivinhem, não era.

– Há uma segunda chance para Balzul retornar a terra – explicou o Patriarca. – Essa segunda chance depende da primeira. No solstício de inverno de Lua Negra, à meia-noite, Balzul poderá voltar SE o antigo recipiente estiver pronto para recebê-lo.

Houve um silêncio e expressões confusas.

– Como? – perguntou Joabe.

– Ele precisa que Dirk o receba? – perguntou Vanna. – Tipo, que o aceite? Porque isso não vai acontecer nunca!

– Eu imagino que seu amigo resistiria ao máximo, mas me perdoem por acreditar que Algol possa ser muito persuasivo – tornou o Patriarca. – Sem o recipiente, no entanto, não há nada que Algol possa fazer. E ele só tem um dia para fazer isso, e é amanhã. Se mantivermos o noviço em segurança até lá, não haverá mais perigo.

– Até o próximo solstício – completou Totn-Hoc.

– Não, ele não tem o próximo solstício – corrigiu Adamay. – Ele só pode usar esse solstício, por causa da Lua Negra, pois a ponte entre os mundos ainda está aberta. Depois, ele não terá mais como passar.

– Mas Algol não foi banido? – perguntou Hitch.

– Foi – respondeu o Patriarca. – É que, às vezes, eles voltam.

A segurança em torno de Dirk era tão cerrada que nem mesmo os amigos foram capazes de se aproximar. O Patriarca queria afastar toda e qualquer possibilidade de um truque de Algol ou Noicent. Por mais que eles tivessem se separado, nada garantia que essa sociedade dos infernos não poderia ser retomada.

Não voltaram para casa. Ao invés disso, resolveram pousar na cidade, de maneira que estariam perto se algo acontecesse. Alternavam-se em turnos para vigiar a prisão. A noite estava especialmente fria.

Era a vez de Peter Paul e Hitch vigiarem e eles caminhavam na calçada da prisão com seus mantos para protegê-los do vento.

– Uma bebida agora ia bem – disse Hitch.

– Daqui a pouco alguém virá nos render... Aí bebemos alguma coisa.
– respondeu Peter, notando uma presença se aproximando. – Quem vem lá?

Eles colocaram as mãos nos cabos das espadas e aguardaram. Uma figura feminina foi delineada pela iluminação precária da rua. Os cabelos ruivos ajudaram na identificação.

– Isabelle?

– Oi! – disse a moça, esfregando os braços. – Soube que estavam aqui. Eu consegui ver o Dirk e contei pra ele o que está acontecendo. Ele está bem. É só pra vocês saberem.

– Você vai voltar pra casa sozinha? – perguntou Peter, preocupado.

A moça sorriu, achando doce a preocupação dele.

– Não, André vai me acompanhar até em casa e ficar de guarda a noite toda. Meu pai é superprotetor.

Os rapazes sorriram e a moça se despediu, indo se encontrar com André, que aguardava a uma certa distância.

– Jura que essa daí tá caidinha pelo loirinho também? – perguntou Hitch. – O que é que tem nesse cara? Açúcar?

– Tem gente que nasce com isso, Hitch.

– E é sempre gente que não sabe usar o que tem.

Em meia hora, Romano e Joabe apareceram para rendê-los. Hitch e Peter se refugiaram na taberna, bem mais quente e com cheiro de carne e bebida. Pediram vinho e o contato com uma realidade mais rotineira diminuiu a preocupação com um possível ataque de Algol. Em alguns minutos, já começavam a pensar que tudo não passaria de um excesso de zelo ou paranóia do Patriarca.

– Nós vimos o homem sumir! – disse Hitch. – Ele deve ter sido levado para as arenas de Titânia e já deve ter sido massacrado pelos gladiadores de lá!

– Ou ele foi para o mar! Deve estar no fundo do mar agora, onde não oferece mais perigo pra ninguém!

– Um brinde a isso! Sloncha!

E eles tomaram grandes goles do vinho e finalmente alguma coisa os aqueceria. Foi quando Peter Paul viu algo e cuspiu seu vinho na cara de

Hitch.

Peter levantou-se estabranadamente, sendo seguido por Hitch e foi até o jovem que ria e bebia no balcão com alguns outros guardas.

– André!!! O que diabos você está fazendo aqui???! – perguntou Peter.

O jovem de cabelos ruivos não compreendeu, balançando rapidamente a cabeça para ele com uma expressão confusa.

– Você deveria estar com Isabelle! – disse Hitch, chegando a seguir.

– Deveria? – o rapaz pareceu ainda mais confuso. – Estou de folga hoje e o Patriarca não me deu nenhuma ordem!

– Mas nós vimos você escoltando Isabelle até em casa! Vimos você com ela há meia hora!

André ficou sério, vendo finalmente a gravidade da situação.

– Amigos, eu estou aqui há mais de duas horas... E posso lhes garantir que não saí.

O Patriarca estava na janela de suas acomodações na Igreja. Não voltaria para casa naquela noite pelo mesmo motivo que os amigos do rapaz não o fizeram. Ele observava as ruas escuras e desertas, sentindo o vento frio no rosto. Tudo estava na mais perfeita paz. Mas ele ainda sentia aquele calafrio que dizia que algo estava errado naquela noite.

Viu Joabe e Hich correndo feito loucos para a igreja. Alarmado, desceu correndo as escadas já com suas armas. Encontrou os dois esbaforidos batendo em sua porta.

– O que aconteceu?

– Achamos que Algol foi atrás de Isabelle! – disse Joabe.

O Patriarca arregalou os olhos e saiu como um tufão pela porta. Hitch e Joabe o seguiram, atualizando-o.

– Os outros foram direto para sua casa! Já devem estar lá agora!

O Patriarca pegou seu cavalo e ordenou que eles pegassem animais para eles também. Obedeceram e galoparam pela cidade escura na direção de sua casa.

A porta da mansão se abriu com violência e Adamay adentrou, os cabelos da cor da lua despenteados e o olhar furioso. Encontrou Vanna, Romano e Peter Paul na sala, as espadas em punho.

– Onde está minha filha? – perguntou Adamay, a voz rouca.

– Não encontramos ninguém – disse Romano.

– Ninguém aqui em cima! – Groulf, Totn-Hoc e André apareceram no

segundo andar.

– Estava tudo em ordem quando chegamos – continuou Romano. – Sem sinais de luta.

Adamay abaixou a cabeça, tentando raciocinar.

– André, chame todos os guardas! Eu quero que revirem essa cidade! Não parem até acharem Isabelle, entendeu?

– Sim, senhor!

E André correu porta afora com a nova missão.

– Como souberam? – perguntou o Patriarca.

– Nós vimos um... duplo do André com ela – explicou Hitch. – Ela disse que ele lhe faria escolta durante toda a noite por ordens suas. Pouco depois, nós o encontramos na taberna.

Adamay anuiu com a cabeça lentamente, compreendendo bem rápido como Algol enganara Isabelle. Ele nunca dera ordem nenhuma a André. Agora pensa que deveria ter dado. Não imaginou que o perigo rondasse sua filha.

Ele se agitou como se tivesse despertado de repente e saiu, avisando que continuaria procurando, pois eles poderiam estar por perto. Sem esperar por um convite, eles o seguiram.

Havia guardas nas ruas, procurando, interrogando, revirando lugares suspeitos, sacudindo bêbados e mendigos. A lua era apenas um fio no céu negro e o vento pareceu aumentar como o desespero. Quando finalmente os primeiros raios de sol cobriram a cidade com uma luz fraca e cinzenta, o Patriarca mandou os homens pararem.

Ele foi até sua igreja e se ajoelhou diante do altar de sua divindade. Ficou assim, em silêncio, por alguns instantes. Então se levantou, os olhos cansados, os cabelos desgrenhados, mas ainda assim, uma figura imponente. Os garotos o estavam esperando. E eles também pareciam cansados.

– Seu amigo está seguro... – disse. – Se desejarem, podem ir embora agora. Eu agradeço a ajuda de ontem.

– Isabelle nos ajudou quando precisamos – disse Vanna, surpresa com as próprias palavras. – Se puder, gostaríamos que nos deixasse retribuir o favor.

O Patriarca anuiu com a cabeça e então voltou a andar pelo templo, passando as mãos nos cabelos.

– Por que ele a quer? – perguntou, pensando alto.

– Ela pode ser o recipiente? – perguntou Peter.

– Não, não pode. Ele só pode se adequar ao corpo que possuiu antes... – respondeu o Patriarca.

André entrou correndo na igreja, os olhos arregalados e o fôlego no fim.

– Senhor! Encontramos isso colado na porta da sua sala na Torre da Justiça!

O rapaz entregou um pergaminho escrito em vermelho escuro. Ele dizia “Você tem algo que eu quero. Eu tenho algo que você quer. Proponho uma troca”. O texto continuava, mas o Patriarca não conseguiu terminar. Não estava assinado, e isso pouco importava. A carta estava escrita com sangue, provavelmente de Isabelle. Essa era a assinatura de Algol.

Capítulo 27

Perdidos

As coisas tomaram um rumo inesperado. O Patriarca ainda tinha a carta de letras rubras nas mãos. A cor tinha deixado seu rosto e o silêncio era pesado. Então ele precisou se sentar. Vanna pegou gentilmente a carta e a leu, passando-a para os outros.

– Senhor, o que vamos fazer? – perguntou Joabe, a voz baixa, como se temesse quebrar algo naquele ambiente em que tudo agora parecia feito de vidro e gelo.

O Patriarca não respondeu. Seus olhos se fixaram em um ponto distante por alguns longos momentos, até que ele se levantou, recuperando o porte altivo e imponente, o manto azul escuro assumindo tons de negro dentro da igreja com pouca luz.

– André! – chamou ele. – Mande Antares preparar o prisioneiro. Leve cinco de nossos sacerdotes mais experientes com vocês. Tragam-no para o Salão Branco.

– Não está falando sério, está? – perguntou Romano, dando um passo a frente. – Não vai entregar Dirk nas mãos de Algol.

O Patriarca o olhou nos olhos e não desviou.

– Venham comigo.

Eles atravessaram o pátio da igreja e chegaram a uma parede viva de ervas e árvores de folhagem escura. O Patriarca passou por elas e eles o seguiram sem hesitar. Do outro lado do que parecia ser apenas mato mal cuidado, um jardim de beleza onírica foi revelado como mágica. Mais a frente, uma espécie de grande torre de paredes brancas os aguardava. Aquela torre podia ser vista de longe e era chamada de Torre dos Deuses, um lugar sagrado jamais tocado por olhares mundanos. Como mundanos, eles não tinham a menor ideia disso e apenas se espantaram com a beleza do lugar, enquanto que Joabe mantinha a boca aberta, sentindo que estava a viver um momento iluminado. O Patriarca tirou uma chave prateada do bolso e abriu a porta. Ela não rangeu ao abrir. Era educada demais pra reclamar ao fazer seu serviço.

Eles entraram. O lugar era, obviamente, alto, e janelas laterais em toda a sua extensão permitiam a entrada de uma luz pálida e bucólica. O lugar era grande e suas paredes eram brancas. No chão, um intrincado desenho em espiral em cores claras exibia um trabalho meticuloso de muitos anos.

A cor da túnica de Adamay se destacou no branco do lugar e eles esperaram que ele dissesse algo. Porém, ele não disse nada. Ajoelhou-se no meio do círculo numa posição de cavaleiro a serviço e ficou em silêncio por alguns minutos.

Assim que ele se levantou, a porta se abriu e Edgard Antares entrou, trazendo seu prisioneiro. O Patriarca então murmurou palavras que eles não conseguiram identificar. Por um longo momento, Christopher de Adamay apenas os observou.

Ele olhava aqueles jovens e via sua verdadeira forma. Via a luz em volta deles e como suas cores mostravam que estavam assustados e preocupados. Não era sempre que ele fazia uso da Visão, um dom que poucos possuíam, mas já haviam sido enganados uma vez. Não permitiria que acontecesse de novo. Quando se certificou que todos os que estavam ali eram quem diziam ser, ele fez um gesto amplo com a mão e disse:

– *Clutharaigh!*

Apesar das janelas fechadas, uma brisa passou por eles e balançou levemente seus cabelos.

– Pronto – disse finalmente o Patriarca. – Nada do que for dito ou feito aqui dentro poderá ser visto por nenhum tipo de oráculo. Podemos conversar. Capitão Antares, solte o rapaz.

Antares não pareceu muito feliz com a ordem, mas não disse nada. Desamarrou as mãos de Dirk. O Patriarca dispensou Antares. O homem, alto e forte com sua armadura imponente e cabelos loiros compridos não pareceu gostar muito. Olhou para o pequeno grupo com desconfiança e de volta para o Patriarca, como se aguardasse uma confirmação da ordem. Adamay disse que estava tudo bem e então Antares deixou a torre.

Depois que ele saiu, voltou a falar.

– Quanto a vocês, eu os conheço muito pouco. Mas creio que pelo que pude ver até agora, é possível confiar em vocês. Para que isso funcione, preciso saber se DEVO confiar em vocês.

Os amigos se entreolharam. Romano foi o porta-voz.

– Acho que falo por todos quando digo que estamos do mesmo lado aqui. Não queremos que Isabelle se machuque.

– Mas também não queremos entregar nosso amigo para o

necromante – disse Groulf.

– Não! – pediu Dirk, um tom de urgência em sua voz. – Precisamos salvar Isabelle!

– Não sou nenhum monstro – disse o Patriarca. – Eu sei que o noviço é inocente. Posso ver isso. Não poderia dar a vida de um inocente em troca da vida da minha filha. Ela jamais aceitaria isso. Além disso, se Algol conseguir o que quer, teremos um problema sem solução. Balzul virá para este mundo e não podemos combatê-lo aqui.

Adamay caminhou pela sala. Seus ombros caíram e seus pés pareciam se arrastar tristemente, como se ele simplesmente tivesse perdido o rumo. O Patriarca era aquele tipo de homem exuberante que todos seguem. Não precisamos saber para onde ele está indo. Pode ser para uma guerra de vida ou morte ou simplesmente para a taberna da esquina. Christopher de Adamay sempre foi o homem que todos seguiam e vê-lo perder-se na certeza do fracasso não era só doloroso. Era desesperador.

– Sei o que tenho que fazer. Mas não posso deixar minha filha simplesmente morrer.

– Senhor... – Dirk deu um passo a frente. O Patriarca o olhou com o triste olhar de quem não vê nada além da derrota. – Não diminua as chances dela só porque é sua filha.

As palavras foram duras. O Patriarca manteve o olhar no rapaz. Era um garoto, muito jovem ainda para saber das coisas da vida. No entanto, tivera em poucos dias as piores experiências de sua vida e teria que conviver com uma dor eterna que raros homens conheceriam. Se aquele menino, justamente quem mais tinha a perder ali, estava disposto a lutar, por que ele, o Patriarca de Leemyar, deveria desistir?

– Nós podemos contra Algol! – disse Vanna, dando um passo a frente. – Já o derrotamos uma vez, podemos fazê-lo de novo!

– Podemos fazer isso sozinhos – disse Groulf, cruzando os braços. – Mas seria muito mais fácil se o senhor nos ajudasse.

O Patriarca empertigou-se, recuperando a firmeza do olhar e do andar.

– Precisamos de um plano.

Havia algumas coisas que precisavam levar em consideração. A primeira delas e a mais importante era que Algol só tinha aquela noite para trazer Balzul de volta. Era a Lua Negra do Solstício de Inverno. Sabiam também que ele não hesitaria em matar Isabelle. Sabiam que Dirk era a chave e, sem ele, não tem Balzul. Algol tinha muitos truques e infelizmente

não conheciam todos. Felizmente, eles também tinham alguns truques que Algol certamente não conhecia. Ainda.

Capítulo 28

A troca

Eles tinham um problema muito, muito sério ali: tempo. Na mensagem de Algol, ele terminava dizendo: “Clareira de Burgh. Venha sozinho e traga o garoto”. Ele não indicava o momento do encontro, mas sabiam que Algol queria fazer a troca o quanto antes. Eles não poderiam demorar, ou o necromante perceberia que estavam tramando algo e retaliaria em Isabelle. Assim, correram.

O plano foi passado para todos. Hitch deu sugestões e Peter se pegou apertando o cabo da espada na cintura. Estavam muito tensos. Era uma jogada arriscada e o Patriarca sabia disso. Adamay não achou que deveria envolver sua guarda nisso. Edgard Antares, o capitão, tinha seus princípios e seus métodos e Adamay não confiava totalmente nem em uns, nem nos outros. Então, fiou-se apenas naqueles garotos mal saídos das fraldas que chegaram à Leemyar há quase um ano em busca de uns trocados. Ele confiava que eram honestos e bons. Suas habilidades foram mostradas na noite em que enfrentara Algol pela primeira vez. Só lhes faltava um pouco de... recursos.

O Patriarca deixou-os sós por uns instantes e voltou pouco depois com algumas coisas. Colocou-as em cima de uma mesa redonda de pedra branca que havia em um lado do grande salão e ao redor da qual o grupo estava reunido, tirando dúvidas e dando ideias. Ele desembalhou algumas coisas.

– Não tenho muita coisa, mas talvez isso ajude – disse o Patriarca. – São algumas coisas que vão fazer vocês causarem um estrago maior.

Ele pegou um escudo em forma de brasão. Tinha uma águia de duas cabeças em ouro no fundo prata.

– Esse escudo amortiza todos os golpes dados contra ele e, ao falar a palavra mágica, emite uma forte luz, cegando momentaneamente o oponente. Qual de vocês tem experiência com escudo?

– Peter Paul – respondeu Vanna, que sabia que o jovem sempre treinava manobras com escudos.

Peter pegou o escudo prateado das mãos do Patriarca tentando não

parecer deslumbrado. O escudo era leve e parecia novo em folha, embora o rapaz suspeitasse que ele já tivesse participado de algumas batalhas.

– O que são essas flechas negras? – perguntou Groulf, pegando uma delicada seta nas mãos pequenas.

– Cuidado com isso! – alertou o Patriarca. – Elas explodem. São apenas sete e causam um estrago bem razoável. Causam uma explosão num raio de três metros, então há de se ter cuidado em usá-las se um aliado estiver próximo do seu alvo. Algum de vocês tem uma besta?

– Eu tenho... – disse Groulf.

– E sabe como usar?

Groulf sorriu. Certamente ela sabia como usar.

– E finalmente, temos a Espada da Vida – ele puxou uma espada enorme de uma bainha de couro. Ela cantou ao sair, afinada, e sua lâmina brilhou. O cabo era simples, mas isso não tirava nem um pouco de seu porte.

– Que nome legal! – disse Hitch.

– Ela é especialmente eficiente e certa contra mortos-vivos, fantasmas, espectros ou qualquer coisa que já tenha cruzado a linha entre nosso mundo e o outro.

O Patriarca fez uma pausa, olhando longamente para a espada.

– É a espada de Isabelle... – disse.

– Então vamos levá-la para ela – disse Dirk.

O Patriarca olhou para ele sem sorrir, mas feliz com o apoio em suas palavras.

– Precisamos dessa espada em mãos que possam lutar assim que chegarmos lá.

E então a entregou a Romano. O rapaz arregalou os olhos, pois não esperava recebê-la. Com um movimento de cabeça, confirmou que aceitava a espada e a missão.

– Devolva a ela quando voltarmos – disse o Patriarca. Ele tentou sorrir, mas não conseguiu.

O Patriarca saiu por um momento e chamou André. O jovem surgiu na porta. Provavelmente, estava de guarda ali do lado de fora.

– Quero que arrume armaduras para eles – ordenou – As melhores que você encontrar!

E então ele puxou gentilmente Dirk.

– Vão na frente – disse ele. – Eu tenho umas coisas para passar para o noviço.

Eles ficaram sozinhos no grande salão e Dirk olhou atento para as

instruções do Patriarca. O homem de cabelos da cor da neve respirou fundo.

– Eu agradeço o que está fazendo.

– Não precisa...

Adamay o interrompeu.

– Não temos muito tempo, então me deixe falar. Eu agradeço porque sei o quanto lhe doeu tudo o que aconteceu e o quanto pode lhe custar se falharmos agora. Seus amigos são leais e corajosos, mas nós temos que pensar no todo. Se Algol colocar as mãos em você, se nosso plano falhar... Você não poderá aceitar Balzul, de maneira nenhuma!

O rapaz anuiu com a cabeça, os olhos firmes no Patriarca.

– Por isso, vou lhe ensinar uma coisa, uma coisa que só poderia ensinar a sacerdotes. Como é uma emergência, imagino que os deuses não irão se opor.

A Clareira de Burgh ficava bem no meio da Floresta de Cailleach, floresta que tinha fama de assombrada e de onde todas as pessoas normais tentavam manter distância. Era uma floresta velha, muito velha. Suas árvores eram tão grandes e largas que se podia morar dentro delas. As lendas são verdades esquecidas, como alguém já disse, e as pessoas sábias sabiam que deviam ter sempre um cuidado maior com lugares dos quais já se falara determinadas coisas. Algumas vezes, jovens iam até a floresta para provar sua coragem. Invariavelmente, voltavam com histórias de fantasmas, passos, vultos ou coisa pior. Entre a imaginação e a realidade, cada qual fazia sua escolha e contava adiante sua própria versão. E, assim, a fama da Floresta de Cailleach cresceu.

Ainda estavam no meio da tarde e o sol lançava fachos de luz dourada através das copas das árvores. O vento farfalhava as folhas e a floresta parecia pulsar como um ser vivo e isso fazia dela uma floresta igualzinha a todas as outras. Não parecia assombrada.

O Patriarca e Dirk seguiram para a Clareira de Burgh em silêncio, ouvindo apenas o som de seus pés nas folhas cor de cobre espalhadas ao chão. Dirk gostaria de dizer que não estava apavorado e de manter a serenidade que o Patriarca exibia ao seu lado. Concentrou-se nos passos que dava, olhando em volta, sentindo o coração se acelerar. Algol estava ali, podia sentir.

Chegaram ao centro da clareira. Havia muitas folhas de três pontas cor de entardecer no chão e as árvores continuavam balançando seus

galhos docemente com o vento. Os cabelos loiros de Dirk foram jogados de um lado para o outro enquanto ele mantinha o olhar fixo na mata a frente.

– Eu sempre gostei do som da floresta.

Um pouco mais para a esquerda, Algol saiu de trás de uma imensa árvore com seu sorriso perigoso. Usava seu manto negro e trazia na cintura uma espada no lugar do machado negro que haviam visto em ação antes. Ainda ao lado da árvore, ele olhou em volta lentamente, sorrindo, como se simplesmente admirasse a paisagem num domingo qualquer.

– Onde está minha filha? – perguntou Adamay.

Algol esperou um segundo e então puxou a moça de trás da árvore. Ela estava amordaçada e suas mãos estavam atadas às costas. No braço esquerdo, uma mancha de sangue na roupa verde musgo. Ela balançou a cabeça negativamente, os olhos assustados quando viu o pai ao lado de Dirk.

Então eles caminharam lentamente. Adamay puxou Dirk gentilmente pelo braço, levando-o para o ponto da troca. Quando estavam a apenas um metro de Algol e Isabelle, eles pararam. O Patriarca não tirou os olhos de Algol. Nesse momento, o necromante desfez o sorriso e voltou a parecer aterrorizador.

– Me dê o rapaz... – disse. – E terá sua filha de volta.

O Patriarca apertou o braço de Dirk, hesitando. Então Dirk o olhou calmamente e tentou lhe passar a confiança que ele mesmo não tinha. Adamay olhou em seus olhos e então o soltou. Lentamente, Dirk caminhou na direção de Algol, desarmado. Algol soltou a moça e ela andou confusa até o pai. Quando Dirk e ela se cruzaram, os olhos dela brilharam com lágrimas e ele tentou sorrir para ela, tentou acalmá-la. Estava tudo bem.

Isabelle foi abraçada pelo pai no mesmo instante em que Dirk ficou cara a cara com Algol.

– É bom vê-lo de novo, filho – disse o sacerdote com um sorriso gentil.

Sete setas luminosas o atingiram no peito, jogando-o para trás, mas sem derrubá-lo. Algol levantou a cabeça e Dirk percebeu que não havia nenhuma surpresa em seu rosto. Na verdade, ele ainda sorria. Algol puxou a espada e defendeu-se no exato instante em que a mulher guerreira surgiu atacando-o com toda a força. Junto com ela. Do lado oposto, uma imensa espada reluzente cruzou o ar numa elipse perfeita e Romano também aparecia, saindo de um feitiço de invisibilidade que Totn-Hoc fizera. Seu golpe cortou levemente o braço do necromante, que se mostrava incrivelmente resistente e ágil, exatamente como das outras vezes em que o

viram em ação.

A espada de Algol cruzou o ar com velocidade, batendo-se contra a espada de Vanna e a de Romano em um só movimento. Dirk afastou-se imediatamente, como combinado. Correu alguns passos até ouvir a voz da elfa no alto das árvores. Assim que a localizou entre os galhos, ela lhe jogou uma espada, que ele facilmente segurou no ar.

Os golpes de Algol eram furiosos, fortes e precisos. Em apenas dois golpes, não conseguiu atingir seus oponentes, mas conseguiu jogá-los para trás, tirando-os de ação momentaneamente. Deu alguns passos largos e firmes na direção de Dirk, que nesse momento se virava com a espada em punho e preparado para se juntar à luta.

– Achou mesmo que eu me esqueceria de seus amigos, filho? Achou que eu não os vi invisíveis à sua volta?

Com um movimento de mãos e uma palavra que mal foi ouvida, um raio saiu de sua palma esquerda e atingiu a árvore em que Groulf estava. A elfa conseguiu saltar desajeitadamente para outros galhos, batendo em vários, e por pouco não despencou lá de cima.

Dirk atacou. Ele sempre fora muito leve para espadas pesadas, mas com a espada certa, seus movimentos cortavam o ar graciosamente, evitando o choque com a espada de Algol, que acabou cortando o vento. Algol passou a mão no rosto assim que o golpe terminou e viu surpreso sua mão manchada de vermelho. Olhou para o rapaz a sua frente.

– Não me chame de filho – ordenou Dirk, pronto para mais um ataque.

Algol se viu mais uma vez cercado por Vanna e Romano, que tinham se levantado e já saltavam novamente em cima dele. O Patriarca tinha lhes dito que a melhor chance que tinham contra ele era no corpo a corpo, pois na magia, Algol se mostrara extremamente forte e, infelizmente, Adamay achava que eles ainda não tinham visto nada.

E não tinham mesmo. Um raio saiu de suas mãos, cegando-os momentaneamente. Um atingiu Romano, que voou longe. O outro fez linhas nervosas luminosas circular em sua espada e, quando esta se bateu com a de Vanna, a moça gritou e foi lançada para trás.

Surpreendido pela violência da magia, Dirk hesitou e andou para trás. Algol imediatamente voltou a caminhar em sua direção.

– Era só isso que tinham? – perguntou, sorrindo, o corte no rosto deixando um rastro vermelho na face esquerda.

Uma ventania levantou folhas em espiral no lugar onde estavam e, de repente, surgiram literalmente do ar Joabe e Hitch. Dessa vez, Algol

pareceu surpreso. Conseguiu ainda ver, atrás de Dirk, o Patriarca Adamay ainda com a mão erguida depois de fazer o mesmo feitiço que fizera com ele na noite dos mortos. Só que dessa vez, ao invés de mandar alguém embora, o Patriarca trouxe. Afinal, o vento que venta lá, venta cá...

Não foi um feito fácil e exigiu toda a sua concentração, mas valeu a pena. Hitch já chegou descendo a espada sobre o homem que precisou se mover com muita rapidez para evitar ter a cabeça rachada pela lâmina. Algol tropeçou para trás, tentando não perder o equilíbrio, e foi a vez de Joabe acertar seu peito com a maça. A moça também trazia um escudo e foi ele quem recebeu seu golpe mais forte de espada. Joabe deu alguns passos para trás, surpreendida pela força do golpe, enquanto Algol pareceu crescer para cima de Hitch. Dois golpes rápidos e as espadas se cruzaram no ar.

Hitch já lutara antes. Em tabernas, na prisão, por dinheiro e em outras circunstâncias. Mas nunca lutara de fato pela sua vida. Ou pela vida de outra pessoa. Sentiu-se jogar para trás, mas insistiu em atacar, sabendo que não podia dar nenhuma chance para Algol fazer outro feitiço. A ponta da espada de Algol passou em seu peito, cortando mais do que a nova armadura que o Patriarca lhe dera. Hitch não gritou, mas sentiu a pele queimar e seu golpe seguinte já não tinha tanta força.

Joabe voltara a atacar, distraído Algol para tirá-lo de cima de Hitch. Quando o homem se voltou para ela, olhou em seus olhos e ela sentiu o corpo inteiro gelar. E então, a moça não atacou. A lâmina cresceu diante dela e alguém apareceu do nada. Peter Paul, também trazido pela magia do Patriarca, agora entrava na luta, defendendo a noviça com seu novo escudo:

Algol não se abalou. Atacou Peter novamente com tamanha fúria que lhe arrancou a espada das mãos. Pela visão lateral, Algol viu que Vanna e Romano, que tinham sido lançados cada um para um lado a uma certa distância com seus raios elétricos, estavam de pé novamente e voltando para a briga. Achou que deveria então terminar logo com aquelas distrações e ergueu a espada para um golpe fatal contra o ex-mascate.

Sem espada, só restou a Peter usar o escudo para se proteger. O golpe da espada foi sentido e seus pés deslizaram para trás.

– Aengus Mag Og! – gritou Peter, e imediatamente seu escudo brilhou com uma luz. Não era uma luz qualquer. Era uma luz brilhante, bela, confortadora e poderosa. Parecia o Sol, mas os outros se sentiram aquecidos dentro dela. Os outros. Para Algol, pareceu que fogo queimava sua pele e seus olhos.

Algol gritou enquanto cobria os olhos e a voz de Groulf foi ouvida mais uma vez.

– Saíam daí!

Foi fácil saltar ou correr para longe quando ouviram Groulf. Flechas negras voaram na direção de Algol, quatro ao todo, e explosões foram ouvidas, uma seguida a outra. Eles se protegeram e, quando o barulho acabou, começaram a se levantar, espadas ainda em punho. A fumaça e o fogo encobriam o lugar e acharam que Algol estava finalmente morto e espalhado em milhões de pedacinhos.

– Conseguimos? – perguntou Peter Paul, incrédulo.

A fumaça se desfez, subindo aos céus através das folhagens. No local onde estava Algol, havia alguns buracos de fuligem. E só.

Dirk levantou a cabeça sentindo uma coisa horrível. O Patriarca, Isabelle e Joabe também sentiram. A floresta entrou em um silêncio absoluto, como se ela estivesse inteira e completamente morta. E então um som foi ouvido.

Capítulo 29

Inesperado

Era um pisar, um pisar tão forte que fez o chão abaixo dos seus pés tremerem. E então as árvores a frente deles, com troncos nos quais se poderia morar dentro, foram arrancadas com violência para dar passagem à criatura mais tenebrosa que eles já tinham visto.

– Esse... cheiro... O que é isso??! – perguntou Joabe, sentindo as pernas balançarem.

– É um dragão? É um zumbi? – perguntou Hitch, que nunca tinha visto um, e estava tão perplexo quanto confuso. – É um dragão-zumbi??!

A criatura rugiu e eles puderam ver os tendões em seu pescoço, expostos como a carne podre de seu peito. A ossada com restos de carne colada nela exalava um cheiro nauseante e sua cabeça era um imenso crânio de órbitas vazias e dentes afiados com alguma carne colada nele.

– É um dragão morto-vivo!!! – gritou Dirk.

O dragão era imenso e atacou com agilidade. Eles se juntaram para atacar a coisa. Cortes de Hitch e Peter, que já recuperara sua espada, não pareciam fazer grande estrago a algo tão grande e tão morto. Porém, a espada de Vanna brilhou e cortou o animal na pata dianteira profundamente. A criatura gritou, um som horrível de dor e angústia. Romano aproveitou para atacá-lo e sua espada assobiou, cortando e esmagando alguns ossos de sua enorme cabeça.

Num balançar de cauda, a criatura derrubou alguns deles longe e tentou morder Romano, que se defendeu com a espada que tilintava contra os dentes do tamanho de garrafas de vinho.

Explosões atingiram o animal, que mais uma vez gritou e se balançou. Com um alvo tão grande, Groulf não pensou duas vezes antes de jogar as outras três flechas na criatura. Com a boa mira da elfa, elas acertaram em cheio sua cabeça. O dragão morto ergueu a cabeça e rugiu para o alto, estremecendo tudo a sua volta. E então, caiu pesadamente no chão, quase atingindo Peter Paul e Joabe.

Totn-Hoc saiu de seu feitiço de invisibilidade e Isabelle tomou um

susto ao ver finalmente quem a estava apoiando e segurando. A moça não tinha armas e, por mais que quisesse participar da ação assim que o pai a desamarrou, não a deixaram fazer isso. Totn ficou com ela, próximo ao Patriarca que preparara um feitiço caso aquele dragão não caísse de uma vez.

Vendo que não seria necessário, Adamay respirou fundo e todos começaram a se aproximar da grande carcaça mal cheirosa.

– É... – disse Hitch, já recuperado da lentidão que o acometera quando a espada de Algol tocou sua carne. – Acho que esse cara não sabe perder.

– Acho que ele não contava com nosso reforço – falou Romano, vendo que Joabe, Peter e Hitch tinham sido fundamentais naquele plano.

O Patriarca não estava ouvindo. Olhava em volta, a sensação de pânico crescendo dentro dele.

– Onde está o garoto? – perguntou.

Eles ainda procuraram. Talvez ele tivesse sido atingido pela cauda do dragão e estivesse desacordado a apenas poucos metros deles. Mas não demorou muito para compreenderem que o dragão tinha sido apenas uma distração enquanto Algol pegava o que ele fora buscar. Acharam a espada de Dirk abandonada perto de uma árvore e sinais de luta na terra.

– O vamos fazer? – perguntou Groulf, a voz trêmula, acreditando que já tinham usado todas as suas armas e, mesmo assim, haviam falhado.

Adamay apertou as mãos, ainda de costas para eles. Então se virou, os olhos duros e firmes como sempre foram.

– Vamos voltar para a igreja.

E então saiu na direção do lugar onde tinham deixado seus cavalos.

– O quê?! – Romano saiu atrás dele e o puxou pelo manto azul índigo. – Vai deixá-lo para trás?!

O Patriarca o olhou duramente e então simplesmente repetiu.

– Vamos voltar para a igreja. Agora!

Eles se entreolharam e então seguiram o homem que já caminhava determinado adiante.

Chegaram à igreja e o Patriarca não lhes dissera nada durante o percurso. Ao passarem pelo pátio, Adamay chamou Antares e entregou-lhe Isabelle.

– Cuide dela! – disse.

A moça reclamou, dizendo que queria ajudar e que podia lutar como todo mundo. De fato, poderia. Seu pai sabia o quanto ela era boa com um cajado ou com a espada. Mas Isabelle estava ferida e visivelmente exausta e ele não a queria tomando decisões estúpidas em plena batalha.

Entraram no grande templo e ele pediu que os noviços e fiéis que estavam ali deixassem o local. Deu ordens para um sacerdote mais velho que evacuasse toda a área da igreja. As pessoas começaram a sair e quando Vanna insistiu em lhe perguntar o que estavam fazendo, ele simplesmente colocou um dedo sobre os lábios num sinal para que ela se calasse. Então, dentro do templo, ele fechou as portas com uma madeira transversal, como se quisesse ter certeza de que ninguém entraria.

– Quem o senhor não quer que entre aqui? – perguntou Joabe.

O homem olhou para ela sério.

– Isso não é pra ninguém entrar... – respondeu ele. – É pra ninguém sair.

Então ele caminhou até o banco da frente e simplesmente se sentou.

– O que vamos fazer?

– Esperar... – respondeu ele.

Quando a cauda do dragão acertou seu peito em cheio, Dirk se viu voar pela floresta e bater num tronco de costas. Caiu no chão, atordoado, mas apertou a espada na mão e já se preparava para levantar e voltar à batalha quando Algol simplesmente surgiu na frente dele e lhe acertou um murro em cheio. O garoto, ainda mal refeito da primeira pancada, levou a segunda e caiu contra o mesmo tronco. No chão, recebeu um forte chute no estômago que o fez se contorcer. Algol se abaixou e o puxou pelos cabelos, falando bem em seu rosto para ter certeza de que ele ia ouvir.

– Você tem amigos demais!

E com mais um murro, Dirk mergulhou na escuridão e não viu mais nada.

Na igreja, eles ouviram o que Adamay lhes contara. Ele ensinara um feitiço especial para Dirk, em caso de dar tudo errado. Esse era um feitiço ensinado apenas aos sacerdotes e não a noviços, mas Adamay contou com a generosidade dos deuses. Nesse feitiço, tudo o que Dirk precisava fazer era dizer a palavra do Retorno e ele estaria imediatamente de volta ao templo.

Ele e tudo o que estivesse a, pelo menos, três metros dele. Por isso, Adamay acreditava que sua última batalha aconteceria ali, na igreja.

– Por que ele ainda não falou a palavra? – perguntou Vanna, que já começara a andar nervosamente de um lado para o outro.

– Talvez ele esteja esperando o momento certo – respondeu Totn.

– Ou talvez ele não possa falar agora – pensou alto Groulf.

Houve um instante silencioso em que cada um pensou sobre isso. Foi Romano quem fez a pergunta que todos traziam no peito.

– E se ele não puder falar? E se Algol o amordaçou, ou o desacordou? Adamay olhou para eles, nenhuma expressão no rosto.

– Ele terá que falar para aceitar receber Balzul. Não se preocupem. Em algum momento dessa noite, essa igreja será o palco do fim da batalha que começou na floresta.

Dirk sentiu a própria respiração balançando-o levemente. Abriu os olhos e manchas negras e vermelhas dançaram diante dele. A cabeça latejou e ele fechou os olhos, tentando abri-los novamente com mais foco. Viu os fios do próprio cabelo caídos diante de seu rosto e uma grande fogueira queimando alguns metros a frente. Foi quando se lembrou do que acontecera.

Terminou de acordar e tentou se mexer. Estava preso pelas mãos a duas colunas enterradas no chão. Firmou os pés no chão e tentou se soltar, mas estava tão fortemente preso que já não sentia as pontas dos dedos.

– Que bom que acordou!

A voz o fez tomar um susto e ele tentou se afastar enquanto Algol se aproximava, vindo sabe-se lá de onde. O céu estava negro e, apesar das estrelas brilharem ao longe, no horizonte, acima deles uma enorme nuvem negra e pesada parecia dançar morbidamente em espiral.

– Bem, acho que podemos continuar o que começamos... – disse Algol. – Você já deve saber o que eu quero: quero que aceite Balzul. Quando ele vier, quero que o deixe entrar em você. Eu sei o quanto isso soa desagradável e ainda tem o fato de você deixar de existir para sempre assim que ele entrar, mas compreenda que é para um bem maior. Pense no todo, filho! Pense no todo!

– Está bem – disse o rapaz, os olhos brilhando e o rosto ainda ferido da surra levada. – Eu não vou mais resistir. Estou cansado. Mas antes, posso lhe dizer uma coisa?

Ele disse isso num sussurro quase inaudível. Algol, curioso, se

aproximou mais dele para ouvir. Então, Dirk o olhou com os olhos duros.

– Não me chame de filho!

E então ele disse a palavra que Adamay lhe ensinara.

Na igreja, estavam juntos em volta do Patriarca quando as imagens dos deuses começaram a tremer e uma ventania se formou do nada num aposento fechado. O Patriarca se levantou, já segurando o cabo da espada.

– Está começando...

Eles se prepararam para receber fosse lá o que fosse chegar ali. Mas algo diferente aconteceu. As paredes da igreja de repente deixaram de ser reais e assumiram uma coloração verde-escura. E elas se moviam como relva ao vento. E então, acima deles, o céu surgiu com uma nuvem negra rodopiando em espiral.

– Isso era pra ser assim mesmo? – perguntou Vanna.

Adamay não respondeu. Nunca tinha visto nada igual.

Uma fogueira surgiu no meio da igreja bem diante dos olhos deles. E foi então que perceberam que não havia mais igreja. Uma voz rouca foi ouvida recitando um encanto maldito há muito esquecido e o vento os cercou. Olharam em volta e viram que estavam numa colina. A uma boa distância deles, Dirk estava amarrado a duas colunas e parecia bem agitado.

Um rugido estremeceu o lugar e a terra tremeu. Só que ela não parou. Continuou a tremer de tal maneira que Joabe e Peter caíram e os outros tiveram que se apoiar em pedras. Bem no meio deles, uma rachadura se fez como um relâmpago e do meio da fenda, uma garra negra de unhas pontiagudas emergiu, grande o bastante para esmagar uma pessoa normal de uma só vez. Depois de uma garra, veio outra. E depois da outra, veio uma cabeça.

Capítulo 30

A batalha contra um deus

Isabelle estava em seu quarto sendo cuidada por Anne, uma das sacerdotisas mais versadas na arte da cura do templo, mas não estava sendo uma paciente aceitável.

– Já acabou?

– Já teria acabado se tivesse ficado quieta – resmungou a outra.

Isabelle olhou para a parede, respirando fundo. Estava tão zangada que nem conseguia sentir outra coisa.

– E não sei por que essa pressa toda... – continuou Anne, passando um unguento no braço da moça. – Você não vai a lugar algum.

– Veremos se não vou! – reclamou a moça. – Meu pai não tem o direito de me tirar dessa luta! Se eu tivesse sido mais atenta, isso não teria acontecido!

Anne terminou e a olhou serenamente. Era um pouco mais velha que ela, mas parecia ter bem mais idade. Algumas pessoas são assim. Possuem seu próprio trato com o tempo.

– Não foi culpa sua, Isabelle. E seu pai vai resolver tudo.

Isabelle não respondeu. Então a outra a deixou sozinha no quarto. Depois de algumas batidas leves, Antares entrou em seu quarto.

– Deseja alguma coisa, Isabelle? – perguntou ele, sem nunca perder a postura de um soldado.

– Desejo sair!

Antares não sorriu. Apenas continuou olhando para ela.

– Quando as ordens do seu pai mudarem, eu deixo você sair com prazer – respondeu calmamente.

Fez uma reverência e deixou o quarto.

A moça se levantou, já não sentindo nenhuma dor. O murro que levara no rosto fez sua cabeça latejar por algum tempo, mas agora ela apenas pulsava como um eco bem distante. Ela foi até a janela e procurou as trepadeiras que tanto lhe foram úteis durante toda a adolescência. Por elas, escalava as paredes altas da casa, entrando e saindo de seu quarto sem ser vista. Tudo bem que não fazia isso há anos e pode ter ganhado um

pouco de peso, mas se tivesse cuidado, conseguiria com certeza. Pensava nas armas que poderia levar quando algo no céu lhe chamou a atenção. Ele já estava negro e as estrelas se sobressaíam na noite sem Lua. No entanto, num ponto distante, havia uma nuvem negra. E ela não era só negra. Ela girava, como um redemoinho, com relâmpagos iluminando-a por curtos instantes. Talvez fosse uma tempestade muito estranha. Mas ela suspeitou que não era bem isso.

A Colina Enfeitiçada nem sempre tivera esse nome. Ela o herdou de tempos antigos quando o culto à Balzul estava em seu auge. Seus rituais envolviam sacrifícios e sangue, e às vezes alguma tortura. Mas não foi por isso que o culto foi banido. Ainda havia muitos rituais em que se faziam as mesmas coisas. O culto à Balzul foi banido porque seus seguidores acreditavam que todos deveriam cultuar Balzul e passaram a perseguir ostensivamente todos os outros fiéis de outras divindades. Aquilo ia contra a essência politeísta e tolerante de Celtária e ele foi o primeiro deus que teve seu culto proibido por lei. Porém, antes disso, eles costumavam realizar seus cultos, rituais e sacrifícios bem ali, na Colina Enfeitiçada, que por isso ganhou esse nome.

Com os rituais esquecidos e o culto morto por mais de vinte anos, a Colina foi esquecida. Mato e relva cresceram em volta das pedras que perfaziam um círculo e antigas inscrições no solo foram apagadas pelo tempo. As duas torres de mármore e suas argolas de ferro para prender suas vítimas eram o único sinal de que houvera ali uma interferência humana. A Colina Enfeitiçada era geralmente evitada, dado seu histórico perturbador e a sensação desagradável que ela passava. Talvez a Colina tivesse gostado dessa solidão e tivesse podido finalmente respirar em paz, sem humanos pisando e profanando seu corpo. Talvez a Colina tivesse ficado muito magoada com o que os mortais lhe fizeram. E, talvez por isso, ela parecia receber tão mal os humanos que acabavam de chegar.

A cabeça que saiu da fenda era do tamanho de uma carroça e tinha chifres enormes de touro que apontavam para o céu. Os olhos eram brilhantes e vermelhos e seu rosto não parecia humano. Parecia, na verdade, uma mistura de mal gosto de um touro e um homem incrivelmente feio. Dos dentes pontiagudos escorria uma baba viscosa numa boca sem lábios e, com as duas mãos, ele se apoiou no chão e saiu da fenda, exibindo seu corpo forte e negro como couro, brilhando em tons vermelhos à luz da fogueira. Podiam sentir a terra tremer cada vez que ele se movimentava.

– Eu lhe dou as boas-vindas ao seu novo reino, Balzul! – gritou Algol de um ponto mais alto, onde ele lia um livro de invocações, o vento balançando seu manto e as páginas do livro.

Adamay ergueu a mão para os jovens que estavam espalhados pela área.

– Que Aengus Mag Og nos cubra com suas bênçãos, dando-nos sua coragem e sua força!

A visão de Balzul era algo aterrador. Eles já tinham enfrentado naquele mesmo dia um dragão morto cuja imagem daria pesadelos a qualquer um, mas havia algo na presença de Balzul que fazia os mortais tremerem, algo como a visão de um abismo sem fundo ou de uma queda sem fim. Porém, quando o Patriarca disse essas palavras, eles se sentiram protegidos, como se não estivessem mais sozinhos.

Joabe levantou-se e ajudou Peter Paul e ambos correram para se afastar do monstro que agora estava de pé, totalmente fora do submundo. Ele rugiu para o alto, emitindo um som horripilante, como se estivesse atestando sua conquista. Foi Romano quem atacou primeiro. Sua espada cortou uma das pernas do monstro, causando um rasgo. Naquele ponto, podia-se ver que a criatura sangrava. Hitch usou toda a sua força no golpe, mas sua espada não fez nenhum corte. Setas de luz estouraram na cara de Balzul, deixando-o cego por alguns instantes e muito irritado logo a seguir.

– Espadas comuns não o atingem! – gritou o Patriarca. – Apenas instrumentos consagrados causam algum estrago!

Nesse momento, Balzul deu um golpe com a pata em Romano, que caiu longe. Hitch se jogou no chão quando viu a garra vindo em sua direção e ela passou direto. Balzul o viu no chão e rosnou, baba escorrendo pela boca escancarada numa careta de ódio. Hitch se protegeu com os braços, como se isso fosse adiantar alguma coisa, e mal viu quando Peter Paul tomou sua frente, gritando as palavras mágicas.

– Aengus Mag Og!!!

Uma forte luz iluminou a colina, como se o Sol tivesse surgido no meio da noite. Era uma luz belíssima que se fosse uma música, teria os acordes mais perfeitos já criados. E mais uma vez, todos se sentiram inundados por essa luz de uma maneira confortadora. Menos Algol e Balzul. Algol se curvou no chão gritando, mesmo estando a uma grande distância de Peter e seu escudo mágico. Balzul levou as mãos aos olhos gritando como se tivesse sido atingido por ácido. Peter e Hitch aproveitaram para correr ao encontro de Romano que corria de volta para a luta.

– O que-que-que vamos fazer?! – perguntou Peter.

– Distraí-lo! – gritou Romano. – Ele não pode chegar até Dirk!

– Falar é fácil! – disse Hitch, ainda apavorado com os segundos em que viu a morte bater à sua porta.

De uma elevação que lhe permitia ver tudo o que acontecia, Algol olhava a situação com um rosto contorcido. Não, estava perto demais para ser atrapalhado por crianças!

– Balzul, grande rei do Submundo! – gritou ele. – Não perca seu tempo com esses reles mortais! Eles só querem atrapalhá-lo! Vá e assuma seu posto em seu novo corpo!

Quando a voz de Algol foi ouvida, Balzul ergueu a cabeça e prestou atenção. Romano aproveitou para provocar mais um corte, mas pela posição em que estava não conseguia atingir nada além das pernas. Balzul gritou novamente, mas dessa vez não insistiu em perseguir as moscas. Seguiu na direção do jovem amarrado nas duas colunas, lugar que lhe deu tantos prazeres nos tempos em que sacrifícios eram feitos em sua homenagem.

O necromante então abriu seu livro de capa de couro e começou a recitar um encantamento. Precisava tirar aqueles insetos de ação. Com uma das mãos segurando o livro e a outra direcionada para o local onde estavam os jovens, ele deu um sorriso. Matá-los diante do noviço poderia ajudar muito em quebrar sua vontade.

Romano, Hitch e Peter ainda estavam juntos quando a terra tremeu embaixo de seus pés.

– O que é isso? – perguntou Peter, sentindo os pelinhos da nuca se eriçarem.

Um lamento agudo e angustiante de várias vozes em agonia se elevou das profundezas e formas espectrais saíram da terra, uma após a outra, com grande rapidez. Uma delas parou bem diante deles e abriu a bocarra como se não tivesse limites para sua mandíbula, emitindo um grito horrendo. Sentiram as pernas bambearem, como se o medo tivesse agarrado suas almas com garras afiadas.

Então as formas de cabelos esvoaçantes e órbitas vazias os atacaram com suas garras. Romano levou um golpe no rosto e mais dois de outra criatura, acabando por cair de joelhos. Hitch, movido pelo pânico, correu. Uma das criaturas passou voando e o ergueu a mais de três metros acima do chão, largando-o a seguir. Peter estava paralisado de terror, mas as formas espectrais pareciam evitá-lo. Várias delas voavam em sua direção, mas assim que se aproximavam, emitiam um grito de horror e desviavam.

De trás de uma pedra coberta de musgo, Groulf ainda via Balzul indo

na direção de Dirk, fazendo com que o rapaz se desesperasse. Ela lamentou ter usado todas as flechas negras que explodiam no combate anterior e se preparou para ir na direção de Balzul e tentar distraí-lo. Foi quando ouviu os gritos que a fizeram congelar. Olhou para o outro lado e viu Hitch ser jogado dos céus por um ser horrendo de formas espectrais. Romano estava no chão e três outros seres investiram contra ele, que tentava se proteger inutilmente.

– O que está havendo?! – perguntou Groulf. – Por que esse idiota não está usando sua espada contra coisas mortas?

E então ela percebeu que Peter estava paralisado e que era o único que não estava sendo atacado. Ela saiu correndo, saltando os buracos e pedras do caminho, e alcançou Peter Paul em poucos instantes. Sacudiu o rapaz pelos ombros.

– Peter!!!! Use o escudo!!!

Foi como se Peter Paul tivesse acordado de repente, embora continuasse vendo o pesadelo acontecendo a sua volta. Mas dessa vez, podia sentir o escudo em seu braço e a espada em sua mão, e conseguia se mover.

– Aengus Mag Og!!!

E mais uma vez, a luz divina os banhou e os fantasmas gritaram com a luz, cobrindo seus olhos e seus rostos. Quando a luz se foi, os espectros ainda estavam lá. Assim que o primeiro deles desceu dos céus com dentes enegrecidos e disformes expostos num rosnar irado, Romano o cortou em dois com sua espada que emanava uma suave luz. O ser gritou e simplesmente desvaneceu no ar. Groulf se uniu a eles para atacá-los, mas suas espadas comuns só faziam com que as criaturas se afastassem a cada golpe, voltando em seguida. Eram muitos e sabiam que estavam perdendo tempo. Peter se preparava para dizer a palavra do escudo mais uma vez, embora já tivessem visto que o resultado só lhes dava mais tempo e os livrava do medo que paralisava.

Na elevação onde Algol continuava sua concentração para manter aqueles espectros em serviço, uma lâmina cruzou o ar. Algol pressentira a tempo o golpe e conseguiu jogar-se para trás, mas a espada ainda pegou o livro, jogando-o longe. Diante dele, Adamay empunhava uma longa espada de lâmina prateada que refletia tons de azul, mesmo não havendo nada azul ali para ela refletir. Algol puxou sua espada e as lâminas se encontraram no ar.

Lá embaixo, Romano mandava outro daqueles fantasmas horrendos para o outro mundo quando Peter começou a dizer as palavras. Porém, de repente, antes que terminasse, os fantasmas desapareceram novamente para dentro da terra.

– O que aconteceu? – perguntou Peter, que sabia que não tinha sido ele.

– Sei lá! – respondeu Romano, o rosto sangrando com alguns cortes das garras das criaturas. – A gente descobre depois!

E correram atrás de Balzul que já estava perto demais de sua vítima.

Dirk tentava se soltar, machucando os próprios pulsos com o esforço, sangue escorrendo pelos seus braços. Estava apavorado. Aquilo não tinha funcionado como o Patriarca lhe dissera. Ao invés do vilão cair no colo deles, lá na igreja, onde o terreno abençoado seria uma vantagem importante, eles caíram no colo do vilão. Vendo Balzul vindo em sua direção, não tinha muita certeza se conseguiriam sair dali vivos. Na verdade, tinha quase certeza de que não.

Balzul se aproximou dele em poucas passadas. Abaixou-se para olhar para sua vítima. Dirk parou de se mexer, paralisado pelo terror, os olhos brilhando e a respiração ofegante.

– Aceite-me! – disse Balzul, embora ele não visse sua boca sem lábios se mexer. – Seus deuses o abandonaram! Eles o entregaram a mim! Aceite-me!

– Nunca... – murmurou o rapaz, com dificuldades em falar mais alto.

Balzul rugiu para ele e fez um movimento com as garras, como se rasgasse um tecido invisível que os separasse. Num só golpe, Dirk sentiu como se pontas de metal de um chicote em brasas cortasse todo o seu corpo, da cabeça aos pés. O rapaz gritou e lágrimas desceram pelo seu rosto enquanto sentia sua pele ser rasgada. Os joelhos dobraram, as mãos apertaram as cordas que o prendiam. Não tinha certeza se aguentaria outra dor dessas. Mas Balzul se preparou para outra.

Uma espada foi fincada no olho vermelho e brilhante de Balzul. Ele retrocedeu, com a mão no olho ferido de onde sangue escorria em quantidade. Antes que pudesse ver o que o atingira, Vanna voltou a atacá-lo com vários golpes rápidos e afiados, afastando-o de Dirk.

– Vai, Joabe!!! – gritou ela.

A noviça, que estava bem próxima, correu e começou a cortar as cordas que prendiam o rapaz, enquanto a guerreira continuava a empurrar o monstro para trás.

Romano não conseguia alcançar o corpo de Balzul em um ponto vital porque a armadura lhe pesava e lhe prendia os movimentos. Vanna, porém, usava um simples corpete com botas altas. Groulf sempre reclamara de sua roupa, mas agora ela estava muito feliz com sua escolha. Livre para se mover, ela saltou em pedras e das pedras para Balzul, enfiando a espada em seu estômago e descendo, provocando um rasgo carmesim.

A criatura urrou e lhe deu um tapa, tirando-a com violência de seu corpo. O sangue jorrava, mas ele não parecia ferido gravemente. Parecia zangado. Vanna caiu para o lado e deu umas cambalhotas. Dessa vez, se concentrou em não largar a espada. A criatura se virou para seu alvo original e parou ao ver que as colunas estavam vazias.

Algol e Adamay eram grandes lutadores. As espadas se cruzavam e se batiam com velocidade e violência, e nenhum dos dois parecia disposto a ceder. Até que a espada de Adamay foi mais rápida. Num golpe certo, acertou Algol no quadril. O homem gritou e manquitolou para o lado, erguendo ainda a espada para se defender do golpe seguinte. E o golpe seguinte veio, derrubando-o no chão. Adamay não ia parar até ver aquele homem morto, mas gritos lhe chamaram a atenção no campo de batalha. O Patriarca viu os guerreiros atacando a criatura e um cavalo em disparada com uma bola de luz. Os cabelos ruivos a denunciaram.

Foi apenas um segundo de distração e Algol recitou suas palavras em som quase inaudível. Quando Adamay desceu sua espada para terminar o serviço, a lâmina cortou uma fumaça preta que se desvaneceu no ar.

A bola de luz foi jogada, revelando as formas da criatura. A luz cegou o deus tempo o bastante para Isabelle gritar para os outros.

– Afastem-se!!!

Romano, Hitch, Peter Paul e Groulf correram para longe e então uma imensa bola de fogo voou no peito de Balzul. Não viram nada na direção de onde isso viera, mas sabiam que tinha a assinatura de Totn-Hoc. A criatura deu uns passos para trás e então urrou de novo para a noite sem lua, dessa vez parecendo irritada e frustrada. Olhou em volta e começou a caminhar em passos largos para longe dos guerreiros. Então, começou a correr em quatro patas, fazendo o chão estremecer.

Joabe ajudava Dirk a fugir colina abaixo com Vanna lhe dando cobertura. Quando a criatura surgiu correndo atrás deles, eles olharam para trás e a visão foi aterradora. Vanna se virou para eles e disse.

– Vão!

– Me dê uma espada! – gritou Dirk, o rosto com alguns cortes dos quais sangue escorria, mas recuperando a força. – Podemos lutar!

– É preciso ser uma espada consagrada para atingi-lo! – gritou Vanna, empurrando os outros dois. – Vão! Eu seguro ele!

Joabe forçou Dirk a seguir com ela e Vanna esperou a criatura, o cabo da espada firmemente apertado na mão. Então ela correu, saltou numa pedra, e dessa pedra, numa pedra maior, até alcançar a altura da cabeça de Balzul. O fato dele estar correndo em quatro patas ajudava muito, pois finalmente ela podia ter uma chance de causar um estrago de verdade.

O movimento foi bonito. Belíssimo na verdade. Pena que não deu certo. A espada acertou o alvo, a cabeça do monstro, enfiando-se perto dos chifres. O estrago, porém, não foi grande. Escorreu sangue, o bicho babou e arrancou a guerreira de cima dele com um golpe forte. Ela caiu no chão sem tempo para sentir dor. Percebeu que Romano, Hitch, Peter e Groulf estavam correndo na sua direção, logo atrás de Balzul. Só precisava segurá-lo mais um pouco. Levantou-se, sentindo as pernas falharem. Precisava parar de cair daquele jeito...

Joabe e Dirk se depararam com o Patriarca e tiveram uma sensação de alívio.

– Ele vai matar Vanna! – gritou Dirk.

O Patriarca não estava sozinho. Isabelle estava com ele e isso surpreendeu Joabe, porque não se lembrava dela ter entrado naquela carroça. Mas a surpresa durou apenas alguns segundos.

– Precisamos de vocês dois! – disse o Patriarca.

A espada de Vanna não estava brilhando como da vez em que lutou contra o dragão morto. Mas ela refletia a pouca luz da noite com manchas de sangue, enquanto ela tentava acertar a carranca de Balzul. O deus estava cada vez mais irritado por estarem bloqueando seu caminho e tentava dar patadas na mulher que o impedia de assumir seu reino na terra. Mais preparada, ela se defendia com a espada, cortando suas patas e ainda tentando acertar sua cabeça.

Romano atacou a criatura pelas costas, enquanto Peter Paul e Hitch continuavam a correr para cercá-lo pela frente. Balzul se empertigou, ficando novamente de pé em duas pernas e tentando tirar o que o estava ferindo pelas costas. Groulf lançou mais de suas setas mágicas, deixando a criatura ainda mais furiosa.

Vanna não sentiu que estava tão mal. Suas pernas falharam e ela caiu em um joelho. Hitch chegou correndo e a ajudou a se levantar com rapidez.

– O Patriarca tem um plano! – gritou ele. – Precisamos sair daqui.

Peter ficou na frente deles e mais uma vez gritou a palavra divina. O

escudo encheu o lugar de luz e Balzul gritou com as mãos na cabeça como se estivesse em profunda agonia. Romano aproveitou para retirar a espada das costas da criatura e correr para longe.

Nesse momento, em cada uma das quatro direções cardeais, uma pessoa de fé começou a invocar as divindades do Norte, Sul, Leste e Oeste. Patriarca começou, no quadrante Sul, sendo seguido por Joabe, no quadrante Norte, Dirk no quadrante Oeste e Isabelle, no quadrante Leste. E quando o vento ficou mais forte, eles pediram que essas divindades banissem o mal dali de uma vez por todas. Nomes foram chamados, entoados, gritados. E em suas vozes, pediam que os donos desses nomes banissem Balzul de volta ao seu lugar sob o mundo e lá o mantivessem para sempre. Para sempre! PARA SEMPRE!

Balzul caiu de joelhos, ainda gritando. Então, o chão abaixo dele começou a ceder e ele começou a cair. Tentou se agarrar a qualquer coisa, mas as vozes ordenavam que ele fosse novamente enviado ao seu lugar e que de lá não pudesse sair nunca mais.

Uma cratera se abriu ameaçando engolir também os guerreiros que estavam correndo. Romano e Groulf precisaram saltar para não serem tragados pela terra. Vanna só conseguiu porque Hitch a forçou a correr mais do que conseguiria sozinha, pois a terra onde pisavam desaparecia assim que erguiam os pés para o próximo passo.

De longe, Totn-Hoc percebeu que Vanna e Hitch não iriam conseguir. Esperando estar tomando a decisão certa, conjurou uma bola vermelha de luz e a enviou. A bola vermelha cruzou a distância entre eles em fração de segundos e explodiu bem atrás dos dois guerreiros. Vanna e Hitch foram jogados vários metros para frente com o impacto, enquanto o chão onde eles estiveram simplesmente desaparecia.

Mais um urro foi ouvido, mas ele foi diminuindo enquanto a terra engolia o deus. E assim como veio, Balzul se foi, deixando apenas um monte de terra e pessoas caídas ao redor.

Dirk saiu de seu quadrante Oeste e caminhou o mais rápido que pôde na direção de Vanna. O corpo inteiro doía e ele deixava um rastro de sangue por onde passava, mas isso não importava para ele. Procurou por ela e a viu. A guerreira tinha caído no chão e tentava se levantar lentamente.

O silêncio que se seguiu depois de toda a gritaria e explosões lhe deu a sensação de estar surda. Focou os olhos e viu que Hitch estava tentando se levantar também a poucos metros dela. Sentindo as pernas ainda fracas, Vanna desistiu de se levantar completamente e apenas se apoiou nos

cotovelos de lado, ainda ofegante, o coração quase explodindo, observando o resultado da batalha contra um deus do submundo.

Ela o viu se aproximando, banhado em sangue, mas não parecendo se dar conta disso. Percebeu que ele olhava diretamente para ela e por um momento o resto do mundo parou de existir.

Um olhar diz muita coisa. Nem sempre somos capazes de compreender, pois a linguagem dos olhos é muito sutil e é preciso a experiência das crianças para poder dominar essa arte. Mas, de vez em quando, compreendemos perfeitamente o que um olhar quer dizer. Vanna queria se levantar, mas não conseguia nem se mexer. E quando ele estava a apenas alguns passos dela, Isabelle saltou em seus braços, abraçando-o.

Sem saber o que fazer e sentindo que ela estava chorando, Dirk a abraçou também.

– Eu achei que você estava morto! – soluçou ela, como uma criança.
– Pelos deuses, eu achei que você estava morto!

Aquele abraço apaixonado ao vento em uma noite com cheiro de sangue pareceu durar para sempre. Vanna sentiu seu coração doer e não era pelo cansaço. Sentiu que algo dentro dela havia se quebrado. Um vento frio secou os olhos úmidos e brilhantes e então uma mão enluvada surgiu na sua frente, trazendo-a de volta para o mundo. Virou-se e viu o sorriso de Romano.

O rapaz lhe sorria, o rosto machucado e algumas manchas de sangue na armadura prateada que trazia alguns amassados. Ele lhe oferecia ajuda para se levantar. Percebeu que Groulf e Joabe já estavam ajudando Hitch e Peter Paul. Adamay e Totn-Hoc também se aproximavam. Ela pegou na mão dele e ele a puxou.

Ficaram de frente um para o outro e ela percebeu que o sorriso e o olhar dele lhe faziam bem. Muito bem. Era como um bálsamo que impedia que seu coração se quebrasse em um monte de pedacinhos bem pequenininhos, como uma vidraça que recebe uma pedrada.

– Você não largou a espada... – disse ele.

– Nem uma vez! – respondeu ela, voltando a sorrir.

Achou que ele ia falar alguma coisa espirituosa sobre o quanto ela ainda tem para aprender, mas ele apenas desfez o sorriso e ela percebeu algo diferente em seu olhar. Ele tocou seu rosto com delicadeza, tirando mexas de cabelos negros que dançavam com o vento. Então, ele a puxou para si, abraçando-a.

Ela não esperava por isso, mas lentamente se deixou acalantar nos braços dele. Romano segurava sua cabeça, afagando seus cabelos, o coração

ainda acelerado tentando recuperar o ritmo.

– Você lutou bem... – disse ele, tentando não embargar a voz.

– Obrigada... – respondeu ela, sem querer sair daquele abraço, como se ele a protegesse de uma tempestade horrível.

– Mas quase me matou de susto.

Vanna sentiu algo estranho. A preocupação dele por ela era algo que não esperava e o abraço dele a enchia de ternura. E ela se sentiu... voando até as estrelas. Seus olhos se encheram de lágrimas. Lágrimas pelo que jamais teria. Lágrimas pelo que estaria por vir. Seu coração ainda doía sabendo que seu primeiro amor não era correspondido. Mas agora, de uma maneira que ainda não conseguia compreender, se sentia aquecida.

Capítulo 31

Despedida

Estavam feridos. Uns mais, outros menos. A maioria não percebeu porque a adrenalina do combate não permitiu, mas todos precisavam de cuidados. Foram tombos, golpes, cortes, garras. Felizmente, nenhum ferimento foi grave. O Patriarca e Isabelle se encarregaram de cuidar deles ali mesmo de uma maneira que eles nunca tinham visto. Com mãos em concha sobre os ferimentos, uma luz verde cresceu e fechou todos os cortes, curou todas as manchas roxas e consertou costelas quebradas. Dirk se sentiu bem melhor depois que recebeu esse cuidado, sabendo que não precisaria conviver com as cicatrizes causadas pelo deus dos mortos. Uma coisa era ostentar uma cicatriz de batalha. Outra coisa era ostentar várias cicatrizes de tortura. Não era algo de que se orgulhava, muito menos algo que queria lembrar.

Ainda era noite quando chegaram em casa. Abriram algumas garrafas de vinho e fizeram um brinde à vitória.

– Vocês lutaram bem, cavalheiros! – disse Romano. – Foram heróis! Sloncha!

Eles beberam em silêncio. O vinho tinha um gosto diferente. Eles haviam vencido uma batalha contra um deus. Havia saído de lugares pobres e sem futuro, enfrentando todo tipo de dificuldade e agora brindavam a uma vitória que poucos poderiam dizer que tiveram.

– Obrigado...

Eles olharam para Dirk que ergueu os olhos azuis para eles.

– Obrigado por não desistirem de mim – continuou ele.

– Que escolha nós tínhamos, loirinho? – perguntou Hitch com seu sorriso de quem não tem medo de nada (o que ele e nós sabemos que é mentira). – Ou a gente te salvava ou íamos passar o resto da vida matando gente morta!

Eles riram e tomaram mais um gole. E então Groulf contou um pouco sobre como foi a batalha que ela travou. E cada um contou sobre sua parte, completando o cenário, escrevendo a história completa, enriquecendo os detalhes. E a noite terminou com histórias de lutas

impossíveis e vitórias improváveis.

No dia seguinte, estavam diante do Patriarca e sua filha em sua sala. Romano entregou para Isabelle a espada limpa e brilhante, exatamente como ele a recebeu. Peter entregou com um sorriso para o Patriarca o escudo reluzente. Groulf entregou para o Patriarca um papel.

– Como eu explodi as flechas, não posso devolver! – explicou ela. – Então aí está um vale-flecha pra quando eu encontrar alguma coisa parecida!

O Patriarca riu e eles perceberam que nunca haviam visto aquele homem rir.

– Vocês lutaram bem... – disse o Patriarca. – Faz muito tempo que eu não lutava com guerreiros tão valorosos.

Ele cumprimentou um a um, olhando-os nos olhos, o peito repleto de orgulho e gratidão. Isabelle agradeceu a todos também, mas era evidente que seus olhos brilhavam quando pousavam no jovem noviço que dera tanto trabalho.

– Joabe, a vigilância está suspensa – disse o Patriarca. – Vocês são livres para irem, se quiserem. Mas seria uma pena. Leemyar precisa de pessoas como vocês.

Eles saíram. O Patriarca lhes dera as armaduras que foram devidamente consertadas, ficando como novas. Voltaram para casa, pois tinham planejado um grande almoço que se estenderia até o jantar para marcar a despedida.

Depois que haviam comido, rido e contado mais sobre si mesmos, Romano os chamou para um evento especial. Entraram na sala de banhos, onde uma construção de madeira borbulhava água com cheiro de ervas frescas.

– Você conseguiu! – comemorou Groulf. – Eu não achei que era possível!

– Não consegui sozinho! Peter Paul me ajudou muito! – disse Romano. – Experimentem a água!

Joabe e Hitch tocaram na água e se surpreenderam. Era quente!

– Como você fez isso? – perguntou Vanna, como se estivesse vendo uma mágica.

– Segredo – respondeu Romano, sorrindo. – Um dia eu lhe conto. Sei que o Patriarca já os liberou e que vocês querem ir embora, mas acho que ninguém deve partir sem experimentar nossa sala de banhos!

A sala de banhos era um lugar bom pra se pensar. Cada um entrou e tomou seu longo banho quente mergulhado até o pescoço em uma banheira alta e redonda de madeira, sentindo o aroma de eucalipto e capim limão das ervas penduradas pelo teto e usadas em banhos de cheiro. A água, o eucalipto, o capim limão... Tudo isso parecia bastante esclarecedor...

Joabe não queria voltar pra casa. Sentia que não havia mais lugar para ela lá. Havia a mãe e as irmãs, e os pretendentes das irmãs. Havia pessoas comuns que viviam vidas comuns e ela não era mais uma dessas pessoas. Ela havia ido longe demais, havia visto coisas demais, para voltar para casa e viver a vida comum. Ela brincou com a água, fazendo movimentos lentos com a mão delicada.

Peter Paul ouvira Hitch reclamar sobre muitas coisas ali. Ele nunca fizera eco. Peter nunca se sentira tão em casa. Ele fora até Titânia e encontrara pessoas incríveis, fizera amigos inesquecíveis e então decidiu voltar. Achou que nunca mais encontraria pessoas daquele valor. Mas encontrou. E agora, diziam que ele tinha que ir embora de novo. Em seu coração, ele tinha certeza de que não encontraria pessoas como aquelas nunca mais. O Patriarca disse que eles podiam voltar pra casa. O que acontece com quem não tem pra onde voltar? Recostou-se na banheira, sentindo a água quente aquecer o corpo e olhou longamente para as ervas penduradas no teto, perdido nas lembranças de tudo o que vivera.

Hitch tinha os cabelos colados na cabeça e puxados para trás pela água. Estavam mais compridos, chegando quase aos ombros. Olhava para as próprias mãos e não acreditava que elas empunharam uma espada com tamanha bravura. Nunca havia lutado daquela maneira. O que acontecera?

– Eles me tornam melhor – murmurou para si mesmo.

Não sabia como, mas era isso. Cada um deles o preenchia de uma maneira preciosa, e cada um deles depositada a confiança que ele nunca tivera em si mesmo. Não eram pessoas perfeitas, estavam longe disso, mas eram as pessoas certas para ele. A ideia de que teria que partir voltou a sua mente e ele respirou fundo. Estava livre pra ir. Mas ir pra onde? Olhou o tremular da vela e ficou em silêncio por mais algum tempo.

No dia seguinte, eles estavam de mochilas arrumadas. Peter estava com seu chapéu com pena nova, dada por Groulf, que a encontrara no bosque e a achara especialmente bela em seus tons de azul e vermelho escuro. Joabe e Hitch estavam com as roupas com que chegaram da primeira vez. Totn-Hoc mantinha o semblante tranquilo, como se tudo estivesse finalmente entrando nos eixos. Era uma bela manhã e Romaninho

estava atacado, cantando alto e perseguindo Dirkinha e Groulfinha, para desalento de Dirk e Groulf que assistiam a cena balançando as cabeças. Romano apenas sorria orgulhoso, com o peito tão estufado quanto o galo de penas reluzentes em tons metálicos.

Cumprimentaram-se e trocaram palavras sinceras sobre a honra que foi lutar ao lado deles e a alegria que foi viver com eles durante aquele tempo.

– Antes que se despeçam, nós queremos dizer uma coisa – disse Groulf. – Nós conversamos ontem à noite...

Eles ficaram em silêncio, aguardando a conclusão.

– Nós sabemos que vocês têm suas casas pra voltar ou coisas pra fazer – continuou Vanna. – E sabemos que a convivência conosco nem sempre é muito pacífica.

– E que às vezes deuses enraivecidos nos perseguem com sacerdotes necromantes... – completou Dirk.

– E que eu posso ter errado naquela história do dinheiro... – disse Groulf baixinho (isso é o mais perto de um pedido de desculpas que ela vai chegar, então contente-se).

– Mas nós gostaríamos de pedir que ficassem – terminou Romano.

– Vocês são excelentes instrutores! – disse Vanna. – Não é muito, mas é um trabalho! E podemos continuar vivendo aqui. Temos uma sala de banhos agora!

Joabe arregalou os olhos por alguns segundos. Hitch também, mas logo percebeu e tentou voltar ao seu ar blasé. Peter Paul imediatamente abriu um sorriso.

– Sério??! Nós podemos ficar?? Nossa! Era tudo o que eu queria!!! Obrigado!!! – ele começou a cumprimentar entusiasticamente cada um deles.

– Bem... Eu tinha um monte de compromissos em casa... – disse Joabe. – Mas acho que eles podem resolver sem mim! Além do mais, acho melhor ficar de olho em vocês!

Hitch franziu o cenho olhando para a estrada.

– E você, Hitch? – perguntou Vanna com seu largo sorriso de dentes brancos como a manhã. – Fica conosco?

Hitch não respondeu de imediato. Então abriu seu sorriso galante de quem sempre tem a situação sob controle. Hitch era daqueles tipos que sorriem com os olhos e sempre iluminam o rosto inteiro quando o fazem.

– É... Eu tinha alguns planos, mas... Acho melhor ficar, caso Algol resolva ser burro de dar as caras por aqui de novo!

– E você, Totn? – perguntou Groulf, sorridente.

Totn-Hoc olhou para todos como se tivessem acabado de sair de um asilo de loucos.

– De jeito nenhum! – respondeu ele. – Eu vou para uma pensão, me chamem se precisarem! Fui!

E deixou o grupo para trás, andando apressadamente até seu cavalo, sonhando com seu quarto confortável, jantares silenciosos e banheiros sem fila. E, mais importante: nenhum maluco ressuscitando os mortos e tentando matá-los! Montou em seu cavalo e saiu a galope, sem olhar pra trás.

Os outros o observaram desaparecer ao longe.

– Não se preocupem! – disse Romano. – Ele volta!

– Ih! Meu bolo! – Vanna saiu correndo para dentro de casa.

– Hum... Bolo!... – disse Hitch, já sentindo o aroma.

– Melhor a gente ajudar, né? – disse Joabe.

E Joabe, Groulf e Hitch foram atrás de Vanna, desaparecendo dentro da casa. Do lado de fora, Romano, Dirk e Peter caminharam pela relva, admirando o céu azul e o vento fresco.

– Acha que ele volta? – perguntou Peter Paul.

– Totn-Hoc? – perguntou Romano.

– Não. Algol... – disse Peter, num tom mais baixo.

– Duvido – respondeu Romano. – O plano dele acabou. Não há mais nenhuma chance de trazer Balzul de volta. Ele não tem mais nada para fazer aqui.

Dirk não disse nada, mas concordou com a cabeça. E então mudaram de assunto, porque o dia estava bonito demais, com bolo quentinho e bons amigos ao redor da mesa, e boas risadas dadas em boas histórias. Eram muitas coisas boas para se perder tempo falando de pessoas ruins. Groulf os chamou da porta com a boca cheia de bolo, soltando farelos enquanto falava. Eles sorriram e voltaram para a casa.

Posfácio

A figura soturna estava em uma pequena capela escura. Apenas algumas velas de sebo iluminavam o local. Sua claridade permitia a visão de um altar feito de ossos humanos. Tudo naquela capela era feito com ossos, do lustre às paredes, do altar ao cálice gigante sobre ele. O homem vestido de negro estava ajoelhado diante do altar.

– Vinte anos... – murmurou ele, a voz embargada ecoando pelo lugar feito de morte. – Vinte anos e tudo está acabado... Eu trabalhei nisso por vinte anos. Tudo estava certo, não tinha como dar errado... Vinte anos e agora eu não tenho NADA!

Ele bateu com violência no tampo de pedra do altar. Ele ergueu a cabeça, o rosto transtornado, com cicatrizes e sombras escuras em torno dos olhos. Estes ainda brilham, azuis, cinzentos como o mar em dia de chuva, brilhantes de ódio.

– Eu fiz tudo certo! Planejei! Executei! Matei! Fiz tudo o que me foi ordenado! – Agora ele estava gritando para as paredes, como se os mortos tivessem culpa de seu fracasso. – E agora estou derrotado! O que me resta? O que me resta? O QUE ME RESTA?

Ele se ajoelhou no meio da igreja. Temos a impressão de ouvi-lo soluçar. Mas é só uma impressão. Quando ele ergue a cabeça, vemos que não está chorando. Está rindo. Ele ri e gargalha, os ombros chacoalhando como se ele estivesse tendo espasmos.

– Eu vou fazê-los sofrer!!! – gritou ele para o alto, a boca escancarada em um sorriso que parecia o rosnado de uma fera. – Cada um deles! Vou destruir suas almas, vou devorar seus corações, vou enchê-los de tanto sofrimento que eles vão implorar para morrer e eu não vou permitir!

Ele se levantou e mancou até o altar onde o cálice de crânios, ílios e costelas aguardava impassível.

– Eles vão pedir para morrer... – murmurou. – Mas não haverá lugar para eles no reino dos mortos!

Lá fora, o dia estava lindo, com o mesmo céu azul que cobria a cidade de Leemyar. Dentro da Igreja dos Esquecidos, um homem remoía sua derrota e transformava-a em vingança. Para ele não havia

esquecimento. Nem haveria perdão. Nem céus azuis. Nem amor. Nem misericórdia. Nem descanso.

Nunca.

Algumas palavrinhas...

Sempre fico curiosa sobre como uma história nasce e, por isso, gosto de dar uma palhinha para meus leitores sobre a obra. É só um bate-papo que poderíamos ter, você e eu, num quiosque ao cair da tarde, supondo, é claro, que você tenha curtido a história o bastante para saber um pouco mais sobre seu processo de criação.

Crônicas de Leemyar já foi Contos de Leemyar, uma história em quadrinhos. Já foi muita coisa, com muitas mãos e muitas cabeças. Até que no fim, só sobrou eu. Escrever uma história com tanta bagagem foi uma tremenda responsabilidade. Sempre que eu começava a escrever, sentia olhares julgadores me observando por cima do ombro. É uma história cujos personagens foram vividos por outras pessoas e elas me assombravam. Será que a história estaria a altura das expectativas?

Com Lua das Fadas e Alcateia, o texto e a história fluem de uma maneira singular e mágica. Eu não preciso pensar a respeito. Sério! Eu simplesmente esvazio a mente e deixo que os dedos se movam. Ouço a história que alguém me conta, de algum lugar distante e muito aconchegante, e apenas a torno concreta. Mas com Leemyar... Ah, com Leemyar foi outra história.

Pra começar, havia muito mais personagens do que o confortável pra mim. Geralmente, prefiro me concentrar em um personagem (como em Alcateia). Em Lua das Fadas eu tinha dois. No Portal, eu tinha três. Já percebeu que eu sou minimalista, né? Uma Guerra de Luz e Sombras foi meu record, com sete personagens, mas eu passei 15 anos escrevendo este e ele conta com cerca de 700 páginas. Em Leemyar eu teria que me limitar a uma média de 270 páginas e tinha nada menos que oito personagens para apresentar, fora os satélites (os que orbitam em volta do núcleo principal).

Meu primeiro desafio foi introduzir esses personagens sem deixar o leitor doido. Fui fazendo aos poucos. Meu segundo desafio foi transformar memórias embaçadas de uma história muito, muito antiga em algo que pelo menos fizesse sentido. Meu terceiro desafio foi manter os personagens coerentes com o que estava por vir, pois há muita água ainda pra rolar por baixo dessa ponte e eu sei aonde esse rio leva.

Percebendo que se fosse me concentrar em todos esses desafios eu ia acabar ficando paralisada diante da tela em branco, resolvi seguir meu principal conselho para se escrever alguma coisa. Simplesmente escreva. Escreva qualquer coisa. Não precisa ser bom. Mas é preciso que seus dedos se movam e que você ouça o tec tec do teclado, e que algo surja diante de você. Assim, comecei com o prefácio.

No prefácio, Leemyar era invadida por... zumbis! Eu adoro zumbis! Achei que eles tinham que estar presentes nessa primeira aventura. E os zumbis eram comandados pelo noviço loirinho bonitinho e bonzinho que nunca faria mal a uma mosca. E havia lágrimas, gritos, desespero e morte! Era uma bagunça!

O prefácio não foi usado. Não tinha a mesma linguagem do restante do livro (era demasiado dramático diante da leveza do restante, e eu não quis passar uma ideia enganosa sobre o que era o livro). Ele também entregava surpresas importantes. E não era como o livro deveria começar. Mas esse prefácio foi importantíssimo! Graças a ele, achei o ritmo, o *timing* da história e a partir daí ela foi tomando forma.

Os personagens

Gosto demais de criar personagens, mas, sinceramente, eu não acho que eu os crie. Acho que eles já existem, em algum lugar numa dimensão próxima, e apenas esperam por alguém que possa lhes trazer à vida. Esses personagens já possuíam uma bagagem e isso os tornava um pouco mais complexos na hora de trazê-los à vida.

Vanna é uma versão irritante e quase adolescente minha. Espero não ser mais tão irritante hoje, mas eu preciso me lembrar do quanto eu era. Escrever para essa guerreira é voltar no passado, é viver os amores não correspondidos, fazer burrices e bolos de celtalate. Há muito da Vanna em mim, qualquer um que me conheça sabe disso, o que me deixa sempre muito, muito, muito preocupada com a reação do público. Será que vão odiá-la? No final, não há muito o que fazer. Não posso mudar a essência de um personagem para que ele se encaixe nas expectativas alheias. É cruel. Não devemos fazer isso com ninguém.

Groulf sempre foi um outro personagem ligeiramente irritante, mas de um jeito mais engraçado. Ela traz características que podem ser consideradas falhas, como a soberba, a paranóia e um pouco de egoísmo. Mas são essas falhas que a aproximam de nós. Eu gosto da Groulf, embora ela nunca se deixe aprofundar. Ela é realmente alguém de um planeta distante que prefere não se envolver muito com esse emaranhado de emoções humanas. E quem pode culpá-la por isso?

Achei que Romano ia dar trabalho, porque em sua versão original lhe faltava conteúdo. Eu não sabia o que esperar desse “moreno-alto-bonito-e-sensual”, mas ele se mostrou muito mais do que eu esperava. É extremamente divertido escrever pra ele, ver o mundo do seu ponto de vista e acreditar na lealdade. Romano é leal até o fim e tem um coração de ouro, embora faça tudo para que ninguém note. Imaginar alguém com quem se pode contar, alguém que vai erguer a espada para defender você, alguém que nunca vai abandoná-lo é algo muito confortante. Descobrir que essa é a mesma pessoa que vai brigar com você e chorar no seu ombro é algo que me fez amá-lo um pouquinho mais. Na verdade, me faz amá-lo um bocado a mais.

E eis que chega o personagem que mais me deu trabalho nessa empreitada: Dirk de Landry. Dirk foi um personagem maltratado.

Cada pessoa que o assumiu tinha uma ideia de quem ele era, mas ele não era nenhuma dessas pessoas. Como é que eu ia saber quem ele era então? Dirk era o cara legal, o rapaz bonito de traços finos, o sujeito gentil que vai ajudar velhinhas a atravessar a rua e dar flores para a namorada. E foi assim que nós começamos nosso relacionamento. Dirk se mostrou também muito discreto e não se revelou de cara. Eu fui conhecendo-o aos poucos porque ele foi se revelando aos poucos. E então eu descobri que ele é uma pessoa insegura e sempre demora um pouco demais para agir. Descobri também que ele não era nenhum fracote que vai desistir fácil de uma luta. É alguém que vai resistir, que vai lutar. Mais do que isso, é alguém por quem vale a pena lutar.

Peter Paul é um daqueles personagens que aquece o meu coração. É alguém simples, bem-intencionado que geralmente quis dizer exatamente o que ele disse. Ele não tem meias palavras, meias verdades e jogos de conspiração. Ele é ele! É um personagem muito honesto e, talvez por isso, muito transparente. Gosto demais do humor dele, de sua forma de ver o mundo e de suas escolhas. Peter Paul é um personagem que eu respeito profundamente, porque poucos de nós conheceram pessoas assim. Elas são muito raras!

Hitch Bernard Eisner me surpreendeu. Eu não sabia o que esperar dele. Muito menos quando ele ia aparecer na história. E, de repente, ele se sentou ao meu lado no bar e me ofereceu uma bebida. E ele chegou prontinho, com a essência cativante que eu sabia que ele tinha. Hitch é aquele galã potencial eterno cujos olhos parecem sorrir sempre. É alguém que parece seguir livremente pelo mundo, mas ainda não sabe se essa liberdade é uma escolha sua ou do mundo. Esse jeito perdido dele acaba me cativando, especialmente porque todos nós já nos sentimos perdidos assim. Infelizmente, nem sempre com tanto charme quanto ele.

Joabe é uma mulher durona. Ela tem os traços quadrados e o olhar penetrante que deixa claro que ela está de olho em você. No entanto, ela é um ovo. Fica totalmente envolvida quando as emoções dos outros saem do controle e aprende a gostar daquela estranha família que o destino lhe deu. Joabe é, essencialmente, uma pessoa de fé, e sabemos exatamente onde está sua essência. Resta-nos descobrir onde estará seu coração, que certamente vai escolher um porto para atracar. Um dia...

O Patriarca Christopher de Adamay é um dos meus personagens favoritos. Ele é forte, é responsável e poderoso. É alguém cuja presença impõe respeito e silêncio imediato, alguém que desperta uma admiração unânime. Algo assim só se conquista com muitas ações corretas,

muita sabedoria e muito tempo. Eu adoro a ideia de um dia chegar a ser como ele, embora saibamos que é muito difícil assumir cabelos brancos e brilhantes com tamanha categoria.

E temos Isabelle, a moça bonita que parece saber o que está fazendo. Isabelle acaba sendo a rival de Vanna, e eu me espanto em gostar dela do jeito que gosto. Ela é meiga e suave, uma brisa numa noite quente e parece acalmar qualquer situação.

Nike era divertido. Totalmente sem noção, era alguém que tentaria levar vantagem onde pudesse, o que é totalmente compreensível, considerando que a vida não lhe deu vantagem nenhuma. Todos conhecemos alguém assim. Talvez ele fosse diferente se tivesse tido uma vida diferente. Talvez não.

Espero que você tenha gostado de passar alguns dias na companhia dessas pessoas. Elas me são muito caras, e tenho um amor profundo por elas. Se alguma delas o irritou, peço desculpas. Amigos são assim mesmo. Me diga você quantas vezes não teve vontade de jogar um sapato no seu melhor amigo quando ele fez você passar aquele vexame?

Obrigada pela companhia! A gente se encontra numa próxima aventura em Celtária! Mas se a saudade apertar, dá uma passadinha em Titânia! Tem uns amigos bem legais lá também!

Eddie Van Feu





GROULE



DIRK



PETER PAUL



JOABE



ISABELLE